



**VIAGENS PELO DISTRITO DOS
DIAMANTES E LITORAL DO BRASIL**

111
111

AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE

Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil

COM UM "RESUMO HISTÓRICO DAS
REVOLUÇÕES DO BRASIL, DA CHE-
GADA DE D. JOÃO VI À AMERICA
À ABDICAÇÃO DE D. PEDRO"

TRADUÇÃO DE
LEONAM DE AZEREDO PENA

1941

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio — Recife — Porto Alegre

DUAS PALAVRAS DO TRADUTOR

Com o presente volume fica praticamente completa a tradução dos diários de viagem do naturalista francês AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE; exceptuada apenas a parte referente à 1.ª viagem a Província de São Paulo, todos os interessantes livros de SAINT-HILAIRE foram publicados na coleção "Brasiliana".

Foi a Companhia Editora Nacional que abriu a trilha dessa utilíssima tarefa de verter para o português as obras de cientistas estrangeiros que visitaram o Brasil, avultando a de SAINT-HILAIRE com a primeira tradução aparecida logo ao quinto volume da coleção "Brasiliana", em 1932.

Cabendo-me, por assim dizer, o encerramento dessa honrosa missão, creio lícito enaltecer o trabalho realizado pela Editora Nacional, à qual os leitores brasileiros ficam a dever o grande benefício de possibilitar o conhecimento de obras uteis e raras, pondo-as ao alcance de todos.

De minha parte considero-me feliz por ter colaborado nessa missão, contribuindo com a tradução da "Viagem ao Rio Grande do Sul" e agora

com a da "Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil", colaboração em que procurei imprimir quanto de zelo e lealdade foi possível. certo de que pelo menos no tocante à parte referente à botânica êsses dois diários apresentam-se corretos em suas versões para a nossa língua.

L. A. P.

Rio, 1941.

AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE

Dados biográficos e bibliográficos

AUGUSTIN FRANÇOIS CÉSAR PROVENSAL era o seu nome de batismo. Nasceu a 4 de Outubro de 1779, em Orleans, França.

Quando adolescente foi trabalhar no comércio a Hamburgo. Mas seus pendoros para as ciências naturais fizeram que abandonasse a carreira que lhe tinha sido escolhida pelos pais, e SAINT-HILAIRE regressou à França, onde estudou botânica com os grandes mestres A. L. DE JUSSIEU, L. CI. RICHARD e R. DESFONTAINES.

Em 1816 veio ao Brasil, incorporado à comitiva do duque de Luxemburgo, embaixador junto ao reino de D. João VI.

De 1816 a 1822 percorreu os atuais Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiaz, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, bem como parte dos territórios Uruguaio e Paraguaio, coligindo formidável quantidade de plantas e animais, para o "Muséum d'Histoire Naturelle" de Paris.

Sua vida no Brasil foi cheia de episódios acidentados, como soem ser as dos naturalistas que se dedicam com espírito de sacerdócio à cata de exemplares para pesquisas, estudando a natureza *in-loco* e não pelas informações e amostras recebidas pelas malas postais.

Hoje, com as facilidades de transporte e comunicação, com a compreensão que todos têm (poderes públicos e povo) dos altos interesses das ciências naturais, o naturalista itinerante ainda sofre horrores, sertão a dentro. Que dizer, então, daqueles que, há mais de um século, quando a própria capital da República ainda era uma verdadeira selva; se aventuravam pelo interior, à procura de elementos para o estudo da natureza deste vasto território do nosso Brasil?

VIII

Dentre os naturalistas que nos visitaram, SAINT-HILAIRE pode ser considerado o mais amigo do Brasil, o melhor observador e o coração mais bondoso que nos soube vêr.

Viajando acompanhado por pessoas rudes, às quais se afeiçoara com facilidade, muito sofreu pelo mau caráter ou pela ignorância de seus auxiliares de jornada.

Recebido aqui com cavalheirismo, ali com indiferentismo, acolá com grosseria, soube o grande botânico portar-se perfeitamente de acôrdo com as conveniências do momento e em seus escritos consignar o louvor aos que fizeram jús a isso e a censura, sempre branda e desculposa, aos que o receberam mal ou não o quizeram receber.

O modo pelo qual se preocupava com os destinos do Brasil, as sugestões que fazia para a remoção dos males que nos assolavam, bem diziam do caráter gaulez de um homem dedicado à "ciência amável". As saudades que sentia de sua pátria, a insistência com que se referia à sua velha progenitora e ao sobrinho, que deixara em França, significavam o seu coração sensível e amoldavam-no às nossas gentes do interior, que êle tanto apreciava pelas condições de vida que levavam.

Imparcial nos seus julgamentos, a ponto de comparar localidades e costumes de sua e de nossa pátria, com louvores ao que aqui vira, SAINT-HILAIRE é-nos um consolo, sempre presente à memória, quando turistas que nos vêm do alto do Corcovado ou de sobre os tapetes dos Casinos, nos insultam através das crônicas que escrevem à guisa de observadores de povos, natureza e costumes, que não viram e não sentiram, porque o Brasil para ser visto e compreendido exige sacrifícios e capacidades que só um SAINT-HILAIRE, um MARTIUS, um BONPLAND e outros dessa fibra foram capazes e possuidores.

Nos numerosos escritos deixados por SAINT-HILAIRE perpassa, além do mais, um perfeito espírito de desprendimento pessoal aliado ao amor à ciência, preocupando-se sempre em coligir material e em tomar notas a respeito do mesmo, na natureza, tudo para o "Museum", sem vaidade nem interesse venal.

Botânico, não perdia oportunidade em apanhar insetos, aves, quadrúpedes e peixes "para tornar menos sensível" a falta que

IX

o zoologo DELALANDE ia causar à ciência, com sua partida do Brasil. Seus livros de botânica, seus diários de viagem, são interessantes, uteis e até atuais da primeira à última linha.

A ciência ecológica, criada por WARMING algumas décadas após a estada de SAINT-HILAIRE no Brasil, foi por êle tratada de modo positivo.

Já em 1816 SAINT-HILAIRE estabeleceu no Brasil o limite da cana de açúcar, do café, do algodão e do trigo. E a geobotânica não lhe foi estranha quando considerou os caracteres da **catinga** em face dos das **matas** e dos **campos descobertos**.

Impressionava-lhe, muito mais que a decantada questão da formiga, cuja frase "saintileriana" corre de boca em boca, (embora haja sérias dúvidas de que tenha sido proferida pelo sábio francês), impressionava-lhe, repito, a questão da derrubada e queima de nossas matas, problema ainda hoje insolúvel e agravado dia a dia. Chega a ser invejável a argúcia com que o Autor tratava esses assuntos, naquela época distante, pois tudo quanto aquí estudou e previu ainda é base para trabalhos vários ou se tem realizado com uma precisão pasmosa.

Observando de perto os variados aspectos da vida rural brasileira pode apontar os erros de nossa política econômica e soube aconselhar, a dirigentes e dirigidos, as providências necessárias ao desenvolvimento agrário do país.

Francês amou e fez pelo Brasil, objetivamente, o que muitos jacobinos ainda não quizeram ou não souberam fazer. Prova-o a notável frequência com que é ainda hoje citado o seu nome em toda a nossa, já vasta, literatura sociológica e etnográfica.

Faleceu a 30 de Setembro de 1853, deixando esta notável série de publicações:

Aperçu d'un voyage dans l'intérieur du Brésil, la province Cisplatine et les Missions dites du Paraguay, em Mém. du Muséum d'Hist. Natur. Paris. Vol. IX (1822) págs. 307-380; **Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et Minas Geraes**, 2 vol. Paris 1830; **Voyage dans le district des Diamans et sur le litoral du Brésil**, 2 vol. Paris 1833; **Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goiaz**, 2 vol. Paris 1847-48; **Voyage dans le interieur du Brésil**, 2 vol. Bruxelles 1850; **Voyage dans les provinces de Saint-Paul et de Sainte**

Catharine, 2 vol. Paris 1851; **Voyage à Rio Grande do Sul**, contendo o relato de sua segunda viagem a Minas e a São Paulo, 1 vol. Orleans 1887, publicação postuma devida ao Sr. R. de Dreuzy.

Isso no tocante aos seus diários de viagem, aos seis anos passados em contacto com a natureza e com o povo do Brasil meridional e mediterrâneo.

Desses onze volumes estão já traduzidos para nossa língua.

Segunda Viagem a Minas e São Paulo, por A. Taunay — Editora Nacional, S. Paulo; **Viagem ao Rio Grande do Sul**, por Leonam de Azeredo Penna — Ariel Editora — Rio, 1935 e 2.^a edição na coleção Brasliana, Vol. 167; **Viagem à província de Santa Catarina**, por C. da Costa Ferreira; **Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e à Província de Goiaz**, por Clado Ribeiro Lessa; **Segunda Viagem ao interior do Brasil, Espírito Santo**, por Carlos Madeira; **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**, por Clado Ribeiro Lessa, todas na coleção Brasileira, da Editora Nacional.

O jornalista JOSÉ MATTOSO MAIA publicou em separado a parte referente ao território fluminense, que se acha dispersa em diversos dos volumes acima citados e o Sr. RUBENS BORBA DE MORAIS traduziu e publicou a **Viagem à Província de São Paulo**.

Além desses diários deixou SAINT-HILAIRE os seguintes trabalhos:

Memoire sur les Plantes auxquelles on attribue un placenta libre, 1816; **Memoire sur les Cucurbitacées, les Passiflorées, et le nouveau groupe des Nhandirobêes**, 1823; **Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay**, 1824; **Plantes Usuelles des Brésiliens**, 1824; **Flora Brasiliae Meridionalis** (com A. de JUSSIEU et J. CAMBESSÈDES), 3 vol., 1825-33; **Conspectus Polygalaeorum Brasiliae Meridionalis**, 1828; **Memoire sur les Myrsinées, les Sapotées et les embryons parallèles au plan de l'ombilic**, 1837; **Monographie des Primulacées et des Lentibulariées du Brésil etc.** (com F. GIRARD) II ed. 1840; **Tableau géographique de la végétation primitive dans la province de Minas Geraes**, 1837 e **Leçons de botanique**, 1840; **Province de S. Pedro do Rio Grande do Sul au Brésil. Rapport sur le ouvrage intitulé: Anais da Província**

XI

du **S. Pedro**, por José Feliciano F. Pinheiro, barão de S. Leopoldo, Paris; **Les Sources du Rio S. Francisco**. 1842; **Observations sur les diviseurs des eaux de quelques uns des grands fleuves de l'Amérique du Sud (Brésil) et la nomenclature qu'il paraît convenable de leur appliquer**, 1837; **Revue de la flore du Brésil** (com CH. NAUDIN); **L'Agriculture et l'élevage de bétail dans les campos gerais**, 1849; **Mémoire sur le système d'agriculture adopté par les Brésiliens, et les résultats qu'il a eus dans la province de Minas Gerais**, 1838; **Comparaison de la végétation d'un pays en partie extra-tropical avec celle d'une contrée limitrophe entièrement située entre les tropiques**, 1850; **Polygalae nova species**, 1832; **Cryptogamae brasiliensis**, 1839.

Todos esses escritos, publicados na primeira metade do século passado, são hoje raros, especialmente no Brasil, onde dificilmente se encontrará uma coleção completa dos livros de SAINT-HILAIRE.

L. A. P.

Rio, 1941.

Í N D I C E

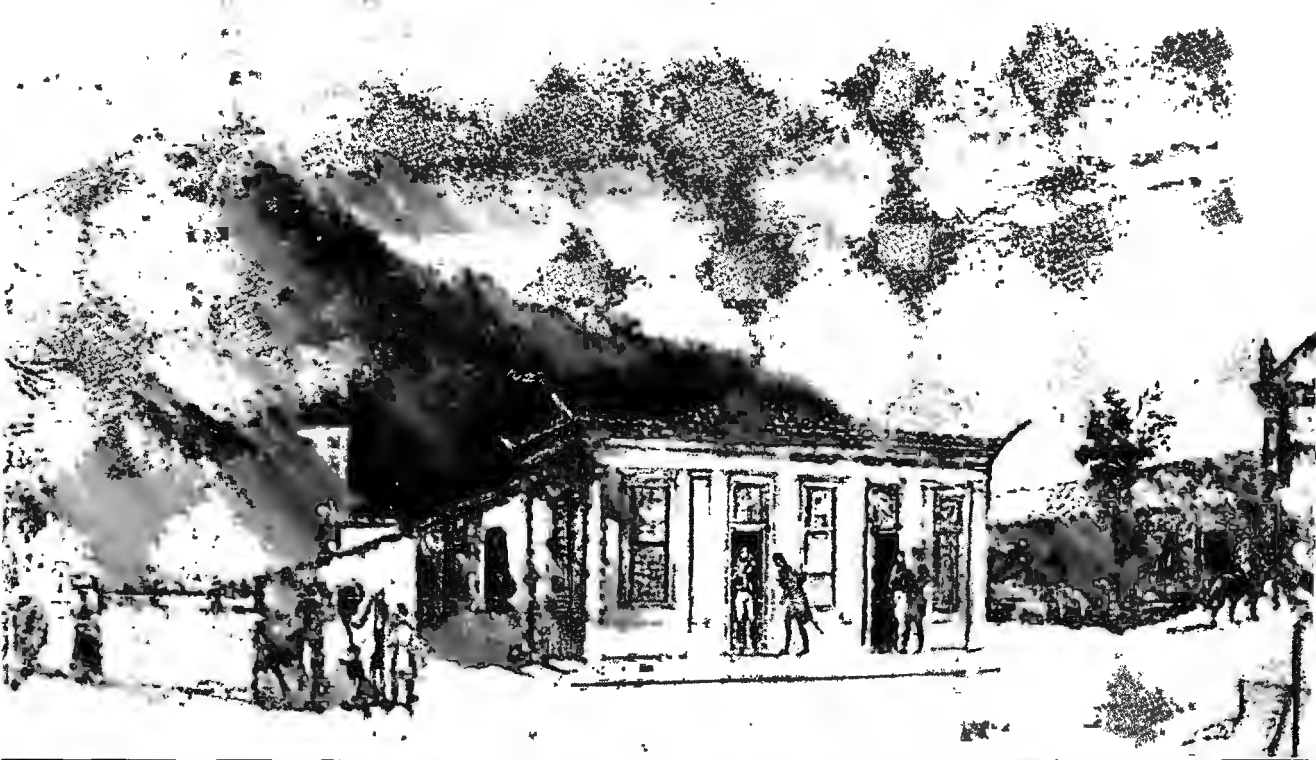
	Pags
Duas palavras do tradutor	V
Auguste de Saint-Hilaire (Dados biográficos e bibliográficos)	VII
Prefácio	XV
—————	
Capítulo I — História do distrito dos diamantes. — Sua administração	1
” II — Ainda os diamantes. — Diversos serviços. — Tejuco. — Observações sôbre a aclimação das árvores frutíferas	23
” III — Excursões nos arredores de Tijuco. — Novos detalhes sôbre os diamantes. — Acidente com o autor	50
” IV — Viagem de Tijuco ao morro de Gaspar Soares pela serra da Lapa	66
” V — Caminho do morro de Gaspar Soares a Itajurú de S. Miguel, pela aldeia de Cocais. Estada em Itajurú	90
” VI — Partida de Itajurú. — A cidade de Cactê. — A serra da Piedade e a irmã Germana	100
” VII — A cidade de Sabará. — Estrada de Sabará a Vila Rica	127
” VIII — Parada nos arredores de Vila Rica. — Criação de gado. — Diversas medidas administrativas	147
” IX — Congonhas do Campo. — A igreja de N. S. Bom Jesus de Matosinhos. — As fundições de prata. — Fuga de Firmiano	159
” X — Caminhos de Congonhas do Campo a São João d’El Rei	179
” XI — São João d’El Rei	191

XIV

	Pags
Capítulo XII — Viagem de S. João d'El Rei ao Rio de Janeiro	214
” XIII — O autor deixa o Rio de Janeiro para visitar o litoral que se estende ao norte dessa cidade. — Descrição da região situada entre a capital do país e o lugar chamado Cabeçú	240
” XIV — Contrariedades causadas por um tropeiro. — O autor volta ao Rio de Janeiro. — Descrição da região situada entre Cabeçú e o lago de Saquarema	257
” XV — Os lagos de Saquarema e Araruama. — Comparação dos indígenas do Brasil com os chinêses	271

(SEGUNDO VOLUME)

Capítulo	I — História sucinta da civilização dos índios do Brasil. — A aldeia de S. Pedro dos índios. — Modo de viajar	296
”	II — A cidade de Cabo Frio e o promontório do mesmo nome	316
”	III — Viagem de Cabo Frio à cidade de Macaé. — A aldeia de S. João da Barra	345
”	IV — A cidade de Macaé. — Viagem dessa cidade aos limites do distrito de Campos dos Goitacazes	361
”	V — Quadro geral do distrito de Campos dos Goitacazes	378
”	VI — Viagem no distrito de Campos dos Goitacazes	407
Resumo histórico das revoluções do Brasil desde a chegada do rei D. João VI à America até à abdicação do imperador D. Pedro		430



Casa em que se hospedou o Duque de Luxemburgo no Rio de Janeiro, em 1816

P R E F A C I O

A indulgência com a qual foi acolhido meu primeiro livro de viagens ao Brasil encoraja-me a publicar o segundo. Não me afasto do plano seguido e continuo a ter como dever precípua a observância da mais escrupulosa exatidão nas narrativas.

Descrevendo os lugares que hei visitado, transporto-me sempre ao tempo de minha viagem e faço abstração dos acontecimentos que se passaram posteriormente. Tais acontecimentos podem ter causado mudanças notáveis em algumas cidades do litoral, às quais não me refiro neste livro, como sejam: Rio de Janeiro, Recife, Baía. Mas, as populações do interior e as das zonas do litoral situadas entre as grandes cidades, são pouco numerosas e a instrução aí pouco difundida para que o novo estado de cousas possa ter tido alguma influência sensível.

De mais a mais para ligar a época em que escrevo à em que percorri o Brasil eu deveria terminar meu relato pelo resumo histórico dos acontecimentos que tiveram lugar após a chegada do rei D. JOÃO VI à América, até à abdicação do imperador D. PEDRO. Para publicar este resumo histórico submeti-o antes a testemunhos oculares os mais informados e os mais imparciais: a apro-

vação destas testemunhas é uma garantia da exactidão com que apresento os fatos.

Agora vou me ocupar, sem descanso, com a redacção do meu terceiro relato, que tornará conhecidas regiões sôbre as quais não há, por assim dizer, nada publicado, tais como a parte oriental da província de Minas Gerais, as montanhas onde nascem os famosos rios S. Francisco e Tocantins, os desertos de Goiáz, os deliciosos Campos Gerais, os arredores de Curitiba, a costa que se estende de Paranaguá a Santa Catarina, uma grande parte da província do Rio Grande, as Missões do Uruguai, e enfim os picos do Ibitipoca, do Papagaio, Aiuruoca etc..

Dar-me-ei por feliz se os meus trabalhos puderem ser úteis às ciências a que consagrei tôda a minha existência.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA DO DISTRITO DOS DIAMANTES. — SUA ADMINISTRAÇÃO.

Descrição sumária do Distrito dos Diamantes. — Sua história. — Sua administração em 1817. — O intendente dos diamantes e suas atribuições. — O **ouvidor** ou **fiscal**. — Os oficiais da administração diamantina. — A junta real dos diamantes. — Os administradores particulares. — Os feitores. — O que se entende por **serviços**. — Quais os negros empregados na extração dos diamantes; como são nutridos; êles preferem a extração dos diamantes aos trabalhos nas casas de seus donos; como são castigados; recompensas dadas aos negros que encontram diamantes de qualquer valor. — Processos usados na remessa dos diamantes à Junta e ao Governo. — Forças militares do Distrito dos Diamantes. — Destacamento de cavalaria. Companhias de pedestres. — Qual a quantidade de diamantes produzida pelo Distrito. — Despesas da Administração diamantina. — Dívidas dessa Administração; papel moeda. — Medidas tomadas para impedir o roubo dos diamantes. Habilidade dos negros para ocultarem essas pedras; anedota. — **Garimpeiros**. — Contrabandistas propriamente ditos; suas manhas; suas maneiras de traficar com os negros; seus lucros. Diamantes das diversas partes do Brasil. — Jazidas de diamantes; cascalho.

Submetido a uma administração particular, fechado não sómente aos estrangeiros, mas ainda aos nacionais, o Distrito dos Diamantes forma como que um estado à-parte, no meio do vasto Império do Brasil. Êsse distrito, um dos mais elevados da província de Minas,

está encravado na comarca do Serro-Frio; êle fáz parte da grande cadeia ocidental e comprehende uma área, quase circular, de cêrca de 12 léguas de circunferência. Rochedos sobranceiros, altas montanhas, terrenos arenosos e estéreis, irrigados por um grande número de riachos, sítios os mais bucólicos, uma vegetação tão curiosa quão variada, eis o que se nos apresenta no Distrito dos Diamantes; e é nesses lugares selvagens que a natureza se contenta com esconder a preciosa pedra que constitue para Portugal a fonte de tantas riquezas.

BERNARDO FONSECA LOBO foi o primeiro que descobriu diamantes no Serro-Frio, e não teve outra recompensa além do título de **capitão-mor** da Vila do Príncipe, com a função de notário na mesma vila. Ignorava-se a princípio a verdadeira natureza dos diamantes encontrados por LOBO; contentavam-se de ver o brilho dessas pedras e usavam-nas como fichas para marcação de jogos. Entretanto um certo **ouvidor**, que havia morado nas Índias Ocidentais, reconheceu que as pedras brilhantes de Serro-Frio não eram outra coisa senão diamantes; conseguiu secretamente um grande número delas e seguiu para Portugal. Ignora-se o ano em que se deu essa grande descoberta; todavia sabe-se que o governador D. LOURENÇO DE ALMEIDA, tendo remetido à côrte algumas pedras transparentes, dizia, em carta de 27 de Julho de 1729, que as considerava como diamantes; sabe-se ainda que lhe fôra respondido não se haver enganado em suas conjeturas, acrescentando mais que duas remessas de pedras semelhantes haviam sido feitas, já, de Minas a Lisbôa.

Por um decreto de 8 de Fevereiro de 1730, os diamantes foram declarados propriedade real. Permittiu-se a todo mundo a sua pesquisa, mas, cada escravo empregado nesse trabalho foi submetido a uma capitação; era prohibida a exportação de diamantes para a Europa em navios estrangeiros; e taxou-se o frete de cada pedra em 1% de seu valor. A capitação que inicialmente era de cinco mil réis (1), foi elevada em seguida até quarenta mil réis, dando-se mesmo ao governador da Província, CONDE DE GALVEAS, o poder de fazê-la elevar-se a cincoenta mil réis se julgasse necessário. Um tal processo de impostos era evidentemente injusto, porquanto em uma exploração tão aventureira como essa dos diamantes, os produtos não são necessariamente proporcionais ao número de braços que se empregam. Não foi entretanto esse o motivo que levou o governo a renunciar à capitação e a seguir um outro sistema para a pesquisa dos diamantes; no correr de dois anos o preço das pedras diminuiu em 3/4; julgou-se necessário tomar medidas que limitassem a extração.

Em 1735 (2) ela foi posta em fazenda pela soma anual de cento e trinta e oito contos de réis (138:000\$000); mas, impuzeram aos arrendatários a condição de não empregar mais de 600 negros, e, até o ano de 1772 o contrato foi renovado seis vezes.

(1) PIZARRO diz que a primeira capitação data de 18 de Março de 1732. Nesse ponto está de acôrdo com SOUTHEY. E' contudo inconcebível que em sua própria obra tenha elle deixado imprimir, sem nenhuma observação, um trecho em que afirma que essa mesma capitação data de 22 de Abril de 1722, época em que os diamantes não tinham sido ainda descobertos.

(2) Essa data é tomada de PIZARRO, e, como coincide de modo passável com as descrições de SOUTHEY, parece-me mais exata que a fornecida por LUIZ BELTRÃO DE GOUVEIA ALMEIDA, em sua "Memória".

Entretanto, tendo o govêrno reconhecido que a extração de diamantes por arrendadores era frequentemente acompanhada por fraudes e abusos, resolveu a explorar por sua própria conta as terras diamantinas. Novos regulamentos foram elaborados; POMBAL era então ministro; êsses regulamentos, diz SOUTHEY, traziam a marca de seu caráter. O Distrito dos Diamantes ficou como que isolado do resto do Universo; situado em um país governado por um poder absoluto, êsse distrito foi submetido a um despotismo ainda mais absoluto; os laços sociais foram rompidos ou pelo menos enfraquecidos; tudo foi sacrificado ao desejo de assegurar à coroa a propriedade exclusiva dos diamantes (3).

O excessivo rigor dos regulamentos fê-los cair em desuso. Posso citar, por ex., aqueles que determinavam limites estreitos à população do Distrito e que limitavam o número de comerciantes; o que condenava ao confisco ou às galés um negro encontrado com um **almocrafre** (4) e uma escudela; enfim aquele que proibia a abertura das fundações de uma casa sem que os trabalhos fôsem testemunhados por um oficial de justiça e três **feitores**. O processo da administração dos diamantes sofreu também modificações em diferentes épocas. Vou mostrar o que ela era em 1817, sem me ocupar com as mudanças que tiveram lugar depois dessa época.

O principal administrador do Distrito é o **intendente dos diamantes**, que reúne a êsse título o de

(3) Vide SOUTHEY — *Hist. of Braz.* III.

(4) Ferramenta de mineiro, descrita no meu primeiro Relato.

intendente geral das minas, criado por MANOEL FERREIRA DA CÂMARA BETENCOURT E SÁ (5).

O poder do intendente é quase absoluto. Êle regula a vontade tudo o que concerne ao trabalho das minas de diamantes, substitue ou suspende empregados, permite ou impede a entrada no Distrito (6), toma as medidas que julga convenientes para impedir o contrabando, dispõe da fôrça militar etc. A autoridade do intendente não se limita apenas ao que diz respeito aos diamantes; é ainda o encarregado do policiamento do seu distrito; é ao mesmo tempo administrador e juiz, e é preciso que para esta última qualidade tenha êle estudado jurisprudência. Nas causas de valor inferior a 100\$000 êle pode pronunciar suas sentenças sem audiência e sem apelação (7). Quanto aos delitos criminaes mais graves, tais como assassinatos, compete-lhe apenas instruir os processos e em seguida enviar o acusado a Vila Rica. As funções do intendente considerado como juiz propriamente dito não se estendem além de seu distrito; mas, é a êle que compete o conhecimento dos delitos relativos ao contrabando de diamantes cometidos em tôda a província de Minas e até mesmo do resto do Império. O ordenado dos intendentes é de 8.000 cruzados; ao do Sr. DA CÂMARA acrescentaram-se 2.000 cruzados afim de indenizá-lo das despesas de viagens a que é obrigado como diretor das fundições reais em Gaspar Soares (8).

(5) Vide minha "Primeira Viagem", volume II.

(6) Os próprios governadores da Província não podem entrar no Distrito sem sua permissão.

(7) O legislador, temendo sem dúvida a habllidade dos advogados, e a influência que lhes dá o talento e a oratória, tratou de interditar-lhes a entrada no Distrito dos Diamantes.

(8) Vide minha "Primeira Viagem", vol. I.

Abaixo do intendente quem tem o primeiro lugar no Distrito dos Diamantes é o **ouvidor** ou **fiscal**, cuja função é principalmente judicial, exercendo de algum modo as funções do ministério público, sendo encarregado de defender na administração os interesses do governo. O ordenado do **fiscal** eleva-se a 2 contos de réis.

Eis quais são, em seguida, os **oficiais** da administração diamantina (oficiais da contadoria). À sua frente acham-se dois tesoureiros (caixas), que recebem, cada um, 2.000 cruzados. Após os tesoureiros veem os **guarda-livros** cujos vencimentos se elevam a 1:040\$000, e em seguida veem 7 **comissários** ou **escrivães**, ganhando cada um 320\$000.

Existia, poucos anos antes de minha viagem, um **administrador-geral** (9) encarregado da direção e vigilância geral dos trabalhos relativos à extração dos diamantes. Esse lugar foi suprimido e é hoje (1817) o 2.º tesoureiro quem preenche as funções de administrador geral.

Não há, como disse MAWE (10), o **guarda-chaves** do cofre onde são depositados os diamantes. O cofre tem três chaves; uma fica em mãos do intendente, a outra nas do primeiro tesoureiro, ficando a terceira com o primeiro **escrivão**.

O intendente preside a um conselho denominado **junta real dos diamantes**, que convoca quando julga oportuno. Além do presidente a **junta** compõe-se de 4 membros — o fiscal, os 2 tesoureiros e o guarda-

(9) O **administrador-geral** era também **inspector-geral**.

(10) **Travels in the Interior of Brazil**.

livros. Tem também um secretário (**escrivão da junta**), mas êste não tem voto no Conselho (11).

O exercício imediato dos trabalhos relativos à extração dos diamantes é confiado a empregados denominados **administradores particulares**, cujo número varia segundo as necessidades do serviço, e que era de oito na época de minha viagem. Cada administrador particular dirige um certo número de negros cujo agrupamento forma o que se chama uma **tropa**. O número de escravos que compõem uma **tropa** não é fixado em 200, como adianta o Sr. MAWE (12), podendo variar segundo as circunstâncias e necessidades do momento. Os ordenados dêsses administradores são de 200\$000.

Além das sessões ordinárias da junta de que falei acima há anualmente uma assembléia geral a que comparecem todos os administradores particulares, com direito a voto. E' essa assembléia que determina onde serão colocadas no ano seguinte, as diferentes tropas de negros e de que modo devem ser feitos os trabalhos. Se no ano em curso torna-se necessário modificar alguma das resoluções tomadas na assembléia geral, a Junta resolve-o em sessão ordinária.

Abaixo dos administradores particulares veem os **feitores** (13), que fazem executar as ordens daqueles

(11) Foi publicado na Alemanha que o **inspector-geral** e um **guarda-livros (escrivão dos diamantes)**, faziam parte da Junta. E' possível que o lugar de **inspector-geral** tenha sido estabelecido após minha viagem, mas, o **guarda-livros** não tem o título de **escrivão**. Os **escrivães** são funcionários de categoria inferior, que não fazem parte da Junta.

(12) *Travels etc.*, pág. 225.

(13) O nome de **feitor** é dado em geral nas habitações rurais a aquele que substitue o patrão, transmite as ordens dêste último e faz trabalhar os escravos. Talvez seja possível dar a essa palavra a significação de **gerente**.

e que fiscalizam os negros. Entre os **feitores** e os administradores particulares existe ainda um cargo intermediário: o dos **cabeças**, que são sub-administradores encarregados especialmente da fiscalização dos **feitores** e que, em caso de necessidade substituem os administradores. Os feitores ganham 100\$000 a sêco (14).

Os lugares onde se extraem diamantes chamam-se **serviços**. Cada serviço tem um guarda-armazem e um moleiro, cargos da mesma categoria e do mesmo vencimento dos feitores. Os diferentes **serviços** são dotados de carpinteiros, serralheiros etc., do mesmo nível dos feitores e tendo sob suas ordens vários escravos.

De acôrdo com os regulamentos cada tropa tem um capelão; mas, como a administração muito endividada procure reduzir, tanto quanto é possível, o número dos empregados, não se dá mais de um capelão a cada grupo de duas tropas trabalhando em um mesmo serviço; ao tempo de minha viagem havia apenas seis dêses eclesiásticos para as oito tropas. Cada um deles recebia 160\$000 de ordenado.

Nunca houve, como quer o Sr. MAWE, um cirurgião para cada tropa de negros (15). Quando o govêrno suprimiu o arrendamento dos diamantes êle comprou aos arrendatários os escravos que empregavam. Existia então para os doentes um hospital com um cirurgião e um médico (médico de partido); mas no momento em que os negros empregados pela administração não são mais de sua propriedade, ela não

(14) Vê-se que houve engano quando se publicou na Alemanha, que os **feitores** ganhavam 300\$000.

(15) *Travels in the of Brazil*, pág. 225.

tem nenhuma necessidade de manter um hospital nem de pagar médicos.

Todos os escravos ocupados nos diversos serviços pertencem a particulares que os alugam à administração. Houve tempo em que seu número ascendeu a três mil; mas a administração, muito endividada, foi forçada a reduzi-los a mil. A princípio pagavam-nos à razão de 1\$200 por semana. Essa soma foi então reduzida a \$900, depois a \$675. São os proprietários dos negros que os vestem e os tratam em caso de moléstia; é a administração que os nutre e fornece as ferramentas necessárias aos trabalhos (16).

Cada semana os negros recebem para sua alimentação um quarto de alqueire de fubá (17), uma certa quantidade de feijão e um pouco de sal; a êsses víveres ajunta-se ainda um pedaço de fumo de rôlo. Quando há falta de feijão substituem-no pela carne. Os negros comem três vezes por dia, pela manhã, ao meio-dia e à tarde. Como dispõem de muito pouco tempo durante o dia, são êles obrigados a cozinhar seus alimentos à noite e às vezes não dispõem de outro combustível além de ervas sêcas.

Obrigados a estar continuamente dentro d'água durante o tempo da lavagem do minério e consumindo alimentos pouco nutritivos, quase sempre frios e mal cozidos, tornam-se, pela debilidade do tubo intestinal,

(16) Os empregados da administração teem o direito de colocar um certo número de negros entre os que são empregados na extração dos diamantes. Cada administrador particular pode, por ex., colocar 20.

(17) O **fubá** é a verdadeira farinha de milho, tal como sal do moinho. E' com o fubá que se faz uma espécie de polenta chamada **angú**. A farinha é o milho amassado por meio do **monjolo** e depois tornado em pó fino. (Vide minha "Viagem às províncias do Rio de Janeiro e Minas", vol. I, pág. 235. Corresponde ao vol. 126, pág. 206 da Coleção **Brasilianna**).

inorosos e apáticos. Além disso correm frequentemente o risco de serem esmagados pelas pedras que se destacam das jazidas ou soterrados pelos desmoronamentos. Seu trabalho é contínuo e penoso. Sempre sob as vistas dos feitores êles não podem gozar um instante de repouso. Todavia quase todos preferem a extração dos diamantes ao serviço de seus donos. O dinheiro que êles conseguem pelo furto de diamantes e a esperança que nutrem de conseguir alforria se encontrarem pedras de grande valor, são sem dúvida as causas principais dessa preferência; mas há ainda outras. Reunidos em grande número êsses infelizes se divertem em seus trabalhos; cantam em côro canções de suas terras, e enquanto nas casas de seus donos êles são submetidos a todos os seus caprichos, aquí êles obedecem a uma regra fixa e desde que se adaptem não teem que temer os castigos.

Os **feitores** trazem ordinariamente um grande pau terminado por uma tira de couro, de que se servem para castigar, imediatamente, um negro que fugir ao seu dever. Quando a falta é grave a punição é mais severa. Então amarra-se o culpado, e dois de seus companheiros aplicam-lhe nas nádegas golpes de **bacalhau**, chicote composto por cinco tranças de couro. Os **feitores** não teem permissão de aplicar essa espécie de chicote; sómente os administradores particulares podem infligir um castigo tão severo. Os regulamentos vedam a aplicação de mais de cinquenta golpes de **bacalhau**; mas, frequentemente ultrapassam êsse limite.

Quando um negro encontra um diamante que pese uma oitava (18) a administração avalia o feliz escravo,

(18) A oitava, segundo **FREICINET** pesa 3 gramas 6.

compra-o a seu dono, veste-o e concede-lhe a liberdade. Seus companheiros coroam-no, festejam-no, carregam-no em triunfo aos ombros. Ele tem o direito de conservar seu lugar na administração dos diamantes, e cada semana recebe \$600, que anteriormente eram pagos ao seu dono. Quando o diamante encontrado pesa $3/4$ da oitava o negro tem sua liberdade assegurada, mas é obrigado a trabalhar ainda um certo tempo para a administração. Foi o Sr. DA CÂMARA que imprimiu essas disposições ao regulamento. Em 1816 foram libertados 3 negros; mas até Outubro de 1817 nenhum negro gozou desse benefício. Para os diamantes que pesam menos de $3/4$ da oitava a 2 vinténs os negros recebem pequenas recompensas, proporcionais ao valor das pedras, a saber: uma faca, um chapéu, um colete etc.

Desde que um negro encontre um diamante êle mostra-o ao **feitor**, mantendo-o entre o polegar e o indicador, separando os outros dedos; depois vai guardá-lo na escudela suspensa do telheiro sob o qual se faz a operação da lavagem. Ao fim do dia os feitores vão reunidos entregar o resultado do trabalho ao administrador particular. Êste conta os diamantes encontrados, faz registrar o número e pêso por um feitor cognominado **listário** e em seguida guarda-os em uma bolsa que deve trazer sempre consigo. No fim de cada mês ou em datas mais curtas, se a Junta julga conveniente, os diamantes são remetidos ao tesouro e cada administrador particular remete os de seu **serviço** por um ou dois feitores acompanhados de

alguns negros (19). Os tesoueiros verificavam o número dos diamantes que recebiam, tornavam a pesá-los e registravam em um livro o **pêso**, o nome do **serviço** onde foram encontrados e a data da remessa. Em seguida os diamantes eram guardados no cofre. Anualmente são remetidas ao Rio de Janeiro as pedras encontradas no ano precedente. A operação dessa remessa obedece aos seguintes trabalhos: existem doze peneiras cujas malhas vão diminuindo da primeira à última, onde passam sucessivamente todos os diamantes recolhidos. Os maiores ficam retidos na peneira de malhas maiores e assim sucessivamente até aos menores que ficam retidos na peneira mais fina. Dêste modo obtêm-se doze lotes de diamantes, que são em seguida envolvidos em papel e depois em sacos. Os sacos são então postos em uma caixa sôbre a qual o intendente, o fiscal e o primeiro tesoureiro apõem suas rubricas. A caixa segue acompanhada por um empregado escolhido pelo intendente, por dois soldados do regimento de cavalaria da província e por quatro homens a pé (**pedestres**). Chegada a Vila Rica a caixa é apresentada ao general que, sem abrí-la, apõe também sua rubrica, e, logo que essa formalidade é concluída a comitiva se põe em marcha para a capital.

A fôrça militar à disposição do intendente e da administração compõe-se de duas companhias de homens a pé, chamados **pedestres**, e de um destaca-

(19) Alguns cientistas escreveram que os administradores iam uma vez por semana ao Tejuco para entregar os diamantes à Junta. Se assim era em Maio ou Junho de 1818, época em que êsses cientistas percorreram o Distrito dos Diamantes, isso faz supôr que entre os meses de Outubro e Junho houve modificações nos regulamentos.

mento do regimento da província contando 50 homens, inclusive oficiais.

O destacamento de cavalaria é comandado por um capitão. Cêrca de 20 homens acham-se acantonados nas fronteiras do Distrito dos Diamantes afim de impedir os contrabandos, para vistoriar os viajantes que saem do Distrito, para deter os que nele procuram entrar sem permissão do intendente etc. O restante do destacamento é habitualmente aquartelado no Tejuco e empregado no serviço de patrulhamento, na guarda das caixas etc.

As duas companhias de homens a pé ou **pedestres** são compostas cada uma de trinta homens, todos mulatos ou negros livres. Cada companhia é comandada por um **capitão-mor**, que é igualmente um homem de côr. Os pedestres recebem cada ano 76\$800, sendo obrigados a fazer as despesas de nutrição, fardamento e até as da aquisição de um fuzil e um sabre. E' o govêrno que lhes fornece a pólvora e o chumbo dando-lhes além disso uma ajuda de custo quando são enviados ao Rio de Janeiro. Cada companhia usa um uniforme particular. Uma delas é destinada principalmente ao auxílio dos soldados do destacamento: chamam-na **companhia da intendência**. A outra, chamada **companhia da extração**, depende, mais imediatamente dos tesoureiros e da administração e é especialmente encarregada de cumprir as ordens do administrador e do intendente. Os **pedestres** devem procurar e prender os contrabandistas e impedir a venda de aguardente aos negros empregados na extração dos diamantes. Os regulamentos proíbem a venda de aguardente nos serviços para impedir entre os trabalhadores e os comerciantes uma conivência

favorável ao contrabando, e a aguardente apreendida pelos **pedestres** é confiscada em seu proveito.

Em dez anos, de 1807 a 1817, o Distrito dos Diamantes forneceu, em media anual, 18.000 **karats** (20). Se as notas que possúo são exatas, os diamantes do Brasil teriam sido empenhados durante vários anos para a obtenção de empréstimos na Holanda, afim de satisfazer os pedidos de numerário feitos pelo imperador Napoleão; êles teriam sido enviados anualmente, em bruto, à casa Hoppe & Comp., de Amsterdam; sómente os maiores teriam sido reservados para o rei; a casa Hoppe teria recebido os outros à base de 7\$200 o **karat**, e, lapidados, êsses mesmos diamantes seriam vendidos na Inglaterra por cêrca de 25 a 30\$000; mas enfim os empenhos contratados teriam cessado em 1817, e então o rei D. João VI teria readquirido todos os seus direitos.

O govêrno chegou a dispender cêrca de um milhão de cruzados nos trabalhos de extração dos diamantes; mas atualmente êle não emprega mais de 300.000 cruzados, sendo a isso que se denomina **assistência** (21). Essa soma é retirada da receita da provincia e enviada semestralmente à junta diamantina pela junta do tesouro real de Vila Rica (**junta da fazenda real**). E' de se observar que o produto do **quinto** cobrado sôbre o ouro em pó que se funde nas quatro intendências (vide minha "Primeira Viagem", vol. I) é atualmente aplicado na despesa dos diamantes. Chegada ao Tejuco a **assistência** é depositada no tesouro; a junta dela lança

(20) Segundo o Sr. VERDIER, citado pelo Sr. FREYCINET, o **karat** portugûês é de 3% menos forte que o **karat** francês.

(21) Presumo que êsse vocábulo é sempre usado para designar subvenção, qualquer que seja a importância.

mão para pagar os ordenados dos empregados, as diárias dos negros, as diversas despesas do serviço, enviando-se anualmente uma conta corrente ao Ministério. Os vencimentos do intendente, do fiscal, do escrivão da junta e da companhia de pedestres, chamada **companhia da intendência** não estão incluídos na **assistência**; são pagos separadamente pela junta real de Vila Rica, mas oriundos igualmente da receita da Província.

Durante muito tempo a administração pagou as diárias dos negros e os víveres adquiridos para nutrí-los em vales chamados de **extração real (bilhete de extração real)**. Esses vales, feitos a mão, trazem os nomes dos credores aos quais são emitidos e são assinados pelo intendente, por um dos tesoureiros, pelo guarda-livros e pelo empregado encarregado de seus registros. A época do pagamento não é indicada; é sómente dito que eles serão pagos a quem os apresentar, mas a princípio eram trocados por ouro ao fim de um ano. Entretanto a administração tendo se endividado por diversas circunstâncias: pela remessa que foi feita ao soberano de metade da **assistência**, quando de sua chegada ao Brasil pedira o dinheiro que se achava em caixa; pela alta considerável que os víveres tiveram em 1814; por um atraso de seis meses que a junta de Vila Rica incorre nos pagamentos da **assistência**; pelo estabelecimento das forjas do Morro de Gaspar Soares, cujas despesas foram tôdas feitas pela administração diamantina, por ordem do govêrno; enfim talvez pela facilidade com a qual as administrações, como os particulares, fazem despesas desde que não seja preciso desembolsar dinheiro em espécie; a administração, digo eu, achando-se endividada, os vales

deixaram de ser pagos nos prazos. Contudo os bilhetes tinham curso no público com um desconto de cêrca de 25%; mas em 1817 a junta do tesouro real declarou que não seriam mais recebidos ao par e êles caíram em um descrédito total, o que causou grande celeuma entre os proprietários que dispunham de grande quantidade dêsses bilhetes. O govêrno recusou formalmente concorrer ao pagamento da dívida e foi para saldá-la que a administração dos diamantes se viu forçada a diminuir o número de negros distribuidos nos diversos serviços e a reduzir os vencimentos dos empregados, outrora muito mais consideráveis.

Cessando a emissão de vales, as contas dos alugadores de escravos, ao tempo de minha viagem, deviam ser saldadas semestralmente e os pagamentos eram feitos em dinheiro. Quando um comerciante ou um cultivador fornecia víveres, o empregado encarregado de os receber dava-lhe um bonus (**lembrança**) e segundo os novos regulamentos cada bonus devia ser igualmente pago em dinheiro ao fim de seis meses.

Viu-se que o sistema de administração introduzido no Distrito dos Diamantes, tinha por fim assegurar ao rei a posse exclusiva dessas preciosas pedras. Para isso tudo se achava arranjado com maravilhosa sagacidade; cuidaram-se dos menores detalhes; tôdas as possibilidades de roubo foram previstas, tendo sido tomadas medidas para desarmar os mais hábeis ladrões. Contentar-me-ei com citar aquí um exemplo. Logo que um negro é acusado de haver furtado um diamante, é preso; fazem-no em seguida engulir três pedras comuns e não lhe restituem a liberdade senão depois de evacuadas as três pedras, sem que nenhum diamante tenha sido descoberto.

A prevenção contra roubos não foi apenas tomada por precauções as mais minuciosas; cuidou-se ainda opor às tentações o temor de castigos atrozes. Um homem livre, acusado de contrabando foi exilado para Angola, na costa da Africa, e teve seus bens confiscados em proveito do Estado. Segundo os editais todo escravo ladrão deveria também ser confiscado, mas essa disposição iniqua não é atualmente cumprida. O escravo que furta diamantes é então chicoteado; em seguida é posto a ferros por um tempo mais ou menos considerável, segundo o valor do furto. Durante esse tempo não se dá nenhuma retribuição pelo trabalho do negro o que representa um castigo para seu dono, punido assim por uma falta que não cometeu e nem podia impedir fôsse cometida (22). Os escravos condenados ao ferro formam uma tropa separada que é tratada mais severamente que as outras e que é encarregada de trabalhos mais rudes.

Foi entretanto em vão que se estabeleceram leis penais e se multiplicaram as medidas preventivas. A ambição e a astúcia zombavam de todos os temores e triunfavam sobre todos os obstáculos. Quando os diamantes estavam menos difíceis de extrair, e mais abundantes, existia uma espécie de contrabandistas que se reunia em tropas e se distribuia pelos lugares onde essas preciosas pedras se achavam em maior abundância e elles próprios faziam a exploração. Alguns deles ficavam de esculca em lugares elevados, avisando os demais à aproximação dos soldados e o bando se refugiava nas montanhas de difícil acesso, as

(22) Não é impossível que haja negros que furem para seus donos, mas observa-se que na maioria das vezes elles agem por conta própria.

mais escarpadas. Foi isso que fez dar a êsses homens, aventureiros, o nome de **grimpeiros**, donde se formou, por corrupção a palavra **garimpeiro**, que se manteve. Depois que os diamantes se tornaram mais raros sendo precisos trabalhos mais consideráveis para tirá-los do seio da terra, apenas alguns negros fugidos vão procurá-los ainda à beira dos regatos. Mas se não existem mais os **garimpeiros** (23) haverá, sem dúvida, contrabandistas propriamente ditos, aqueles que traficam diamantes roubados pelos escravos nos diferentes serviços.

Os negros tem para êsse gênero de furto uma sutileza de causar inveja aos nossos mais hábeis gatu-nos. Os recém-chegados recebem lições dos antigos e tornam-se às vezes tão hábeis quanto êsses. Um dos predecessores do Sr. DA CÂMARA queixava-se de que os roubos de diamantes tornavam-se cada vez mais numerosos, acusando os administradores de falta de vigilância. Êstes asseguravam que a fiscalização mais perfeita não podia impedir o roubo de diamantes pelos escravos. O intendente, querendo então fazer uma experiência da habilidade dos negros, mandou buscar aquele que era tido como o mais hábil; em seguida colocou, êle mesmo, uma pequena pedra no meio de uma mistura de calhaus e areia em um dos canais de lavagem (24) e prometeu ao escravo dar-lhe liberdade se êle conseguisse escamotear a pedra tão habilmente que não fôsse percebido em seu furto. O negro pôs-se a lavar a areia pelo processo costumeiro, enquanto que o intendente nele fixava os mais atentos olhares. Ao

(23) Erradamente alguns escritores tem falado de **garimpeiros** como se êles ainda existissem, confundindo-os sem dúvida com os contrabandistas.

(24) Ver adiante, pág. 67 e seguintes.

fim de alguns instantes o magistrado perguntou ao escravo onde se achava a pedra. Se se pode acreditar na palavra dos brancos, disse o negro, eu estou livre; e, tirando a pedra da boca mostrou-a ao intendente.

Enquanto que os escravos, durante a operação da lavagem, roubam os diamantes, os **feitores** não empregam menor astúcia em fazer o contrabando, sendo mais fácil a êstes últimos entregarem-se a êsse comércio ilícito, visto como podem empregar negros de sua propriedade nos **serviços** onde êles próprios exercem atividades. Sente-se que os escravos nunca teriam sonhado roubar diamantes sem o engodo que incessantemente lhes oferecem os feitores e contrabandistas propriamente ditos. Aventureiros aproveitam-se da noite para chegarem aos diferentes **serviços**, por caminhos pouco conhecidos, frequentemente quase inacessíveis. Êsses tem nas tropas negros subornados que lhes levam os companheiros que tenham pedras a vender. Os diamantes são pesados e são pagos à razão de 15 francos o **vintém**. Muitas vezes o contrabandista não tem tempo de se afastar do **serviço** na mesma noite da chegada; então é êle recolhido a uma das casas dos negros, aí ficando escondido durante o dia, regressando na noite seguinte. O contrabandista que se arrisca a ir adquirir diamantes nos **serviços** encontra mercado para suas pedras principalmente entre os comerciantes do Tejuco e Vila do Príncipe. Outras vezes são comerciantes que veem do Rio de Janeiro, com fazendas e outras mercadorias, como pretexto para permanecerem na Vila do Príncipe; mas sua verdadeira finalidade é adquirir diamantes. No Tejuco o contrabandista revende a 20 frs. os pequenos diamantes, que comprou diretamente dos negros; já

em Vila do Príncipe dão-lhe 25 frs., porque há a considerar o risco corrido na saída do Distrito conduzindo pedras roubadas. Como os negros vendem indistintamente a pêso todos os diamantes que êles furtam, sem fazer nenhuma diferença pelo tamanho, é sôbre os de maior volume que o contrabandista aufere melhores lucros. E' comum aos contrabandistas novatos serem enganados pelos escravos. Para isso os negros usam pequenos cristais aos quais fazem adquirir a forma e o aspecto dos diamantes brutos; para imitar a côr da pedra preciosa usâm rolar os cristais no meio de pequenos grãos de chumbo. Mas, se o ignorante pode ser enganado por diamantes falsos, o homem prático sabe distinguí-los facilmente; não sómente batendo sôbre êles, como também esfregando uns aos outros, metendo-os na boca e apertando-os contra os dentes para observar se produzem o som argentino que lhes é peculiar.

Se, apesar dos severos regulamentos existentes, se mau grado os esforços diariamente repetidos, não se pode chegar a impedir o contrabando, é falso, todavia, que êle seja tão generalizado no Tejuco como pretende MAWE (25); é falso que os diamantes aí circulem no comércio como moeda; é falso sobretudo que sejam obtidas, por meio deles, indulgências religiosas destinadas a dissipar os escrúpulos dos compradores. Passei um mês no Distrito e ninguém me propôs vender um diamante, ninguém mesmo me mostrou um só.

O govêrno não faz explorar senão os arredores do Tejuco, porque é lá que existe maior quantidade dessas pedras. Entretanto elas ocorrem ainda em

(25) Vide *Travels in the Interior of Brazil*, pág. 252.

diferentes partes da Província de Minas, tais como: a serra de Santo Antônio ou do Grão Mogol; nos rios chamados Abaeté, Andaiá, do Sono, da Prata, Santo Antônio, Quebra Anzóis, Paranaíba, São Marcos, Santa Fé, próximo de S. Romão (26), Borrachudo, Paracatú (27) etc. Existem diamantes ainda em Mato Grosso, em Cuiabá, no Rio Claro (província de Goiás); enfim no rio Tibagi, próximo de Fortaleza, próximo dos Campos Gerais. Em tôda parte, como no Tejuco, é proibida aos particulares a pesquisa de diamantes; mas nos lugares mais distantes, tão vastos e de população pequena como Goiás e Mato Grosso é impossível combater o contrabando e tolera-se o que se não pode impedir (28).

Não se encontra mais o diamante em sua matriz primitiva, e essa matriz por sua vez não é mais encontrada em parte nenhuma. Sendo ela de consistência muito fraca foi sem dúvida arrastada pelas águas e os diamantes, daí destacados, rolaram com os calhaus para o leito dos rios e regatos. Êsses calhaus rolados de mistura com os diamantes são o que se chama **cascalho** (29). Frequentemente o leito dos regatos muda de lugar, donde acontece que o cascalho não se acha unicamente em seu leito atual. Existem

(26) Em meu primeiro **Relato**, escrevi, como PIZARRO, **S. Rumão**; mas creio dever renunciar a essa ortografia. O nome de que se trata não pode originar-se senão de **Sanctus Romanus**, e eu encontro **S. Romão** não sómente em CAZAL e ESCHWEGE, mas ainda em minhas próprias notas.

(27) SPIX et MART. — **Reise**, pág. 442 — SCHW. **Nene Welt.**, I, pág. 127

(28) Encontrar-se-á na descrição de minha 3.^a viagem detalhes curiosos sôbre a maneira ostensiva com que é feito o contrabando de diamantes, em Rio Claro. Aí falarei também dos arredores de Fortaleza, na província de S. Paulo.

(29) Acredito não ser preciso dizer que se não deve escrever como MAWE — **cascaiao**.

sinais da presença dos diamantes; entretanto êsses sinais são em geral pouco certos e para se certificar se um regato ou um terreno contém diamantes é preciso dispor de recursos para essas pesquisas. Quase sempre há ouro no cascalho que contém diamantes e quanto mais aurífero mais rico em diamantes êle é. Nos riachos onde o cascalho já foi lavado não é raro encontrar-se ao fim de algum tempo novos diamantes, aflorados pelas águas, mas êstes são em pequeno número (30).

A exploração das terras diamantinas torna-se cada dia mais difícil. Quando era feita pelos arrendatários êles fizeram pesquisas nos terrenos e regatos mais ricos, nos que apresentavam menor dificuldade; como os mineradores dos arredores de Vila Rica êles atulhavam o leito dos riachos com o resíduo das lavagens e para se achar o cascalho é agora preciso remover espessa camada de areia e pedras. A descrição pormenorizada das minhas visitas aos diferentes **serviços** fará conhecer os penosos trabalhos a que se entregam atualmente os mineradores.

(30) Os mineralogistas encontrarão detalhes científicos sôbre a história natural dos diamantes do Brasil nos escritos dos Srs. ESCHWEGE, SPLX, MARTIUS.

CAPÍTULO II

AINDA OS DIAMANTES. — DIVERSOS SERVIÇOS. TEJUCO. — OBSERVAÇÕES SOBRE A ACLIMA- TAÇÃO DAS ÁRVORES FRUTÍFERAS.

Serviço dos diamantes de Rio Pardo; estabelecimentos de que se compõe; regatos explorados pelos negros dêste **serviço**. — Estabelecimento do Córrego Novo; casas dos negros aí empregados. — Aldeia da Chapada; occupações de seus habitantes; pôsto militar. Casa de campo de Pinheiro; excursões às montanhas. — Chegada a Tejuco. — Nome e título dessa vila; sua posição; suas ruas; suas casas; seus jardins; suas igrejas; casas religiosas; hospital e reflexões sôbre a pequena duração dos estabelecimentos úteis na província de Minas; sede da Administração e da Intendência; fontes; lojas e comércio; víveres e mercados; esterilidade dos arredores. — Posição geográfica de Tejuco; clima; doenças mais comuns. — Plantas européias cultivadas em Tejuco; qual a estação mais favorável à cultura dos legumes; influência que o clima da América teve sôbre as árvores frutíferas européias. — Caráter dos habitantes do Tejuco. — Mendicidade. — De que modo os habitantes do Tejuco valorizam seus capitais. — Comércio dos negros.

Viu-se na minha primeira **Relação** que ao deixar o Deserto, subi a serra do Cumataí, para entrar no Distrito dos Diamantes, e que, após ter passado uma noite horrível, dormindo sôbre uma pedra, cheguei, a 22 de Setembro de 1817, ao **serviço** dos diamantes de Rio Pardo,

O **serviço** do Rio Pardo foi estabelecido aí pelo ano de 1807, e se compõe de duas tropas, uma colocada à beira de um regato que se chama Córrego Novo, a outra à beira de um regato vizinho denominado Rio Pardo. O primeiro se reúne ao segundo e este divide suas águas entre dois pequenos rios — o Cipó e o Paraúna (1) que são afluentes do S. Francisco. Parece que o Córrego Novo e o Rio Pardo produziram muitos diamantes e não há nenhuma dificuldade em extrair os que ainda existem nesses pequenos regatos porquanto o cascalho se acha logo à superfície de seus leitos. Demais, não é sómente no leito d'esses dois regatos que se encontram diamantes; tira-se também cascalho nas encostas (**grupiaras**) que se estendem às suas margens. Aí o cascalho não tem mais de um palmo de espessura, e abaixo d'ele encontra-se um d'esses leitos de pedras duras que se denominam **piçarras**, como nas minas de ouro (2).

Parei no primeiro estabelecimento que encontrei — o de Córrego Novo. As duas tropas que compõem o conjunto do **serviço** haviam sido reunidas momentaneamente à de um **serviço** situado mais adiante; mas fui recebido por um feitor que uma doença havia impedido de se ausentar, e que me cumulou de gentilezas.

As casas da tropa de Córrego Novo, em número de 22, formam, por sua reunião uma pequena aldeia que se eleva em doce declive acima do regato. Elas são colocadas em tórno de uma praça regular e quadrada. Tôdas são construídas de barro e cobertas de capim; são tôdas térreas e as cobertas, bem diferentes

(1) Das palavras indígenas **para**: mar e **una**: negro.

(2) **Derber Gesteln Korniger Quarzschleffer**: tal é a definição que os Srs. SPIX e MARTIUS dão da **piçarra**.

das que se vêem em outros lugares, são muito mais elevadas que as paredes que as susteem. As casas dos negros, menores que as dos fiscais, não teem paredes e cada uma é ocupada por vários escravos. As casas dos feitores teem janelas, são caiadas e várias dentre elas possuem jardins onde vi pessegueiros carregados de flores. Dois feitores residem em uma mesma casa, dispondo cada um de dois cômodos e uma cozinha. Quanto ao administrador, êste ocupa uma casa inteira e foi nela que me hospedei durante minha estada em Córrego Novo.

Tendo sabido que o intendente habitava então uma pequena casa que mandara construir na parte mais montanhosa do Distrito (serra), foi para lá que resolvi seguir. Imediatamente após ter deixado Córrego Novo passei pelo **serviço** de Rio Pardo. No meio das casas que compõem êste último existe uma pequena capela coberta de capim. Essas casas, mais numerosas que as de Córrego Novo, lhe são absolutamente semelhantes; entretanto em sua disposição não se observou nenhuma regularidade.

Entre Córrego Novo e a aldeia da Chapada, duas léguas adiante, viaja-se sempre pelas montanhas. O terreno é desigual, quase continuamente árido e massas de rochedos elevam-se aquí e acolá. Aquí o solo produz sómente ervas e sub-arbustos; alí a vegetação torna-se um pouco mais vigorosa e são as **Lychnophoras**, as Mirtáceas e outros arbustos que cobrem a terra. As folhas dos arbustos são em geral pequenas e de uma côr carregada. As Melastomatáceas de folhagem miúda, tão raras no Sertão, acham-se aquí em abundância e apresentam, como em tôdas as montanhas, grande número de espécies.

A aldeia da Chapada, onde parei, fica sôbre uma eminência achatada, cercada a alguma distância por rochedos nus. Nos arredores de Chapada o terreno é sêco, árido e as pedras, assim como a areia branca, mostram-se em tôda parte entre gramíneas e outras ervas extremamente pouco numerosas. Cêrca de trinta miseráveis choupanas construídas desordenadamente, compõem a aldeia. Suas cobertas teem, como as de Rio Pardo, uma posição quase a prumo. São obrigados a construí-las assim porque a erva empregada na cobertura sendo mole e fina deixará passar as águas das chuvas se a inclinação fôr menor.

Os regatos que correm em Chapada deram outrora muitos diamantes; mas, como atualmente a maior parte dêles está esgotada o intendente permite que aí se explore o ouro; e é essa ocupação que mantém os habitantes da aldeia. Esses homens, todos mulatos, calculam em quatro vintens o ouro que podem colhêr num dia; mas ainda mesmo que não confessassem seus ganhos a pobreza que mostram indica suficientemente que êles não são consideráveis. Não se vê nos arredores da aldeia nenhum traço de cultura. Entretanto como esta região elevada não é extremamente quente estou persuadido de que o centeio podia aí ser cultivado em algumas terras. Mas, é preciso dizer, a cata do ouro convém mais que a agricultura à indolência dos habitantes das regiões auríferas.

Não foi apenas aos mulatos de Chapada que permitiram a pesquisa do ouro nos lugares pertencentes à demarcação diamantina. O Sr. DA CÂMARA, forçado a dispensar grande número de escravos e feitores afim de poder solver a dívida da administração, concedeu a diversos particulares a permissão de extrair

ouro em diversos regatos onde não existem mais diamantes (3). Os habitantes do Tejuco teem o costume de empregar seus capitais na compra de negros que alugam em seguida à administração e teriam sido arruinados se persistisse a proibição de extração do ouro em tôda a extensão do Distrito.

Colocou-se em Chapada um destacamento de cavalaria tirado do Regimento das Minas e comandado por um cabo. Esse pôsto é encarregado de inspecionar os viajantes e impedir o contrabando dos diamantes. Fui recebido pelo cabo, para o qual trazia uma carta de recomendação; êle hospedou-me, nutriu-me e à minha gente e os militares do pôsto tiveram para comigo tôda a sorte de atenções. Em geral no tocante à polidez não é demais fazer o elogio dos soldados do regimento de Minas. Tôdas as vezes que me encontrei com alguns dêles, deparei modos extremamente delicados e de todo diferentes dessa rusticidade grossira que caracteriza frequentemente o soldado europeu.

Conduzido por um guia que me foi cedido pelo cabo do pôsto de Chapada (4), atravessei caminhos horríveis no meio de rochedos, e, após ter feito duas léguas, cheguei a Pinheiro, casa de campo do intendente.

Impossível escolher-se recanto mais solitário. A casa do proprietário, que não passa de simples choupana, foi construída ao fundo, ao pé de um rochedo.

(3) Vide o que a êsse respeito escrevi na minha 1.^a Relação — vol. I, pág. 381. (Corresponde ao Volume 126, pág. 321, da Coleção **Brasilianna**).

(4) Tenho necessidade de dizer que é preciso não confundir a aldeia de Chapada de que falo aqui, com a importante paróquia de Chapada, na região de Minas Novas (Vide minha 1.^a Relação, vol. II, pág. 71. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 76, da Coleção **Brasilianna**).

Diante dela o horizonte é limitado por montanhas muito aproximadas umas das outras e mais ou menos em círculo, e onde rochedos de um pardo carregado mostram-se por todos os lados. O terreno entre essas montanhas é desigual; apresenta uma vasta pastagem e é cortado por um regato onde não existem diamantes. Nas vizinhanças da habitação enormes rochedos elevam-se próximo ao regato. Enfim, defronte da residência, abaixo dessas montanhas que limitam o horizonte, a vista repousa sobre um grupo de casinholas intercaladas de árvores, no meio das quais notam-se, pela elegância do porte, algumas bananeiras. Encontram-se nas montanhas da Europa paisagens que se compõem de elementos mais ou menos semelhantes; mas aqui o aspecto é singular, sendo-me impossível pintá-lo, o que creio ser devido à côr dos rochedos, sua posição e à natureza dos vegetais.

O intendente criava em Pinheiro muitos animais, não sómente como objeto de distração, mas ainda para proceder a úteis experiências. Seu gado era muito bonito; todavia, como nos demais lugares, as vacas tinham têtas muito pequenas e davam pouco leite. O Sr. DA CÂMARA experimentava também cultivar ao redor de sua casa legumes e alguns grãos; mas achava-se muito aborrecido devido à pobreza e secura do solo.

No dia seguinte à minha chegada a Pinheiro, fiz a cavalo, com o intendente, uma excursão de duas ou três léguas nas montanhas que circundam sua habitação; mas, não tive o prazer de ver flores; tudo estava dessecado. Onde o rochedo não se mostrava descoberto, encontrei, nos lugares mais elevados, pastagens herbáceas; nas partes mais baixas, carfascas;

grandes árvores nas grotas e nos vales, enfim, nas encostas pedregosas, arbustos esparsos e particularmente **Lychnophora** (5). Foram derrubadas diversas árvores afim de serem feitas plantações e, como nos arredores de Vila do Príncipe, o grande feto e o capim gordura (**Tristegis glutinosa** ou melhor **Melinis glutinosa**) tomaram o lugar que as árvores ocupavam outrora. Nunca havia visto essas plantas no sertão nem em Minas Novas; mas aqui o capim gordura acha-se já aquém do limite setentrional que indiquei para essa planta (17° 40' de lat.) (6), e a grande samambaia que ordinariamente o precede na ordem das vegetações sucessivas deve ter, segundo penso, o mesmo limite.

Voltando à residência do intendente, passei pela primeira vez diante de pastagens onde acabavam de deitar fogo (7). Uma chama de côr de aurora carregada estendia-se de uma ponta a outra do pasto, devorando-o com excessiva rapidez e formando como que pequenos tufos cintilantes dispersos em pequenos intervalos, o que explica a semelhança que teem com as nossas iluminações êsses incêndios vistos a grandes distâncias.

Em outra excursão seguimos as margens do rio Pinheiro, cuja largura é pouco considerável. O excessivo calor impediu-me, pela manhã, de gozar as belezas do campo; mas, à tarde, quando regressámos a casa

(5) Viu-se na **Relação** já publicada que as singulares compostas chamadas **Lychnophoras**, ocorrem em geral nas encostas pedregosas. Fiz af também conhecer as árvores anãs chamadas **carrasquelros**.

(6) Vide minha **1.ª Relação**, vol. II, pág. 292. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 241, da Coleção **Brasilliana**).

(7) Vide minha **1.ª Relação**, vol. II, pág. 276, 405, 433, 454. (Corresponde ao Volume 126-A, págs. 229, 327, 348, 364 da Coleção **Brasilliana**).

fazia muito menos calor e pude observar à vontade as paisagens que sucessivamente se ofereceram aos meus olhos. Em um lugar onde o intendente e o resto da comitiva, maldizendo o sol dos trópicos, pararam para pescar pequenos peixes, o Pinheiro corre entre montanhas onde a pedra se mostra a nu entre árvores e arbustos; enormes rochas elevam-se do meio das águas minadas por elas em todos os sentidos, e, próximo à confluência o rio parece estacar seu curso por uma altura fortemente escarpada. Deixando êsse lugar solitário, andámos em um caminho estreito entre o Pinheiro e uma profunda fossa, completamente sêca. Essa fossa havia recebido as águas do rio em uma época em que êle era explorado pelos procuradores de diamantes; ela fica 50 palmos acima do Pinheiro, mas haviam-no forçado a aí entrar, represando-o por um forte dique, e, do leito dessecado foi possível, sem dificuldade, extrair o cascalho afim de lavá-lo em seguida. Aliás não foi apenas com o Pinheiro que se empregou êsse processo; êle foi empregado em muitos outros riachos, e como se verá em seguida é empregado ainda. As árvores que crescem no meio dos rochedos dos dois lados do rio, estão longe de formar, como as florestas virgens, massas espessas de verdura. Aquí as árvores isoladas deixam distinguir sua folhagem e não se pode deixar de admirar a elegância de algumas leguminosas. Entretanto à medida que avançávamos os grandes vegetais tornavam-se mais raros e troncos decepados de uma côr pardacenta apareciam frequentemente no meio de árvores cobertas de folhas. Daí a pouco o aspecto da região tornou-se ainda mais selvagem; enormes rochedos pardacentos e completamente desprovidos de verdura se apresentavam diante

de nós; o rio desaparecera aos nossos olhos e apenas ouvíamos o murmúrio das águas. Mas, não havia nenhum lugar onde o trabalho do homem, mesmo o mais singelo, tivesse procurado dar vida e beleza. Descíamos uma garganta larga e profunda quando um contraste encantador se ofereceu aos nossos olhares; de um lado o rio corria em murmúrios ao pé de montanhas incultas; do outro bananeiras e laranjeiras crescendo em um terreno inclinado rodeavam uma pequena casa, e **Agaves** com imensas panículas formavam um vasto cercado ao redor dessa humilde morada. Diversas paisagens passavam ainda pelos nossos olhos e enfim achámo-nos de novo na habitação de Pinheiro.

Durante o tempo em que aí demorei tive ocasião de ver duas árvores que crescem em geral no Distrito dos Diamantes e que são extremamente úteis à região. Uma, que se chama **monjolo**, é uma Leguminosa, a julgar-se por sua folhagem; a outra, que tem o nome de **pereira da serra** não se achava em flor quando a vi, e não pude identificar a família a que pertence. Tódas as duas, devido à dureza de suas madeiras, são empregadas na construção de casas, na dos objetos e aparelhos destinados à extração dos diamantes.

Deixámos Pinheiro a 29 de Setembro de 1817; após haver atravessado uma região montanhosa onde os rochedos se mostram por todos os lados no meio de uma vegetação raquítica, passámos um regato onde se extrae ouro e à margem do qual haviam construído algumas palhoças para os negros mineradores. Em geral existe ouro em regular quantidade em todos os arredores do Tejuco. Aí êsse metal acha-se principalmente no leito dos riachos e nas encostas vizinhas;

parece que em poucos lugares êle aparece em vãos e êsses mesmo muito curtos.

Após duas léguas chegámos enfim à capital do Distrito dos Diamantes. Como procediam a reparos no edificio da Intendência o Sr. DA CÂMARA tinha sido obrigado a passar para uma casa que apenas dava para sua família; fui então hospedado em um prédio outrora habitado pelos intendentes do Distrito, mas as refeições eu ia fazer em casa do Sr. DA CÂMARA, e, durante minha estada no Tejuco êle não cessou de cercar-me de distincções. A senhora DA CÂMARA, mulher de modos distintos, fazia as honras da casa. Ela e suas filhas não se escondiam nunca; comiam conosco e, adotando os hábitos europeus, admitiam o convívio dos homens.

No dia seguinte à minha chegada ao Tejuco recebi visita das pessoas mais importantes do lugar e não me demorei em retribuir tais visitas. A praxe manda que logo que um estrangeiro conhecido páre em qualquer cidade, os principais habitantes se apressem em visitá-lo; foi o que me succedeu anteriormente em Vila Rica, Vila do Príncipe e várias aldeias. Êsse costume, baseado em um sentimento de boa-acolhida, tem para o viajante a vantagem de fazê-lo conhecer, desde os primeiros momentos de sua chegada, os homens que podem mais facilmente prestar-lhe serviços; mas, quando regresssei do Brasil os habitantes de várias cidades haviam já, se não me engano, renunciado a essa praxe, magoados pela negligência ou grosseria inata de alguns estrangeiros que não souberam corresponder às gentilezas recebidas. Foi assim que à chegada de D. João VI a má conduta dos Portuguezes da Europa

tornou o povo do Rio de Janeiro menos hospitaleiro do que se mostrava até então.

Parece que os mais antigos habitantes do Tejuco foram aventureiros paulistas que, tendo encontrado muito ouro nessa região, aí se fixaram até ao comêço do século passado. Um dos primeiros sítios onde êles fizeram descobertas foi num pequeno regato que corre sôbre o monte onde hoje se acha a aldeia. As margens dêsse regato eram pantanosas e foi isso que fez dar ao lugar o nome de **Tejuco** (8), que significa barro, na língua dos índios. Os terrenos das vizinhanças do regato são firmes mas o nome de Tijuco persistiu na aldeia principal do Distrito dos Diamantes.

Não se dá ao Tijuco outro nome além de **arraial** (9); entretanto a população dessa **aldeia**, já que é assim chamada, eleva-se a cêrca de 6.000 almas, e o número de casas é de cêrca de 800. Provavelmente, para impedir ao clero de assumir grande importância no Distrito dos Diamantes (10), não se quis mesmo elevar Tijuco à categoria de cabeça de paróquia, e, ao tempo de minha viagem ela não era senão humilde sucursal dependente de Vila do Príncipe (11).

(8) SOUTHEY e outros estrangeiros escreveram **Tejuco**; mas eu acredito dever me cingir à maneira de escrever de 2 geógrafos nacionals — PIZARRO e CAZAL, que a verdadeira palavra da língua-geral é **Tyjuca**.

(9) Já expliquei a significação dessa palavra em minha **1.ª Relação**.

(10) Sábios viajantes dizem que, para paralisar a influência dos Eclesiásticos no Distrito dos Diamantes, POMBAL proibiu se formasse aí uma diocese e que em consequência, Tijuco pertence ao bispado de Vila do Príncipe. A palavra diocese foi sem dúvida posta nessa passagem em lugar do vocábulo paróquia, pois que não há bispado na Vila do Príncipe e esta faz parte, como se sabe, da Diocese de Mariana.

(11) Em 1819 Tijuco passou a cabeça de paróquia. **Piz.**

Antes mesmo de chegar a essa bonita aldeia o viajante fica bem impressionado, vendo os caminhos que a ela vão ter. Até a uma certa distância os caminhos tinham sido reparados (escrito em 1817) pelos cuidados do intendente e por meio de auxílios particulares. Ainda não tinha visto tão belos em nenhuma parte da província.

Tijuco é construída sôbre a encosta de uma colina cujo cume foi profundamente cavado pelos mineradores. Ao pé dessa colina corre, em um vale demasiadamente estreito, um regato que tem o nome de Rio S. Francisco. Do outro lado do vale outeiros extremamente áridos fazem face à aldeia, e apresentam por todos os lados rochedos de um pardo escuro, no meio dos quais cresce um relvado cuja côr difere pouco (quando de minha viagem), da dos próprios rochedos. A verdura dos jardins da aldeia contrasta, como mostrarci, com êsses tons sombrios; e, seja ao chegar a Pinheiro, seja chegando ao **serviço** de Curralinho, avista-se uma palmeira, que, plantada num dêsses jardins, domina tôdas as casas e forma acima delas uma elegante coroa.

As ruas de Tijuco são bem largas, muito limpas, mas muito mal calçadas; quase tôdas são em rampa; o que é consequência do modo em que a aldeia foi colocada. As casas construídas umas em barro e madeira, outras com **adôbes** (12), são cobertas de telhas, brancas por fora e geralmente bem cuidadas. A cercadura das portas e das janelas é pintada de diferentes côres, segundo o gôsto dos proprietários e, em muitas casas

(12) Espécie de tijolo de que já falei em minha **1.ª Relação**, vol. II, pág. 77. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 73, da Coleção **Brasiliana**).

as janelas teem vidraças. As rótulas que tornam tão tristes as casas de Vila Rica, são muito raras em Tijuco, e os telhados aquí não fazem abas tão grandes para fora das paredes. Quando fiz minhas visitas de despedida, tive ocasião de entrar nas principais casas de Tijuco e elas pareceram-me de extrema limpeza. As paredes das peças onde fui recebido estavam caídas, os lambrís e os rodapés pintados à imitação de mármore. Quanto aos móveis eram sempre em pequeno número, sendo em geral tamboretos cobertos de couro cru, cadeiras de grande espaldar, bancos e mesas.

Os jardins são muito numerosos e cada casa tem, por assim dizer, o seu. Neles vêem-se laranjeiras, bananeiras, pessegueiros, jaboticabeiras, algumas figueiras, um pequeno número de pinheiros (**Araucaria brasiliensis**) e alguns marmeleiros. Cultivam-se também couves, alfaces, chicórea, batata, algumas ervas medicinais e flores, entre as quais o cravo é a espécie favorita. Os jardins de Tijuco pareceram-me geralmente melhor cuidados que os que havia visto em outros lugares; entretanto êles são dispostos sem ordem e sem simetria. De qualquer modo resultam perspectivas muito agradáveis dessa mistura de casas e jardins dispostos irregularmente sôbre um plano inclinado. De várias casas vêem-se não sómente as que ficam mais abaixo, mas ainda o fundo do vale e os outeiros que se elevam em face da vila; e não se poderá descrever bem o efeito encantador que produz na paisagem o contraste da verdura tão fresca dos jardins com a côr dos telhados das casas e mais ainda com as tintas pardacentas e austeras do vale e das montanhas circundantes.

Apesar de ser cabeça do Distrito dos Diamantes o lugar foi durante muito tempo uma sucursal; entretanto contam-se aí sete igrejas principais e duas capelas. Todos êsses edifícios são pequenos mas ornamentados com gôsto e muito limpos. Por cima da porta das igrejas há uma tribuna onde ficam os músicos quando se celebram missas solenes. Várias igrejas possuem um pequeno órgão, construído na aldeia; há também as que possuem belos ornatos e são muito ricas em prataria. As mais bonitas são as de Santo Antônio, S. Francisco e do Carmo. Excetuada a primeira, que é sucursal, tôdas as outras foram construídas pelas irmandades; são por elas mantidas e na maioria dispõem de um capelão, mantido pelos irmãos. Quanto à sucursal, na ocasião de minha viagem, achava-se dotada de um padre que recebia um salário fixo do cura de Vila do Príncipe; e êste último tinha um procurador a que cada fiel remetia a retribuição que há costume pagar pela páscoa. Os negros da costa da África teem uma igreja, a de N. S. do Rosário; os negros crioulos teem uma outra, e os mulatos por sua vez teem a dêles. A dos negros africanos não é menos bela; êles celebram festas da padroeira com muita solenidade e todos os confrades, que são muito numerosos, esforçam-se por economizar cada um 600 réis por ano para oferecer à sua igreja. Uma santa preta se vê sôbre o altar-mor de N. S. do Rosário, rodeada por santos negros nos altares laterais. Os bens da igreja do Rosário são administrados por brancos e êles teem o cuidado de reaver em grosso o que os negros lhes roubaram a varejo, dizia um homem de espírito.

Como não são permitidos os conventos em tôda a província, não seria de esperar existisse algum no

Tijuco; entretanto existe aí um asilo onde se educam moças e outro de frades da ordem terceira de S. Francisco, encarregados de recolher as esmolas que os fiéis consagram ao Santo Sepulcro. Na ocasião de minha viagem havia apenas dois frades nesse último asilo.

Aí por 1787 um eremita, tendo excitado a caridade dos fiéis, reuniu esmolas muito abundantes para fundar um hospital. Ele adquiriu uma casa em um local muito arejado e dotou o estabelecimento dos objetos necessários. O eremita esmolava; êle estimulava o orgulho dos habitantes e o hospital durou enquanto seu fundador permaneceu no Tijuco. Mas êsse útil cidadão, tendo-se aborrecido com certos atos das autoridades locais, retirou-se; as esmolas tornaram-se menos abundantes e o hospital foi abandonado. Aquí é mais difícil que na Europa fundar estabelecimentos de beneficência capazes de subsistir muito tempo. Sustentados por donativos diários tais estabelecimentos devem ter vida precária. E, qual é aquí a natureza de fundos sólidos? Os escravos teem curta existência. Na Europa as propriedades territoriais são justamente consideradas como as mais seguras; na região das Minas elas nada valem. No seio de um povo quase nômade, as casas também perderam seu valor; e o infeliz sistema de agricultura introduzido em Minas Gerais destruiu rapidamente as fazendas (13) situadas na parte menos deserta desta província. Aliás as fazendas só raramente produzem, administradas que são por feitores pouco interessados em cumprir seus deveres; doutro lado, onde encontrar homens que queiram arrendar terras, quando se pode fixar, sem retribuição

(13) As fazendas são, como disse em minha 1.^a Relação, propriedades rurais de alguma importância.

alguma, nos terrenos alheios, quando com poucos gastos pode-se tornar proprietário?

Existem em Tijuco vários edificios públicos, tais como o quartel, a cadeia, a sede da administração (contadoria) e a da intendência; mas êsses edificios nada oferecem de notável.

A casa da administração, cuja fachada é regular, pode ter de 50 a 55 passos de comprimento. E' lá que trabalham os empregados e é onde são guardados os valores; o primeiro tesoureiro aí reside e a junta realiza suas sessões em uma das salas.

Outrora os intendentes moravam dentro da aldeia, mas a intendência geral é situada fora. E' uma casa grande e muito cômoda, construída sôbre um outeiro, de onde se avista uma parte do Tijuco, o vale que se estende abaixo da povoação e os rochedos que lhe ficam em frente. A sede da intendência possui talvez a mais bela varanda que existe em toda a província. Essa casa possui um vasto cercado plantado de laranjeiras e jaboticabeiras. O solo dêsse pomar fôra outrora trabalhado pelos mineradores, e despojado de sua terra vegetal tornou-se de extrema esterilidade; mas o intendente aduba-o fazendo transportar para aí, diariamente, o lixo da aldeia.

As águas que se bebem em Tijuco são excelentes; são fornecidas por pequenas fontes que nascem na própria montanha onde é construída a aldeia. Existem chafarizes em grande número de casas, além de 3 públicos, sem ornamento algum. Um riacho denominado Rio das Pedras teve suas águas desviadas para a povoação, mas, como suas águas não são de boa qualidade apenas servem para a lavagem de roupas e irrigação de jardins.

Há diversas praças públicas em Tijuco, mas são tão pequenas e irregulares que apenas merecem o nome de encruzilhadas.

As lojas dessa aldeia são providas de tôda sorte de panos; nelas se encontram também chapéus, comestíveis, quinquilharia, louças, vidros e mesmo grande quantidade de artigos de luxo, que causam admiração sejam procurados a uma tão grande distância do litoral. Essas mercadorias são quase tôdas de fabricação inglesa (1817) e são vendidas em geral por preços muito módicos, tendo-se em vista a distância e a dificuldade de transportes. A Baía fornece alguns artigos, mas como essa cidade está a cêrca de 240 léguas de Tijuco e como a estrada oferece pouca comodidade aos viajantes, faltando mesmo em alguns lugares, é com o Rio de Janeiro que os comerciantes de Tijuco mantêm suas relações comerciais mais importantes. Contam-se 134 léguas desta bonita povoação à capital do Brasil, e se os caminhos são bem mais difíceis que os da Baía ao menos encontram-se ranchos em distâncias bem mais próximas. Em troca das mercadorias que Tijuco recebe dos portos a aldeia fornece uma parte do numerário que o govêrno aí espalha cada ano nos ordenados dos empregados, o ouro que se extrai das minas das vizinhanças, e os diamantes que passam em contrabando.

Os arredores de Tijuco apresentam um solo árido e não produzem nem mesmo os gêneros necessários à subsistência dos habitantes. Entretanto é possível que se se adotasse nessa região um sistema de agricultura mais racional, se se introduzisse a prática dos pastos artificiais, se se cuidasse de criar maior quantidade de

gado, fazendo-se a parcagem (14), enfim empregando-se a charrua, podia-se cultivar, em vários pontos do Distrito, o centeio, os feijões, outros grãos miúdos e talvez mesmo a cevada. Mas, enquanto se persistir em seguir a prática usada atualmente em tôda a Província não se tirará nenhum partido das terras dos arredores de Tijuco.

Os víveres que aí são consumidos, tanto pelos habitantes da aldeia como pelos negros empregados na pesquisa dos diamantes, veem de 10, 15, 20 e 25 léguas de distância; principalmente de Rio Vermelho, Penha, Arassuaí etc., e sobretudo de Peçanha (15), e pode-se dizer com segurança que é a existência de Tijuco e por consequência a extração dos diamantes que entreteem uma ligeira abastança entre os agricultores dessas diferentes povoações.

Incessantemente vêm-se chegar a Tijuco caravanas de burros carregados de mercadorias e víveres. Há na localidade três hospedarias onde param os tropeiros; mas os grãos, a farinha de milho e a mandioca, não podem ser vendidos senão em uma delas, situada na praça da Intendência. A frente dessa hospedaria forma uma galeria onde são depositadas as mercadorias de que se trata, e que pode ser considerada como uma espécie de mercado. E' mesmo o único que existe em tôda a Província. Certas casas dedicam-se especialmente à venda do toucinho e da carne sêca.

O distanciamento em que Tijuco se encontra dos lugares que o aprovencionam e a aridez de seus arre-

(14) N. T. — Parcagem é um sistema de adubação que consiste em pascentar pequenos animais em cercados móveis, de modo a, pouco a pouco, obter a fertilização do solo pelos excrementos aí deixados pelos animais.

(15) Já me referi a êsses lugares em minha 1.^a Relação.

dores, tornam os principais víveres aí geralmente mais caros que em tôdas as outras partes da Província. Assim a farinha de mandioca era vendida em fins de Setembro de 1817 a 750 réis o alqueire (4 f. 68 c.); o milho a 600 réis (3 f. 75 c.); o arroz a 1.800 réis (11 f. 24 c.); o toucinho a 8 patacas (16 f.) a arroba; o feijão a 900 réis (5 f. 62 c.) o alqueire e o frango a 150 (95 c.). Como os arredores de Tijuco não apresentam senão uma região descoberta onde crescem sómente arbustos, a lenha não é menos cara que os víveres e, quando de minha viagem, era preciso pagar um vintém (20 c.) por um pequenino feixe. As forragens são ainda mais caras que a lenha. Nos arredores a pastagem é excessivamente magra, sendo preciso ir buscar longe a erva com que se nutrem os cavalos e burros. São negros que as vão procurar e as vendem por conta de seus donos. Eles fazem feixes de 7 a 8 palmos que transportam nos ombros e que são vendidos (Set. 1817) a 150 réis (95 c.) a carga de 2 feixes, apenas suficientes à alimentação de um burro durante um dia. Alguns habitantes que querem ter sempre animais de cocheira, cultivam em seus quintais algumas espécies de gramíneas vivazes que, nos terrenos pouco adubados, dão até cinco cortes (16).

Tijuco acha-se situada a 18°14'3" de latitude S. (17) e a uma altitude de 3.715 pés acima do nível do mar, segundo observações do Sr. ESCHWEGE. O

(16) Entre elles o capim colônia (*Panicum maximum* var. B. Mart. et Nees, Agrost. 166) que não me pareceu natural da região e cujos caules ramificados e de 3 a 4 pés de altura nascem em tufos. Não quero afirmar que entre as Gramíneas cultivadas em Tijuco para forragem, não existam anuais; entretanto acredito que só cultivam as vivazes.

(17) Esta posição foi determinada pelos matemáticos portuguezes citados em *Brasilien Neue Welt*. Pizarro indica 18° 6'.

ar que aí se respira é absolutamente puro, a temperatura é amena mas muito variável. Durante os meses de Outubro e Novembro, que são ordinariamente os mais quentes do ano, o termômetro sobe geralmente a 80° Fahr. (26,66 c.), sendo a média de 70° a 72° Fahr. (21,11 a 22,22 c.). Durante êstes dois meses as trovoadas são muito frequentes e sempre trazidas por ventos do quadrante norte. Alí por meados de Janeiro há uma quinzena de dias de bom tempo e de um calor muito grande, tendo êsse curto intervalo o nome de **veranico** (verão pequeno). O mês de Junho é o menos quente do ano e, durante êsse mês, o termômetro desce a 44° Fahr.

O calor moderado que faz em Tijuco torna raros a lepra e a elephantiasis, enquanto que a inconstância da temperatura multiplica as gripes e bronquites. Outras afecções mórbidas são comuns no Distrito dos Diamantes; mas não é ao clima que devemos atribuí-las; elas são oriundas dos vícios e costumes dos moradores da região. Assim em Tijuco, como em tôdas as partes da Província, a hidropsia, frequente entre as pessoas de côr, é resultado da sua paixão pela aguardente de cana. O uso prematuro dos prazeres do amor, e uma vida muito sedentária são as principais causas das moléstias nervosas que, muito frequentemente, atingem os homens livres. Enfim, o grande número de doenças venéreas, que ocorrem aquí como no resto do Brasil, explica-se pela libertinagem a que tôdas as classes da sociedade se entregam exageradamente.

O clima temperado da capital do Distrito dos Diamantes é propício às produções européias, e várias plantas do nosso país, tais como a **Urtica dioica** L. e o

Verbascum blattaria L., cujas sementes terão sem dúvida vindo no meio das de legumes, estão, por assim dizer, naturalizadas nas ruas de Tijuco. Os pessegueiros, as figueiras, os marmeleiros, produzem bons frutos nos pomares desta aldeia; mas em compensação as bananeiras, amigas do calor, aí se desenvolvem mal e tem geralmente caules menos vigorosos que nos outros lugares. O capim Angola (**Panicum spectabile** Mart. et Nees) (18) não floresce em Tijuco, enquanto que em Rio Manso, a poucas léguas de distância mas em muito menor altitude, êle frutifica bem. A temperatura de Tijuco, mais baixa que a de Rio Manso, explica facilmente essa diferença; e é provavelmente a mesma causa que permite a cultura do repólho em Tijuco enquanto que êle não medra em Rio Manso. Entretanto se o clima da capital do Distrito dos Diamantes é muito temperado para que o capim Angola aí dê sementes, doutro lado parece plausível seja uma razão oposta que impede o trevo e a alfafa de frutificar em Tijuco. Essas Leguminosas foram várias vezes semeadas pelo Sr. DA CÂMARA, cresceram mas não produziram sementes. Sem dúvida aquí as causas do desenvolvimento das partes herbáceas são tão poderosas que elas prejudicam a formação das sementes. A batata inglesa prospera mais ou menos bem em Tijuco, plantada em tôdas as estações do ano. Também cultivam o aspargo, como em outras parte da província, porém apenas pela elegância da folhagem afim de misturá-la nos ramalhetes de flores.

(18) Talvez seja útil fazer novas pesquisas para verificar se várias espécies não serão cultivadas sob o nome de capim Angola.

Segundo me disse o Sr. DA CÂMARA, o tempo da sêca é mais favorável aos legumes da Europa, desde que se tenha o cuidado de irrigá-los. Entretanto, acrescentou-me êsse mesmo observador, não adianta regar as plantas do país, porquanto elas não progridem com isso. E' fácil de explicar essa diferença que à primeira vista parece bizarra. Durante a sêca os legumes europeus encontram uma temperatura análoga à de seus países de origem; êles não devem produzir frutos tão facilmente quanto na estação quente e as regas suprem a umidade, único elemento que lhes falta para o fenômeno da vegetação. Ao contrário, se as plantas indígenas não produzem em tempo sêco mau grado as irrigações artificiais, é porque sua vegetação é paralisada por um frio relativamente mais importante que a falta d'água. Na verdade, na parte de Minas Novas situada além da Vila do Fanado, encontrei constantemente em Junho e Julho verdura à margem dos riachos e lagoas, enquanto tudo nos arredores se achava dessecado; mas é preciso lembrar que a temperatura da região muito baixa das **catingas** é bem diferente da de Tijuco, e que sem haver frio, eu podia, nesta região, dormir numa galeria aberta, no mês de Junho, o que não me foi possível na mesma época no Distrito dos Diamantes (19).

Em Tijuco os pessegueiros perdem completamente suas folhas durante o mês de Setembro, florescendo logo depois e em seguida cobrindo-se de nova folhagem. As macieiras, pereiras, marmeleiros renovam suas folhas e florescem à mesma época que os pessegueiros, mas não ficam, disseram-me, completamente

(19) Ver minha **1.ª Relação**, II, pág. 113 e seguintes. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 101, da Coleção **Brasiliana**).

desfolhados. Essa diferença parece à primeira vista bastante singular; entretanto ela se explica facilmente pela diferença que existe entre os botões do pessegueiro e os da macieira, pereira etc. No pessegueiro, com efeito, os botões florais, distintos dos botões foliares, aparecem primeiro; nos marmeleiros, macieiras, pereiras os botões contem ao mesmo tempo folhas e flores. A folhagem antiga cai, e, imediatamente depois desenvolvem-se os botões; como no pessegueiro os primeiros botões dão sómente flores, as árvores ficam algum tempo sem folhas, enquanto que os botões dos marmeleiros etc., produzindo simultaneamente folhas e flores não permitem que estas últimas espécies fiquem sem verdura.

Vê-se pelo que precede que a foliação de nossas árvores frutíferas dura todo o ano e que uma circunstância estranha à essência de sua vegetação, reduziu essa foliação a seis meses. Vê-se mais que passando a um outro hemisfério essas mesmas árvores modificaram as fases de sua vida vegetal e adotaram, se assim posso expressar-me, os hábitos das espécies indígenas. Não poderei dizer se essa mudança operou-se de uma vez ou se se operou paulatinamente (20); mas, o que é notável é que no hemisfério austral nossas árvores frutíferas modelaram a série dos fenômenos de sua vegetação em função do curso do sol, como acontece no nosso hemisfério, e que a época de sua floração é determinada nos dois hemisférios pela volta do sol na direção do trópico mais próximo. Não po-

(20) Observações manuscritas, de que tomei conhecimento após haver escrito o que precede, e que são devidas ao Sr. DE GESTAS, tendem a provar que a mudança de que falo operou-se de modo brusco.

derei, acredito, explicar uma mudança tão extraordinária; mas, se ela não se tivesse dado, nossas árvores, nas poucas partes do Brasil onde creio possam prosperar, não teriam obtido para a maturação de seus frutos a quantidade de calor que lhes é necessária. O que é certo é que sem isso não se teriam conhecido os pêssegos etc., nem na Província do Rio Grande, nem na região elevada dos Diamantes, nem na Província Cisplatina (21).

Aliás não foram sómente as árvores frutíferas da Europa que sofreram modificações no curso de sua vegetação na América Meridional. As plantas ornamentais cultivadas nos nossos jardins e transportadas a Tijuco, tais como os cravos, o botão de ouro, a saudade, a margarida, o amor-perfeito, florescem principalmente nos meses de Outubro e Novembro, e parece que mudando as fases dos seus ciclos as diferentes espécies continuaram a manter os mesmos intervalos entre as respectivas épocas de floração; porque é em Setembro que a anemona floresce e em Agosto a violeta (22).

Minha tarefa não estaria perfeita se, após ter dado a conhecer a situação da capital do Distrito dos Diamantes, seu clima, seus edifícios públicos, eu não dissesse qualquer cousa a respeito dos habitantes desta bela aldeia. Em tôda a província de Minas encontrei homens de costumes delicados, cheios de afabilidade e hospitaleiros; os habitantes de Tijuco não possuem

(21) Em outro lugar darei a tudo quanto digo sôbre êsse assunto desenvolvimento indispensável.

(22) Sente-se que para as plantas anuais é a época da sementeira que deve determinar a da floração; mas a escolha dessa época é necessariamente hoje o resultado da experiência.

tais qualidades em menor grau, e, nas primeiras classes da sociedade elas são ainda acrescidas por uma polidez sem afetação e pelas qualidades de sociabilidade. Encontrei nesta localidade mais instrução que em todo o resto do Brasil, mais gôsto pela literatura e um desejo mais vivo de se instruir. Vários moços (1818), cheios de nobre entusiasmo, aprenderam o francês, sem terem mestres; conhecem nossos melhores autores e alguns mesmo, praticando muito entre si, chegaram a falar nossa língua de modo inteligível com o auxílio único de uma gramática muito mal escrita. Os habitantes de Tijuco são principalmente notáveis na arte caligráfica e podem a êsse respeito rivalizar com os mais hábeis ingleses. Tanto quanto pude julgar êles não são menos hábeis na arte musical que os outros habitantes da Província, e úa missa cantada que assisti na Igreja de S. Antônio não me pareceu inferior à que assisti alguns meses antes na Vila do Príncipe (23). Pouco tempo antes de minha partida, pedi licença à Sra. MATILDE DA CÂMARA para ofertar-lhe um caderno de músicas. Logo após o Intendente ofereceu-me um concerto em que figuravam lindas variantes sôbre uma ária do caderno.

Após o que hei dito sôbre os recursos de Tijuco não se deve admirar se se acrescentar que aí reina um ar de abastança que não havia observado em nenhuma outra parte da Província. As casas são conservadas com cuidado; os brancos são geralmente bem trajados e as mulheres brancas que tive ocasião de ver não o eram menos. Mas é preciso dizer: os habitantes de

(23) Vide minha 1.^a Relação, vol. I, pág. 347. (Corresponde ao Volume 126, pág. 294, da Coleção **Brasilliana**).

Tijuco não fogem a êsse caráter de imprevidência que infelizmente tanto distingue os brasileiros; êles gastam à medida que recebem e frequentemente os empregados da administração diamantina morrem endividados, apesar de seus ordenados serem consideráveis.

E' falso entretanto que haja em Tijuco, como pretende JOHN MAWE (24), mais mendigos que em outras povoações, e pode-se mesmo dizer que aí se encontram indivíduos andrajosos mais raramente que em Vila Rica e Vila do Príncipe. Os homens de nossa raça acham meios de se empregarem na extração dos diamantes como feitores, ou nas lojas como caixeiros e as pessoas de côr exercem os outros vários serviços. Um carpinteiro ou pedreiro ganha por dia 300 rs. (cêrca de 1f. 98c.) com alimentação e os mestres de obras 600 rs. (cêrca de 3f. 86c.).

A primeira cousa que seduz um operário em Tijuco, quando êle consegue economizar algum dinheiro, é arranjar um escravo; e, tal é o sentido de vergonha dado a certos trabalhos que, para pintar a pobreza de um homem livre, diz-se que êle não dispõe de ninguem para ir buscar-lhe um balde d'água ou um feixe de lenha.

A compra de escravos é também para grande número dos habitantes de Tijuco, um meio fácil de valorizar seus capitais; êles alugam à administração dos diamantes os escravos de que se tornam proprietários, e por êsse meio retiram de seu capital juros de cêrca de 16%. Mas dêsse modo êles põem seus valores em fundo morto e nada deixam aos seus herdeiros.

24) *Travels in the interior of Brazil*, 229.

E' principalmente da Baía que veem os escravos que se vendem em Tijuco e seus arredores. Pode-se comprá-los por menor preço no Rio de Janeiro, e a distância não é tão grande, mas observou-se que há menor número de mortes no caminho da Baía, que atravessa vastas planícies muito quentes, que no do Rio de Janeiro, que sendo montanhoso, sombrio, fresco e úmido, deve ser mais nocivo à saúde dos negros recém-chegados da costa da África.

CAPÍTULO III

EXCURSÕES NOS ARREDORES DE TIJUCO. — NOVOS DETALHES SÔBRE OS DIAMANTES. — ACIDENTE COM O AUTOR.

Aspecto de Tijuco do lado sul. — Serviço de Curralinho. — Rochedo da Linguixa. — Serviço do mesmo nome. — Serviço de Matamata. — O que é um **bicame**. — Divisões do trabalho de extração de diamantes segundo as estações do ano. — Descrição dos **hangars** sob os quais se faz a lavagem dos diamantes. — Detalhes sôbre essa operação. Volta ao **serviço** de Linguixa. — Pormenores sôbre êsse **serviço**; roda a **chapelet**. — Passeio a Bandeirinha. — O Autor segue rumo às forjas do Bomfim. — Resto de antiguidades indígenas. — Acidente com o Autor. O Autor é transportado a Tijuco. — Interêsse que lhe testemunham os habitantes desta aldeia. — Opinião do médico do Distrito dos Diamantes sôbre os remédios empregados pelos agricultores na cura das moléstias venéreas. — O caráter do Sr. DA CÂMARA, Intendente dos Diamantes.

Aproveitei minha estada em Tijuco para ir visitar vários **serviços**.

Acompanhado pelo filho do Intendente e por um moço a quem êsse magistrado dedicava muito afeto, segui, ao sair da aldeia, um caminho muito bonito e bom, graças aos cuidados do Sr. DA CÂMARA. Deste lado, que é o do sul, Tijuco apresenta um aspecto ainda mais agradável que o da parte setentrional. A maioria das casas mostram-se umas abaixo das outras, entremeiadas de pomares e pastagens artificiais, e a

palmeira de que falei, coroa todo êsse conjunto.

A região montanhosa que logo atravessámos é bastante acidentada. Desde logo não se vê senão um areial branco, semeado de rochedos e as árvores que crescem aquí e acolá teem pouco vigor. Entretanto o solo torna-se pouco a pouco menos árido e os arbustos, mais próximos uns dos outros, terminam por formar **carrascos** cuja vegetação extremamente variada produz agradável efeito. Não se vê aquí a mimosa (**Mimosa dumetorum** Aug. de St. Hil.) que caracteriza os carrascos dos planaltos argilosos de Minas Novas; aquí são as Mirtáceas que dominam; mas, infelizmente, na época de minha viagem a sêca era extrema e não encontrei senão um pequeno número de plantas em flor.

Tendo caminhado durante algum tempo, atravessámos o rio S. Francisco, que, reunido a alguns outros pequenos regatos toma o nome de **Junta-Junta**. Enfim, ao passarmos por uma moradia muito importante, chegámos a um **serviço de diamantes**, chamado **serviço do Curralinho** (1), porque aí havia outrora um cercado para animais. As casas dos negros e dos feitores, semelhantes às de Rio Pardo, são construídas sem ordem, à margem de um riacho, também chamado **Curralinho**. Êste riacho não fornece mais diamantes; entretanto ainda se descobrem pedras preciosas fora de seu leito, a pouca distância de suas margens. Não havia ninguém em Curralinho quando aí passámos; os negros dêste serviço haviam sido enviados aos de **Linguixa** e de **Mata-Mata**.

(1) Já expliquei a significação da palavra **curral**, em minha **1.ª Relação**, vol. II, pág. 319. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 262, da Coleção **Brasileira**).

Após deixarmos Currealinho subimos por instantes um ligeiro declive e logo nos encontrámos à beira de profunda garganta. O rochedo sôbre o qual nos achavamos tem o nome de **Linguixa**, que êle empresta ao **serviço** colocado logo abaixo. Rochedos altos e desiguais, compostos de pedras nuas e de côr parda, desenham os contornos da garganta que estava sob nossas vistas. A rocha que se apresentava à esquerda termina por um cume largo e arredondado; as outras tem forma muito mais irregulares. Para chegar ao fundo da garganta, entrámos em uma ravina muito escarpada, que se segue ao declive do rochedo de Linguixa e descreve longas curvas. À direita e à esquerda havia rochas a pique, entre as quais crescem apenas alguns arbustos; e, um pouco acima da parte mais baixa da garganta avistámos as casas dos negros e dos feitores, que, de longe, nos pareceram tôdas construídas sôbre uma espécie de planalto.

Descendo sempre, chegámos enfim ao **serviço** e vi que as casas que o compõem não são absolutamente construídas sôbre o mesmo nível; mas que várias delas se elevam ao meio de rochedos, colocadas cada uma sôbre uma pequena plataforma separada. As casas que há muito pertencem ao **serviço** são construídas de terra e cobertas de capim; as que foram recentemente construídas pelos trabalhadores vindos provisoriamente de Linguixa não passavam de palhoças feitas com folhas de palmeiras. Do lugar onde se acham situadas as casas do **serviço** avistámos o fundo do vale, onde não se vê nenhuma vegetação, nenhuma verdura. De todos os lados imensos rochedos talhados a pique enquadram um vale estreito, parecendo separá-lo do resto do universo. Os revolvimentos e a desordem

causados pelos trabalhos necessários à extração dos diamantes emprestam a esses lugares um aspecto ainda mais agreste e selvagem. Ao fundo do vale corre um regato chamado Ribeirão do Inferno; seu leito foi posto a sêco, sendo suas águas desviadas para um canal artificial, muito acima do leito verdadeiro; grandes pedras que os trabalhadores haviam deslocado com dificuldade jaziam esparsas aqui e acolá; enfim, de todos os lados viam-se montes de terra e montões de cascalho. Entretanto um grande número de negros que aí circulavam ativamente, cantando alegremente, davam vida a estes tristes lugares, em montanhas que se não encerrassem tesouros em seu seio, seriam apenas frequentadas por alguns animais selvagens.

Como já era tarde, não nos detivemos no **serviço** de Linguiça, onde devíamos voltar no dia seguinte, e nos dirigimos ao de **Mata-mata** (2), seguindo no vale um caminho paralelo ao ribeirão do Inferno, e um pouco acima de seu leito. À esquerda e à direita esse caminho é bordado de arbustos cuja folhagem, de um verde agradável, contrasta com a côr escura dos rochedos próximos. Caminhámos pouco tempo e chegámos a uma espécie de "plateau", cercado por todos os lados por enormes rochas nuas e a pique. E' aí que ficam as casas do **serviço** de Mata-mata, construídas sem ordem e ainda do mesmo tipo das de Rio Pardo.

Fomos recebidos pelo administrador, que nos tratou com as maiores atenções. Era quase noite quando chegámos a Mata-mata e sómente no dia seguinte

(2) Quando se descobriram diamantes nesse lugar, o povo para aí se precipitou em massa; conflitos estouraram, donde vem o nome de Mata-mata. SPIX et MARTIUS, *Reise*, I, pág. 452

pudemos visitar o **serviço**. Durante o dia o calor esteve excessivo e se fazia mister muito mais ainda nesse vale profundo onde os rochedos refletiam por todos os lados os raios do sol.

Ao nascer do dia fui acordado pelo ruído do tambor que tôdas as manhãs chama os negros ao trabalho. As tropas que haviam trabalhado ocasionalmente em Mata-mata, iam regressar aos diferentes serviços a que pertenciam. Quando me levantei os negros e os feitores punham-se em marcha, e tudo em tórno de nós apresentava um ar de atividade a que não se está acostumado nesta região.

Iamos ver primeiro o lugar onde haviam tirado o cascalho nesse ano e que se achava a pouca distância do "plateau" onde estavam as palhoças do **serviço**. No meio do leito do riacho que ainda é aqui o ribeirão do Inferno haviam construído um largo dique para deter as águas em seu curso e desviá-la de seu leito costumeiro. Como os rochedos que margeam o riacho não permitiam cavar no próprio terreno um leito artificial, foi preciso recorrer a um outro meio. Um canal inclinado, construído com táboas tinha sido erigido sobre pilastras à margem do pequeno regato; media 400 palmos de comprimento, 12 de largura e quase outro tanto de altura. Era êsse canal que recebia tôdas as águas do riacho e tornava a despejá-las em seu leito natural, para além do espaço onde haviam extraído o cascalho durante o tempo da sêca. Uma roda d'água, posta em movimento pelas águas assim captadas, elevava as que, filtrando através das terras, estagnavam-se na parte do riacho que se queria deixar a sêco; assim nada molestava os trabalhadores.

Esse gênero de canal artificial que acabo de descrever tem o nome de **bicame**, e o lugar onde o cascalho foi tirado tem o nome de **cata**. Os bicames são sempre construídos com tábuas; as do canal de Mata-mata, calafetadas com estôpa tirada da árvore chamada **imbirussú**, não deixam escapar entre elas uma só gota d'água. Quando o trabalho termina há grande cuidado em guardar as tábuas para o ano seguinte, porque a raridade da madeira nesta região não permite desperdícios.

Quando visitámos Mata-mata estava terminada a extração do cascalho, composto, como em Linguíça, de uma mistura de areia e calhaus; o canal e dique iam ser desmontados, retomando o riacho seu leito ordinário. Entrementes os negros do serviço ocupavam-se em carregar em grandes gamelas o cascalho que estava sendo tirado do ribeirão do Inferno, transportando-o a um lugar próximo àquele em que devia ser feita a lavagem.

Em geral o trabalho da exploração dos diamantes nos riachos se faz em dois tempos e em duas épocas diferentes. Durante a estação da sêca, em que naturalmente as águas devem ser menos abundantes e em que se pode governá-las mais facilmente, retira-se o cascalho do leito dos rios; depositam-no em montes na estação das chuvas e cuida-se de lavá-lo e procurar os diamantes que pode conter. Há **serviços**, como disse, onde o cascalho não se tira mais do leito dos regatos, já esgotados, mas onde êle é extraído dos terrenos vizinhos. Este trabalho, mais fácil, pode ser feito em qualquer estação do ano. Frequentemente para extrair uma maior quantidade de cascalho dos riachos que ainda não estejam esgotados reúnem-se

às tropas habitualmente postadas à margem dos regatos as que tiram cascalho da terra e à aproximação das chuvas fazem-nas voltar a seu trabalho costumeiro. Era o que vinha de acontecer às que havíamos visto partir de Mata-mata.

Após haver deixado os lugares que acabo de descrever, seguimos para o sítio onde o cascalho devia ser lavado. Este trabalho é feito sob galpões de 48 a 50 palmos, cuja cobertura, de capim, desce mais baixo de um lado que do outro. Do lado onde a cobertura se prolonga mais acham-se os canais destinados à operação da lavagem. Cada um dêles se compõe de 3 tábuas, sendo uma horizontal, o fundo, e as duas os lados. Sob cada galpão há 24 canais colocados uns ao lado dos outros e uma mesma tábua serve simultaneamente a 2 canais diferentes. Êsses canais são ligeiramente inclinados; cada um dêles tem 2 palmos de largura em sua parte mais alta e vai-se alargando um pouco depois dessa parte, até à extremidade inferior. Um conduto de madeira onde a água corre sem cessar acha-se colocado perpendicularmente à extremidade superior dos 24 canais, estando bem junto dêles para que um de seus lados vede essa mesma extremidade. A água passa, por um buraco do conduto, a cada canal, e por meio de uma rôlha fecha-se essa abertura quando é preciso. Para a lavagem do ouro é necessário que a água seja abundante; mas para a dos diamantes basta que ela seja límpida e que permita descobrir essas preciosas pedras no meio dos calhaus.

Não presenciei a operação da lavagem, mas eis o que me explicaram homens que conhecem perfeitamente o assunto. Um negro, colocado em cada canal, o corpo curvado, uma perna avançada, remexe o cas-

calho com sua **alavanca** (3). A água que escapa do conduto dilue a terra misturada aos calhaus e carrega-a para fora. O escravo retira com a mão os calhaus maiores e quando o cascalho está bem lavado procuram-se os diamantes. Durante essa operação os feitores ficam sentados em cadeiras altas, colocadas sob o galpão e diante dos canais, não tirando a vista de sobre os trabalhadores. Um feitor é encarregado de vigiar oito negros, havendo assim 3 dêsses empregados em cada lavagem; mas, quando o cascalho é muito rico admite-se um feitor a mais. Se alguém dirige a palavra a um dêsses rígidos vigias, êle pode responder, mas sem voltar a cabeça. O feitor a quem a monotonia de um tal trabalho levar ao sono, será logo despedido. Do meio do galpão onde se faz a lavagem fica suspensa, como disse já, uma grande gamela ou **batéia**, e logo que um negro acha um diamante êle mostra-o ao feitor e em seguida vai depositá-lo na gamela. A um dos postes que susteem o galpão é fixada horizontalmente uma táboa estreita onde se acha uma caixa redonda contendo tabaco e o negro que encontra um diamante aí vai tomar uma pitada. O trabalho de lavagem causa sono aos operários, mas quando os feitores notam que os escravos estão adormecendo dão-lhes ordem de ir tomar uma pitada de tabaco. Como os negros, se ficassem sempre trabalhando nos mesmos canais, podiam, durante a lavagem, esconder um diamante no meio dos calhaus, para depois roubá-lo, êles são obrigados a passar de tempo em tempo de um canal a outro; além disso são

(3) Instrumento de minerador que descrevi em minha 1.^a **Relação**, vol. I, pág. 244. (Corresponde ao Volume 126, pág. 214, da Coleção **Brasília**).

obrigados a bater a mão direita contra a esquerda; ao fim do trabalho passam-lhe os dedos dentro da boca e submetem-nos a uma busca escrupulosa. Os negros não teem outra roupa, no trabalho de lavagem, além de um pedaço de pano de algodão amarrado ao redor das cadeiras; algumas vezes entretanto, quando o frio se faz sentir, permitem-lhes o uso de um colête; mas é preciso que não tenha dobraduras nem bolsos.

Quando visitei o hangar onde se faz a operação da lavagem, mostraram-me um canal isolado, muito mais largo que os já descritos e onde a água corre com mais abundância. Quando o cascalho é pobre é levado a êsse canal; as terras se destacam mais prontamente que nos pequenos canais de que falei atrás, servindo-se então dêstes últimos para terminar a operação.

Após despedirmos do administrador do **serviço** de Mata-mata, que respondera a tôdas as minhas perguntas com extrema bondade, retornámos ao **serviço** de Linguiça onde não pudemos parar na véspera.

O leito do Ribeirão do Inferno aí tinha sido posto a sêco do mesmo modo que em Mata-mata; mas, como havia aquí bastante largueza entre os rochedos e o regato, para cavar a êste último um leito artificial, não foi preciso construir um **bicame** com táboas, como aconteceu em Mata-mata. Entretanto foi necessário construir um dique (**encerca**), muito alto, para elevar as águas 50 palmos acima de seu leito ordinário. O cascalho tinha 2 a 3 palmos de espessura, e, como a parte do regato que havia sido explorada durante a estação sêca de 1817, achava-se obstruída pelos rochedos, fôra preciso nesse ano realizar trabalhos consideráveis. Os montões de cascalho que vi, tanto em

Linguíça como em Mata-mata apresentam uma mistura de areia e seixos rolados.

Para esgotar as águas que, filtrando-se através da terra, não tardariam em encher a **cata**, empregou-se em Linguíça, de modo idêntico a Mata-mata, uma roda d'água. A máquina estava colocada à margem do leito artificial, paralelamente a êle e acima da **cata**. Uma grande roda era posta em movimento por um jacto d'água que vinha do alto; o eixo prolongado dessa roda atravessava uma outra muito menor, e, à medida que esta girava via-se o "chapelet" desenrolar-se sôbre ela. Esta apresenta uma corrente em que cada elo é atravessado por uma pequena tábua quadrada, da largura de 3 ou 4 polegadas. O "chapelet" passa em um cano de madeira que, formado de quatro tábuas, se estende obliquamente da **cata** até à máquina. A metade do "chapelet" escorrega por fora e por cima do cano e a outra metade por cima do cano. Enquanto a roda gira as tábuas do "chapelet" passam por fora do conduto para o seu interior, entram na água do fundo da **cata**, carregando essa água com elas, fazendo-a subir por todo o cano, à extremidade do qual elas escapam.

Os diques de que falei mais acima, e que não devem subsistir após o tempo da sêca, eram compostos simplesmente de camadas alternadas de folhas e de terra. Mas, quando um dique deve ter uma duração mais longa, é construído com peças de madeira fincadas obliquamente nos rochedos e sustidas elas mesmas por escoras de madeira.

Durante o tempo em que estive em Tijuco, ia visitar uma lavagem de ouro pertencente ao Sr. Venâncio, o moço que me acompanhava a Mata-mata.

Essa lavagem situada a 3 léguas da aldeia, tem o nome de Bandeirinha e para aí chegar nunca saíamos das montanhas. Entre Tijuco e Bandeirinha o terreno é árido e arenoso e não apresenta senão **campos**, compostos de plantas herbáceas. Apesar da extrema secura encontrei em flor cêrca de 30 plantas que ainda não possuía. Eram, entre outras, 2 ou 3 belas Melastomatáceas, 2 Ericáceas, o **Ionidium lanatum** ASH., várias **Polygala**, enfim a encantadora **Declieuxia muscosa** Aug. S. Hil., que se assemelha a um musgo por suas pequenas folhas e seus caules estendidos sôbre o chão.

A lavagem de Bandeirinha, situada à margem de um regato chamado Córrego do Ouro, era no gênero das que se denominam **lavra de grupiara** (4). O **gurgulho** (5) encontra-se quase à flor da terra sôbre encostas pouco inclinadas; êle não é composto de seixos rolados; mas o ouro aí se acha misturado entre pedaços de pedras quebradas e que ainda possuem arestas. Isso prova que em alguma agitação o precioso metal fôra transportado de uma distância pouco considerável; a pedra que lhe servia de jazida foi quebrada, mas os detritos não teriam sido arrastados muito tempo para se arredondarem como os seixos rolados (6). E' fácil concluir-se que isso tenha acontecido a tôdas as **lavras de grupiara**.

(4) Vide minha 1.^a **Relação**, vol. I, pág. 252. (Corresponde ao Volume 126, pág. 221, da **Coleção Brasileira**).

(5) Chama-se **gurgulho** aos detritos de rocha ainda angulosos, no meio dos quais se acha o ouro nas **lavras de grupiara**. O **gurgulho** parece-me, em uma palavra — o **cascalho das grupiaras**.

(6) Os Srs. SPIX e MARTIUS dizem que em Bandeirinha o ouro acha-se também na ganga quartzosa.

Havia já muito tempo que eu me achava em Tijuco, quando parti para as forjas de Bomfim, afim de ir devolver ao capitão MANOEL JOSE' ALVES PEREIRA as malas que êle me emprestara na ocasião em que viajei em demanda do sertão. O intendente quis acompanhar-me até uma certa distância da aldeia. Atravessámos então o vale que se estende ao pé de Tijuco e subimos a colina oposta. À beira do caminho o Sr. DA CÂMARA chamou minha atenção para um rochedo inclinado, de superfície muito lisa, onde havia traços grosseiros feitos com uma tinta vermelha. Êsses traços representam desenhos de pássaros, uns isolados, outros agrupados de modo bizarro. Os mais antigos habitantes de Tijuco lembram-se de ter visto êsses desenhos e todo mundo os atribue aos índios que ocupavam a região antes da chegada dos portugueses. Foram êsses os únicos sinais das antiguidades americanas que vi durante o curso de minhas longas viagens.

O terreno que margeia o caminho é a princípio arenoso e árido; mas em seguida a vegetação torna-se mais bonita que a de perto de Tijuco. Pus-me então a colhêr flores, deixando seguir o **tocador** João Moreira (7) que conduzia os animais carregados com minha bagagem. Mas logo minha pasta de plantas assustou o cavalo que eu montava e caí no meio das pedras. A queda foi violenta; meu sangue corria de todos os lados e meu ôlho esquerdo principalmente foi grandemente ofendido. Estando já a duas léguas e meia de Tijuco e sómente a uma de Rio Manso (8), tomei a resolução de seguir para esta última povoação, e, após ter lavado o rosto em um riacho, pus-me a ca-

(7) Vide minha **1.ª Relução**, vol. I, pág. 261. (Corresponde ao Vol. 126, pág. 227 da Coleção **Brasillana**).

(8) E não **Rio Manzo**, como escreveram certos viajantes.

minhar. A pouca distância do local em que levei a queda encontrei meu cavalo, amarrado a uma árvore por algum transeunte honesto. Sentia então uma violenta dôr no estômago, consequência da comoção que sofri; sentei-me e dormi imediatamente. Acordando peguei as rédeas de meu cavalo e recomecei a caminhar. Ao fim de pouco tempo as forças faltaram-me; vi-me obrigado a tornar a sentar e tornei a desfalecer. Depois dois negros que passavam ajudaram-me a montar a cavalo e um dêles me conduziu a Rio Manso.

Antes dessa aldeia, em um lugar chamado **Mandanha** ou **Mendanha**, acha-se um **serviço**, que outrora forneceu muito diamante e que é localizado às margens do Jequitinhonha (9). Achava-me muito mal quando passei por êsses lugares, para poder descrevê-los; mas admirei o caminho que conduz de Tijuco a Mandanha, quase todo cavado na rocha. Êsse caminho é fruto dos cuidados do Sr. DA CÂMARA e honra sua inteligência.

O Sr. PIRES havia me recomendado ao Sr. JULIÃO, seu tio, que é dos principais proprietários de Rio Manso. Êle recebeu-me perfeitamente e teve para comigo todos os cuidados imagináveis. No dia seguinte eu estava incapaz de pôr-me de novo a caminho; tendo perdido muito sangue, achava-me em extrema fraqueza; minha cabeça tinha inchado; não me era possível abrir o ôlho nem juntar os dois maxilares; sentia dificuldade para falar e engulir.

Induziram-me a fazer-me sangrar, mas fiquei indeciso, menos de mêdo da sangria que do homem que

(9) E' êste **serviço** que os Srs. MAWE fez conhecer sob o nome de **Mandanga** (*Trav.* 220). E' preciso também não escrever **Mentanha**, como fizeram na Alemanha. Aliás foi inutilmente que procurei a etimologia de **Mandanha**.

a devia fazer. Contudo, achando-me bastante prostrado, decidi-me a deixar que me tirassem sangue, e não sómente não fui magoado, como também senti muitas melhorias. Dois dias após minha queda parti para Tijuco, deitado em uma rede. Segundo a usança da região ela era suspensa por suas extremidades de um pau muito forte e cada ponta do pau sustentada por um negro. Como dois carregadores não poderiam fazer sózinhos as 5 léguas que se contam de Rio Manso a Tijuco, o Sr. JULIÃO emprestou-me cinco de seus escravos, que se revezavam no caminho. Essa boa gente, para tornar a caminhada mais suave, seguia cantando, como é habito dos africanos, e não supunha, sem dúvida, que essa música agravava o cansaço de meu cérebro, já muito enfraquecido.

À minha chegada a Tijuco encontrei os principais moradores do lugar reunidos na casa em que me hospedei, e recebi as provas de mais tocante interesse. Essas provas continuaram durante todo o tempo em que estive sob tratamento e jamais falarei de Tijuco sem um sentimento de profundo reconhecimento. A população inteira tomou parte no acidente que sofri; pessoas mesmo que eu nunca vira vinham pedir notícias ao meu tropeiro e testemunhavam-lhe satisfação quando ficavam sabendo que haviam exagerado muito as consequências de minha queda.

Fui tratado pelo Sr. BARROS o melhor cirurgião de Tijuco; não terei palavras bastantes para fazer o elogio das atenções que teve para comigo, de sua amabilidade e dos conhecimentos que possuia (10). Rece-

(10) Após minha partida de Tijuco recebi do Sr. BARROS algumas plantas usuais acompanhadas de notas interessantes. Infelizmente soube depois que êsse útil cidadão havia falecido.

bia diariamente a visita do Intendente, o qual tinha a bondade de prover a tôdas as minhas necessidades. O Sr. FRANCISCO LEANDRO PIRES fez expressamente a viagem de Bomfim a Tijuco, para expressar me seu sentimento e o do capitão MANOEL JOSÉ ALVES PEREIRA. Frequentemente eu recebi também a visita dos irmãos do Sr. LEANDRO e nunca esquecerei os momentos agradáveis que passei com o Sr. VICENTE PIRES, moço menos recomendável por suas felizes iniciativas que pelos cuidados tocantes que prodigalizava a seu velho pai; não esquecerei também as provas de amizade do Sr. JOSÉ PAULO DIAS JORGE (PIRES) (11), homem instruído, poeta amável, cujas palestras muito contribuíram para meu perfeito conhecimento da região.

Conheci também, durante o tempo em que estive doente, os dois médicos que clinicavam em Tijuco. Um deles, o Dr. COUTO, tinha percorrido tôda a Europa e era dotado de vasta cultura. O outro, o Sr. TEIXEIRA, sem ter viajado tanto, estudara muito e adquirira grande experiência. Perguntei-lhes o que pensavam dos numerosos vegetais a que os colonos de Minas atribuem a propriedade de curar radicalmente as moléstias venéreas e que quase sempre são violentos purgativos; fiz a mesma pergunta ao cirurgião BARROS e todos três me responderam que os remédios anti-sifilíticos dos agricultores não produziam outro resultado que o de dar à moléstia um curso diferente, sem destruí-la. Por mais idônea que seja

(11) Essa é uma das provas da pouca estabilidade dos nomes de família entre os brasileiros. O filho mais velho do Sr. PIRES não se chamava PIRES mas DIOGO JORGE. Um dos meus amigos dizia-me que seu filho, com cerca de 20 anos de idade ainda não havia escolhido seu sobrenome.

a autoridade dos homens que acabo de citar, parece-me entretanto necessário que suas opiniões sejam confirmadas por novas observações, porquanto conheci muitas pessoas que me afirmaram terem sarado da sífilis sem recorrer ao tratamento mercurial; elas gozam de saúde perfeita e seus filhos pareceram-me igualmente sadios.

Quando me senti quase restabelecido, pensei em pôr-me de novo a caminho e não foi sem viva emoção que me despedi do intendente e de sua família. Durante minha estada no Distrito dos Diamantes dêles recebi tôdas as delicadezas imagináveis; enquanto estive doente fui tratado como se estivesse na minha casa paterna, tantas foram as provas de carinho e amizade que recebi.

O Sr. CÂMARA havia, como disse alhures (12), viajado durante 8 anos nas principais partes da Europa; tinha vastos conhecimentos e idéias boas sôbre política e administração; distinguia-se por uma probidade rara entre os mineiros e poucos homens poderiam ser tão úteis como êle, à sua bela pátria. A justiça era distribuida pelo Sr. DA CÂMARA, de modo paternal; êle não deixava protelar nenhum caso. Tanto quanto lhe era possível procurava abandonar as vãs formalidades, visando conciliar as partes e poupar-lhes gastos. Vivia entre os empregados e habitantes de Tijuco como no meio de seus iguais. A gente do povo amava-o e, bastante afastada dêle para poder cobiçar seu lugar, ela era unânime em elogiá-lo.

(12) Vide minha 1.^a **Relação**, vol. II, pág. 16. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 24, da Coleção **Brasiliana**).

CAPÍTULO IV

VIAGEM DE TIJUCO AO MORRO DE GASPAR SOARES PELA SERRA DA LAPA

O Autor deixa Tijuco. — Aspecto do Distrito dos Diamantes. — As Borbas. Serviço do Vau. — Aldeia do Milho Verde. Serviço do mesmo nome. Modo de extrair diamantes chamado **garimpar**. — Aspecto da região que se estende de Milho Verde à Vila do Príncipe. — Chegada à Vila do Príncipe e partida da mesma. — Mudança produzida pelos climas na vegetação. O Autor passa pela segunda vez em Tapanhuacanga. — O A. decide-se a viajar pela grande cadeia de montanhas de Minas Gerais. — Aldeia da Tapera. Seus habitantes fabricam tecidos de algodão. Modo pelos quais eles fazem chapéus. — Aldeia de Congonhas da Serra. — Pastagens dos arredores de Congonhas. — Um **Carex**; lembranças da pátria. — A habitação de Barreto. Cultura de cereais e da vinha nas montanhas. — Descrição da serra da Lapa. — Fazenda de Ocubas. — Um bosque de **Indaiás**.

Deixei Tijuco a 30 de Outubro de 1817, e atravessando a aldeia na direção N-S, desfrutei ainda uma vez o panorama encantador que eu já havia admirado ao viajar para Mata-mata. Nesse tempo êle era mais agradável ainda; as chuvas haviam começado, e os pomares que se estendem sôbre a vertente do morro onde a aldeia é construída apresentavam uma vegetação nova.

Num trajeto de 5 léguas (1), de Tijuco a Milho Verde inclusive, percorre-se uma região extremamente

(1) 6 1/2 leguas, segundo PIZARRO.

montanhosa, onde não se vê nenhum traço de cultura. Rochedos de uma côr parda, mostram-se por tôda parte e dão à paisagem um aspecto agreste e selvagem. Por todos os lados surgem nascentes d'água e frequentemente se ouve o ruído das águas correndo através dos rochedos. A vegetação muda várias vezes, segundo a elevação e a natureza do solo; mas, em parte nenhuma se vêem grandes florestas. Nas grotas crescem arbustos de 3 a 4 pés, geralmente retos e muito próximos uns dos outros; são êles que caracterizam os **carrascos** das altas montanhas. Em alguns lugares em que o solo é argiloso e quase plano, vi árvores raquíticas e separadas como as dos taboleiros do sertão; mas seus caules eram mais delgados e mais estendidos. Para além de **As Borbas**, sôbre diversos declives cobertos de pedras, achei em grande abundância uma espécie de folhas pequenas do gênero **Lychnophora** Mart. (vulgo **candeia**), gênero que, nas montanhas caracteriza as vertentes pedregosas. Enfim, nos lugares mais elevados, onde domina seja a areia, seja a pedra, apparecem ervas entremeiadas de sub-arbustos, e, entre estas últimas, esparsos, arbustos de diferentes tamanhos. As chuvas tinham dado à folhagem das plantas um tom agradável e os relvados produziam às vezes um belo efeito no meio dos rochedos (2).

Excetuadas algumas casas de campo muito próximas de Tijuco, não encontrámos, dessa aldeia ao

(2) Alguns escritores, pertencentes a várias nações estrangeiras, tentaram descrever as belezas naturais do Distrito dos Diamantes. Se se admirar de que minhas descrições sejam um pouco diferentes das dêles, note-se que procurei destituir êste meu livro dos quadros românticos e dos trechos de grande efeito, para cingir-me a esboçar de modo fiel as cousas que sucessivamente passaram pelos meus olhos.

lugar chamado Borbas, senão uma miserável casa, junto à qual existia um pobre **rancho** ou galpão (3). Quando cheguei a essa casa o tropeiro Silva já havia descarregado uma parte de minha bagagem; entretanto, como me haviam dito que um pouco adiante encontraríamos melhor pousada, mandei carregar de novo os animais; mas, em seguida vi que me haviam dado informações errôneas. O **rancho** que me indicaram ficava muito mais longe do que eu pensava e, antes de aí chegarmos, fomos surpreendidos pela noite. Nada havia comido desde 9 horas da manhã; minha fraqueza era extrema e já não me podia manter a cavalo. Apeei-me e deitei-me sôbre a relva, decidido a não ir mais longe. Ressentia-me ainda das consequências de minha queda; além disso achava-me muito contrariado com as atormentações de um dos meus camaradas, e caí no mais cruel desânimo. Entremettes meu tropeiro, que ficara para trás, chegou; êle me induziu a tornar a montar e, a pouca distância do lugar onde eu tinha parado, encontrámos uma pequena palhoça habitada por negros. Um padre, que ia de Vila do Príncipe para Tijuco, achava-se já deitado sôbre tábuas, ao lado de um braseiro feito no meio do quarto; fiz arrumar minhas cobertas sôbre um couro do outro lado do fogo, e viajantes chegados depois de mim distribuíram-se pelo resto da peça. Era já muito tarde para poder-se cozinhar alguma cousa; contudo reanimiei-me um pouco comendo alguns pedaços de biscouto, e, antes de me deitar tive ainda ânimo para escrever meu diário.

(3) Vide minha **1.ª Relação**, vol. I, pág. 64. (Corresponde ao Volume 126, pág. 69, da Coleção **Brasilianna**).

Era muito tarde quando parti, no dia seguinte, e, como um dos meus cavalos se achava grandemente fatigado, não fui além de Milho Verde, pequena aldeia situada a uma légua e meia de Borbas, esta pobre palhoça onde passei a noite.

Junto do riacho chamado Rio das Pedras, no lugar chamado **Vau**, vi casas pertencentes a um **serviço** de diamantes.

A aldeia de Milho Verde situa-se em uma região árida que não possibilitava nenhum gênero de plantação, compondo-se de uma dúzia de casas e de uma igreja (4). E' aí a sede do destacamento de soldados encarregados de inspeccionar os viajantes que vão de Tijuco à Vila do Príncipe. Apresentei ao oficial que o comandava o salvo-conduto que me fornecera a secretaria do Estado; êle dispensou-me tôda a sorte de gentilezas e minha bagagem não foi vistoriada.

Apesar de haver uma guarda colocada em Milho Verde não é de crer-se que essa aldeia seja o limite do Distrito dos Diamantes. O território dêsse Distrito estende-se até mais longe, ao lugar chamado **Cabeça do Bernardo**.

Existe em Milho Verde um **serviço** que, como o de Vau, forneceu outrora muitos diamantes. Hoje não se faz trabalho regular em nenhum dos dois; algumas vezes aí enviam negros para procurar diamantes que hajam escapado às antigas pesquisas. Êsse gênero de trabalho denomina-se **garimpar**, porque era a pesqui-

(4) Parece que após minha passagem por Milho Verde, a igreja dessa aldeia tornou-se dependência da nova paróquia de S. Gonçalo do Rio Preto. (A esta paróquia ficarão pertencendo as capelas de N. S. dos Prazeres do Milho Verde... e N. S. da Abadia. **Mem. hist.**, VIII, pág. 141).

sas irregulares que se dedicavam os contrabandistas chamados, como já disse, **garimpeiros**.

Deixando Milho Verde, percebem-se montanhas semelhantes àquelas que se teem sob as vistas desde a capital do Distrito dos Diamantes. Entretanto é evidente que, considerado em seu conjunto, o caminho desce muito mais que sobe. No lugar chamado Três Barras, o terreno que, desde Tijuco, havia sido constantemente arenoso, tornou-se argiloso e avermelhado. Então a vegetação muda e os grandes fetos que nascem por tôda parte indicam que êsses lugares foram outrora cobertos de florestas. Entretanto as areias reaparecem logo e com elas as plantas que lhes são peculiares, **Eriocaulon**, Melastomatáceas de folhas pequenas etc. Mais perto de Vila do Príncipe a terra torna-se novamente argilosa e avermelhada; os vales são mais profundos e foi então que entrei na **zona das florestas**, da qual me afastara ao distanciar-me das margens do Jequitinhonha e da região dos índios selvagens. Após vários meses, sómente tinha sob as vistas rochedos pardacentos e ervas queimadas pelo sol. Compreende-se facilmente a satisfação que experimentei ao rever fetos arbóreos, reencontrando bela verdura, sombra e frescura. Mas foi ainda com maior alegria que avistei Vila do Príncipe. Achava-me agora a 123 léguas do Rio de Janeiro; ia penetrar na estrada que lá vai dar, a um lugar que eu já conhecia, onde fôra perfeitamente acolhido e onde possuía amigos. Parecia-me que repentinamente eu havia transposto uma imensa distância que me separava da França.

Fui perfeitamente acolhido pelo cura de Vila do Príncipe, Sr. FRANCISCO RODRIGUES RIBEIRO DE AVELAR, e fiquei ainda uma dezena de dias em

sua casa, tratando da embalagem de minhas coleções. A estação chuvosa estava virtualmente iniciada. Durante o tempo em que permaneci em Vila do Príncipe não se passou um dia sem chuva; entretanto resolvi partir (12-11-817). Apesar da chuva o excelente cura acompanhou-me durante algum tempo. Tinha meu coração apertado quando dêle me despedi. Êle me havia cumulado de provas de amizade; recebera-me duas vezes em sua casa; aí recuperara minha saúde, seria possível dizer-lhe sem emoção — nunca mais nos veremos!?

Durante os últimos meses de minha viagem um calor insuportável e uma sêca extrema haviam produzido em mim uma irritação nervosa que não me permitia ver com bons olhos as cousas que me cercavam. Tal não se deu quando deixei Vila do Príncipe. A doce frescura que se espalhava na atmosfera mergulhou-me logo numa calma deliciosa e pude dedicar-me perfeitamente à contemplação da natureza. Não deixei, nunca, de admirar a beleza da verdura dos campos artificiais; a vista nunca se me repousou em tons mais agradáveis.

Entretanto as chuvas haviam estragado muito os caminhos; a terra vermelha e argilosa tornara-se extremamente escorregadia e meus animais tinham dificuldade em se manter sôbre o declive dos morros. Por mim mesmo pouco temia a água realmente quente que nesta região cai do céu; mas temia-a por causa de minhas coleções. Estava longe de prever as cruéis contrariedades que me deviam causar um dia.

O caminho que segui deixando Vila do Príncipe, foi o mesmo pelo qual aí chegara alguns meses antes. Para além dos campos artificiais que circundam esta

aldeia, atravesssei uma região dotada de tufos de árvores e pastagens; passei defronte da miserável hospedaria de Ouro Fino, onde eu estivera doente durante alguns dias; enfim a vista de uma capela construída na encosta de um monte, à extremidade da aldeia de Tapanhuacanga, anunciou-me sua proximidade e logo, com efeito, avistei-a tôda. Em minha **1.^a Relação** descrevi sua encantadora posição. Quando aí passei de novo a beleza que as chuvas imprimiram à verdura dos montes vizinhos emprestava à paisagem maior encanto ainda.

O intendente dos diamantes havia me induzido a não seguir o caminho já meu conhecido, e que se estende a léste da grande cadeia (5), mas a passar pelo lado dessa mesma cadeia chamada serra da Lapa e que é muito alta. Segui tal conselho.

Saindo de Tapanhuacanga, para ir logo à Tapera, atravesssei o vale que se estende abaixo da primeira dessas aldeias e, subindo ao monte oposto gozei de um lindo panorama. Descobri a aldeia inteira, surgindo ao pé de um monte alto, cujo cume é coberto de mata e a encosta, muito íngreme, apresenta um relvado do mais belo verde. A igreja é o primeiro edifício que se vê ao pé da montanha; as casas, entremeiadas de bananeiras, agrupam-se imediatamente abaixo da igreja, em uma elipse alongada; mais abaixo estende-se um valezinho, e por todos os lados vêem-se montes revestidos em parte de matas-írgens e em parte de pastagens.

A região que se estende de Tapanhuacanga a Tapera apresenta o aspecto caraterístico das regiões de

(5) Vide minha **1.^a Relação**, vol. I, pág. 314. (Corresponde ao Volume 126, pág. 268, da Coleção **Brasíliana**).

mata-virgem. Vêem-se vales estreitos e profundos e montes com encostas íngremes; todavia a vegetação não é uniformemente contínua.

Após haver atravessado durante alguns instantes um grupo de árvores pouco altas, achei-me repentinamente sôbre um terreno descoberto, como se as árvores tivessem sido plantadas pelo homem, em limites certos. Um terreno de natureza diferente produziu tal mudança. Na parte arborizada o solo é argiloso, misturado com areia e alguns calhaus; na parte descoberta, vê-se ao contrário uma terra negra misturada com muita areia, e rochas arredondadas aparecem aquí e acolá, à flor da terra. Alí, crescem Gramíneas, entremeiadas de sub-arbustos, bem como a pequena palmeira de montanha, que vi pela primeira vez na serra de N. S. Mãe dos Homens. Esta vegetação é a mesma que observei, vários meses atrás, em 2 ou 3 lugares diferentes, entre Tororopá e Tapanhuacanga.

Tôda a região que percorri até cêrca de légua e meia de Tapera, apresenta ainda uma alternativa de matas-virgens e terras descobertas, eriçadas, aquí e acolá, de rochedos; mas nas cercanias da aldeia, o solo torna-se mais argiloso e sómente se vêem matas; entretanto elas não tem grande vigor, o que é sem dúvida devido à areia que se mistura à terra em grande proporção. Vi no meio dessas matas numerosas plantações de milho. Gramínea que então (13 de Novembro) estava com uma altura de um a dois pés.

Parece que na região das florestas virgens, esta época é menos que nunca o tempo das flores (6). A

(6) Não preciso dizer que falo aquí da província de Minas, onde as estações das sêcas e das chuvas tem limites mais certos.

vegetação deve naturalmente atrasar-se no tempo da sêca e, antes que as árvores floresçam é preciso que seus brotos adquiram um determinado crescimento. Entre Vila do Príncipe e Tapanhuacanga, não vi flores senão em uma **Cássia** e uma ou duas **Mirtáceas**; muito menos ainda vi nas partes florestais do caminho de Tapanhuacanga a Tapera; e nos campos, onde se encontra ordinariamente um maior número de espécies floridas, creio não ter visto mais de meia dúzia, e isso mesmo constantemente à margem de pequenas fontes, comuns nos montes que percorri então (7).

Tapera, dependência da paróquia de Conceição (8), fica situada em um grande vale, limitado por colinas, cobertas umas de mata-virgem, outras de Gramíneas. Ao redor da aldeia o vale não oferece senão traços do trabalho dos mineradores. Uma só rua, à extremidade da qual fica a igreja, constitue a aldeia. As casas que a compõem são em número de 70; quase tôdas cobertas de telhas e muito bonitas, mas várias entre elas estão abandonadas e em muito mau estado.

Os primeiros moradores de Tapera foram os mineradores; êles retiraram do solo o ouro mais fácil de extrair e retiraram-se em seguida. Atualmente não existem minerações importantes, e apenas alguns habitantes mandam dois ou três negros bateiar nos regatos próximos.

Não é também a agricultura que mantém a população atual de Tapera. As terras das redondezas são muito arenosas para serem boas; o milho não dá mais

(7) Perto das fontes que nascem nos lugares descobertos sempre encontrei até então várias e belas espécies de **Sauvagesias**.

(8) Vide minha **1.^a Relação**, vol. I, pág. 310. (Corresponde ao Volume 126, pág. 265, da Coleção **Brasiliana**).

de 100 a 150 por 1, e a cana de açúcar, que havia sido experimentada, crescia tão pouco que sua cultura foi abandonada. Aliás nenhuma grande estrada vai dar à Tapera; assim essa aldeia seria em breve inteiramente deserta, se aí não houvesse um gênero de indústria que poderá manter seus habitantes.

Quase todo o mundo aí fabrica tecidos de algodão, colchas e mesmo lençóis e toalhas. Esses diversos tecidos são vendidos na própria região ou são exportados para o Rio de Janeiro. As colchas apresentam quadrados azues e vermelhos, dispostos de diferentes modos. Para tingir o algodão de azul emprega-se o anil, usando-se a urina como fixador. Quanto à tinta vermelha, que infelizmente não sabem fixar, é retirada de uma árvore das matas virgens, chamada **araribá**, ou das raízes de uma espécie de garança chamada **erva de rato** ou **ruivinha** (**Rubia noxia** Aug. S. Hil. Pl. rem. 209).

Fazem-se ainda, em Tapera, chapéus de algodão, que são vendidos a 2 patacas (4 francos), e que são usados na própria região, nas aldeias vizinhas e até no sertão. Eis como são fabricados. Para formar a armação do chapéu usam a liana chamada **cipó imbé**, que outra coisa não é senão a raiz de uma Arácea parasita, por mim descrita da minha 1.^a Relação (vol. I, págs. 13 e 399), e que vegeta a grande altura nos troncos das árvores das florestas. Esta raiz, extremamente longa, é muito flexível e de consistência mole. Como o vime, ela é rachada em diversas porções no sentido do seu comprimento, arredondando-se à ponta com uma faca; com um pedaço de ferro chamado **fieira**, que é dotado de alguns furos redondos de diferentes tamanhos, passando-se a liana por um ou por vários

dêsses furos e puxando-se o cipó, obtem-se o arredondamento em todo o seu comprimento. Depois disso envolve-se o cipó com algodão; a forma do chapéu é dada fazendo-se uma espiral com a liana e cosendo-a em seguida, de modo idêntico ao fabrico dos chapéus de palha. Cardando-se em seguida dá-se ao chapéu um aspecto piloso, que disfarça as costuras e a espiral. Algumas vezes deixam-no com a côr branca natural, mas frequentemente tingem-nos de preto. Para obter esta última côr faz-se simplesmente cozer em água as folhas de uma planta que cresce nos lugares úmidos. Quando tintos êsses chapéus imitam perfeitamente os de feltro, mas êles são muito pesados e se embebem d'água muito facilmente.

Os habitantes de Tapera obteem em Peçanha e mesmo em Minas Novas uma parte do algodão que empregam. Plantam também o algodoeiro; mas as terras de sua aldeia apesar de muito silicosas, apresentam ao mesmo tempo uma mistura de argila muito grande, de modo que não são tão boas para êsse gênero de cultura como a das caatingas de Arassuaí (Vide minha **1.^a Relação**, vol. II, págs. 98 (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 89, da Coleção **Brasiliana**) e seguintes).

Aproveitei minha estada em Tapera para herborizar no meio das antigas minerações do vale onde se acha situada a aldeia, mas não encontrei nenhuma planta nova. Em geral nas minerações da região de matas virgens, onde há pouco humus, vê-se apenas uma espécie de **Saccharum** (9) extremamente comum nos

(9) Restrinjo-me aqui ao texto de meu diário; mas acredito tratar-se também do *Anatherum bicorne* Pallas, planta que caracteriza geralmente as minerações abandonadas.

campos artificiais, a Composta denominada “erva do vigário”, e algumas outras plantas vulgares.

A região que atravessei, deixando Tapera para ir a Congonhas, apresenta, durante cêrca de uma légua e meia, montes onde existiam outrora florestas virgens mas onde não se vêem hoje senão alguns bosquetes e imensos espaços, cobertos alguns de um **Saccharum** de caule duro (10), outros de capim gordura e outros de samambaias. Em vez da verdura tão fresca das pastagens de Vila do Príncipe, a vegetação destas montanhas não deixa ver senão côres escuras. Essa diferença é devida ao fato de que as pastagens de Vila do Príncipe são constantemente tosadas pelo gado, enquanto que aquí, onde não há gado para pastar, as plantas conservam seu caule antigo, que misturado entre os novos, diminuem a beleza da verdura.

Não é crível que todos êstes montes despojados de sua antiga vegetação devam essa perda às culturas. Aconteceu aquí a mesma cousa que em muitos outros lugares onde existiam minerações. Os descobridores e exploradores dessas minas quizeram pôr a zona a descoberto e, para chegarem a tal fim, incendiaram as florestas.

A cêrca de uma légua e meia de Tapera, subimos uma alta montanha, chamada serra de S. Antônio. Ela termina por uma vasta chapada ondulada onde o solo se compõe de uma mistura de areia branca e terra negra, no meio da qual rochas se mostram aquí e acolá. Como tôdas em que o terreno e a altitude lhe são semelhantes, essa chapada não apresenta senão ervas e sub-arbustos. Entre as ervas as mais comuns

(10) Provavelmente ainda o **Antherum bicornis**.

são duas Ciperáceas, uma das quais tem as flores guardadas de um involucre branco, enquanto que a outra, muito maior e que geralmente caracteriza os lugares semelhantes, tem folhas glaucas e flores polígamas. Quanto aos arbustos que crescem mais abundantemente na chapada da serra de Santo Antônio, são uma Composta (**Vernonia pseudo-myrtus** N). Melastomatáceas de folhas pequenas e enfim uma **Vellozia** cujos caules atingem às vezes até 8 pés e cujas folhas, de um verde alegre não teem a dureza das de várias outras espécies desse gênero (11).

O caminho de Congonhas me havia sido mal indicado; fiz duas léguas mais do que devia, e teria mesmo me afastado muito de meu caminho se êle não me tivesse sido indicado por um negro que tive a felicidade de encontrar. O tempo estava horrível; um vento desagradável se fazia sentir e eu cheguei a Congonhas molhado, tiritando de frio e muito fatigado.

Um viajante, referindo-se a um outro lugar que tem também o nome de Congonhas, dá a significação desse nome como derivada das palavras indígenas **caa**, mata, e **cunha**, mulher (mulher das matas). Não sei se esta etimologia está certa, mas o que é certo é que pelo nome de **congonhas** se designa em Minas a planta famosa cujas folhas fornecem aos habitantes do Paraguai a bebida que êles denominam **mate (Ilex paraguariensis** St. Hil). De qualquer modo a aldeia de Congonhas, distante 4 léguas de Tapera e 9 léguas de Conceição, é uma dependência desta paróquia (12) e devia ser chamada sempre **Congonhas da Serra**, para

(11) As folhas antigas deixam, depois da queda, marca em espiral ao redor do caule.

(12) Piz. **Mem. hist.**, VIII, pág. 2 de 139.

impedir-se a confusão com o lugar chamado **Congonhas do Campo**, próximo de Vila Rica, e com **Congonhas de Sabará**.

A aldeia de Congonhas da Serra fica sôbre o declive de uma colina, e se compõe de 60 e poucas casas. Não existe ouro em seus arredores, ou, pelo menos ainda não foi encontrado; o que mantém a população dessa aldeia é a passagem das caravanas que vão de Sabará, e principalmente de Santa Luzia, ao Tijuco.

A região montanhosa onde está Congonhas é uma das mais elevadas da província. As chuvas são aí muito mais frequentes que em Conceição, Vila do Príncipe, e, em geral ao pé da cadeia de montanhas. Há ordinariamente uma espécie de cerração composta de gotículas finíssimas, e, mesmo durante a estação das sécas, não é raro chover aquí vários dias seguidos. Cada ano, em Junho, há geada nesta zona o que impede a cultura da cana. O caule da bananeira brota depois de terminada a estação fria; mas a geada do ano seguinte danifica essa brotação e assim êsse vegetal nunca frutifica. Afirmam, entretanto, que em compensação as laranjas de Congonhas da Serra são excelentes. As terras das redondezas contem muita areia; entretanto o trigo, o centeio e a cevada aí medraram bem tôdas as vezes que foram tentadas suas culturas; mas os habitantes são muito indolentes para se dedicarem a êsse gênero de cultura, que exige mais cuidados que a do milho. Êles possuem alguns animais, mas poderiam, parece-me, criá-los em maior quantidade, porquanto a aldeia é quase unicamente circundada de pastagens, e, numa região montanhosa

e alta como esta, obter-se-ia certamente uma boa produção de leite.

Após ter deixado Congonhas da Serra contente-me de fazer uma légua, indo pernoitar no lugar chamado **Casa do Barreto** (nome do proprietário). A região que percorri para aí chegar, e os campos que percebi ao longe, apresentam atualmente sómente pastagens e alguns tufos de matas virgens, assáz reduzidos. Tôda esta região foi outrora coberta de florestas, como a que se atravessa entre Tapera e Congonhas; mas aquí não foram os pesquisadores de ouro que destruíram as matas. Como a terra é pobre, surgindo as samambaias desde os primeiros anos de lavoura, foram precisos poucos anos para transformar a região em pastagens. Os campos que atravesssei entre Congonhas da Serra e Casa do Barreto diferem muito das pastagens artificiais (13) que se vêem entre S. Miguel de Mato Dentro e Vila do Príncipe. As Gramíneas aí dominam ainda, mas, no meio delas apparecem outras plantas, em número mais considerável. Já tive ocasião de fazer observar que o aspecto dos campos artificiais que se formam em lugares muito elevados é sempre êsse (14). O capim gordura e o sapé parecem não ter tanta fôrça como ao pé das montanhas, ficando incapazes de manter à distância os outros vegetais. Ademais sou mais inclinado a attribuir essa diferença menos a uma elevação maior, que à inferioridade do solo, e o que parece prová-lo é que,

(13) Não creio haver necessidade de repetir que entendo como tais aquelas que sucedem naturalmente ao incêndio das florestas.

(14) Vide minha **1.ª Relação**, vol. I, pág. 309. (Corresponde ao Volume 126, pág. 264, da Coleção **Brasilliana**).

entre Congonhas e Casa do Barreto, o terreno, de uma côr quase negra, contem grande mistura de areia.

Às margens lodosas de um riacho, não longe de Congonhas, encontrei o primeiro **Carex** (**Carex brasiliensis** N.), que vi no Brasil, e notei que a bainha das folhas rasgava-se em forma de rede, como a de várias espécies européias. Ao ver uma árvore das ilhas do Pacífico, o joven POTAVERI, que se achava na Europa, exclamava: "Oh, estamos em Otaiti!" BONPLAND, em suas viagens, descobriu uma **Typha** e essa humilde planta despertou nele lembranças de sua infância e sua pátria. O **Carex** de Congonhas fez nascer em minha alma semelhantes emoções; êle lembrou-me numerosas espécies do mesmo gênero que havia colhido em França, e estudado com tanto carinho; êle fez-me recordar os encantos de amizade e as margens risonhas do Loiret, tão diferentes das austeras solidões que então percorria. Não trocaria êsse humilde **Carex** pelas mais elegantes Melastomatáceas, pelos **Epidendrum** de panículas de ouro, nem pelas **Cássias** de longos cachos, nem por tôda a pompa da vegetação equinoxial.

Quando o intendente dos diamantes se dirigia de Tijuco às forjas reais de Gaspar Soares, nunca passava por Vila do Príncipe ou Conceição. Para chegar mais depressa, e talvez para evitar homenagens fastidiosas, êle seguia pelas montanhas a estrada de Santa Luzia a Congonhas; dormia em casa do Sr. BARRETO, e, a pouca distância dêste pouso mandara construir um caminho que, atravessando a serra da Lapa, ia ter às forjas. Era êsse o caminho que eu devia seguir.

Munido da recomendação do Sr. DA CÂMARA, apresentei-me em casa do Sr. BARRETO, que não pas-

sava de um pobre agricultor, o que não impediu me recebesse de modo o mais cordial.

A habitação de Barreto fôra outrora, uma importante fazenda; mas tôdas as suas terras foram sucessivamente cultivadas e atualmente não servem senão para pastos, se se quizer seguir obstinadamente o sistema de agricultura usado pelos brasileiros. As cinzas escassas das Gramíneas não forneceriam um adubo abundante e a pronta infestação de ervas daninhas, nesta região úmida, abafariam logo os milharais novos. Se se adotar aquí o emprêgo da charrúa e dos adubos, tudo mudará, em breve, de aspecto; e em vez de uma erva inútil, esta região alta e pouco sêca produzirá com abundância o centeio, e provavelmente a cevada, bem como outros pequenos cereais dos climas temperados. BARRETO mostrou-me um belo campo de centeio, provando quanto a região é favorável a êsse cereal. Os plantios tinham sido feitos no mês de Junho e estavam já na época da colheita (17 de Novembro de 1817).

Vi também em casa do Sr. BARRETO uma soberba latada de parreiras que, anualmente, produzia uvas suficientes ao fabrico do vinho. Experimentei do vinagre feito com vinho dessas parreiras, achando-o muito forte. BARRETO podava suas parreiras em Setembro; elas achavam-se em flor quando de minha viagem, sendo que os frutos amadureceriam em Fevereiro. Nesta época as folhas começam a cair; em Junho já não há mais folhas, ficando as plantas despidas até Setembro. Observa-se que nestas montanhas altas e frias a vinha segue em sua vegetação, quase a mesma ordem que na Europa, e, por conseguinte, não se poderá obter duas colheitas por ano como acontece

nas zonas mais quentes, como no sertão, em Goiás e em Sabará (15).

Guiado por BARRETO atravesssei durante algum tempo ora matas muito pobres, ora pastagens artificiais (16); e enfim comecei a subir a serra da Lapa. Não poderei dizer quais são os limites dêsse trecho da cadeia ocidental; mas, na direção de Gaspar Soares, não tenho dúvida que não termine senão depois de várias léguas, descendo sensivelmente em demanda da fazenda de Ocubas. De qualquer modo, a serra da Lapa, um dos trechos mais elevados da cadeia, é um importante divisor de águas. Nenhum rio considerável aí nasce, é verdade, mas é aí que teem nascentes vários regatos, alguns dos quais correndo para oeste, como o Cipó, lançam-se direta ou indiretamente no S. Francisco, e, outros, na vertente léste, tal o Ocubas, levam suas águas ao Rio Doce (17). De tempos em tempos experimentava na serra da Lapa uma chuva fria que, mau grado estivessemos no mês de Novembro, era acompanhada de um vento muito frio. Tendo dado notícias de geadas anuais nos arredores de Congonhas, basta-me agora dizer que nas montanhas da Lapa a geada s efaz constantemente sentir durante o mês de Junho. E' o vento de oeste que, disseram-me, traz a geada, e é ainda êle que acompanha as grandes chuvas da estação própria. Os ventos de léste são portadores de chuva fina, como as que experimentei

(15) Vide o que disse em minha 1.^a **Relação**; vide também mais adiante o capítulo VI.

(16) Já expliquei o que significam essas palavras, quando se tratou de vegetação brasileira.

(17) CAZAL diz que o rio Piracicaba nasce na serra da Lapa. Como nunca me falaram dêsse rio quando passei por essas montanhas, é possível que êle não tenha o mesmo nome em todo o seu curso.

durante minha viagem. Em uma parte da Serra, observei que o solo se compunha de uma mistura variável de terra preta e areia branca e duvido que tôda a montanha não apresente uma mistura semelhante. Desde o momento em que escalei a serra até o em que comecei a descer de modo sensível, atravessei várias chapadas perfeitamente distintas, mas tôdas igualmente cobertas de pastagens herbáceas. Já havia observado uma vegetação da mesma natureza nos planaltos de tôdas as altas montanhas onde havia herborizado até então; a serra de N. S. Mãe dos Homens, as da Penha e Curmataí, o Sêrro Frio, próximo de Bandeirinha, enfim a serra de Santo Antônio próximo a Congonhas. Lembro-me que mais tarde encontrei pastagens semelhantes nos altiplanos da serra da Canastra, dos Pirinéus (18), Ibitipoca, do Papagaio, e por conseguinte acredito que se pode, sem risco de enganos, considerar êsse tipo de vegetação como pertencendo aos planaltos das mais altas montanhas do Brasil. Os veados chamados **veados campeiros (Cervus campestris)**, bem como galináceos de sabor agradável, que os caçadores conhecem pelo nome de **perdizes e codornas** (19), são comuns na serra da Lapa e não duvido sejam também encontrados com abundância nas serras acima citadas, pelo menos naquelas em que a caça não foi ainda destruída.

O primeiro planalto que encontrei na serra da Lapa é ondulado, vasto e rodeado de pequenas elevações onde a rocha se mostra a descoberto. Em certas

(18) Talvez seja melhor escrever como PIZARRO: **Perincos**.

(19) Os Srs. SPIX e MARTIUS relacionaram as codornas com os **Tinamus major e minor** (Reis. I, pág. 446).

partes o solo é muito pantanoso, e a planta dominante é uma Ciperácea muito grande, cujas folhas apresentam um caráter notável, tal o de ser dispostas em três filciras longitudinais. Em outros lugares, menos úmidos e mais arenosos, nasce uma erva fina que me faz lembrar as montanhas de Auvergne. Tôdas essas pastagens teem uma coloração pardacenta, que, aliada à côr sombria das rochas, torna a paisagem triste e austera; os tufos de matas (capões) que se vêem aquí e ali, nas grotas, são a única nota menos triste dêstes lugares selvagens.

Não fiz a descida da serra da Lapa no mesmo dia da subida. Passei a noite em uma casa que o intendente fizera construir para aí dormir, quando se dirige às forjas de Gaspar Soares. Essa casa, chamada **Rancho do Meio da Serra**, não oferece, absolutamente, comodidade. E' uma grande construção sem janelas, rodeada no interior de leitos ou canapés rústicos (gi-raos) (20) e onde a fumaça, não tendo outra saída que a porta, me incomodava extremamente enquanto trabalhava. Na ausência do intendente o rancho é vigiado pelos filhos de um cultivador das vizinhanças, que planta milho nos capões, e que provavelmente obteria melhores resultados se semeasse o centeio nos lugares menos úmidos da montanha.

O Rancho do Meio da Serra fica sôbre uma depressão do terreno. Ao deixá-lo atinge-se novo planalto. Êste, pouco úmido, é cercado por outeiros desiguais, onde a rocha se mostra a nú, e sua vegetação não difere da que observei na véspera, antes de

(20) Dei a descrição em minha 1.^a **Relação**, vol. I, pág. 396 (Corresponde ao Volume 126, pág. 332, da Coleção **Brasilliana**).

chegar ao Rancho do Meio da Serra. Uma erva fina e muito densa compõe o conjunto dessa vegetação, e as plantas que crescem com mais abundância no meio dessa erva são: uma Radiada de flores amarelas e caules ascendentes; várias espécies de Rubiáceas; a Melastomatácea denominada **Microlicia juniperina**; enfim a Ciperácea com envólucro branco que encontrei na serra de Santo Antônio.

Após haver deixado o planalto que acabo de descrever, passei a outro, mais elevado, que não é dominado por nenhum outeiro e cujo solo é úmido e pantanoso. Êste último planalto é sem dúvida o ponto culminante da serra, e não deve estar abaixo de 5.500 a 6.000 pés acima do nível do mar. Várias Ciperáceas aí nascem em abundância. As outras plantas aí dominantes são a **Virgularia alpestris** Mart. e uma Melastomatácea (**Marcetia cespitosa** N), que encontrei igualmente na véspera, em lugares úmidos.

Um terceiro planalto, igualmente úmido, donde se descobrem vários tufos de matas, sucede ao que venho de descrever, apresentando a mesma vegetação. Depois dêste começa-se a descer.

Em outeiros sempre menores atravessei três pequenos planos que são circundados de rochas e onde nascem as mesmas plantas encontradas no planalto que se atravessa ao deixar o Rancho do Meio da Serra.

Depois dêstes altiplanos, desce-se sempre; então a vegetação muda inteiramente, e encontram-se quase sem interrupção matas, na maioria **capoeiras** e **capoeirões**; enfim chega-se ao riacho de Ocubas; é preciso atravessá-lo a vau e dizem que depois das chuvas êle torna-se volumoso e difícil de passar.

Parci na fazenda de Ocubas (21), cuja situação é bastante pitoresca. Esta fazenda foi construída a meia encosta sôbre um monte que se eleva acima do riacho do mesmo nome. Em frente da habitação, vêem-se, à margem direita do riacho, outros montes cobertos de árvores sombrias que formam um anfiteatro. Mais longe, outeiros dominam os montes que venho de citar, e, estando menos cerradas as árvores que os cobrem apresentam uma tonalidade diferente da dos vegetais próximos. Do lado da fazenda a montanha apresenta uma crista de rochas pardacentas, mas que não mostra, na parte menos distante da habitação, senão um relvado, cuja verdura extremamente fresca contrasta agradavelmente com a côr carregada das matas virgens dos outros montes.

Apresentei-me em Ocubas, sob os auspícios do intendente, e não podia esperar senão boa recepção; mas a hospitalidade é tal nesta região, que, mesmo sem essa recomendação eu teria, estou certo, bondosa acolhida. Deram-me um pequeno quarto abrindo para fora. Em geral é numa peça separada do resto da casa que se agasalha o estrangeiro; dêsse modo evita-se-lhe o trânsito pelo interior da casa e êle não pode ver as mulheres.

A fazenda de Ocubas não tem ainda 60 anos de existência (1817), e, como tantas outras já se acha em decadência. De mais a mais suas terras não são boas. O milho não produz mais de uma espiga e rende apenas 100/1. Quanto à cana de açúcar, desenvolve-se muito bem em Ocubas, o que prova quanto descí durante o

(21) Não encontrei êsse vocábulo em nenhuma parte. É' possível tratar-se de um nome de homem e que se deva escrever — Fazenda do Cubas, r̃o Cubas.

dia; pois que parti pela manhã de um ponto que deve ser muito mais elevado do que aquele em que a cana de açúcar pode começar a produzir.

Momentos após ter deixado Ocubas, entrei em florestas virgens de vegetação muito vigorosa. O caminho era extremamente estreito, e uma grande quantidade de árvores, diferentes por suas folhagens, formavam sobre minha cabeça uma abóbada impenetrável aos raios solares. Cipós serpenteavam entre os grandes vegetais, unindo-se aos seus ramos, enquanto que as raízes da Arácea chamada **cipó imbé** (22), caíam sobre minha cabeça, como fios a prumo. No silêncio da floresta, o **ferreiro (Casmarnchos nudicolis)**, que eu não ouvia desde vários meses, fazia ecoar seus cantos graves e imitava com singular exatidão o ruído produzido pela lima e pelo martelo sobre o ferro. Tôdas as vezes que atravessei florestas virgens, depois de ter percorrido durante algum tempo regiões descobertas, experimentei um sentimento de profunda admiração. É aí que a natureza mostra tôda a sua magnificência, é aí que ela parece se desdobrar na variedade de suas obras; e, devo dizer com pesar, essas magníficas florestas foram muitas vezes destruídas sem necessidade.

Como sempre me acontecia ao atravessar florestas virgens, não vi nenhuma planta em flor nessas próximas de Ocubas. Para florescer os vegetais teem necessidade de ar e luz; é por isso que em geral se encontram tão poucas flores nas florestas (23).

(22) Vide minha 1.^a Relação, vol. I, págs. 13 e 339. (Corresponde ao Volume 126, págs. 30 e 335, da Coleção **Brasíliana**).

(23) Vide minha 1.^a Relação, vol. I, pág. 15. (Corresponde ao Volume 126, pág. 31, da Coleção **Brasíliana**).

Junto ao lugar chamado Mata-Cavalos, um monte muito alto se apresenta à frente do caminho. Seu flanco é coberto de matas virgens e êle termina por um rochedo a pique, achatado no alto. Dir-se-ia uma grande fortaleza construída sôbre a montanha para impedir o viajante de prosseguir no seu caminho.

Um pouco mais longe o terreno torna-se pedregoso; nas encostas dos morros vê-se grande quantidade de **indaiás** (24), havendo grandes áreas em que não crescem outras árvores. Essas palmeiras que isoladas emprestam belo efeito à paisagem, parecem tristes e monótonas quando reunidas em grande número. Semelhante observação já eu havia feito a respeito de uma mata de **cecropia** (embaúba) que vi entre Ubá e Pau Grande, e creio que tal acontece com tôdas as espécies de porte muito característico. Apesar de viverem em sociedade as árvores de nossas florestas, nossos carvalhos, nossas faias, nossas bétulas, não apresentam uma tal monotônia, porque elas não teem formas tão pronunciadas e porque seus galhos podem se misturar de cem modos diferentes; mas as formas tão singulares, tão notáveis dos **indaiás**, das **guaribas**, dos **buritís**, das **cecropia**, são, salvo ligeiras modificações de colorido, eternamente as mesmas, e, em uma floresta de indaiás parece ver-se o mesmo indivíduo repetindo milhares de vezes.

(24) Vide minha 1.^a **Relação**, vol. I, pág. 103. (Corresponde ao Volume 126, pág. 103, da Coleção **Brasiliana**).

CAPÍTULO V

CAMINHO DO MORRO DE GASPAR SOARES À ITAJURÚ DE S. MIGUEL, PELA ALDEIA DE COCAIS. ESTADA EM ITAJURÚ.

O ã. dirige-se a Itajurú de S. Miguel de Mato Dentro. — Região situada entre Itambé e Cocais. — Fazenda do Couto; gineceu. Venda de Duas Pontes. Fazenda de Domingos Afonso; seu engenho de açúcar. Ponte do Machado. — A aldeia de Cocais. Paisagem encantadora. Minas de ouro e de ferro de Cocais. — Região situada entre Cocais e Itajurú de S. Miguel. — Chegada a Itajurú. Contrariedades. Duas visitas. O índic Fírmiano.

Após haver feito 3 léguas, saindo de Ocubas, cheguei, a 19 de Novembro de 1817 à aldeia de Gaspar Soares (1) e, parti logo para ir a Itajurú de S. Miguel, à casa de meu excelente amigo Sr. ANTÔNIO GOMES DE ABREU (2). Como da minha passagem anterior, parei no rancho de Ponte Alta e na aldeia de Itambé; mas não encontrei quase nenhuma planta nos lugares onde, no mês de Março precedente, colhera um tão grande número. Isso vem provar, mais uma vez, que em geral as primeiras chuvas não são suficientes para fazer florir os vegetais. Em Minas a sêca do inverno

(1) Essa aldeia foi descrita em minha **1.ª Relação**, vol. I, pág. 299. (Corresponde ao Volume 126, pág. 256, da **Coleção Brasileira**).

(2) Vide minha **1.ª Relação**, vol. I, págs. 208, 214, 227. (Corresponde ao Volume 126, págs. 184, 189 e 199 da **Coleção Brasileira**).

retarda a vegetação; para retomar a atividade, perdida ela tem necessidade do calor do verão, acompanhado de chuvas; é necessário que os ramos se alonguem antes de florir, de modo que a maioria das plantas só pode dar flores ao fim da estação das águas e ao comêço da sêca, de Fevereiro a Maio, portanto.

Para ir de Itajurú a Itambé, passei, quando de minha primeira viagem, pela sucursal de Itabira de Mato Dentro. Não querendo passar por uma região que eu já conhecia, continuei a seguir, além de Itambé, pela estrada real que, sempre a léste da grande cadeia, vai de Mariana a Vila do Príncipe, e não deixei essa estrada senão entre as aldeias de Cocais e Catas Altas (3). Tôda a região percorrida, cêrca de 10 léguas, entre Itambé e Cocais, é coberta de montanhas. Outrora esta zona apresentava florestas imensas, que foram queimadas para fazer lavouras (4), e em seu lugar vêem-se hoje sómente grandes samambaias, o capim gordura e capoeiras, no meio das quais há muito escassa área de terras de cultura.

Em seguida às primeiras chuvas, estando ainda em Tijuco, havia visto alguns insetos; mas quando me dirigia de Itambé a Itajurú, isto é, ao fim de Novembro, êsses animais tornaram-se já muito numerosos. Os insetos acompanham o ciclo da vegetação; desaparecem quando ela se retarda e são encontrados em grande quantidade na estação em que a natureza sai de seu repouso, a do calor e das chuvas.

(3) Catas Altas foi descrita em minha 1.^a **Relação**, vol. I, pág. 288. (Corresponde ao Volume 126, pág. 248, da **Coleção Brasileira**).

(4) Vide o que escrevi em minha 1.^a **Relação**, vol. I, pág. 193, (Corresponde ao Volume 126, pág. 173, da **Coleção Brasileira**), sôbre o sistema de agricultura adotado pelos brasileiros.

Entre Itambé e Duas Pontes, que fica a 4 léguas, existe apenas exíguo número de residências, e a única fazenda um pouco importante que vi nesse trecho foi a do Couto. Aí notei um pequeno pátio cercado de muros muitos altos, ao qual estava ligada uma construção separada da habitação. O pátio e o edifício eram destinados às mulheres escravas, e, cada noite o dono da fazenda tinha o cuidado de encerrar suas negras nessa espécie de gineceu. Alguns proprietários escrupulosos usam êsse sistema, afim de salvaguardar suas escravas das perseguições dos homens.

Duas Pontes (5), onde passei no dia em que deixei Itambé, é uma grande venda pertencente a DOMINGOS AFONSO, uma das mais importantes desta região. Já disse, em outra ocasião, que vários proprietários estabeleciam vendas à margem das estradas para poderem vender seu milho mais facilmente e a melhor preço. A de Duas Pontes foi construída em uma pequena planície cercada de colinas e onde passa o rio Tanguí (6). A venda tomou êsse nome, porque efetivamente é preciso passar uma ponte para aí chegar e passar outra ao sair; a primeira foi construída sôbre o rio Tanguí e a segunda sôbre o Macuco, que se lança no Tanguí não longe da venda. O solo dos arredores apresenta um barro avermelhado, misturado com um pouco de areia; é fértil e próprio para tôdas as culturas.

A pouca distância de Duas Pontes, depara-se, à direita do caminho, a bela fazenda de DOMINGOS

(5) Não se deve escrever **Dôs Pontes**, como fizeram na Alemanha.

(6) Para a ortografia dessa palavra cingi-me à pronúncia que me pareceu comum na região; mas acredito ser melhor escrever **Tangue**, como fizeram os Srs. SPIX e MARTIUS.

AFONSO. Apresentei-me, demonstrando logo o desejo de ver a usina de açúcar; fui recebido a contento e conduzido ao engenho que, disseram-me, pode moer por dia 24 carros de cana. De todos os engenhos que vi na província de Minas era êsse o único cujos cilindros eram revestidos de lâminas de ferro e não pude deixar de admirar a elegância de suas rodas. A julgar-se sómente pelo tamanho dos edifícios que a compõem, a fazenda de Domingos Afonso deve ser uma das mais importantes da província, e as aparências não enganam. Imensas plantações de cana dependem desta habitação; nela trabalham 130 escravos e várias vezes por mês partem de Domingos Afonso para a cidade de Sabará, tropas carregadas de açúcar e aguardente.

De Duas Pontes fui pernoitar a 3 léguas e meia em uma pequena casa chamada Ponte do Machado. O proprietário dessa casita disse-me que outrora as terras dos arredores eram grandemente produtivas. Vários mineradores de Cocais e Santa Bárbara tinham aí fazendas de onde tiravam víveres para seus escravos; mas, por muito fértil que seja o terreno êle se esgota logo quando se lhe pede sempre sem lhe dar nunca; e foi o que aconteceu aos arredores de Ponte do Machado, como em uma multidão de outros lugares. O milho não rende mais em Ponte do Machado, do que 100/1; a cana sómente produz açúcar um ano, sendo que o segundo corte serve apenas para fabrico de aguardente.

Entre Ponte do Machado e a aldeia de Cocais, distante apenas 2 léguas, descobrem-se as montanhas

chamadas serra de Cocais e chegando à aldeia passa-se e repassa-se várias vezes o riacho denominado Una (7).

Havia muito tempo não gozava de vista tão agradável quanto a que me ofereceu a aldeia de Cocais, observada das montanhas opostas. Ela é construída ao mesmo tempo sobre o topo e sobre o flanco de uma colina que se eleva ao pé da serra. Esta, desenvolvendo-se atrás da aldeia, forma uma espécie de hemicírculo que apresenta grandes espaços cobertos de florestas sombrias, outros simplesmente revestidos de gramados e, aqui e acolá rochas de cor enegrecida. À direita, percebe-se, em grotas, duas grandes jazidas onde a terra se apresenta desprovida de vegetação e ao redor das quais se acham esparsas numerosas casas de negros. A colina onde se acha a aldeia, termina por uma larga plataforma, à frente da qual foi construída a igreja. Ao redor desta foram plantadas palmeiras cujos caules eretos e a folhagem leve contrastam de modo notável com as formas das árvores cerradas e copadas da serra, enquanto que a brancura das paredes da igreja faz ressaltar o verde sombrio dessas árvores. As casas que se estendem pelo flanco da colina, pequenas e baixas, são separadas umas das outras por grupos de bananeiras, cafeeiros e laranjeiras, de tal modo densas que em parte nenhuma deixam perceber o solo. Em todos os arredores da colina a terra foi rasgada em todos os sentidos pelos mineiros, que revolveram igualmente as margens do riacho Una, que corre sobre um leito enegrecido suas águas sujas pela argila vermelha que resulta da lavagem do ouro. O conjunto dessa paisagem apresenta um cará-

(7) **Una** ou **Pixuna**, na língua geral significa negro, nome que o rio deve à cor do terreno em que corre.

ter particular; nada lembra a Europa; as côres da montanha, as árvores copadas que a cobrem, as jazidas que se avistam, as palmeiras que cercam a igreja, a forma das casas contra as quais se apertam bananeiras e laranjeiras, tudo é brasileiro; até a côr do Una.

Passeei pela aldeia, cujo interior não apresenta nada de notável. Como disse já, as casas são pequenas; não estão em estado de decadência, como as de tantas outras aldeias das regiões auríferas; mas em geral não denunciam abundância.

Cocais (8), sucursal da paróquia de S. João do Morro Grande, que fica a cêrca de 2 léguas e que depende do termo de Caeté, deve sua existência a algumas jazidas que produziram muito ouro, mas que hoje já não mostram grande abundância (9). Essas minas pertencem a uma só família, da qual depende quase tôda a aldeia e a região circunvizinha. Os chefes dessa família acabam de montar (1817) forjas à margem do Una; êles vendem uma parte do ferro que fundem em seu estabelecimento e, com o resto fabricam instrumentos necessários à exploração de suas minas. Dizem que o ferro de Cocais é de muito boa qualidade; assim, quando o ouro estiver completamente esgotado, as forjas poderão sem dúvida contribuir para a subsistência da aldeia.

Foi além de Cocais que deixei a grande estrada de Vila do Príncipe a Vila Rica, para tomar o cami-

(8) Procurei saber se Cocais não vinha de cocão, nome de uma espécie de árvore própria para as encostas (Vide minha 1.^a Relação, vol. I, pág. 444. (Corresponde ao Volume 126, pág. 371. da Coleção *Brasiliana*). E' mais possível que esse vocábulo seja simplesmente o plural de *cocni*, que segundo o A. de *Crografia Brasileira*, significa no Brasil um lugar plantado de coqueiros.

(9) O ouro nesta região, segundo os Srs. SPIX e MARTIUS, é de 22 e 1/2 k.

nho de Santa Quitéria e Itajurú de S. Miguel de Mato Dentro.

Continuei a atravessar a região outrora coberta de matas virgens. Tufos de matas mostram-se ainda aqui e acolá, principalmente nos outeiros; mas, por todos os lados só se vêem terrenos cobertos de capim gordura.

Chegado próximo do Rio de Santa Bárbara segui seu curso até à aldeia do mesmo nome (10). As duas margens do rio foram revolvidas pelos mineradores; retiraram daí bastante ouro, mas o metal esgotou-se e a povoação de Itajurú de Santa Bárbara, que precede a aldeia de Santa Bárbara, está hoje quase abandonada. Nesse povoado, cujas casas são muito separadas umas das outras, e construídas a pouca distância do rio, existe uma que por seu tamanho chamou-me a atenção, podendo ser comparada a um de nossos castelos. Desta casa, que pertencia à família do capitão PIRES, da aldeia de Itabira (11), dependia outrora uma mineração importante; essa mineração esgotou-se e a casa está atualmente quase abandonada.

Após ter feito duas léguas e meia, parei na bela habitação de Santa Quitéria, onde fui tão bem recebido como da primeira vez pelo coronel ANTÔNIO TOMAZ DE FIGUEIREDO NEVES (12).

Para ir de Santa Quitéria à habitação de Itajurú de S. Miguel de Mato Dentro, segui o caminho já meu conhecido de minha viagem à serra do Caraça. Nunca

(10) Vide minha 1.^a *Relação*, vol. I, pág. 216. (Corresponde ao Volume 126, pág. 191, da Coleção *Brasíliana*).

(11) Vide minha 1.^a *Relação*, vol. I, pág. 269. (Corresponde ao Volume 126, pág. 234, da Coleção *Brasíliana*).

(12) Vide minha 1.^a *Relação*, vol. I, pág. 216. (Corresponde ao Volume 126, pág. 191, da Coleção *Brasíliana*).

estive tão impaciente por chegar. Esperava encontrar em Itajurú notícias da Europa, e ia rever meu excelente amigo, o respeitável Sr. ANTÔNIO GOMES DE ABREU e FREITAS, o brasileiro que me inspirava maior confiança e afeição.

O capitão GOMES acolheu-me, com muita amizade, mas não recebera para mim nenhuma carta de França, e à contrariedade que experimentei, decepcionado em minhas mais doces esperanças, vieram juntar ainda outras amolações. O caráter do pobre PREGENT se alterava dia a dia; Silva e o tocador João Moreira, de volta a sua terra, queriam por têrmo às suas viagens, e, durante muito tempo o capitão GOMES procurou inutilmente dois homens que quizessem conduzir os animais.

Como a vegetação dos arredores de Itajurú é pouco variada, nenhuma descoberta me compensou do atraso a que fui obrigado; receava tornar-me pesado ao meu excelente hospedeiro, e a vida sedentária que era forçado a levar juntava-se ao mau estar que não cessara de experimentar depois de minha queda.

Entretanto duas visitas que recebemos durante minha estada em Itajurú amenizaram minhas contrariedades. Fiel à sua promessa, o capitão PIRES, de Itabira, veio passar alguns dias em casa do Sr. GOMES, fazendo-me gozar de sua palestra, tão agradável quanto instrutiva.

A outra visita não era esperada. Saía um dia do pátio da habitação, quando vi entrar um homem que me perguntou se eu era filho do capitão ANTÔNIO GOMES; tendo respondido negativamente, mostrei-lhe ainda a residência do dono da fazenda e continuei meu caminho. Todavia o modo de trajar dêsse via-

jante, sua fisionomia, seu ar desembaraçado e a vivacidade de seus movimentos haviam me impressionado; após alguns instantes de reflexão não duvidei tratar-se de um francês, e voltei. Um criado estrangeiro achava-se à porta do pátio, era o do viajante; difícil enganar-se sobre a que nação pertencia; dirigi-lhe a palavra em francês, e sua resposta provou-me que tomando-o por um compatriota eu não me enganara em minhas conjeturas. Corri ao encontro de seu patrão e tive grande satisfação em abraçar, tão longe de meu país, um patricio igualmente recomendável por sua instrução e por seu caráter. O viajante que vinha de chegar a Itajurú era o Sr. MONTLEVADE, engenheiro de Minas, antigo aluno da Escola Politécnica, chegado recentemente ao Brasil, tendo deixado o Rio de Janeiro para percorrer a província de Minas Gerais. Trabalhara amizade, antes de sua partida, com o Sr. ANTÔNIO ILDEFONSO GOMES, e êsse moço lhe dera uma carta de recomendação para os habitantes de Itajurú.

O Sr. MONTLEVADE fixou residência em Minas Gerais: aí estabeleceu fundições e poderá prestar grandes serviços à bela terra que se tornou para êle uma segunda pátria.

Enquanto que eu ansiava por deixar Itajurú, o botocudo Firmiano (13) desejava aí ficar para sempre. Êsse rapaz continuava alegre e contente. Eu temia torná-lo infeliz, tirando-o das florestas, mas até então êsse temor não se justificara. Alheio a todos os nossos costumes, Firmiano não era atormentado pela cupidez, nem pela ambição; seus desejos não iam além das primeiras necessidades da vida e eu podia satisfa-

(13) A história de Firmiano encontra-se no II vol. de minha 1.^a Relação.

zê-los todos, logo que os demonstrava. Gozando o dia de hoje e entregue à sua imprevidência, êle não considerava o futuro senão como a continuação da felicidade que usufruía. Demonstrava inteligência, não se recusava a trabalhar e era mesmo muito zeloso por tudo quanto concernia aos animais de carga. Lembrava-se perfeitamente dos lugares por onde havíamos passado, e, se se esquecia de alguns era sempre daqueles onde não tinha sido bem recebido. Nunca tendo sido maltratado, não tendo mesmo sido contrariado sem razão, havia conservado tôdas as suas graças selvagens, e como estava sempre alegre, era sempre recebido com bondade. O capitão ANTÔNIO GOMES e tôda a sua família, amavam-no muito; as mulheres admitiam-no no interior da casa e êle divertia-as por seu bom humor e ingenuidade. Prendia-se àqueles que lhe faziam o bem e, grato pelas bondades que lhe proporcionaram em Itajurú, disse um dia: "Vou ficar aquí, não posso ir para a França, meu coração não poderá ir". Mas, é preciso confessar, os índios acabam sempre por adquirir alguns defeitos, pela aproximação dos homens de nossa raça. Para que permanecesse como era então, seria preciso que Firmiano nunca se separasse de mim e de meu criado. Após a morte dêste último, o pobre selvagem teve quase sempre sob os olhos exemplos detestáveis; sendo naturalmente imitador, perdeu-se e nunca mais foi feliz.

CAPÍTULO VI

PARTIDA DE ITAJURÚ. — A CIDADE DE CAETÉ. — A SERRA DA PIEDADE E A IRMÃ GERMANA.

O Autor deixa Itajurú. — Descrição geral da região situada entre Itajurú e Sabará. — Habitação de Boa Vista; festas de Natal. O A. separa-se do capitão Antônio Gomes de Abreu e Freitas. — O rio Santa Bárbara. — A aldeia de S. João do Morro Grande. — Uma cruz. — Algumas palavras sôbre o caráter dos mineiros. — A habitação de Morro Grande. — A cidade de Caeté; seu nome; sua história; suas ruas e suas casas; sua igreja. — Carneiros. — Arraial de N. S. da Penha. — Habitação de Antônio Lopes, seu proprietário. — A serra da Piedade; sua vegetação; vista que se goza de seu cume; a capela que foi construída nessa montanha; seus eremitas e os da província de Minas, de modo geral; uma grota. História e doença da freira Germana. — Falso sobreiro. — Uma trovada. — Aldeia de Cuiabá. — Aldeia de Pompéu. — Chegada a Sabará. — Reflexões sôbre os inconvenientes da exploração das minas e sôbre o sistema de agricultura usado pelos brasileiros.

Havia mais de um mês que me achava em Itajurú, quando, encontrando enfim um tropeiro, pús-me em marcha. Não querendo voltar a Vila Rica pelo caminho já meu conhecido, fiz uma longa volta pelas cidades de Caeté e Sabará, seguindo direção oeste-nordeste. Segui então o lado oriental da grande cordilheira;

N. T. — No original francês a numeração dos capítulos está errada do V em deante.

depois, tendo atravessado essa cadeia nas proximidades de Cacté, achei-me, pela terceira vez, no lado ocidental. A região que percorri numa extensão de cerca de 20 léguas até à cidade de Sabará, é extremamente montanhosa tendo sido fornecedora de prodigiosa quantidade de ouro; poucas são as culturas que aí se vêem, e quase por tôda parte o capim gordura toma o lugar das florestas primitivas. E' uma região que nada apresenta parecido com a brilhante monotonia do Deserto. A altura das montanhas, a profundidade dos vales, as excavações irregulares feitas pelos mineradores, as formas majestosas dos grandes vegetais e sua verdura sombria, emprestam às paisagens uma austeridade atenuada apenas pelo azul resplandescendente do céu dos trópicos.

Como ao deixar Itajurú eu devia ir pernoitar em casa do irmão do capitão ANTONIO GOMES DE ABREU E FREITAS, êste último e seus dois filhos, JOÃO e GOMES, quizeram me acompanhar. Ainda não era chegado o momento de me separar dêsses excelentes amigos; entretanto sentia meus olhos encherem-se de lágrimas, quando, olhando para trás, avistava ainda a habitação de Itajurú onde encontrara por duas vezes a hospitalidade mais amável e mais tocante.

Até próximo de Santa Bárbara seguimos caminho já meu conhecido e que vai dessa aldeia a Itajurú e a S. Miguel. Quando deixámos êsse caminho, a serra do Caraça (1) logo se nos apresentou, com tôda a sua majestosidade a ^{Até} então viamos apenas jazidas abandonadas, vastos campos de capim gordura e tufos de matas, reduzidos restos das florestas primitivas.

(1) Essa montanha é descrita em minha 1.^a Relação.

Era já muito tarde quando partimos de Itajurú; a uma légua de Boa Vista, a habitação aonde devíamos pousar, fomos surpreendidos por uma noite profunda e nos perdemos. O bom capitão ANTÔNIO GOMES mostrava-se desesperado com êsse imprevisto; mas sua contrariedade era unicamente por minha causa. Fomos enfim felizes de encontrar, em meio a escuridão, alguém que teve a bondade de nos servir de guia que nos conduziu até à casa do Sr. JOÃO VIEIRA DE GODOI ALVARO LEME, um dos parentes do capitão. Êste proprietário, homem de cêrca de 50 anos, tinha aparência alegre e jovial, e o que é raro neste país, tinha olhos azues e os cabelos louros. Descendia de uma dessas famílias de paulistas que tantas descobertas fizeram no interior do Brasil; animado do mesmo espírito de seus antepassados, havia arrostado por várias vezes os numerosos perigos de uma viagem pelo rio Doce, e eu lhe devo, a respeito dêsse rio, as informações que em seguida mencionarei.

O Sr. JOÃO VIEIRA forneceu-nos uma lanterna e um novo guia. Após pôrmo-nos a caminho, descermos logo um monte extremamente íngreme; a lanterna não produzia senão uma luz fraca; nossos animais, como que arrastados pelo declive da montanha, pareciam nos lançar em algum abismo, e nós nos mantinhamos em profundo silêncio. Entretanto chegámos sem acidente à habitação de Boa Vista, e fui perfeitamente recebido pelo capitão JOÃO JOSE' DE ABREU.

A vista do capitão ANTÔNIO GOMES devia ser muito agradável a seu irmão, tal ^{o ãe} qual ^{o ãe} mais que nos achavamos em tempo de Natal, e essa época é para os brasileiros a da reunião das famílias. Os filhos

estabelecidos longe de seus pais, vão então visitá-los e, após uma longa separação, celebram com banquetes o prazer do reencontro.

A casa do capitão JOÃO JOSE' fica quase à beira do rio Santa Barbára. Todos os morros que rodeam esta habitação e os que lhe ficam em frente são cobertos de capim gordura. Fiz uma herborização nas vizinhanças do rio, sem nada encontrar; o capim gordura é, como já tive oportunidade de dizer, um ambicioso que não admite sociedade. Aquí, como em outros lugares, as margens do rio Santa Bárbara foram revolvidas pelos mineradores; mas os morros próximos, que devem encerrar também muito ouro, não foram explorados, devido a ser muito difícil o trabalho neles.

Poderia citar uma mina pertencente ao capitão JOÃO JOSE' DE ABREU, situada ao meio de um dos outeiros que circundam a casa; ela inda não havia sido explorada, ou o tinha sido ligeiramente, e entretanto prometia, segundo diziam, tantas riquezas quanto as montanhas de Itabira (2).

O Sr. JOÃO JOSE' ofereceu-me guardar em sua casa as malas que eu não precisava transportar comigo, assim como os animais que as carregavam, para enviá-los diretamente a Vila Rica. Aceitei o oferecimento do capitão deveras agradecido, porquanto vários dos meus animais de carga achavam-se cansados, sendo preciso cada dia um tempo enorme para carregar as numerosas coleções que eu tinha formado durante um ano na província de Minas.

Deixei a fazenda da Boa Vista a 2 de Janeiro de 1818. O capitão ANTÔNIO GOMES, seu irmão e seus

(2) Vide minha 1.^a *Relação*, vol. I, pág. 271 e seguintes. (Corresponde ao Volume 126, pág. 235, da Coleção *Brasiliana*).

filhos acompanharam-me até à aldeia de S. João do Morro Grande. No momento de nossa separação o capitão estava alagado em lágrimas e seus filhos pareciam vivamente comovidos.

Tomei grande parte na enorme sensibilidade d'esses excelentes amigos, e a idéa de nunca mais revê-los me pareceu insupportável. Quando me vi só, não pude deixar de maldizer as viagens que parecem nos proporcionar o ensejo de conhecer homens de bem só para nos forçar a uma separação imediata; sombrios presentimentos, que foram acertados, juntaram-se às minhas recordações fazendo-me cair em profunda melancolia; entretanto as distrações da viagem dissiparam pouco a pouco minha tristeza e cheguei resignado ao lugar aonde devia pousar.

Pouco depois de ter deixado Boa Vista, passámos o rio Santa Bárbara, cujas águas são avermelhadas, como tôdas as que servem à lavagem do ouro. Esse rio nasce na grande cordilheira, no lugar chamado Capanema (3), distante 6 léguas da habitação de Boa Vista; êle muda de nome várias vezes; recebe na aldeia de Barra o rio Caeté e lança-se no Piracicaba bem abaixo de S. Miguel.

(3) E não **Campanéma**, como querem na Alemanha. **Capanema** parece-me vir das palavras guaranis *caá* montanha e *panemá*, espécie de árvore que produz flores amarelas. Não conheço, entretanto, a árvore em questão e duvido sobre se esse nome foi dado à mesma planta em Minas e no Paraguai. Um cidadão muito instruído, que encontrei nas Missões do Uruguai e ao qual devo muitas informações sobre a etimologia indígena, disse-me que os hispano-americanos dão o nome de **retama** ao **panemá** dos guaranis. Mas **retama**, em espanhol, significa **giesta** e esse nome terá sido certamente aplicado na América a uma ou várias plantas bem diferentes das giestas da Europa.

Entre Boa Vista e S. João do Morro Grande, vi de tempo em tempo, casas e campos de milho. Quando atravesssei esta parte da província pela primeira vez ela me pareceu deserta; mas depois que percorri o sertão achei-a extremamente povoada. Os mesmos objetos parecem diferentes ao viajante, segundo a natureza dos termos de comparação. Após uma grande estada no Cabo da Boa Esperança, SPARMAN teve enfim uma idéia exata dessa região e se viajantes fizeram magníficas descrições a respeito da mesma, foi, segundo SPARMAN, porque antes elles não tinham sob às vistas, durante muito tempo, senão céu e mar (4).

A aldeia de S. João do Morro Grande, onde me separei do capitão GOMES, é a cabeça de uma paróquia cuja população ascende a 5.420 habitantes, e que comprehende cinco sucursais (5). S. João fica a 19°57' de lat. (6), às margens do rio Caeté e ao pé dos montes que o dominam. Outrora o ouro era encontrado com abundância nas vizinhanças dêste rio; mineradores para aí acorreram e construíram a aldeia de S. João; mas as minas logo se esgotaram e a aldeia teve a mesma sorte que tantas outras, estando atualmente inteiramente abandonada. Não perdeu, contudo, todo o seu antigo esplendor; porque resta-lhe ainda uma das mais belas igrejas que vi na província de Minas.

Quase logo após ter atravessado S. João do Morro Grande, passei diante de uma cruz, sob a qual não posso deixar de dizer algumas palavras. Um homem, via-

(4) "Voyage au Cap. de Bonne Espérance".

(5) Piz. Mem. Hist. VIII, pág. 112.

(6) Loc. cit.

jando nessa região, acreditou ter visto almas do purgatório, que volteavam ao redor de seu cavalo, sob a forma de pombos, pedindo-lhe preces. Em memória dessa aparição êle fez erguer a cruz; a história que venho de relatar acha-se gravada ao pé da mesma.

Para ir de S. João à fazenda do Morro Grande, onde parei, ladeei sempre o rio Cacté. Por tôda parte suas margens foram escavadas pelos mineradores; grande foi a produção de ouro, mas hoje ela está esgotada. Os mineradores dispersaram-se e agora a região acha-se em triste abandono. Os canais que levavam água às jazidas estão semi-destruídos e de espaço em espaço encontram-se casas vazias que caem em ruínas. Como já disse, o estabelecimento do minerador não seria durável. Esgotada a mina é preciso que êle vá, em busca da fortuna, a outro lugar; quase sempre imprevidente, a cabeça cheia de vãs esperanças, êle nada economiza para o futuro e quase sempre termina na miséria uma vida iniciada na opulência.

A fazenda do Morro Grande pertencia ao sargento-mor DOMINGOS PINTO, que eu havia visto em Itajurú, e que me recebeu muito bem. Trata-se de um homem bem educado e de modos extremamente distintos. De um modo geral foi a comarca de Sabará a parte da província onde até então eu havia encontrado maior número de brancos e ao mesmo tempo os homens mais polidos e mais instruídos (7). Na época em que havia opulência nesta região os pais enviavam alguns de seus filhos à Universidade de Coimbra, afim

(7) Há provavelmente mais considerável número de brancos na parte da comarca de Rio das Mortes vizinha de S. João d'El Rei, e na própria cidade de S. João; mas êles são muito menos civilizados que os de Sabará.

de torná-los capazes de ocupar altos cargos; e se êstes últimos não puderam fazer o mesmo com seus filhos, ao menos acharam-se em condições de transmitir algumas luzes às suas famílias. Como disse alhures (8) o seminário de Mariana que havia sido fundado por alguns mineradores ricos, foi também muito útil a tôda região; mas, à época de minha viagem não havia para a educação outros recursos além dos "mestres de escola" propriamente ditos, alguns professores de gramática latina, pagos pelo govêrno, mas inteiramente independentes, e enfim um professor de filosofia, residente em Vila Rica.

Deixando a fazenda do sargento-mor Domingos Pinto, fui ver suas minas, das quais dei a descrição na primeira parte desta obra, e que são situadas na montanha chamada Morro Grande. E' a essa montanha que a fazenda do Sr. PINTO e a aldeia de S. João devem provavelmente os nomes.

Após haver examinado a jazida do sargento-mor, continuei a subir e vi ainda outras minas em exploração. Começaram, como disse, por procurar o ouro nas margens dos rios onde era fácil de extrair; mas, depois que os terrenos de aluvião não produziram mais nada, foi preciso procurá-lo no interior das montanhas.

Ao pé do Morro Grande passei por uma habitação onde para quebrar o minério de ferro que contem ouro, se serviam de "bocards" análogos aos empregados na Europa. E' de crer-se que êsse processo mecânico será aos poucos adotado em outras minas, e quando faltar a água ela será substituída por bois ou mesmo, com o tempo, por máquinas a vapor.

(8) Vide minha **1.ª Relação**, vol. I, pág. 163. (Corresponde ao Volume 126, pág. 151, da Coleção **Brasillana**).

Após haver seguido por um vale emoldurado por montes de uma altura considerável, cheguei enfim à cidade de Caeté.

O nome desta cidade que, na língua dos índios, significa “montanha coberta por grossas árvores”, foi-lhe dado outrora, porquanto efetivamente existiam grandes florestas em suas vizinhanças (9). Foram o sargento-mor VARDES e os irmãos GUERRA, oriundos de Santos, os primeiros descobridores desta região e que a povoaram (10).

Caeté é célebre na história das Minas, como tendo sido teatro de um dos primeiros conflitos que fomentaram a guerra civil entre os paulistas e os forasteiros ou estrangeiros.

Dois paulistas, JULIO CESAR e JERÔNIMO PEDROSO, achavam-se no adro da igreja de Caeté, quando viram passar um forasteiro trazendo à mão um bacamarte. Esta arma despertou-lhes cobiça e, para dela se apoderarem, êles não achavam meio mais fácil que o de acusar o portador de tê-la roubado. MANOEL NUNES VIANA foi testemunha dos esforços que faziam para tomarem o bacamarte ao estrangeiro e dos insultos que lhe diri-

(9) Creio que frequentemente pronuncia-se *Caité*, tendo-se escrito *Caityté*, *Caethé* e *Caité*. A ortografia que, sigo devo ser adotada porquanto é a que mais se aproxima da etimologia indígena. Com efeito os termos indígenas são *caú eté*, que o padre ANTÔNIO LUIZ DE MONTOYA traduz: “monte verdadeiro de palos gruesos”, e que não significam, por conseguinte, como se acreditou — “mata espessa sem clareira”, mas “montanha coberta de grandes árvores”.

(10) E' pelo menos o que informa SOUTHEY (*Hist. of Brazil* III. 8); mas PIZARRO atribue essa descoberta a um sargento-mor paulista, chamado LEONARDO NARDES. A diferença que se encontra entre Vardes e Nardes é devida provavelmente a um erro tipográfico ocorrido a um ou ao outro Autor.

giam. MANOEL, por sua vez, era natural de Portugal; era um homem forte, prudente e corajoso; percebeu que o objeto em litígio pertencia bem legitimamente ao seu portador e intercedeu em favor dêsse homem. Houve troca de palavras ofensivas e MANOEL NUNES desafiou os paulistas ao campo de honra. Mas a êsse tempo era pouco usado entre os brasileiros o costume de solucionar questões em combates singulares; os dois paulistas acharam que seria menos perigoso reunir seus parentes e amigos e atacar MANOEL NUNES em sua própria casa. A notícia dessa disputa correu logo aos arraiais de mineiros de Sabarabussú e de Rio das Velhas e os forasteiros passaram a considerar MANOEL NUNES como seu chefe e defensor. De resto, se a guerra civil teve início em Caeté, foi também nessa localidade que ela começou a ter fim. Quando o governador do Rio de Janeiro, ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE COELHO, se apresentou para repôr a região no caminho da ordem, teve em Caeté conferências com MANOEL NUNES VIANA; conseguindo que êste se demitisse do poder de que se achava ilegalmente revestido pelo voto de estrangeiros.

Em 1714 Caeté foi elevada a cidade, sob o nome de Vila Nova da Rainha, nome que não foi adotado na linguagem habitual. Seu têrmo faz parte da comarca de Sabará; é administrada por dois juizes ordinários e compreende cinco paróquias: a da cidade, contando cêrca de 5.000 habitantes e as de S. João do Morro Grande, Santa Bárbara, S. Miguel de Piracicaba e a de Curral d'El Rei (11).

(11) PIZ. Mem. hist., VIII, pág. 112-113.

A cidade de Caeté acha-se a 19°50' (12) e está construída à margem de um regato, sôbre a encosta de uma colina; é mais comprida do que larga; suas ruas são amplas e calçadas e, se na maioria as casas são de um andar apenas, ao menos vê-se que foram bem construídas. Esta cidade devia ser muito agradável no tempo em que era próspera; mas teve a mesma sorte que tantas outras, que deviam suas origens à presença do ouro; suas minas esgotaram-se e a cidade foi abandonada. Vê-se aí um grande número de casas belas atualmente desertas e caindo em ruínas. Sua população atual não vai além de 300 ou 400 almas.

Há todavia em Caeté um monumento que assinala o seu antigo esplendor — é sua igreja. Não sómente não havia visto em tôda a província de Minas uma única que fôsse tão bonita; mas ainda, duvido que exista no Rio de Janeiro alguma que se lhe possa comparar. A igreja paroquial de N. S. do Bom Sucesso, começada há cêrca de 50 anos (1818) custou, disseram-me, 112.000 cruzados (280.000 fs.). E' construída de pedras e, desde seu exterior chama a atenção por sua grandiosidade. Sua nave é muito larga e contei 47 passos do altar-mor à porta, o que é um tamanho considerável para o Brasil, onde as igrejas são em geral pequenas. Como nas demais os altares laterais são colocados obliquamente (13); a balaustrada existente ao redor da nave, separando-a do santuário, foi feita com madeira de jacarandá, negro como o ébano. Acima da porta de entrada vê-se uma grande tribuna; a sacristia é igualmente muito grande e eu admirei a

(12) PIZ. *Mem. hist.* VIII, pág. 110.

(13) Vide minha *I.ª Relação*, vol. I, pág. 120. (Corresponde ao Volume 126, pág. 116, da Coleção *Brasilliana*).

limpeza aí reinante. Todo o edificio é iluminado por doze grandes vitrais nada havendo dessa obscuridade que nos inspira tristeza quando entramos em nossas igrejas. A de Caeté é ornada com extremo gôsto. Não pouparam os dourados, entretanto não foram empregados exageradamente e as pinturas do teto, bem como as imagens dos santos são melhores que as de tôdas as igrejas que até então visitei na província de Minas.

Deixando a cidade de Caeté, dirigi-me à serra da Piedade, montanha que fica a 2 léguas e que é um dos picos mais altos da cadeia ocidental. Quase imediatamente comecei a subir, e durante algum tempo fiquei admirado com a côr da terra, que é quase branca, assemelhando-se à dos arredores de S. João, em Minas Novas.

Desde que me acho na província de Minas ainda não tinha visto tantos carneiros como nos arredores de Caeté, sendo todavia muito pequenos rebanhos, comparados aos da França. E' entretanto incontestável que as pastagens das montanhas de Minas Gerais são muito próprias à criação de ovinos; nesta região as ovelhas não exigiriam tantos cuidados como na Europa e não será exagerado estranhar que a administração não trate de encorajar uma fonte de renda que acabará por libertar o Brasil do maior tributo talvez, de todos que êle paga à Europa (14).

A pouca distância de Caeté, encontra-se um grande número de casebres, construidos sem dúvida na época em que havia abundância de ouro na região, todos atualmente abandonados. O mesmo acontece

(14) Talvez volte a êsse assunto em minha 3.^a Relação.

no povoado da Penha, ou N. S. da Penha, situado a uma légua de Caeté, construído igualmente por mineiros. Esta aldeia possui uma capela, pequena mas muito bonita. A serra da Piedade fica defronte desta última, apresentando à extremidade de exíguo horizonte, uma massa arredondada, sôbre a qual rochedos se mostram, aquí e alí, no meio de um gramado pardacento (15).

Pouco tempo após haver passado por Penha, entrei em matas, e, subindo sempre, cheguei enfim a uma fazenda situada ao pé da serra da Piedade, chamada Fazenda de Antônio Lopes. Esse LOPES era um pobre velho que me acolheu do melhor modo possível. Meu criado caiu doente em sua casa; vi-me obrigado a aí ficar durante uma semana, e, durante todo esse tempo, a bondade e a alegria de ANTÔNIO LOPES não se desmentiram. Meus camaradas cozinhavam; mas o excelente velho fez questão que eu compartilhasse de suas refeições. Quase sempre serviam-nos um carurú de chicória, e uma canjica que por sua côr mostrava a sujeira da vasilha onde tinha sido cozida; mas isso era tudo quanto Lopes dispunha e êle oferecia-o de bom grado (16).

A parada que fiz em casa dêsse velho permitiu-me percorrer a serra da Piedade, estudar sua vegetação e observar o que essa montanha apresenta de interes-

(15) E' preciso não confundir o arraial de Penha, vizinho de Caeté, com a aldeia do mesmo nome pertencente ao termo de Minas Novas (Vide minha 1.^a Rel., vol. II, pág. 10). (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 20, da Coleção **Brasilliana**).

(16) Pela palavra **carurú** entende-se em geral um cozido de ervas picadas. Já disse que se chama **canjica** ao milho cozido n'água, sem sal e sem manteiga (Vide minha 1.^a Relação, vol. I, pág. 112). (Corresponde ao Volume 126, pág. 110, da Coleção **Brasilliana**).

sante. Ela tem cêrca de 5.400 pés de altura (acima do nível do mar) (17), e acha-se situada a 4 léguas da cidade de Sabará. Como para chegar à fazenda de ANTONIO LOPES já se subiu bastante, a distância em linha reta, dessa habitação ao cume da montanha, não é, ao que me pareceu, muito considerável; entretanto as bananeiras e a cana de açúcar dão bem na fazenda e por conseguinte êsse lugar deve ser menos elevado que a aldeia de Congonhas da Serra, onde, como se viu, as geadas não permitem o cultivo dessas plantas.

Para atingir a serra dá-se uma grande volta; mas pode-se chegar até ao cimo mesmo a cavallo. Atravessa-se então terrenos outrora cultivados e hoje cobertos de matas. São matas do tipo capoeirão, que sucedem às capoeiras, mau grado não ter encontrado nelas nenhum dos arbustos que compõem as capoeiras (18). Logo que se sai das matas de que venho de falar, começa-se a subir uma encosta firme; o terreno é todo ferro; rochas mostram-se aquí e acolá; não se depára nenhuma fonte e a vegetação, muito fraca, não apresenta senão arbustos, sub-arbustos e ervas. É sómente no lugar em que as matas deixam de apparecer e onde a terra não mais se presta à cultura que a montanha toma, na região, o nome de serra da Pie-

(17) Vêdo SPIX e MART., *Relm.*, 422.

(18) Viu-se em minha 1.^a *Relação*, que para fazer plantações em uma terra virgem, cortavam-se e queimavam-se as florestas que a cobriam; que após haver obtido um par de colheitas deixava-se a terra repousar; que aí cresciam então matas pouco vigorosas, chamadas **capoeiras**, inteiramente diferentes das florestas primitivas, e, que, enfim deixando-se as capoeiras crescer se mimpeçlho desde que aí não se puzessem animais a pastar, appareciam novas matas chamadas **capoeirões** (plural de **capoeirão**), onde, como refirimo aquí, não se veem os arbustos das capoeiras.

dade. Esperava aí encontrar grande número de plantas, mas fui decepcionado em minhas esperanças; as espécies que aí aparecem são das mesmas que colhi na serra do Caraça, com a diferença que esta última apresenta uma quantidade de vegetais bem mais considerável que a serra da Piedade visto ser mais úmida. As plantas mais comuns na parte descoberta da serra da Piedade são duas espécies de Compostas, uma Leguminosa (**Betencourtia rhinchosioides** N), uma Convolvulácea a que chamci **Evolvulus rufus**; enfim uma bela Gesneriácea cujas folhas teem a face dorsal violeta púrpura e com flores tubuladas de um vermelho deitado, dispostas em umbela etc. (**Gesnéria rupícola**, Var. **pulcherrima**).

A montanha termina por uma pequena plataforma, de onde se descobre o mais extenso panorama que me foi dado apreciar depois que me acho na província de Minas; mas essa vista apresenta apenas uma sucessão de montes e vales que se repetem e se tornam fatigantes pela monotonia. A vista da gente procura em vão um lago, um rio ou uma aldeia sôbre a qual possa repousar; há sempre a preocupação de situar as habitações nas depressões, onde não podemos vê-las; a serra do Caraça é o único acidente que empresta um pouco a variedade a um trecho da paisagem, por sua altura e forma de seus rochedos. Na verdade os habitantes da região reconhecem, nesse vasto horizonte, a cidade de Sabará, o rio das Velhas e a povoação de Santa Luzia; mas, êsses diferentes pontos, distantes de 4 a 5 léguas, não poderão ser distinguidos pelo estrangeiro que nunca percorreu a região.

No alto da serra da Piedade foi construída uma capela muito grande, contra a qual apoiaram, à direita

e à esquerda, edifícios onde residem os eremitas da montanha e os peregrinos que a devoção leva a êsse lugar. Tôdas essas construções são de pedra e datam de 40 anos atrás (escrito em 1818). Em frente à capela vêem-se rochedos, no meio dos quais foram colocadas cruzes destinadas aos “passos” que se celebram na semana santa.

Fiquei tão encantado quanto surpreso de achar, no alto da montanha, algumas plantas européias, que se multiplicaram em extrema abundância e que provavelmente não poderão mais desaparecer. Tais são o nosso moranguieiro, o **Cerastium vulgare** e a **Stellaria media**. Um eremita semeou, sem dúvida, a primeira dessas plantas; entre as sementes vieram naturalmente as das outras espécies, e as três plantas, encontrando nessa altitude uma temperatura que lhes convem, proliferam por toda parte e vegetam como em seu país de origem.

Os eremitas que ocupam a espécie de monastério da serra da Piedade são simples leigos. Usam um grande chapéu e uma batina, ou melhor uma espécie de “robe de chambre” preta. Quando de minha viagem êles eram apenas três: dois pequenos mulatos muito ativos e um velho branco que, confesso, provocou-me grande desejo de rir, por seu ar distraído, por seu semblante rubicundo e sua cabeleira postiça, velha e dilatada, já meio roída pelos ratos. À capela da Piedade pertencem uma fazenda e algumas terras situadas ao pé da montanha; poder-se-ia pensar que os eremitas cuidam da fazenda e que, a exemplo dos antigos anacoretas êles se dedicavam ao cultivo da terra; mas tal não acontece; êles acham muito mais cômodo recorrer à caridade pública e a fazenda não é

para êles mais que um abrigo, quando regressando de esmolar, não querem subir logo à montanha. E' preciso convir, todavia, que seu trabalho não seria sufficiente à subsistência e manutenção da capela; mas êsses dois jovens mulatos, cheios de vida e saúde, deviam, parece-me, começar por tirar partido das terras à sua disposição, antes de recorrer à generosidade dos fiéis.

Para dar uma idéia do que são os eremitas, aliás pouco numerosos na província de Minas, creio não poder fazer cousa melhor que traduzir o que a respeito escreveu um viajante respeitável, o Sr. BARÃO DE ESCHWEGE.

“Chamam-se **ermitões** (eremitas) homens que ordinariamente, para expiar seus pecados, tomam a resolução de montar guarda a uma capela e pedir esmolas para sua conservação. Êles se cobrem por uma espécie de hábito; deixam crescer a barba e algumas vezes mesmo a própria cabeleira. Carregando uma caixa envidraçada contendo a imagem do padroeiro de sua igreja, êles percorrem a região, fazem beijar a imagem às pessoas que vão encontrando e recebem por isso esmolas em dinheiro e objetos. Alguns fazem voto de levar êsse gênero de vida até o fim de seus dias, mas a maioria a isso se dedica por um certo tempo. Aquí, como em muitas outras cousas, introduziram tristes abusos; com efeito, vários dêsses eremitas não tomam o hábito senão para viverem à custa do próximo, e vão beber às melhores tavernas com o dinheiro que a generosidade pública lhes ofereceu”. (19)

(19) *Journal von Brazillen*, II, 95.

Em uma de minhas excursões fui ter a uma gruta formada por um largo rochedo que avança horizontalmente acima do solo. Uma pequena parede, construída com terra vermelha fecha inteiramente a entrada dessa gruta; mas no meio da parede fizeram uma pequena janela que serve para iluminar o interior. E' por uma abertura lateral que se penetra na gruta, e, para aí chegar-se é preciso descer sôbre grandes pedras arrumadas à guisa de escada. Diferentes espécies de arbustos guarnecem os arredores dêsse modesto abrigo; a parte de cima do rochedo que serve de teto é coberta de **Tillandsia** e de Orquidáceas de flores bizarras, de coloração parda e amarela; enfim as pedras que servem de escada, protegidas do ardor do sol pela rocha superior, são cobertas por várias espécies de samambaias. Essa gruta parecia feita para um jardim inglês desenhado com a maior elegância. A pequena parede que foi construída na parte da frente assemelhava-a a uma casa. Entrei nessa gruta mas aí apenas encontrei os restos de um leito, o que provava que ela se achava há muito tempo abandonada. Soube, pelo meu hospedeiro, que a gruta tinha sido, há vários anos, habitada por eremitas que achavam o alto da montanha muito frio durante a estação das sêcas.

Conheci na serra da Piedade uma mulher de quem falavam muito nas comarcas de Sabará e Vila Rica. A irmã GERMANA, tal o seu nome, fôra atacada, 10 anos antes (escrito em 1818), de afecções históricas acompanhadas de convulsões violentas. Fizeram-na exorcismar; empregaram-se remédios inteiramente contrários ao seu estado e o mal agravou-se. Ao tempo de minha viagem ella chegara, havia já muito tempo, ao ponto de não poder mais deixar o leito, e a quan-

tidade de alimentos que ela tomava cada dia era pouco maior que a que se dá a um recém-nascido. Ela não comia carne e recusava igualmente as gorduras, não podendo mesmo tomar um caldo. Alguns doces, queijo, um pouco de pão ou farinha, constituíam todo o seu alimento; frequentemente ela recusava alimentar-se e quase sempre era preciso obrigá-la a comer qualquer cousa.

Era voz geral que os costumes de GERMANA haviam sido sempre puros e sua conduta irrepreensível. Durante o curso de sua moléstia, sua devoção crescia dia a dia: queria jejuar completamente às sextas e sábados; a princípio sua mãe quis impedi-la mas GERMANA declarou que durante êsses dois dias era-lhe inteiramente impossível tomar qualquer alimento e daí por diante ela passou-os sempre na mais completa abstinência.

Para satisfazer sua devoção pela Virgem ela se fez transportar à serra da Piedade, cuja capela fôra erguida sob a invocação de N. S. da Piedade, e obteve permissão de morar nesse asilo. Lá, meditando um dia sôbre os mistérios da paixão, ela entrou numa espécie de êxtase; seus braços endureceram e estenderam-se em forma de cruz; seus pés cruzaram-se igualmente e ela se manteve nessa atitude durante 48 horas. À época de minha viagem havia 4 anos que êsse fenômeno se dera pela primeira vez e daí por diante êle se repetira semanalmente. A irmã GERMANA tomava essa atitude extática na noite de quinta para sexta-feira, conservando-se assim até à noite de sábado para domingo, sem fazer um movimento, sem proferir uma palavra, sem tomar qualquer alimento.

Os rumores dêsse fenômeno espalharam-se logo pelos arredores; milhares de pessoas, de tôdas as classes, testemunharam-no; acreditou-se no milagre; a irmã GERMANA foi proclamada santa, e dois cirurgiões dos arredores aumentaram ainda a veneração pública, declarando por escrito que o estado da doente era sobrenatural. Essa declaração ficou manuscrita, mas circulou de mão em mão, sendo dela tirado um grande número de cópias. Entretanto, um médico muito culto, o Dr. GOMIDE, da Universidade de Edimburgo, achou-se no dever de refutar a declaração dos dois cirurgiões e, em 1814, fez imprimir no Rio de Janeiro, sem o nome do autor, uma pequena brochura, cheia de ciência e de lógica, onde prova, com uma multidão de autoridades, que os êxtases de GERMANA não eram senão o resultado de uma catalepsia (20).

A opinião do público dividiu-se, mas uma multidão de pessoas continuou a subir ao alto da serra, para admirar o prodígio de que ela era teatro. Entretanto o último bispo de Mariana, o padre CIPRIANO DA SANTÍSSIMA TRINDADE, que era um homem ajuizado e competente, compreendeu a inconveniência das numerosas reuniões provocadas pela presença de

(20) A brochura de que se trata intitula-se: **Impugnação analítica ao exame feito pelos clínicos, Antonio Pedro de Souza e Manoel Quintão da Silva, em uma rapariga que julgarão santa, na Capela da Senhora da Piedade da serra etc. Rio de Janeiro.** — Nesse trabalho o Dr. GOMIDE, procurando explicar a periodicidade dos êxtases de GERMANA, conta o fato seguinte, que a meu ver merece ser relembrado: “Um proprietário dos arredores de Caeté possuía uma tropa de mulas que empregava no transporte, aos sábados, de víveres à vila. Cada dia êsses animais, deixados, segundo o costume, no pasto, vinham pela manhã e à tarde procurar em casa de seu dono sua costumeira ração de milho. Mas aos sábados, único dia de trabalho, não somente êles não se apresentavam para a ração, mas ainda, escondiam-se no campo.

GERMANA na serra da Piedade, e, para diminuir o pretensu milagre, proibiu a celebração de missas na montanha, sob o pretexto de que o rei não havia dado permissão. Várias pessoas ofereceram a GERMANA abrigo em suas casas; ela preferiu o seu diretor, homem grave, de idade avançada, que residia nas vizinhanças da montanha. Os devotos ficaram muito preocupados com a proibição do bispo de Mariana; mas não sossegarão; solicitaram diretamente ao rei a permissão de celebrar missas na capela da serra, sendo atendidos. GERMANA foi novamente levada ao alto da serra; de tempo em tempo seu diretor ali ia dizer missa, e na ocasião de minha viagem a frequência de peregrinos e curiosos renovava-se semanalmente.

Pouco tempo antes da minha estada ali, um novo prodígio começara a se manifestar na pretendida santa. Tôdas as terças-feiras ela experimentava um êxtase de algumas horas; seus braços deixavam a posição natural e, enquanto durasse o êxtase, ficavam cruzados atrás das costas da doente. No correr da conversa que tive com o seu confessor disse-me êle que durante algum tempo não soubera como explicar êsse fenômeno; mas havia terminado por lembrar-se que a terça-feira era o dia em que se costumava oferecer à meditação dos devotos os sofrimentos de Jesus crucificado.

Quando cheguei pela primeira vez ao alto da serra, fui recebido pelo diretor da enferma. Haviam-me galado muito o desinterêsse e a caridade dêsse eclesiástico. Conversámos durante muito tempo; não me pareceu desprovido de instrução. Falou-me de sua

penitência sem nenhum entusiasmo. Desejava, segundo me disse, que os homens competentes estudassem o estado de GERMANA, e a única censura que fez ao Dr. GOMIDE foi de ter escrito seu opúsculo sem se ter dado ao trabalho de vir ver a enferma. Se o que êsse padre me relatou sôbre sua ascendência sôbre GERMANA não foi exagerado, os partidários do magnetismo animal daí tirariam provavelmente grande partido em apôio de sua doutrina. Afirmou-me, com efeito, que em meio às mais terríveis convulsões era bastante que êle tocasse na doente para torná-la calma. Quando GERMANA se achava em seus êxtases periódicos, seus membros adquiriam tal rigidez que seria mais fácil quebrá-los que dobrá-los; mas se se pode acreditar no testemunho de seu confessor, por pouco que tocasse o braço ou a mão da doente êle lh'es dava a posição que quizesse. O que é certo é que tendo o confessor de GERMANA lhe ordenado que comungasse em um dos seus dias de êxtase, ela se levantara, num movimento convulso, do leito em que havia sido levada à igreja; ajoelhada, mas com os braços sempre cruzados, ela recebeu a santa hóstia, e, desde essa ocasião sempre repetiu a comunhão no meio de seus êxtases. Aliás, o diretor de GERMANA falava sempre com muita simplicidade do seu domínio sôbre a pretensa santa; êle o atribuia à docilidade da enferma e seu respeito pelo caráter sacerdotal, acrescentando que qualquer outro eclesiástico poderia conseguir os mesmos resultados. Êsse homem dizia-me com aquela confiança que os magnetizadores exigem de seus adeptos: a obediência dessa pobre moça é tal que, se eu lhe ordenar que passe uma semana inteira sem se alimentar, ela não hesitará em atender-

me, e nada sofrerá; mas, acrescentava, receio ofender a Deus com uma experiência dessas.

Pedi para ver GERMANA e fui levado ao pequeno quarto onde ela ficava permanentemente deitada. Percebi seu rosto sob um grande lenço que se prolongava adiante de sua testa; pareceu-me não ter mais de 34 anos, idade que efetivamente lhe atribuíam. Sua fisionomia era doce e agradável, mas indicava grande magreza e debilidade extrema. Perguntei-lhe como se achava, e, com voz quase sumida, ela respondeu-me que se achava melhor do que merecia. Tomei-lhe o pulso e surpreendi-me de achá-lo muito acelerado.

Voltando na sexta-feira ao alto da montanha, fui, pela segunda vez, ao quarto de GERMANA. Ela se achava sôbre seu leito, deitada de costas, com a cabeça envolta em um lenço. Seus braços estavam em cruz; um deles detido pela parede, não tivera a liberdade de estender-se completamente; o outro estendia-se para fora da cama e estava apoiado sôbre um tamborete. A doente tinha as mãos extremamente frias: o polegar e o indicador estavam esticados, os outros dedos fechados, os joelhos dobrados e os pés colocados um sôbre o outro. Nessa posição GERMANA conservava a mais perfeita imobilidade; seu pulso era apenas perceptível e poder-se-ia acreditá-la morta se seu peito, devido à respiração, não agitasse ligeiramente a coberta. Experimentei várias vezes dobrar seus braços, inutilmente; a rigidez dos músculos aumentava em consequência de meus esforços e convenci-me de que se insistisse poderia prejudicar à doente. Na verdade fechei suas mãos várias vezes, mas no momento em que largava seus dedos êles retomavam a posição anterior. A irmã de GERMANA que ordinariamente

cuidava dela, e que se achava presente na ocasião de minha visita, disse-me que essa pobre moça não se apresentava sempre tão calma durante seus êxtases, como nesse dia; que na verdade seus pés e seus braços ficavam constantemente imóveis, mas que ela frequentemente gemia e suspirava, que sua cabeça se agitava sobre o travesseiro, e que movimentos convulsivos se manifestavam principalmente aí pelas 3 horas, momento em que Jesus Cristo expirara.

Antes de subir à serra, para ver GERMANA durante seus êxtases, pretendia experimentar nela a ação do magnetismo animal; mas a presença de várias testemunhas impediu-me de fazê-lo com regularidade. Entretanto, sob pretexto de tomar o pulso da doente, coloquei minha mão esquerda sobre a sua e pús-me na disposição de espírito exigida pelos magnetizadores; nenhum resultado obtive, mas, para ser exato, devo confessar que minha atenção era desviada sem cessar pela presença de testemunhas e por suas conversas.

Deixei a serra da Piedade no dia seguinte àquele em que vira GERMANA em êxtase. Distanciando-me da região em que ela residia, não mais vi falar a seu respeito, e ignoro qual tenha sido o fim dessa infeliz (21).

Saindo da fazenda de ANTÔNIO LOPES, para ir a Sabará, tornei a passar pelo povoado da Penha, e

(21) Os Srs. SPIX e MARTIUS, que passaram por Sabará algum tempo depois, visitaram também a serra da Piedade, a ela se referindo em poucas palavras. Dizem eles que essa montanha havia sido, durante muitos anos, o asilo de uma mulher portadora de ataque de catalepsia, e que a olhavam como santa; mas eles não a viram porque recentemente as autoridades haviam julgado conveniente afastá-la da Serra. Depois que tudo estava escrito tive notícia que a morte havia posto termo aos sofrimentos de GERMANA.

logo depois segui as margens de um riacho chamado rio do Ouro Fino. As margens dêsse riacho foram exploradas, por todos os lados, pelos mineradores, apresentando-se cheias de excavações e montes de pedras. Aquí, como em toda parte, foi preciso cavar para chegar ao cascalho, e, sem a menor prudência, deixaram cobrir com o resíduo das lavagens os terrenos que ainda não tinham sido trabalhados. Mostraram-me nesta zona minerações das mais antigas da província.

Próximo do rio Ouro Fino vi árvores de tamanho medíocre, cuja casca espessa, suberosa e elástica, assemelha-se à da cortiça, sendo empregada para o mesmo fim. Essa árvore, que apenas apresentava folhas quando a observei, pareceu-me ser uma **Mimosa**; dão-lhe na região o nome de cortiça, nome que em Portugal dão ao **Quercus suber**. Seria interessante procurar multiplicar a falsa cortiça dos arredores de Sabará, principalmente tendo-se em conta, que, para arrolhar garrafas, no interior do Brasil, a gente se vê frequentemente obrigado a servir-se dos sabugos de milho, material que, como se sabe, é esponjoso e pouco elástico.

Antes de chegar à fazenda Macaúbas (22), da qual falarei em seguida, o rio Ouro Fino recebe as águas do riacho que corre em Caeté; os dois reunidos tomam o nome de rio Sabará, e êste último lança-se no rio das Velhas, um dos afluentes do rio S. Francisco. Não é demais dizer que entre Caeté e a cidade de Sabará eu me achava na vertente ocidental da grande cordilheira.

(22) **Macaúba**, é, como disse, o nome de uma palmeira.

Depois de Novembro quase não se passara um dia sem chuva; mas depois de Macaúbas fomos surpreendidos por terrível tempestade. A chuva caía quase perpendicularmente em gotas grossas e pesadas; num instante fomos encharcados até à pele. Desciamos então uma encosta de declive áspero; o caminho servia de leito às águas que se escoavam em torrentes, e o tempo sombrio acrescentava nova tristeza ao aspecto naturalmente agreste da região assáz montanhosa que então atravessava.

Em meio ao ruído das águas, distinguia-se entretanto o de um moinho destinado a fragmentar minério de ferro onde se encontra encerrado ouro. Essa máquina fôra construída a meia encosta, abaixo do rio Sabará; próximo daí se achava a mina, explorada a céu descoberto; os desmoronamentos que vinham de se verificar provavam quanto êsse processo é perigoso. O moinho e a mina de que venho de tratar pertencem à fazenda de Macaúbas, situada à cêrca de 2 léguas da cidade de Sabará. Passei por essa fazenda cujas instalações são consideráveis, mas pareceram-me mal conservadas.

Margeando sempre o rio Sabará, cheguei ao arraial de Cuiabá (23) pertencente à paróquia de Caeté (24). Cuiabá foi construída sôbre a encosta de um monte, acima do rio Sabará. Nos outeiros vizinhos da aldeia existiam diversas minas em atividade, quando

(23) Provavelmente das palavras guaranis *cuyã* ou *cunã* abá igual a — **mulher corajosa**.

(24) E' pelo menos o que se diz na região; devo entretanto esclarecer que não encontro Cuiabá nem na lista das succursais de Caeté, dada por PIZARRO, nem na das do têrmo de Sabará. Aliás é possível que PIZARRO, que não admite para as aldeias senão os nomes de suas igrejas, haja indicado Culabá por um nome que não seja usado na região.

de minha viagem. E' a pouca distância de Cuiabá que se acham as divisas entre os têrmos de Caeté e Sabará; uma ponte marca essas divisas. Atravessei-a e, do outro lado, encontrei região mais descoberta.

A uma légua da capital da comarca do Rio das Velhas atravessei a aldeia de Pompéu ou Santo Antônio de Pompéu, situada também à margem do rio Sabará. As margens dêsse rio forneceram outrora muito ouro, e Pompéu, sucursal de Sabará, era rico e florescente; mas as minas esgotaram-se e a aldeia acha-se atualmente quase deserta.

Havia percorrido 4 1/2 léguas depois da serra da Piedade, quando cheguei a Sabará. Essa cidade fica à margem direita ou setentrional do rio do mesmo nome; achava-me à margem esquerda, e, após atravessar uma ponte de madeira, entrei na velha cidade.

Segundo o que relatei, observa-se que em um espaço de 20 léguas passei por duas cidades e cinco aldeias. Isso prova como foram povoadas outrora as zonas auríferas da província de Minas; mas, à medida que o ouro desaparece, a população desaparece com êle e dirige-se em massa às regiões agrícolas. Entrementes as terras destas regiões, das quais tudo se retira e nada se restitue, serão rapidamente esgotadas. Em poucos anos um pequeno número de homens terão estragado uma imensa província, e poderão dizer: "é uma terra acabada". Então a necessidade imperiosa forçá-lo-á à renunciar a êsse sistema agrícola destrutor; mas já não haverá consôlo para a lembrança das belas florestas cujas árvores preciosas, exploradas com critério, podiam ser úteis a uma longa sucessão de gerações.

CAPÍTULO VII

A CIDADE DE SABARÁ. — ESTRADA DE SABARÁ A VILA RICA.

História de Sabará. — A situação dessa cidade; suas ruas; suas casas; suas igrejas; edifício da Intendência e o produto das minas da comarca de Sabará; pontes, fontes e praças. Comércio. Produtos da região; a vinha aí produz duas vezes por ano. Os habitantes de Sabará. O professor de latim; gosto pela ênfase. O Sr. JOSÊ TEIXEIRA; seu caráter nobre. — Aspecto da região entre Sabará e Vila Rica. — O rio das Velhas. — Aldeia de Congonhas do Sabará. — A habitação de HENRIQUE BRANDÃO; pilões de minério; jardim. — Arraial de Santa Rita. — Arraial de Santo Antônio de Rio Acima. — Aldeia de Rio de Pedras. — Causas da miséria da região entre Sabará e Ana de Sá; da utilidade de aí criar-se gado. — Arraial de Casa Branca. Inhumações.

A história de Sabará acha-se estreitamente ligada à da descoberta da região das minas; lê-se na biografia de FERNÃO DIAS PAIS LEME, a quem se deve essa descoberta, que êle formara 3 estabelecimentos no território de Sabará (provavelmente de 1664 a 1677) (1). Não foi êle, entretanto, quem descobriu as ricas jazidas desta zona. Essa boa fortuna estava reservada ao seu

(1) Originariamente o território de Sabará tinha o nome de Sabará-Bussú ou Suberá-Bussú; mas parece que a essa época dava-se também o nome de Sabará-Bussú ou Tuberá-Bussú às montanhas atualmente chamadas Serra das Esmeraldas. Essa semelhança de nomes lança alguma confusão na história da fundação da província de Minas, história que não remonta a 200 anos e que entretanto apresenta mais de uma

genro, MANOEL BORBA GATO, o qual não deu notícias de suas pesquisas senão após haver vivido uma longa série de aventuras romanescas.

Após a morte de FERNÃO DIAS, BORBA GATO ficou senhor da pólvora e dos instrumentos de minerador que seu sogro deixara nos arredores de Sabará; mas êsses objetos foram reclamados para o serviço público pelo superintendente das minas, D. RODRIGO DE CASTELO BRANCO, que, indo em busca das pretensas minas de esmeraldas, chegara às margens do rio das Velhas com um grupo de paulistas (2). BORBA GATO recusou ceder a propriedade que lhe queriam confiscar; um conflito teve lugar e D. RODRIGO CASTELO BRANCO foi morto pelos companheiros de seu adversário. Temendo punição êste último fugiu; internou-se com alguns índios nos desertos de Rio Doce e viveu entre os selvagens como seu cacique. Entretanto êle pediu perdão por intermédio de seus parentes residentes em S. Paulo e obteve promessa não sómente de perdão, mas ainda a de uma recompensa desde que êle se dispuzesse a mostrar as minas que dizia ter descoberto no território de Sabará. Cumpri-

dúvida. PIZARRO diz que os vocábulos Subrá-Bussú ou Tuberá-Bussú significam cousa aveludada; na verdade, *cába oçú* significa peludo na língua geral; mas talvez Sabará venha sómente de *cabará*, cabra, palavra guaraní tomada do português ou do hespanhol. Quanto à desinência *bussú* é muito possível que seja, como pensa SOUTHEY, uma corruptela da palavra *guassú*, que significa grande.

(2) O aventureiro MARCOS AZEREDO havia, dizem, levado esmeraldas de sua viagem ao Rio Doce (V. minha 1.^a Rel., I, 175) e durante algum tempo a pesquisa de pedras semelhantes foi objeto das excursões feitas pelos paulistas na região das Minas. O que hoje parece certo é que não existem verdadeiras esmeraldas na província de Minas, e que o que se tomou por tal pedra, não passava de turmalinas ou pedaços de euclásio.

da tal condição foi BORBA GATO nomeado tenente general, terminando mesmo por obter o título de governador. Numerosos aventureiros acorreram a Sabará; desde o ano de 1711, ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE COELHO, primeiro governador de S. Paulo e de Minas Gerais, julgou que êsse arraial era assaz povoado para ser erigido em vila e deu-lhe o título de Vila Real de Sabará, que foi confirmada pelo rei de Portugal, a 31 de Outubro de 1717 (3).

Durante alguns anos a vila de Sabará foi rica e florescente. Então seus arredores forneciam ouro em abundância, que se tirava da terra com tanta facilidade, que os habitantes da região dizem que era bastante arrancar um tufo de mato e sacudí-lo para ver

(3) MAWE diz (*Travels in the Interior of Brazil*, 273) que alguns anos após a fundação de Sabará, a côrte de Lisboa enviou um nobre para governar a região, controlar os novos colonos e forçá-los a pagar o quinto. Estes, acrescenta o mesmo autor, pegaram em armas. vários combates tiveram lugar; o governador foi morto; mas o vice-rei remeteu reforços e os rebeldes submeteram-se por fim. Um certo personagem, chamado ARTIS, homem cheio de intrepidez e constância, que havia feito descobertas importantes na região, foi nomeado governador, é MAWE quem o diz, e essa escôlha conciliou todos os partidos. O historiador francês do Brasil (*Hist. du Brésil*. Vol. III, pág. 426) repete essa narrativa colocando-a mais ou menos entre os anos 1710 e 1713; mas êle chama Sabará à vila onde os conflitos tiveram lugar; dá o nome de GABRIEL MASCARENHAS ao governador que foi assassinado; enfim acrescenta que após a fuga de DUGUAY TROUIN, FRANCISCO DE CASTRO, governador do Rio de Janeiro, fez seguir tropas que dominaram Sabará. Não pude descobrir, com segurança, a origem de tôda essa história, mas suponho ser a de BORBA GATO ou a de MANOEL NUNES VIANA, deturpada. O que é certo é que ARTIS não é nome português; que não há o lugar chamado Sabará; que não houve em Minas nem no Rio de Janeiro governador chamado GABRIEL MASCARENHAS e que enfim, FRANCISCO DE CASTRO MORAIS não pode enviar tropas a Minas após a retirada de DUGUAY TROUIN, porquanto após essa retirada êle não exercia mais comando das tropas.

surgir pedaços de ouro. Atualmente isso não é mais assim. Lavadas e relavadas mil vezes as terras vizinhas do rio Sabará e do rio das Velhas nada mais podem dar ao minerador. Todo o mundo afirma, é verdade, que os morros circunvizinhos contêm ainda tesouros imensos; mas, para possuí-los é preciso pagar adiantado; é preciso ter escravos e há na região pouca gente suficientemente capaz de se dedicar a emprêsas tão importantes. Doutra lado, Sabará não faz nenhum comércio, sendo mantida apenas por seus tribunais e sua intendência do ouro.

A comarca de Sabará é a cabeça, e que tem o nome de comarca de Sabará ou do Rio das Velhas, abrangia durante muito tempo, quase um têtço da província, e então ela se estendia ao norte até aos limites de Pernambuco a 13°17' lat. S. e a oeste até à província de Goiás, de que se separava pela serra dos Cristais e da Tabatinga. Um decreto de 17 de Junho de 1715 desmembrou dêsse imenso território uma comarca nova, a de Paracatú; hoje a comarca de Sabará é limitada a oeste pelo rio S. Francisco. Dos outros lados ela conservou seus antigos limites a saber: ao sul, as comarcas de S. João d'El Rei e de Vila Rica; a lêste a de Sêrro Frio (4). A comarca de Sabará se divide em três têtmos, o da vila propriamente dita, compreendendo 8 paróquias; e os de Caeté e Pitangui. A grande cordilheira divide-a em duas partes desiguais e muito diferenciadas: a do oriente, que é florestal e aurífera e que seria mais lógico fôsse anexada à Vila

(4) PIZ. Mem. hist., vol. VIII.

Rica; a do ocidente, que apresenta principalmente pastagens e um povo dado à criação de cavalos e gado (5).

A cidade de Sabará, a maior que vi na província de Minas depois que deixei Vila Rica, acha-se a 19°47'15" lat. (6) e pode ter 800 casas e 5.000 habitantes (7). Foi construída ao pé de uma série de montes pouco elevados, cobertos de capim gordura, e se estende por cerca de 1/4 de légua à margem setentrional do rio que lhe dá o nome. Esse rio lança-se no rio das Velhas à extremidade mesmo da vila; quando de minha viagem, isto é, na estação chuvosa, êle podia ter as dimensões do Essone junto a Pithiviers; mas no tempo da sêca êle é apenas constituído por um filete d'água.

A parte da cidade mais distante da embocadura do rio Sabará tem o nome de Vila Velha, porque foi lá que se formaram os mais antigos estabelecimentos. Apertada entre os montes e o rio, Vila Velha não se compõem senão de uma rua, que se alarga diante da igreja paroquial, e forma nesse lugar uma espécie de

(5) O que digo aqui é suficiente para provar que CAZAL se engana quando diz que a comarca do Rio das Velhas é irrigada pelos afluentes do S. Francisco. A grande cordilheira divide as águas dêsse rio e as do rio Doce; por conseguinte a parte oriental da comarca deve ser banhada pelos afluentes do último dêsses rios.

(6) Tal é a indicação de PIZARRO. Segundo os matemáticos portuguezes citados por ESCHWEGE a lat. de Sabará de 19° 52' 35".

(7) Não tendo tomado apontamentos sobre a população de Sabará, tiro as cifras aqui indicadas, dos Srs. SPIX e MARTIUS. Na verdade PIZARRO diz (*Mem. hist.* p. 2.º pág. 100) que Sabará contem 7.660 indivíduos; mas, não se pode fiar nesse número; porque em outro lugar (*id.* pág. 104) o mesmo escritor não o applica senão aos comungantes existentes em 1778 em Sabará; acrescenta em seguida, que hoje existem em Sabará 9.100 almas, e não se sabe se êle se refere à vila propriamente dita ou ao conjunto paroquial, que comprehende várias sucursais.

praça onde se celebram as festas públicas. No tempo em que Sabará ainda era florescente Vila Velha era a parte mais rica e mais habitada; mas hoje não anuncia senão decadência, crescendo mato por tôda parte. Para além de Vila Velha a vila se prolonga sôbre uma pequena colina terminada por um "plateau" sôbre o qual se acha o edificio da Intendência do ouro. Imediatamente após essa colina, que se denomina Morro da Intendência, os montes desaparecem, deixando entre êles e o rio um espaço considerável, onde é construída a Vila Nova, à qual dão o nome de Barra, que significa confluência. A Vila Nova forma uma espécie de triângulo muito irregular; é pouco movimentada, mas as casas que a compõem são tôdas caiadas e bem conservadas.

As ruas de Sabará são calçadas, mas com pedras pequenas e desiguais. Várias dessas ruas são muito largas; posso citar sobretudo a principal, que se chama rua Direita, apesar de ser em ziguezagues.

A forma das casas é a mesma que a de outros lugares; elas são quase quadradas e são cobertas de telhas com pouca inclinação no telhado. Várias teem um andar e janelas envidraçadas. As de rés-do-chão são em geral baixas e pequenas. Os telhados não avançam muito além das paredes; as rótulas e os portais não são pintados de vermelho escuro, como em Vila Rica; Sabará não apresenta o aspecto triste da capital da província. O interior das casas em que entrei pareceu-me muito limpo. Os lambris, os tetos e os ângulos dos quartos são pintados, segundo a praxe; os móveis, como sempre, são pouco numerosos, mas menos velhos que os de Vila do Príncipe.

Há em Sabará 5 igrejas principais e algumas capelas. A igreja matriz, dedicada a N. S. da Conceição é, ao que parece a mais antiga de tôdas (8). Acha-se situada na Vila Velha e é um monumento da riqueza dos primeiros habitantes de Sabará. Os dourados foram aí empregados com espantosa profusão; é dotada de naves laterais com capelas, o que até então não vira em nenhuma parte; as arcadas que separam essas naves do corpo central são guarnecidas de esculturas góticas e tôdas douradas. Cada lado do côro é ornado por três quadros representando passagens da vida de Jesus Cristo, e são os melhores que vi na província; sou inclinado a acreditar que são da autoria do mesmo artista que fez as pinturas da igreja de Ouro Preto, em Vila Rica.

Uma das igrejas de Sabará de que não posso deixar de falar é a do Carmo, situada abaixo da Intendência, no mesmo monte. E' construída de pedra, bonita no interior, muito limpa, ornada de muitos dourados e muito clara. Pode dizer-se que em geral as igrejas da província de Minas são mantidas mais asseadas que as nossas e, se as artes não apresentam nenhuma obra prima, em compensação não se vê nada bizarro nem ridículo.

A séde da Intendência do ouro, velho edifício de um andar, acha-se em ruína; mas seu pomar é notável em relação a esta região. E' atravessado, em seu comprimento por uma aléa guarnecida, de cada lado, por uma fileira de laranjeiras cujos pés são envolvidos, cada, por um vaso de barro cheio d'água; isso é usado para impedir às formigas, muito comuns em Sabará, de subir às árvores e devorar as folhas.

(8) Segundo PIZARRO ela foi fundada em 1701.

E' no pavimento térreo da Intendência o local consagrado à fundição do ouro. Esse local compõe-se de quatro ou cinco peças muito pequenas e baixas, pouco cômodas e indignas de um estabelecimento que fornece ao Estado somas tão avultadas. Adota-se em Sabará, para fundir o ouro, o mesmo método que em Vila do Príncipe, sendo a operação acompanhada das mesmas formalidades. A Intendência de Rio das Velhas rende ao govêrno infinitamente menos que outrora; todavia ela é muito mais importante que a de Vila do Príncipe e o produto do **quinto** avalia-se ainda, em 1818, em duas arrobas de ouro por trimestre. O ouro dos arredores de Sabará é de 22 a 23 quilates, em média. Segundo o Sr. ESCHWEGE, contavam-se, de 1813 a 1915, cento e noventa e sete lavras de ouro nos 3 têrmos que compõem a comarca de Sabará, o que significa que esta comarca possuia, na época em aprêço, o maior número de lavras, pois se o quadro do viajante alemão é exato, não havia mais de 193 lavras na jurisdição da Intendência de Vila Rica; 127 na de S. João d'El Rei, 97 na de Sérro Frio e 17 na de Paracatú (9).

Sabará possui algumas pontes e uma fonte de excelente água (10). Além da praça de que já falei, na Vila Velha, vê-se na Vila Nova uma outra, muito bonita, apesar de pequena e irregular.

(9) Já dei (Vide minha **1.ª Relação**, vol. I, pág. 339) (Corresponde ao Volume 126, pág. 288, da Coleção **Brasilianna**), um resumo do quadro das lavras de Minas Gerais, publicado por ESCHWEGE, mas creio dever voltar ao assunto, afim de sanar um êrro que se introduziu na minha citação; com efeito ela indica 184 lavras para a jurisdição da Intendência de Sabará, em lugar de 214 (compreendendo a comarca de Paracatú), e 167 para S. João d'El Rei em lugar de 127. Aliás acredito que o quadro de ESCHWEGE não seja completo.

(10) CAZAL — **Corog. Braz.**, I, 187.

Existe em Sabará um grande número de tabernas, algumas lojas de comestíveis e fazendas; e, na rua chamada do Fogo há várias casas onde se vende exclusivamente o toucinho. Como já disse, a comarca de Sabará se limita ao seu consumo interno, e esta Vila não exporta produtos da lavoura, nem da indústria. As relações mercantis dos arredores fazem-se na aldeia, muito florescente, de Santa Luzia, que, situada a 3 léguas de Sabará, próximo ao rio das Velhas e à entrada do sertão, é o verdadeiro entreposto desta última região (11).

Apesar de muito quente o clima de Sabará não ocasiona, entretanto, nenhuma espécie de epidemia. A cana de açúcar prospera muito bem nos terrenos desta vila; produz também com abundância o arroz, o milho e o feijão (12). Em meados de Janeiro, época em que ali estive, chupei saborosas uvas; mas, em Junho e Julho, tempo da seca, a vinha dá novos frutos, que tem gosto mais agradável que os de Janeiro, contendo menor quantidade d'água, amadurecendo melhor e não apodrecendo com facilidade. Após a colheita da estação das chuvas as folhas caem; podam-se as plantas e obtem-se, como disse, uma segunda colheita em Junho e Julho; uma nova poda prepara a primeira colheita do ano seguinte.

Durante minha estada em Sabará, vi os principais moradores da vila; achei-os de uma polidez perfeita. modos distintos, boa aparência; mas pareceram-me menos afetuosos que os de Tijuco. Não é raro encontrar-se em Sabará homens que receberam instrução

(11) Vide minha 1.^a Rel. II — 334 e 337. (Corresponde ao Volume 126-A, págs. 273 e 276, da Coleção **Brasíliana**).

(12) PIZ. Mem. hist. VIII, pág.

e que sabem o latim; e uma missa, a que assisti, provou-me que não há aqui menos gôsto pela música que nas outras partes da provincia de Minas. Os homens de uma certa classe são bem trajados, e notei mesmo que os empregados da Intendência se vestem com mais cuidado e asseio que os nossos funcionários.

Entre as pessoas que vi em Sabará posso citar o professor de gramática latina, aí destacado em virtude da lei que determina que cada cabeça de comarca tenha um professor de latim, pago pelo govêrno. O professor de Sabará era um homem bem educado, formado pela Universidade de Coimbra. Além do seu curso de latim, lecionava filosofia racional e moral, no que era pago pelos alunos; êle teve a bondade de ler para mim sua aula inicial. O texto apresentava uma série de lugares-comuns, muito bem concatenados, sôbre as vantagens da filosofia; mas, o exórdio, no qual o autor agradecia aos habitantes de Sabará a hospitalidade que havia encontrado, era de tal modo ridículo que, ouvindo-o custei a conter o riso. O orador queria ter a eloquência de Cícero para celebrar seus benfeitores; êle queria poder fazer conhecido do universo inteiro a acolhida que tivera na vila, e ter à sua disposição tôdas as trombetas do successo. O professor de Sabará não fazia, aliás, nada mais do que se adaptar a êsse gôsto pela ênfase, que os portuguezes ainda conservam até hoje. Os versos que frequentemente faziam honra de D. João VI, eram geralmente cheios do mais ridículo exagêro.

Hospedei-me, na capital da comarca do Rio das Velhas, em casa do Sr. JOSÉ TEIXEIRA, então juiz-de-fora, e intendente ou inspetor do ouro. Fui acolhido perfeitamente. O Sr. TEIXEIRA era um

homem de 40 e poucos anos, rico e de semblante muito agradável. Nascido em Minas, fizera seus estudos em Coimbra e tinha conversação atraente. Era impossível desfrutar melhor reputação que a do Sr. JOSÉ TEIXEIRA; por tôda parte onde o conheciam gabavam-lhe as qualidades, sua humanidade, seu desinteresse, sua candura, seu amor pela justiça, sua competência e seu amor à pátria (13).

Despedi-me dêsse respeitável magistrado, para seguir a Vila Rica (14), dirigindo-me mais ou menos para sul-sudeste. Contornando sempre a vertente ocidental da grande cordilheira, ou mesmo viajando nessa cadeia, devia naturalmente percorrer uma zona muito montanhosa. Já disse em outro lugar (15) que a cordilheira dividia a região das florestas da dos campos; entretanto as matas se estendem quase até a vertente ocidental, pois durante as 18 léguas que percorri entre Sabará e Vila Rica atravessô quasi sempre terrenos cobertos de tufos de matas ou pastagens de capim gordura e foi unicamente em trechos limitados que vi campos naturais mais ou menos semelhantes aos dos arredores de Barbacena (16).

(13) Depois que o Brasil se tornou independente o Sr. JOSE' TEIXEIRA foi guindado a cargos os mais importantes.

(14) Itinerário aproximado de Sabará a Vila Rica:

De Sabará a Henrique Brandão	3 1/2 léguas;
" " " Cocho d'Água	3 1/2 "
" " " Ana de Sá	4 "
" " " Rancho de José Henrique ..	3 "
" " " Vila Rica	3 1/2 "
	17 1/2 "

(15) Vide minha 1.^a Rel. e sobretudo meu "Quadro da Vegetação Primitiva da provincia de Minas Gerais", inserto nos "Anais de Ciências Naturais", vol. de Setembro de 1831.

(16) Vide minha 1.^a Rel., vol. I, pág. 111 e 134. (Corresponde ao Volume 126, pág. 110 e 128, da Coleção **Brasíliana**).

Nesta viagem afastei-me um pouco do rio das Velhas, subindo sempre em direção à suas nascentes. De suas nascentes até Jaguará, lugar situado abaixo de Santa Luzia, o rio das Velhas produziu muito ouro, e, em um espaço de várias léguas suas margens lavadas e relavadas mil vezes, não oferecem aos olhos senão montes de cascalhos, resíduos das lavagens.

Esse rio tem o nome de rio das Velhas, porque os paulistas que procuravam índios acharam, dizem, em suas vizinhanças, mulheres velhas da tribo dos Carijós. O rio das Velhas nasce a algumas léguas de Vila Rica, próximo do arraial de S. Bartolomeu (17). Êle corre muito tempo na direção S-N; depois inclina-se um pouco para oeste, e, após receber em seu curso um grande número de riachos e rios, lança-se no S. Francisco, no arraial de Barra. Dizem que outrora suas margens eram pestilentas como as do rio Doce; mas acrescentam que depois que as matas vizinhas foram derrubadas e que o ar pode circular livremente, a região tornou-se, muito salubre (18).

A pouca distância de Sabará fui ainda atingido pelas chuvas, que vinham caindo diariamente. Um córrego que ordinariamente não passa de um filete d'água, estava de tal modo cheio que tive dificuldade em atravessá-lo.

Em um monte elevado, chamado Morro do Marmeleiro, vi vegetação diferente da dos arredores. Era um campo natural composto de ervas, no meio das quais surgiam, de longe em longe, alguns arbustos.

(17) CAZ. *Corog. Braz.*, I, 384.

(18) O que digo da insalubridade do rio das Velhas não é, penso, aplicável senão à parte que se estende acima de Jaguará.

Notei belas plantas nessa montanha; mas a chuva impediu-me de colhê-las.

À cêrca de 3 léguas, na direção S. W. de Sabará, passei pela aldeia de Congonhas de Sabará (19), cabeça de uma paróquia cuja população ascende a 1.390 indivíduos (20). E' ela situada em uma baixada, a 19°20' lat. S., 33°26' long., a 14 léguas de Mariana e 96 léguas do Rio de Janeiro (21). Sua igreja, isolada como geralmente adota-se neste país, é construída a uma das extremidades de uma praça muito regular, em forma de um longo quadrilátero. Congonhas deve sua fundação a mincradores atraídos pelo ouro que se encontrava em seus arredores, e sua história é a mesma de tantas outras aldeias. O precioso metal esgotou-se; os trabalhos tornaram-se difíceis e Congonhas atualmente apresenta decadência e abandono (22).

Após ter feito 3 léguas e meia depois da Vila de Sabará, parei em uma fazenda muito bonita que tem o nome de Fazenda do Henrique Brandão. Fui perfeitamente atendido pelo alferes PAULO BARBOSA que eu já havia visto em Sabará e que me havia convidado a passar alguns momentos em sua casa. A fazenda do Henrique Brandão é construída a meia encosta sôbre um rochedo que domina o vale onde

(19) Os Srs. SPIX e MARTIUS escreveram Congonhas de Mato Dentro; mas eu não encontro êsse nome em minhas anotações e PIZARRO também não o indica.

(20) PIZ. Mem. Hist. VIII, p. segunda, 107.

(21) Loc. cit.

(22) Já disse em minha 1.^a Rel. I, 272, (Corresponde ao Volume 126, pág. 236, da Coleção **Brasilianna**), porque me acho no dever de dar detalhes de aldeias a que não se dava atenção maior se estivessem na Europa.

corre o rio das Velhas. Da casa do proprietário descobre-se uma vista agradável, mas é pena que a casa não seja voltada para o vale. Este, que é muito largo, foge obliquamente no meio dos montes; o rio aí serpea entre antigas minerações, e se de distância em distância êle fica encoberto pelo avanço dos morros sôbre o vale, logo reaparece, para embelezar um plano distante. Algumas casas construídas aquí e acolá e uma ponte sôbre o rio, dão variedade à paisagem. A posição da fazenda de Henrique Brandão é, de qualquer modo, uma exceção nesta região, onde as habitações são ordinariamente colocadas nos fundos. Os móveis e a largueza dos cômodos, cujas paredes são pintadas, indicam a abundância dos proprietários, que possuem 3 minas exploradas a céu aberto e teem 150 negros (1818). Uma das minas fica ao lado da fazenda e é no terreiro mesmo da habitação que se faz a lavagem do minério. As terras e as pedras auríferas são lançadas por uma janela a um cômodo onde existe um moínho de pilão, semelhante aos que já descrevi. Quando se julga que as pedras foram suficientemente moídas, joga-se a areia que daí resulta em uma grande esteira formada por paus transversais dispostos como nossas rôtulas. As partes que passam através da esteira são lavadas; as que não passam voltam ao moínho para serem de novo piladas.

Antes de eu deixar a fazenda, o alferes BARBOSA levou-me ao seu jardim, que é muito grande e irrigado, por todos os lados, por pequenos regos. Êsse jardim não apresenta aliás, mais do que grandes canteiros onde são cultivadas hortaliças, separados por fileiras

de laranjeiras e diferentes espécies de jaboticabeiras (23). Tal é o sistema adotado na província de Minas, nos jardins a que se dão maiores cuidados.

A alguma distância da fazenda de Henrique Brandão, atravessa-se a aldeia de Santa Rita, que domina o rio das Velhas, e é uma sucursal da paróquia de Santo Antônio do Rio Acima. Nesse lugar o caminho se afasta do rio das Velhas, para aproximar-se da aldeia de Santo Antônio.

Essa última aldeia compreende apenas um pequeno número de casas em mau estado; mas dizem que seus arredores foram ricos em ouro. A vista da parte da aldeia onde se encontra a igreja é muito agradável. Esse edifício foi construído à beira do rio, em uma pequena praça coberta de grama e cercada de morros. As casas são esparsas, cá e lá, ao redor da praça. O morro que, ao fundo da praça, faz face ao rio é coberto de mata, e, ao lado um regato se lança, espumando, sobre uma larga rocha arredondada.

No dia em que deixei Henrique Brandão, fui parar na habitação de Cocho d'Água, a 3 1/2 léguas. Nesse dia sómente choveu após minha chegada; mas no dia seguinte a água começou a cair quase no momento da minha partida. O caminho estava horrível, as nuvens que cobriam o céu comunicavam a tôda a paisagem um ar de tristeza, e nos outeiros o vento era muito frio; então aproximava-me das nascentes do rio das Velhas e portanto a região tornava-se cada vez mais alta. Nesta zona o alto dos morros mais elevados apresenta pastagens naturais compostas de Gramíneas

(23) Vide minha 1.^a Relação, vol. II, pág. 322. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 264, da Coleção **Brasillana**).

e sub-arbustos; mas nos lugares menos elevados vêem-se pastagens artificiais entremeadas de tufos de matas.

À cêrca de 3 léguas de Cocho d'Água passei pela aldeia de Rio de Pedras, situada sôbre um outeiro acima do rio que lhe dá nome. A igreja, que é construída entre duas fileiras de palmeiras, avista-se de longe e empresta um belo efeito à paisagem. Depois que me puzera em marcha não vira senão localidades em decadência; mas não vira também nenhuma em tão mau estado quanto Rio de Pedras. A maioria das casas desta aldeia foram construídas com cuidado, mas acham-se atualmente desertas ou em ruínas. Como Congonhas e Santo Antônio, Rio de Pedras é a cabeça de uma paróquia; assim, em um espaço de apenas 9 léguas atravessei 3 paróquias, o que prova quanto esta região, hoje quase abandonada, foi outrora populosa (24). A muito pouca distância de Rio de Pedras encontrei ainda uma paróquia, a de Casa Branca, de que falarei daqui a pouco, e esta última, se se pode acreditar em PIZARRO, não tem senão uma légua quadrada de território, o que, no sertão, não passa de uma pequenina fazenda.

No lugar chamado Piçarrão, ou talvez Pizarrão, encontrei o rio das Velhas, que não havia visto desde Santo Antônio e que passei por uma ponte muito ruim, como o são quase tôdas neste país. E' a ponte de Piçarrão que delimita as comarcas de Sabará e Vila Rica.

Vi ainda em Piçarrão, os traços do trabalho dos mineradores. Em várias partes desta zona a terra foi

(24) Segundo PIZARRO (*Mem. hist.* VIII p. segunda, 107) Rio das Pedras, ou N. S. da Conceição de Rio de Pedras, fica a 8 ls. de Mariana e 86 do Rio de Janeiro, a 20°13' lat. e 333°24' long., com 1.200 habitantes.

inteiramente despojada do ouro que continha; mas, à beira mesmo do rio, há, próximo à habitação de Ana Sá (25), onde parei, a 4 léguas de Cocho d'Água, há, digo eu, em terrenos que nunca foram explorados. Se a região está pobre e abandonada não é porque o ouro se tenha exgotado; é porque os habitantes não dispõem de capitais para explorá-lo. Os que os precederam possuíam escravos; mas imprevidentes, ordinariamente celibatários, não casavam seus negros. Os escravos morreram com os proprietários; êstes deixaram a seus herdeiros apenas terras, sem meios de explorá-las, e os atuais habitantes da região são obrigados a se limitar a trabalhos que rendem pouca coisa ao minerador. A habitação de Cocho d'Água, onde eu havia pousado, a 3 1/2 ls. de Henrique Brandão, fornece uma prova do que venho de expôr. Ela é de um andar, muito grande, circundada por uma vasta varanda e tem em sua dependência uma sesmaria de terras ricas em ouro. Essa propriedade foi legada a um negro crioulo por um homem que sem dúvida não tinha herdeiros naturais, mas êsse homem não deixou nenhum escravo ao seu sucessor e êste procurou em vão alugar suas terras, vivendo então na indigência.

Os habitantes da região vizinha de Ana de Sá não são compensados pelos resultados da agricultura, na impossibilidade que se acham de explorar suas minas. Suas terras são efetivamente muito pouco produtivas; o milho não rende, disseram-me, mais de 20 por 1, e os víveres que êles consomem veem em grande parte das margens, muito férteis, do rio Paraopeba, um dos afluentes do S. Francisco.

(25) E' um nome de mulher.

O melhor meio de tirar partido dos arredores de Ana de Sá, e em geral do território que se estende dessa habitação até Sabará, será a de criar cavalos e bois, conforme já teem experimentado vários proprietários. Esta região apresenta excelentes pastagens e, como a situada entre Vila Rica e Vila do Príncipe, parece-me mesmo mais favorável, sob alguns aspectos, que o sertão para a criação do gado; a água não é aqui escassa como no deserto e a erva dos campos nunca se desseca inteiramente. Todavia, é preciso confessar, o sertão terá sempre sôbre os arredores de Sabará, Vila do Príncipe e Vila Rica, uma vantagem imensa; a de possuir terrenos salitreiros que substituem as rações de sal que se devem ministrar aos animais nas Gerais (26), e que o capim gordura torna talvez mais necessária que qualquer outra espécie de pastagem, porquanto se êle engorda os animais tende também a enfraquecê-los (27). Não conheço remédio para êsse inconveniente; mas o govêrno poderá torná-lo menos sensível, promovendo a baixa do preço do sal. Para isso é preciso acertar medidas eficazes, afim de tornar o rio Doce navegável, ou ao menos abolindo os direitos que são pagos em Malhada pelos produtos das salinas da Baía e de Pernambuco (28). Essas medidas acarretariam, sem dúvida, sacrifícios momentâneos; mas o Estado seria compensado logo pela prosperidade que adquiriria uma região hoje quase abandonada e pelos

(26) Entende-se por **gerais** a antiga região das minas, propriamente dita, a parte mais essencialmente aurífera, mais ou menos o N E da comarca de S. João d'El Rei, a comarca de Vila Rica, o Sêrro Frio e a parte lêste da comarca de Sabará.

(27) Vide minha 1.^a **Relação**, I, 195. (Corresponde ao Volume 126, pág. 173, da Coleção **Brasiltana**).

(28) Vide minha 1.^a **Relação**, II, 387, 412. (Corresponde ao Volume 126-A, págs. 314, 332, da Coleção **Brasiltana**).

impostos que seriam pagos pelo gado, cavalos e couros.

Para além de Ana de Sá e mesmo depois de Santo Antônio do Rio Acima, o capim gordura torna-se raro; outras são as Gramíneas que, nos campos artificiais cobrem a terra, e, menos ambiciosas que a **Tristegis glutinosa** (ou melhor **Melinis minutiflora**) elas deixam várias espécies de plantas e principalmente uma Composta, de flores pouco visíveis, crescer aqui e acolá no meio delas. Alguns morros são quase unicamente cobertos por uma Rubiácea (**Spermacoce polygonifolia** N) que infelizmente é muito comum nos arredores de Vila Rica, e que sendo tão pouco apetecível ao gado quanto a Composta chamada **mata-pasto**, com a qual é frequentemente encontrada, torna inúteis como a **Gentiana lutea** de nossas montanhas, os espaços imensos de que se apodera. A cêrca de 2 1/2 léguas de Ana Sá, passei por uma aldeia que ainda é cabeça de uma paróquia, a de Casa Branca ou Santo Antônio de Casa Branca, situada a 4 léguas N. de Vila Rica, 6 de Mariana e 84 do Rio de Janeiro, a 20°2' lat. S. e 332°36' long. (29). Essa aldeia foi construída sôbre o morro, acima do rio das Velhas, o qual não é aqui mais que um simples regato. Casa Branca pareceu-me pouco considerável e no mesmo estado de ruínas e abandono de tantos outros lugares. Outrora tiravam, próximo de Casa Branca, no rio das Velhas, muito ouro; mas esse rio nada fornece atualmente e os habitantes que ainda existem na aldeia, vivem das minguidas produções de algumas terras circunvizinhas:

Entreí na igreja de Casa Branca, que é construída de pedra e muito bonita. No momento faziam a se-

(29) Mem. hist., VIII, p. segunda, 95.

pultura para uma mulher, cujo corpo havia sido exposto no meio da igreja. Segundo o costume da região o féretro não tinha sido fechado; o corpo vestido e o rosto descoberto. As pessoas de condição inferior são ordinariamente enterradas fora das igrejas; as outras o são geralmente dentro das igrejas. O uso de epitáfios é quase desconhecido. Também não há o hábito de realizar batismos, casamentos e enterros nas igrejas paroquiais respectivas; os casamentos e batizados podem ser feitos em quaisquer igrejas, bastando para isso a permissão dos curas; para os enterramentos é bastante a vontade do morto, expressa em testamento, para determinar o lugar onde deve ser inhumado. Quando os enterros, casamentos e batizados são feitos nas igrejas filiais, a metade dos emolumentos pertence à igreja paroquial ou igreja matriz.

De Ana Sá fui parar no rancho de JOSÉ HENRIQUES, situado a 3 léguas dessa habitação e a 3 1/2 de Vila Rica.

CAPÍTULO VIII

PARADA NOS ARREDORES DE VILA RICA. — CRIAÇÃO DE GADO. — DIVERSAS MEDIDAS ADMINISTRATIVAS.

Estada no Rancho de José Henriques. Clima da região. Suas produções. S. Bartolomeu e os doces de marmelo. — Criação do gado; necessidade de dar-lhe sal; as vacas não produzem leite quando perdem seus bezeros. — Caminho de José Henriques a Vila Rica. Entrada desta cidade. Um negociante francês. — Passeio a Mariana. Encontro; lembranças da pátria. — **Veranico** ou pequeno verão; sua influência sôbre as colheitas. — Cobertas de colmo. — Planta relativa à exploração das minas de ouro. — Declaração que se exige dos proprietários. — Medidas contra os vagabundos.

Já disse ter deixado em Boa Vista, em casa do capitão JOÃO JOSÉ DE ABREU, vários de meus animais, com parte de minha bagagem. Mandeí procurá-los pelo meu novo tropeiro, Manoel Soares, e, para aguardar sua volta, instalei-me no Rancho de José Henriques, tendo comigo Prégent, o Botocudo e meu novo "tocador". No caminho de Sabará a Vila Rica o rancho de José Henriques é o mais próximo desta última cidade; entretanto êle não oferece o menor recurso para as necessidades da vida; aí não se encontrava nem feijão, nem toucinho, arroz, nem milho, e eu me alojei em um pequeno quarto muito escuro, onde mal podia mexer e onde a chuva entrava por todos os lados. Se não fui me instalar em Vila Rica foi por-

que as pastagens são alí muito más e porque são aí frequentes os roubos de animais. Por um motivo que não saberei explicar, o viajante encontra geralmente maiores dificuldades e menos comodidade às portas das cidades do Brasil que nos lugares mais despo-voados.

A região onde se acha situado o rancho, sendo muito alta, não tem temperatura muito elevada. As macieiras e os marmeleiros aí dão muitos frutos e a colheita de marmelos é mesmo de grande importância para a aldeia de S. Bartolomeu, cabeça da paróquia, situada a 1 1/2 légua de João Henriques (1). Não há, disseram-me, uma pessoa em S. Bartolomeu que não tenha um quintal plantado de marmeleiros e macieiras; os habitantes fazem com os marmelos um doce muito afamado que é posto em caixas quadradas feitas com uma madeira branca e leve chamada **caixeta** (2) e não sómente vendem essas caixas em Vila Rica e seus arredores, mas ainda fazem remessas ao Rio de Janeiro. Comi dêsses doces; êles teem pouca transparência, porque não há o cuidado de eliminar as sementes e o miolo; mas teem gôsto quase tão agradável quanto as famosas marmeladas de Orléans. Os marmelos que se colhem nesta região aproximam-se menos da forma de uma pera que da de maçã, e não teem a mesma acidez que os nossos. Quanto às maçãs acredito que serão muito boas, se as deixarem

(1) Segundo os matemáticos portuguezes citados por d'ESCHWEGE, S. Bartolomeu fica a 20°21' lat. S.

(2) O sábio FREYCIÑET escreveu **cachete**, e acredito ser essa mais de acôrdo com a pronúncia da palavra, segundo minhas próprias notas. Mas **caixeta** adotada por PIZARRO, não o é menos e parece-me muito mais racional, porque a palavra em questão não pode derivar senão de caixa.

amadurecer, pois há o mau vêzo de colheram-nas verdes. De resto não é sómente em S. Bartolomeu que se plantam macieiras; elas são plantadas também nos arredores de Vila Rica e na serra de Capanema.

As pastagens montanhosas de tôda a região vizinha de José Henriques são muito propícias à criação de gado; as vacas são aí geralmente de boa raça e achei o leite produzido pelas de meu hospedeiro tão gordo quanto os melhores das vacas da França. Não há, entretanto, muito tempo que os habitantes de Vila Rica começaram a criar o gado. Êles não sonhavam outrora senão com a procura do ouro, esquecendo-se das ocupações rurais; mas o exgotamento das minas, ou a dificuldade de suas explorações, obrigou-nos a procurar outras fontes de riqueza. Quando de minha viagem um colono, vizinho de José Henriques, possuía já mais de mil bovinos, e fabricava carne sêca; outros proprietários faziam manteiga, e, se uma parte dos queijos que se vendem em Vila Rica veem de S. João d'El Rei, uma outra parte é produto das vacas criadas nos arredores mesmo da Capital das Minas.

Nesta região, como no sertão, e em todo o resto do Brasil, não há estábulos; não se recolhem os animais; êles erram noite e dia pelas pastagens e mesmo quando as vacas párem sua única alimentação é sempre a que encontram elas mesmas nos campos. A única despesa que se faz para o gado é dar-lhe sal, porque, fora do sertão não se encontram terrenos salitrosos (3). Para engordar e conservar saúde o gado

(3) Se o que me disseram em Pessanha é verdade, parece haver nesse lugar algumas terras salitrosas, pois que é, afirmam, com essa espécie de terra que os Botocudos temperam seus alimentos. (Vide minha 1.^a Rel. II, 168). (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 144, da Coleção **Brasilliana**).

tem necessidade indispensável do sal e êle é extremamente guloso dêssa substância. Todos os quinze dias os proprietários mais abastados ministram às suas vacas uma porção de sal dissolvido n'água, e as pessoas mais pobres usam dá-lo ao menos quando as vacas parrem. A espécie de dependência que a paixão pelo sal produz nos animais, fá-los perder qualquer cousa dos hábitos selvagens que adquirem naturalmente pelo hábito de viver noite e dia longe das casas, e logo que uma vaca foge, o desejo de tomar sua costumeira ração de sal faz com que volte à casa de seu dono. Em geral quando os bezerros atingem a idade de um ano é que se começa a lhes dar sal (4). Nunca se abatem os an mais antes dessa idade; assim não conhecem o que seja a carne de vitela propriamente dita.

Em tôda a província de Minas, as vacas não produzem leite senão enquanto amamentam os bezerros, e se êstes veem a morrer as têtas das vacas secam logo (5). O intendente dos diamantes, Sr. DA CÂMARA, havia feito experiências para obter leite mesmo quando as vacas são privadas dos bezerros; mas as tentativas dêsse homem cuidadoso não surtiram nenhum resultado. O proprietário é então obrigado a dividir o leite com os bezerros, e como não se dá a

(4) O Brasil não é a única parte da América onde, para conservar o gado, seja preciso dar-lhe sal. O Sr. ROULIN diz a mesma cousa dos de Colômbia. (Rech. anim. dom. dans les Ann. sc. nat. XVI, 20).

(5) Falando, em minha 1.^a Rel. dos animais do Deserto, esqueci-me infelizmente de relatar essas particularidades, que teriam explicado facilmente porque as vacas dão tão pouco leite em S. Elói, Formiga etc. O Sr. ROULIN diz também que as vacas da Colômbia não produzem leite quando privadas de seus bezerros. (Rech. an. dom. dans les Ann. sc. nat. XVI). Se, como me asseguraram, acontece o mesmo em Portugal, as vacas passando ao Brasil não teriam sofrido, em relação à produção do leite, nenhuma modificação em seu organismo

eles nenhuma outra alimentação, ficam de extrema magreza. Disso se conclue que se é obrigado a ter os bezerros habitualmente apartados de suas respectivas mães. Até à ocasião em que começam a pastar, são levados para junto das vacas duas vezes por dia; mas, quando êles podem comer, sómente são amamentados uma vez. Além do que se reserva para a nutrição dos bezerros as vacas dos arredores de Vila Rica dão comumente 4 garrafas de leite por dia, e, quando de minha viagem, uma vaca que produzia leite, nessa quantidade era geralmente vendida por 8\$000 a 10\$000 (50 a 62,50 fs.). As vacas desta região são portanto bem melhores leiteiras que as dos arredores de S. Elói e Formiga, no sertão (6), provavelmente mesmo que as de todo o deserto; isso é devido não sómente ao fato das pastagens dos arredores de Vila Rica não secarem totalmente, e porque as águas sejam abundantes, mas também porque o sal não prejudica os órgãos digestivos dos animais como a terra salitrosa daquelas regiões.

Durante minha estada no rancho de José Henriques fui várias vezes a Vila Rica. Outrora cuidavam da estrada que vai a essa cidade, porque ela era também o caminho de Cachoeira, onde os governadores da província possuíam uma casa de campo. Alguns trechos dessa estrada eram calçados; em outros os barrancos são protegidos por muros e, a pouca distância do rancho de JOSÉ HENRIQUES existe uma ponte de pedras. Mas, como os governadores abandonaram a casa de campo, deixaram de cuidar da estrada e ela tornou-se péssima. Hoje a estrada está cheia

(6) Vide minha 1.^a *Relação* II, 319. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 262, da *Coleção Brasileira*).

de atoleiros, pedras amontoadas e rochas escorregadias, sendo difícil conceber como as béstas e cavalos não quebram ali suas pernas. As peores estradas da província são as que se avizinham da capital, o que não é para se admirar, porquanto são elas necessariamente as mais frequentadas e não são as mais zeladas.

Durante longo trecho o caminho de José Henriques a Vila Rica sobe sempre, seguindo, a meia encosta, as altas montanhas que teem o nome de serra de Vila Rica. Daí o viajante avista, em plano inferior, uma vasta extensão de montes apresentando grandes ondulações, cobertas de pastagens e matas de um verde escuro. Então não se descobre nenhum ponto sôbre o qual a vista possa descansar com prazer, e apenas se percebe ao longe um grupo de fazendas; por toda parte a monotonia é a mais fatigante. O povo da região diz distinguir ao longe as torres da igreja de S. Bartolomeu, mas foi-me impossível distinguí-la.

Após ter subido muito desce-se pouco a pouco até Vila Rica, e é então, principalmente, que o caminho se torna horrível. Tôdas as montanhas que se percebem são cobertas de arbustos densos e de um verde sombrio, incessantemente cortados pelos negros para as necessidades dos moradores. Esses arbustos substituem as florestas virgens que os primeiros minerdões haviam queimado para descobrir a região e em alguns lugares para plantar o milho. O solo é inteiramente ferruginoso e muito estéril.

A pouca distância de Vila Rica avista-se uma pequena parte dessa cidade. As casas que ficam em frente ao caminho, na maioria assobradadas e recentemente caiadas, dão a mais agradável impressão da capital da província; mas logo se é desiludido, quando,

chegando à cidade pela rua das Cabeças vêem-se casas mal cuidadas cujas portas e janelas são pintadas de vermelho e com telhados que se prolongam desmedidamente além das paredes. A rua das Cabeças é em grande parte habitada por ferradores e por comerciantes de comestíveis, o que não é de se admirar porquanto grande número de caravanas entram na cidade por essa rua.

A primeira vez que fui de José Henriques a Vila Rica, apressei-me a procurar o Sr. de ESCHWEGE, que me havia tão bem acolhido quando de minha primeira passagem por alí; infelizmente não o encontrei e soube que o mesmo havia seguido para o Rio de Janeiro com o projeto de apresentar ao rei o novo plano relativo ao modo de explorar as minas de ouro. Apresentei-me igualmente em casa do governador da província, o qual não me pôde receber visto estar adoentado; mas seu ajudante de campo disse-me que eu devia renovar a visita. Voltei então no dia seguinte, ao palácio e o governador recebeu-me com extrema bondade. Uma das principais personagens da cidade que fui visitar nesse mesmo dia recebeu-me com muita atenção, e insistiu por diversas vezes, segundo o uso do país, que a casa me pertencia (esta casa é sua); eu vinha de longe e preferia, confesso, que êsse homem fôsse mais comedido em bonitas frases e me oferecesse algum refrêscos.

Encontrei em Vila Rica um negociante francês que para aí viera estabelecer-se momentaneamente e que parecia muito satisfeito de ter tomado essa deliberação. Fizera de Vila Rica ponto central de onde se estendia até S. João d'El Rei, pretendendo ir até ao Sérro Frio. Êle era obrigado a vender a varejo

para poder achar compradores para suas mercadorias, no que não fazia senão imitar os comerciantes da região, entre os quais não se encontra um só que venda exclusivamente por atacado. O Sr. LEZAN, é assim o nome dêsse compatriota, era o primeiro comerciante francês que aparecia nesta região (7).

Era desejo meu aproveitar a estada no rancho de José Henriques, para escalar a serra do Itacolomí (8), montanha que domina Vila Rica, alta de 950 toesas acima do nível do mar, segundo o Sr. ESCHWEGE. O êrro de um guia fez abortar meu projeto; mas, devo à ignorância dêsse homem o prazer de rever a cidade de Mariana. Quase à chegada dessa cidade fui surpreendido por uma tempestade. Refugiei-me em uma casa situada à margem da estrada, sendo perfeitamente recebido pelo proprietário. Um dos que se achavam presentes dirigiu-me a palavra em francês, e falava tão bem essa língua que não pude deixar de lhe perguntar se havia viajado pela França; respondeu-me que não. Supús então que êsse homem podia ter sido educado em um colégio fundado em Portugal

(7) Meus amigos os Srs. GOUTEREAU DE PAIMBEAUF e DAVID CHAUVET DE GENÈVE, foram, se não me engano, os primeiros negociantes franceses que chegaram a Minas Novas; em 1818 êles aí se achavam.

(8) Foi escrito que o **Itacolumi** ou **Itacolumi**, vinha de **Ita** pedra e **columi** menino. **Ita** quer realmente dizer pedra, mas **columi** não pertence nem à língua geral nem ao dialeto guaraní; essa palavra é uma corruptela de **corumi** **corumim** ou melhor de **conumi**, que, as primeiras na língua geral e a segunda em guaraní, significam não menino mas rapaz. E' preciso também ter cuidado para não confundir o Itacolomí de Vila Rica com outra montanha chamada Itacolomí e que se acha nas vizinhanças de Mariana. Esta é muito menos elevada que a outra; sua superfície apresenta uma terra vermelha o argilosa e sua vegetação denota apenas fetos que costumam substituir às matas derrubadas. O caminho que vai de Vila Rica ao **Presídio de S. João Batista** onde existe uma divisão militar, passa pelo Itacolomí de Mariana.

por D. MARQUET (9), antigo superior do colégio de Pontlevoy; dei-lhe a conhecer tal conjectura e vi que não me havia enganado. Eu havia passado em Pontlevoy os primeiros anos de minha infância e tivera D. MARQUET por professor. Encontrar um de seus alunos tão longe de França era para mim como se encontrasse um velho companheiro. Quando a gente corre por terras estranhas e longínquas, tudo o que pode despertar lembranças da pátria e da infância é avidamente apreendido; uma planta, um inseto mesmo que lembre os da terra natal, não podemos vê-los sem alguma emoção.

Apesar da satisfação que experimentava ao ouvir falar francês no interior do Brasil, devo entretanto convir que à época de minha viagem nossa língua era geralmente perigosa para os portugueses. Em geral elles só liam nossos maus livros; elles aí buscavam grosseiro epicurismo e enchiam o espírito com "essas teorias de direito absoluto, dessas vagas generalidades do fim do século dezoito, que trazem a morte em seu seio" (10).

(9) Dom ALPHONSE-JEAN-BAPTISTE MARQUET, beneditino da congregação de S. Maur, último superior do monastério e do antigo colégio real e militar de Pontlevoy, reunia a altas virtudes, uma alma forte, conhecimentos vastos e variados e o difícil dom de dirigir a mocidade. Ele havia elaborado a "Art de vérifier les dates" e composto uma "Grammaire Allemande". Forçado, em 1792, a deixar o colégio de Pontlevoy, passou a Portugal e aí fundou um educandário. Voltou à França sob o governo consular e estabeleceu em Orléans um pensionato que obteve amplo sucesso. Como quizessem submettê-lo a alguns regulamentos universitários que contrariavam seus processos, elle mudou-se para Paris onde se dedicou às letras; mas o desejo de se tornar útil levou-o a aceitar as funções curiais. Em seguida foi elle incumbido da direção de uma casa de educação, que tinha sido fundada para os filhos dos cavaleiros de S. Luiz; morreu nesse posto, a 12/10/817.

(10) Expressões do *Globe* de 5 de Agosto de 1830,

Voltando de Mariana passei alguns dias em Vila Rica, onde fui aborrecido pelo mais terrível tempo. O fim de 1817 e o começo de 1818 foram excessivamente chuvosos; mas em tôda esta região, como em Tijuco, goza-se ordinariamente, no mês de Janeiro, de uma quinzena de dias em que o tempo melhora. Esse intervalo, a que dão o nome de **veranico**, é extremamente agradável, especialmente nas zonas altas, e lembra, diz ESCHWEGE, o fim do verão na Alemanha (11). Não há ninguém que não julgue que o veranico deva ter grande influência sôbre as colheitas; êle age mórmente sôbre a do feijão, que, plantado em Setembro e Outubro deve amadurecer de fins de Dezembro a fins de Janeiro (12). Observou-se também que os grãos de milho tornam-se maiores e mais farinhosos quando o veranico, sucedendo às longas chuvas, tem lugar após a floração das plantas, no momento em que os novos grãos começam a crescer.

Para defender-se da água, os homens de uma certa classe usam guarda-chuvas ordinariamente cobertos de pano de algodão, tecido que resiste melhor que a seda aos toques dos espinhos e dos ramos. Quanto aos negros, êles se preservam da chuva por meio de pitorescos mantos, feitos com folhas muito sêcas e muito longas de uma Gramínea ou Ciperácea, chamada **capim mumbéca**, que nasce nos lugares altos. No sertão são folhas da palmeira **burití** que se empregam em lugar do **capim mumbéca**.

Antes de deixar o rancho de José Henriques, tive ainda o prazer de rever o barão de ESCHWEGE, que não me testemunhou menos amizade que da primeira

(11) **Journ.** 1, 49.

(12) **L. Ç.**

vez que o encontrei. Seu plano relativo ao modo de explorar as minas vinha de ser adotado pelo govêrno; companhias deviam ser constituídas sob a direção do próprio Sr. ESCHWEGE. Muito anteriormente o Sr. MANOEL FERREIRA DA CÂMARA BETENCOURT E SÁ, intendente dos diamantes, havia sido encarregado de apresentar ao rei um projeto de regulamento para as minas de ouro do Brasil. Este competente cidadão havia escolhido entre as leis alemãs o que melhor havia sôbre a exploração das minas, tendo o cuidado de modificar o que não se adaptava à sua pátria. Seu projeto foi adotado desde 1803, mas sem fôrça de lei. Foi, se me não engano, êsse mesmo projeto que o Sr. ESCHWEGE reajustou; êle fez algumas modificações e conseguiu fôsse aceito pelo ministro; mas não creio que seja posto em execução.

Nessa mesma ocasião o govêrno queria exigir dos mineiros uma declaração das terras de que se diziam possesores, e que êles demonstrassem a legitimidade dessas posses. Essa medida ligava-se talvez aos planos de colonização de que o ministro de então, Sr. TOMAZ ANTÔNIO DE VILANOVA E PORTUGAL se achava empolgado, e dos quais alguns foram executados de maneira absurda. Mas, o que há de certo, é que a medida por si só podia ter um fim útil muito necessário em um país que, após haver passado pela desordem e pela anarquia, se acha hoje dividido por um pequeno número de proprietários e, onde seria tão vantajoso atrair novos habitantes. De qualquer modo, aliás, as vantagens que podiam ter as declarações em aprêço e sua verdadeira finalidade, creio que tiveram tão pouca aplicação quanto os planos dos Srs. DA CÂMARA e ESCHWEGE sôbre a mineração.

Quando estive no rancho de José Henriques comentavam-se as sábias medidas que o govêrno vinha de tomar para reprimir a vagabundagem, e as ordens que haviam sido dadas aos comandantes de visar os passaportes dos viajantes que atravessavam as aldeias e cidades. Várias vezes, tentaram, já, diminuir o número de vagabundos (vadios), que são o flagelo da província de Minas; mas bandos de ociosos aparecem cada dia, favorecidos pela condescendência dos proprietários; quero crer que as ordens dadas ao tempo em que viajei, terão o mesmo resultado que as anteriores; aliás quando passei um ano mais tarde pela província de Minas não se dizia haver menos vadios que antes.

Havia, já, quase 15 dias que me achava no rancho de José Henriques quando meu tropeiro chegou de Boa Vista com meus animais e minhas coleções. Despedi-me então de meu hospedeiro, o bom Miguel, que, apesar de pobre nada me cobrou pelo quarto que me cedeu, e pús-me em marcha.

CAPÍTULO IX

CONGONHAS DO CAMPO. — A IGREJA DE N. S. BOM JESUS DE MATOSINHOS. — AS FUNDIÇÕES DE PRATA. — FUGA DE FIRMIANO.

Partida do Rancho de José Henriques. — Aldeia da Cachoeira. — O Autor se perde. — Descrição da região vizinha de Congonhas do Campo. Causas da diferença que a vegetação apresenta, na província de Minas. — Aldeia de Congonhas do Campo. — A igreja de N. S. Bom Jesus de Matosinhos. — As forjas do Prata. — O índio Firmiano desaparece. O Autor põe-se a perseguí-lo e procura-o inutilmente nos arredores de Congonhas e Vila Rica. — **Capitães do mato**; negros fugitivos. Encontra-se Firmiano.

Em um espaço de cem léguas, entre José Henriques e Congonhas do Campo, estende-se a lêste da grande cadeia, uma região que, a princípio muito montanhosa vai-se tornando pouco a pouco mais baixa à medida que se aproxima desta última localidade. Começa-se por atravessar **capoeiras**, mas logo se entra nos **campos naturais**, que, como os das altas montanhas ou dos arredores de Barbacena, apresentam Gramíneas geralmente muito finas, entremeadas de subarbustos. Como acontece geralmente nos lugares onde se observa êsse gênero de vegetação, grupo de matas (**capões**), crescem nas grotas e nas encostas riais abrigadas; é aí que os lavradores fazem suas plantações (1).

(1) Vide minha 1.ª Rel. I, 212. (Corresponde ao Volume 126, pág. 188, da Coleção **Brasilianna**).

A uma légua de José Henriques, a 20°22' lat. S. e 332°20' long., acha-se a aldeia de Cachoeira ou N. Sra. de Nazaré de Cachoeira do Campo, cabeça de uma paróquia que comprehende 3 sucursais e uma população de mais de 2.180 almas (2). Cachoeira foi construída sôbre as encostas de duas colinas opostas, e compõe-se de casas separadas umas das outras. Os governadores da Província tinham outrora, nesta aldeia, uma residência de descanso a que dão o nome de palácio; mas essa casa acha-se abandonada e parece que, ao tempo de minha viagem ia pô-la em leilão. Cachoeira deve, sem dúvida, sua fundação aos mineradores, pois nos arredores vêem-se excavações profundas que tiveram por objetivo a extração do ouro.

Colhendo muitas plantas, fiquei para trás. Eu me havia desentendido com meu tropeiro, e, depois do lugar chamado Lagoa, segui caminho diferente do dêle. Desci a princípio por um caminho muito difficil, em profunda ravina; depois, tendo escalado a encosta que faz face a aquella que eu vinha de descer, achei-me em uma região alta, no meio de montanhas. Não via mais que imensas pastagens, onde milhares de trilhos feitos pelo gado cruzavam todos os sentidos; nuvens espessas annunciavam uma tempestade. Errando por aquí e acolá, afim de descobrir uma casa, senti-me feliz ao descobrir uma ao longe. Dirigi-me para lá. Um velho decrépito achava-se sentado diante da porta e recitava preces, tendo às mãos um rosario. Pedi-lhe que me dêsse um guia, mas, não tendo obtido como resposta senão palavras grosseiras, perdi a paciência, e expressei-lhe tôda a minha indignação. Avistei ao

(2) PIZ. Mem. Hist. VIII, p. seg. 94.

longe outra habitação e para lá me dirigi; o proprietário ofereceu-se para conduzir-me à casa de FRANCISCO DA COSTA aonde pensava poder pernoitar. A noite surpreendeu-me logo; entretanto não tardei a reconhecer que seguíamos o caminho por onde já havíamos passado. Quando chegámos no fundo da ravina de que venho de falar, a escuridão era tal que foi absolutamente impossível distinguir os objetos que nos rodeavam. Durante o dia êsse caminho já me parecerá horrível; à noite êle pareceu-me cem vezes mais. Caminhava com precaução extrema, trazendo a minha bêsta pelo cabestro; mas o declive do terreno acelerava o animal que me empurrava frequentemente e eu receava que êle viesse a cair por cima de mim. Chegado ao fundo da grota encontrei um regato e, para alcançar a outra margem montei novamente; o animal recusava ir mais longe, corcoveando, e eu via que de um momento para outro cairíamos num precipício. Felizmente escapei dêsse perigo e cheguei sem acidentes à casa de FRANCISCO DA COSTA que faz parte do distrito chamado Lagoa, diante do qual eu já havia passado, sem sabê-lo. Não encontrei aí o meu pessoal, mas fui acolhiço com amável hospitalidade.

Reiniciei a viagem no dia seguinte pela manhã, e, a pouca distância da casa de FRANCISCO DA COSTA, deparei, ao pé de uma montanha, a lagoa que dá nome ao distrito. Próximo do lugar chamado Pires, encontrei meu tropeiro Manoel Soares, que na véspera havia parado, com minha caravana, à margem da estrada, em uma casa abandonada. Caminhámos juntos e fomos pernoitar no lugar denominado Pires.

Entre a casa de Francisco Costa e Pires a chuva quase não cessara de cair e continuou a cair durante tôda a noite. A água, passando através do teto da casa, escorria sôbre minhas malas e fui obrigado a acordar o meu pessoal para mudar de lugar tôda a minha bagagem. No dia seguinte a chuva continuou durante grande parte do dia; parti muito tarde e, não tendo podido fazer mais de uma légua, parei na aldeia de Congonhas do Campo. O pequeno estio de Janeiro (veranico) faltou completamente êste ano e todo mundo assegurou-me que chuvas tão abundantes (3) e de tamanha duração eram muito raras.

Semelhante ou quase semelhante à que eu atravesssei nas vésperas, a região que percorri entre Pires e Congonhas, não é apenas ondulada como o Sertão; não se vêem êsses morros próximos uns dos outros, êsses fortes declives, êsses vales profundos que caracterizam geralmente a região das florestas; também não se vêem êsses vastos planaltos, como o do Alto dos Bois (4), ou os da serra da Lapa e das montanhas do Tijuco. A terra é avermelhada e mais ou menos arenosa; a região é consideravelmente elevada em relação ao nível do mar; os morros são desiguais, mas em geral são arredondados no alto; seus declives não são muito fortes; deixam entre êles grandes intervalos. Nos altos como nos vales mais largos e mais descobertos não se vêem senão Gramíneas e outras ervas entremeadas de sub-arbustos; nos declives mais inclinados, crescem, como no sertão, árvores tortuosas, raquíticas, separadas umas das outras, de folhas que-

(3) Vide o que disse atrás a respeito do **veranico**.

(4) Vide minha **I.ª Rel.** vol. II, pág. 63. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 65, da Coleção **Brasilianna**).

bradiças, casca suberosa (5); enfim nos fundos e nos declives mais abrigados, encontram-se florestas virgens.

Já disse (6) que os campos de Gramíneas eram devidos à disposição do solo que permite aos ventos dos meses de Junho, Julho e Agosto circular livremente e prejudicar o crescimento das plantas. Essa asserção seria confirmada, se isso fôsse necessário, pelo que vem de ser dito sôbre a vegetação da região vizinha de Pires e de Congonhas, porquanto se viu que nos lugares onde o terreno começa a ser abrigado há o aparecimento das árvores raquíticas e que nos lugares mais abrigados ainda, aparecem as florestas. Na verdade o Sr. de ESCHWEGE (7) observou que a vegetação era mais vigorosa nos terrenos primitivos que nos de formação mais recente; êle observou que as matas crescem nas montanhas de granito, de gneiss, de xisto micáceo e de sienita, e que as pastagens naturais e os arbustos tortuosos encontram-se nos terrenos cuja base se compõe de xisto argiloso, grés e ferro. Mas, se as grandes diferenças de vegetação que se observam na província de Minas coincidem com as diferenças da constituição mineralógica do solo, não é menos verossímil que não são estas últimas que modificam o conjunto das produções vegetais. O Sr. DE CANDOLLE de há muito mostrou (8) que a natureza mineralógica dos diversos terrenos não exerce nenhuma influência sôbre a vegetação ou que pelo menos

(5) Vide minha 1.^a Rel., vol. II, pág. 302. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 249, da Coleção **Brasilliana**).

(6) Vide minha 1.^a Rel., vol. II, pág. 24. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 30, da Coleção **Brasilliana**).

(7) In. Litt.

(8) **Dic. Sc. Nat.**, vol. XVIII.

sua ação é pequena; e as próprias observações feitas pelo Sr. ESCHWEGE tendem a demonstrar a verdade dessa opinião, pois que nas vizinhanças do rio S. Francisco, próximo de Formiga e Abaeté, êsse cientista viu terrenos calcáreos de formação antiga descobertos em certos lugares, enquanto que noutros êles produziam uma vegetação rica e densas florestas. O que, numa mesma latitude e em altitudes semelhantes, modifica verdadeiramente a natureza das produções vegetais, é a exposição do solo, o maior ou menor grau de unidade que êle encerra, a sub-divisão mais ou menos sensível de suas partículas, a quantidade maior ou menor de humus que cobre sua superfície.

Seja como fôr a variedade que apresenta a vegetação entre Pires e Congonhas empresta à paisagem um encanto a que se ajunta a desigualdade das montanhas, o verde alegre dos relvados, os rochedos pardacentos que se mostram nos altos dos morros mais elevados, enfim o contraste que formam as minerações com o terreno e a côr fresca das pastagens. E' sobretudo no lugar chamado Barnabé que a vista se torna mais agradável. Ao longe vê-se sôbre o cume de um morro uma das igrejas de Congonhas; de todos os lados vêm-se cumiadas separadas e desiguais, de formas variadas, verdes pastagens e bosquetes; à direita do caminho existe uma profunda mineração, cavada sôbre o flanco de uma colina; esta é dominada por uma montanha mais elevada, onde as rochas se mostram aquí e acolá; e, sôbre o lado da montanha um regato formando uma cascata, espalha sôbre o rochedo suas águas espumantes.

Antes de chegar a Congonhas passa-se por um regato que tem o nome de rio Santo Antônio, e que,

próximo da aldeia, reúne suas águas a um regato mais considerável, chamado rio das Congonhas.

A aldeia de Congonhas do Campo, ou N. S. da Conceição de Congonhas do Campo, acha-se situada a 21°30' lat. e 332°27' long.; a 8 léguas E. S. E. de Vila Rica, 9 de Mariana e 74 do Rio de Janeiro (9). É cabeça de uma paróquia pertencente, ao menos em parte, ao termo de Vila Rica, e que em 1813 continha uma população de 2.412 habitantes (10) e em 1822 a população era de 2.640 indivíduos (11).

Congonhas é célebre na história das Minas, porque foi nesse lugar que se postou MANOEL NUNES VIANA, chefe dos forasteiros revoltados (1708), quando êle obrigou D. FERNANDO MARTINS MASCARENHAS, governador do Rio de Janeiro, que viera à província de Minas para restabelecer a ordem, a se pôr em fuga. A aldeia é construída sôbre dois morros opostos, entre os quais corre o riacho que tem o mesmo nome que a povoação. O rio das Congonhas servia de limite entre a comarca de Vila Rica e a de S. João d'El Rei, e assim a aldeia pertence a duas comarcas diferentes (12). A maior parte das casas se acha sôbre o morro que fica à margem direita do riacho, e é no alto dêsse morro, no meio de uma praça alongada,

(9) PIZ. *Mem. hist.*, VIII, p. segunda, 97.

(10) ESCHW. *Jorn.*

(11) O volume de PIZARRO onde se encontra essa avaliação é de 1822.

(12) Parece-me que sob o nome de Congonhas do Campo se designa vulgarmente um vasto distrito, porquanto PIZARRO disse (*Mem. hist.*, VIII, 96) que uma parte do território das Congonhas chamada do Carmo onde se acha a paróquia de N. S. da Conceição pertence ao termo de Mariana e que uma outra parte forma a paróquia de N. S. da Conceição das Congonhas de Queluz, pertencente ao termo de Queluz e à comarca de S. João d'El Rei.

que se acha a igreja paroquial, notável por seu tamanho. No morro que fica fronteiro ao que venho de falar vê-se a igreja de N. Senhor Bom Jesus de Matosinhos, que goza de grande celebridade, não sómente nos arredores mais fora da província. Os devotos para ali se dirigem, vindos de muito longe e, na época da festa do padroeiro, que se celebra em Setembro, a aldeia fica cheia de forasteiros e devotos (13).

Congonhas do Campo deve sua fundação a mineadores que encontraram muito ouro nas margens do rio Santo Antônio, bem como nas do rio Congonhas e ao redor da aldeia; as encostas dos morros rasgadas e reviradas de todos os modos, atestam o trabalho de maior vulto. Congonhas cái então em decadência, como tantas outras aldeias, vendo-se grande número de casas mal conservadas ou mesmo abandonadas (14).

O que ainda mantém êste pequeno povoado é que êle tem a vantagem de estar situado em uma das estradas que vão de Vila Rica a S. João d'El Rei, e que os peregrinos que a devoção aí leva, sempre deixam algum dinheiro. Existe também nos arredores um

(13) Apesar da igreja de Bom Jesus de Matosinhos não estar situada do mesmo lado do rio que a igreja paroquial, ela pertence, entretanto, à paróquia de Congonhas do Campo, como se pode ver nas *Memórias históricas* VIII, p. segunda, 96.

(14) "Matozinho", disse um viajante inglês que passou por Congonhas do Campo, é uma pequena cidade, limpa e animada, situada à margem setentrional do Paraopeba, diante de **Caacunha**. Há nessa frase quase tantos erros quantas são as palavras. Matosinhos e não Matozinho, é o final do nome de uma igreja e não de uma cidade: essa igreja não pertence a uma cidade e sim a uma aldeia, cujo nome, é possível, tenha sido originariamente **Caacunha** (Vide mais acima, pág. 95), mas que se chama hoje Congonhas; enfim o rio que passa em Congonhas não é o Paraopeba, mas o rio Congonhas.

pequeno número de minerações em atividade (15), e várias fazendas muito importantes. Fazem-se algumas criações de gado nos campos e cultiva-se nos capões. A qualidade do terreno varia muito nos arredores de Congonhas do Campo, e, segundo os lugares o milho rende de 100 a 200 alqueires. Sendo a região, como se viu, muito alta, a geada é muito frequente e impede que se dedique à cultura da cana de açúcar. Entretanto observou-se que, nas altitudes onde a umidade não é tão grande como nas baixadas, a geada é menos frequente; mas, como o terreno não é bom, a cana cresce pouco e dá apenas dois cortes.

Está visto que eu não deixaria Congonhas sem ir visitar a igreja de N. S. Bom Jesus de Matosinhos (16), que é, para esta região, como observa LUCOCK (17) o que é para a Itália a N. S. de Loreto. Essa igreja foi construída no cume de um morro, no meio de um terraço pavimentado de largas pedras e circundado por um muro de arrimo. Diante dela colocaram sobre os muros da escadaria e sobre os do terraço, estátuas de pedra representando os profetas (18). Essas estátuas não são obras primas, sem dúvida; mas observa-se no modo pelo qual foram esculpidas qualquer coisa de grandioso, o que prova no artista um talento natu-

(15) Pode-se citar, entre outras a mineração do coronel ROMUALDO JOSE' MONTEIRO DE BARROS, de que falam os Srs. ESCHWEGE, SPIX e MARTIUS, cujo ouro, segundo estes últimos, é de 22 k.

(16) Escreveram na Alemanha, que essa igreja era consagrada à Virgem e tinha o nome de N. S. de Matosinho; mas em trabalho recente o Autor penitencia-se, pelo menos em parte, desse erro.

(17) *Notes on Braz.* pág. 520

(18) O Sr. ESCHWEGE acha que a pedra com que foram feitas essas estátuas seja a esteatita. LUCOCK dissera, antes de mim, que elas representavam os profetas, sendo que PIZARRO pretende que elas representam cenas da paixão.

ral muito pronunciado. Elas são devidas a um homem que residia em Vila Rica e que demonstrou desde sua infância, uma grande vocação pela escultura. Muito joven ainda, disseram-me, êle resolveu tomar não sei que espécie de bebida, com a intenção de dar mais vivacidade e elevação a seu espírito; mas perdeu o uso de suas extremidades. Entretanto prosseguiu no exercício de sua arte; êle fazia prender as ferramentas na extremidade do ante-braço e foi assim que fez as estátuas da igreja de Matosinhos.

Essa igreja é pequena, mas rica, conservada limpa e ornada de um grande número de quadros feitos em Vila Rica, dos quais vários denotam felizes inclinações para a pintura (19). A imagem que constitue objeto de veneração dos devotos foi colocada no interior do altar-mor, e representa Jesus Cristo morto. Beijam-se os pés dessa imagem para merecer indulgências; depois depositam-se esmolas. Acima do altar elevam-se pequenos degraus ornados de pequenas figuras de anjos segurando castiçais, sendo que alguns teem os cabelos ridiculamente levantados em topete. A sacristia é grande e muito bonita. De um dos lados do templo existe uma casa chamada "casa dos milagres", onde se acham reunidas em uma grande sala uma tão prodigiosa quantidade de oferendas e membros de cera, que não cabe mais nada. Enfim atrás da igreja vêem-se duas construções compridas, colocadas em frente uma da outra e que são destinadas a abrigar os peregrinos e confrades estrangeiros.

Quando de minha viagem tencionavam construir um pouco abaixo da igreja de Matosinhos, na vertente

(19) Vide minha **1.^a Rel.** vol. I, pág. 38. (Corresponde ao Volume 126, pág. 48, da **Coleção Brasileira**).

do morro em que ora se acha, sete capelas representando os principais mistérios da paixão de Jesus Cristo. Três dessas capelas haviam, já, sido construídas; são quadradas e terminam por um pequeno zimbório cercado por uma balaustrada. No comêço de 1818 apenas uma delas estava terminada internamente e aí se via a cena representada por imagens de madeira, pintadas, e de tamanho natural. Essas imagens são muito mal feitas; mas, como são obra de um homem da região, que nunca viajou e nunca teve um modelo com que se guiasse, elas devem ser julgadas com certa indulgência.

O homem que me mostrou a igreja de Matosinhos não me era desconhecido. Fôra êle que, quando estive em Ubá, para alí conduzir uma tropa de Coroados. Tendo sido atacado por grave doença dos pés, prometeu a Deus servir à igreja de Matosinhos se obtivesse sua cura. Como teve a felicidade de sarar deixou sua casa e veio cumprir sua promessa, para o que teve de viajar 60 léguas.

Aproveitei a minha estada em Congonhas do Campo para ir visitar as forjas do Prata, distantes duas léguas.

Até Barnabé e mesmo um pouco mais longe, segui, para ir a essas forjas, o caminho pelo qual eu já havia passado, indo de Pires a Congonhas. Após Barnabé a região se eleva gradualmente; mas apresenta quase sempre o mesmo aspecto; vêem-se ainda uma mistura de pastagens herbáceas, bosquetes e campos dotados de árvores tortuosas e raquíticas. Não é apenas pelo aspecto que êsses últimos **campos**, assemelham-se aos

do sertão. Encontrei entre Barnabé e as forjas do Prata várias espécies pertencentes ao gênero **Qualea**, como a árvore raquitica conhecida no deserto sob o nome de "pau-terra"; encontrei também essa **Malpighiacea** de grandes folhas duras e esbranquiçadas, cujos frutos os habitantes do Sertão comem, de preferência aos de outras espécies, e que se chama **muricí**.

As forjas do Prata foram construídas sob a direção do Sr. ESCHWEGE que, tendo anunciado que um capital de 10.000 cruzados bastava para formar a empresa, reuniu logo 10 acionistas, cujo principal foi o conde de Palma, então governador da província. Querendo favorecer a companhia que vinha de se organizar, o govêrno do Rio de Janeiro fez-lhe presente de um martelote, uma bigorna e algumas outras peças encomendadas na Inglaterra. A construção das novas forjas foi iniciada em Novembro de 1811; a fundição do ferro teve começo em 17 de Dezembro de 1812, terminando inteiramente em Junho de 1813. As forjas do Prata começaram após as do Morro de Gaspar Soares e de Ipanema, próximo de S. Paulo; mas, se se pode acreditar no Sr. ESCHWEGE, não houve outra que trabalhasse tão ativamente e em tão grande escala (20).

Essas forjas são situadas em um fundo e cercadas de morros cobertos de matas. De todos os lados há abundância de ferro, nos arredores de Prata; ali, como noutros lugares o minério mostra-se à flor da terra e, por conseguinte é pequeno o trabalho da extração. As águas necessárias às forjas descem das montanhas e são levadas em uma calha que se projeta para dentro das construções onde ficam os fornos. Caindo dessa

(20) **Diário I**, pág. 239. (Corresponde ao Volume 126, pág. 209, da Coleção **Brasiliana**).

calha a água faz mover os pilões que trituram o minério; renova o ar que ativa os fornos e, enfim, ela eleva o martelete destinado a fazer barras do ferro fundido. O carvão, fornecido pelas árvores das florestas vizinhas, é feito pelo processo europeu. Afim de remediar o defeito que o ferro fabricado no país apresenta geralmente, o de ter consistência próxima da do aço, empregam-se nas forjas sómente os pedaços maiores de carvão; o que fica dessa escôlha é peneirado por meio de um cilindro de bambú, acionado por água e empregado na oficina de serralheiro, existente no estabelecimento.

Antes de empregar o mineral é reduzido a pó fino, por meio de pilões, sendo fundido em fornos, em número de 4, construídos pelo processo sueco. Quando a massa de ferro fundido sai do forno é posta em outro pilão, movido do mesmo modo que o que mói o minério. Esse pilão é destinado a livrar a massa fundida das partes heterogêneas e impuras. Outrora o martelete ficava no mesmo galpão que os fornos; mas, como não havia uma quantidade d'água capaz de fazer mover os pilões, ativar o fogo e elevar o martelo ao mesmo tempo, foi preciso colocar o martelete em um plano inferior ao dos fornos, para aproveitamento da força da água. Essa disposição é pouco cômoda para o trabalho; entretanto foi remediada tanto quanto possível, colocando-se uma lage inclinada, por meio da qual faz-se escorregar o metal fundido, do pavilhão mais alto, onde se acham os fornos, ao mais baixo onde fica o martelete. Contentam-se em fazer o ferro em barras, não sendo manufaturado no estabelecimento. O minério pode, segundo ESCHWEGE, render até 80%; mas, como não custa, por assim dizer, nada,

tiram dêle apenas 16%. A arroba de ferro fundido vende-se nas forjas do Prata a 2\$400 e o Sr. ESCH-WEGE garante que essas forjas dão lucro aos acionistas.

No dia seguinte ao de minha visita às forjas do Prata (12 de Fevereiro de 1818), desejava prosseguir viagem em direção a S. João d'El Rei, mas, no momento da partida procurou-se em vão Firmiano. Dando uma busca em seu sacco de viagem encontrámos apenas objetos menos úteis e de menor valor; lembramos então que pela madrugada êle havia aberto docemente a porta do galpão onde dormíamos; nas vésperas, à tarde, êle nos parecerá de muito mau humor e nós não tivemos dúvida de que êle havia fugido. Êsse acontecimento causou-me uma grande contrariedade porquanto eu não esperava que tal succedesse. Sempre tratara Firmiano como um filho, satisfazendo todos os seus desejos e não vira pessoa nenhuma fazer-lhe o menor mal, sendo-me impossível atinar com o motivo de sua fuga. Está claro que, desgostando do trabalho e já habituado a algumas doçuras da vida civilizada êle seria muito infeliz em uma região onde há grande prevenção contra os homens de sua raça. Êle iria errar de fazenda em fazenda, sem recursos e findaria por cair nas mãos de algum homem rude que, para aproveitar-se de seu trabalho, retê-lo-ia pelo terror. Eu me recriminava, a mim mesmo, por ter causado a infelicidade dêsse rapaz, tirando-o de suas florestas, e tomei a resolução de tudo fazer para encontrá-lo.

Parti em minha bêsta, acompanhado de um tocador de nome Francisco, que eu tomara em Vila Rica, e segui o caminho pelo qual viera de Congonhas, pensando que Firmiano devia ter voltado pela região que

já conhecia. Fui até o lugar chamado arraial do Leite, pouco distante de Cachoeira; mas em parte nenhuma davam-me notícias do fugitivo. Voltei e dormi em casa de FRANCISCO DA COSTA, onde, conforme disse, já havia pousado poucos dias antes. No dia seguinte segui em direção a Congonhas, onde contava continuar minhas pesquisas pela vizinhança; interroguei a tôdas as pessoas que encontrava, prometendo 9 oitavas (cêrca de 68 francos) a quem me trouxesse Firmiano. A uma légua de Congonhas fui informado por um homem que nas vésperas meu botocudo lhe pedira informações sôbre o caminho de Vila Rica. Anteriormente Firmiano havia falado com muito entusiasmo da capital de Minas e dos encantos de uma pequena índia **Purí** que o Sr. ESCHWEGE criava em sua casa. Eram fortes razões para acreditar que meu jovem selvagem havia tomado o caminho de Vila Rica; foi em direção a essa cidade que tomei a resolução de fazer minhas pesquisas.

Vários caminhos vão de Congonhas à capital da Província. Está claro que eu não devia voltar pelo que eu vinha de deixar; decidi-me a seguir o caminho que se entronca na grande estrada do Rio de Janeiro a Vila Rica próximo do Capão do Lana ou simplesmente Capão (21).

A região que percorri até êsse lugar, em um espaço de 4 léguas, apresenta uma sequência de morros altos e arredondados, cobertos de plantas herbáceas. Tão longe quanto a vista possa se estender não se vê senão um vasto território sem habitações e imensas pastagens sem gado. Nas florestas virgens, as árvores que

(21) Vide minha **1.ª Rel.**, vol. I, pág. 134. (Corresponde ao Volume 126, pág. 128, da Coleção **Brasíliana**).

por todos os lados limitam o horizonte visual podem iludir-nos sôbre a falta de habitações; mas aquí nada atenua a extensão do deserto e o viajante se entedia pela monotonia dessas montanhas que não apresentam nenhum acidente e onde nenhum traço de cultura ou de indústria revela a presença do homem. Após o momento em que comecei a me distanciar de Congonhas, até à minha chegada a Capão não avistei senão duas ou três casinhas e uma pequena capela. O sol já se havia posto quando cheguei a Capão, onde passei a noite; durante todo o dia não tinha comido senão um pouco de leite coalhado e farinha; e, para meu jantar fui obrigado a contentar-me com um prato de couve e feijão.

A 8 de Fevereiro, muito cêdo, parti do Capão. No ano precedente eu já me queixara do caminho que vai dêsse lugar à capital da Província; êle se tornara cem vezes peor. Até Vila Rica só vi profundos atoleiros; os esqueletos de bêstas e cavalos que continuamente encontrava davam-me notícias dos inúmeros acidentes por alí ocorridos. Dir-se-ia que, dêixando em tal estado os caminhos que conduzem à triste capital de Minas, tinha-se a intenção de isolá-la de todo o universo (22).

Ainda não tínhamos chegado, quando em um lugar solitário, onde a estrada acha-se apertada entre dois morros a pique, o tocador Francisco, o único que se achava armado entre nós, disse-me: “Senhor, eu sou um criminoso”. Essa confissão, feita em tal situação,

(22) O Sr. de ESCHWEGE explica o mau estado dos caminhos nos arredores da capital do império e das capitais de províncias, pela facilidade que tinham os proprietários obrigados à reparação dêsses caminhos de corromper os agentes da administração, muito próximos dêles.

não era nada tranquilizadora; entretanto dominei-me. Francisco relatou-me sua história, mas, está visto, de modo a inocentar-se. Era preciso livrar êsse homem das vistas daqueles que poderiam prendê-lo. Segui então na encosta da montanha em declive pedregoso e escarpado e cheguei à casa do barão de ESCHWEGE.

Não havia notícias de Firmiano em Vila Rica. Aproveitei minha estada nessa vila para escrever a várias pessoas, pedindo-lhes de ter êsse joven selvagem caso apparecesse em casa delas; enfim fui procurar o official do regimento que comandava os "capitães do mato", pedindo-lhe instruisse sua gente no sentido de prender Firmiano.

Chamam-se "capitães do mato" homens de côr, porém livres, encarregados de perseguir os escravos fugidos. O proprietário de um negro que é preso dá 25\$000 (156 frs. 25) pela sua prisão, sendo essa importância dividida entre os capitães (23). Os negros fugidos são muito comuns em algumas zonas da provincia de Minas, principalmente nos arredores de Vila Rica, onde, protegidos pelas montanhas, quase inaccessíveis, cometem roubos frequentes. Geralmente êsses escravos teem nessas montanhas um esconderijo

(23) No século passado os negros de Minas formaram contra os brancos uma conspiração que foi felizmente descoberta. Por uma consequência natural dêsse acontecimento se se pôde crer nas conjecturas inverossímeis de SOUTHEY, um grande número de negros se refugiou nas matas; temeu-se que formassem associações perigosas, como aconteceu outrora em Palmares (Pernambuco); para impedir êsses agrupamentos foram criados os **capitães do mato**, espécie de milícia já estabelecida em outros pontos do Brasil. A 17 de Dezembro de 1722 foram publicados os regulamentos que fixavam os deveres dos capitães do mato e as retribuições a que tinham direito segundo as circunstâncias, ao mesmo tempo preveniam contra as trapaças dêsses homens, nos quais, parece, não se podia confiar. (*Hist. of Braz.* III, 247-249).

comum, a que se dá o nome de **quilombo**, chamando-se quilombolas aos negros aí refugiados (24).

Outros negros fugidos vivem isolados; ficam na vizinhança das casas e recebem dos próprios escravos dessas casas o alimento de que necessitam. Essa classe de fugitivos é denominada: **ribeirinhos** (25).

De Vila Rica segui, a 10 de Fevereiro, para o Rancho de José Henriques, partindo daí no dia seguinte de volta a Congonhas, aonde desejava aguardar o resultado das pesquisas que deviam ser feitas pelos "capitães do mato". Continuei minha caminhada sem nenhum acidente até cêrca de uma légua de Francisco da Costa. Aí apeei-me para colhêr algumas plantas e o tocador Francisco incumbiu-se de seguir com minha mula. Quando as plantas ficaram prontas pús-me em marcha, contando encontrar, a alguns passos daí, o tocador e a mula; mas, fiz perto de meia légua sem encontrá-lo. Atravessei um regato, metendo os pés nágua, e, logo após encontrei outro riacho, muito mais largo, que se atravessa antes de chegar à casa de Francisco da Costa. Era natural que eu encontrasse

(24) Essas palavras parecem-me africanas: mas diz-se ainda no Brasil: **calhambola**, e creio também **cauhambola**, e, segundo LUCOCK (Notes on Braz. 434), **caumbolo** ou **calambolo**. MORAIS, que admite a palavra **calhambola** (Dic. I), fá-la derivar de **canhen** e **hora**, que, segundo êle, pertencem à "língua geral" e significariam — **homem acostumado a fugir**. Euvido muito, confesso, da exatidão dessa etimologia, preferindo a de LUCOCK que faz derivar **caumbolo** de **caumbo etro**, homem que percorre as matas. O que dá força à opinião do autor inglês é que se acha no "Tesoro de la lengua guaraní", do P. A. RUIZ, a significação de **caubó**, que significa matos, ramos; **ei** desocupado e **ro** indica uma particula de composição, o que significa dizer: **vagabundo das matas**.

(25) **Ribeirinho** significa propriamente aquele que vive à margem dos rios ou riachos (Vide Mor. Dic. I). Nesse caso não consigo atinar com a razão da applicação dessa palavra.

nas margens dos riachos as pegadas do tocador e dos animais, mas não vi nenhuma e comecei a temer que Francisco, que se confessara criminoso, tivesse fugido com os dois animais e uma mula onde se achava minha roupa e dinheiro. Infeliz desde meses atrás, já não duvidava dessa nova contrariedade, quando avistei meu tocador: o cavalo e a mula haviam fugido por uma estrada lateral e Francisco estivera em sua perseguição. Errei em pensar mal desse moço; êle era dócil, sem maldade e não me ocasionou nenhuma contrariedade, durante todo o tempo que esteve a meu serviço.

Após as pesquisas que havia feito, não podia conservar a esperança de ver tão cedo meu selvagem foragido; entretanto quando passei por um velho engenho de açúcar, pertencente a FRANCISCO DA COSTA, ouvi os negros desse homem gritar de longe avisando-me que Firmiano havia sido preso nas vésperas e que se achava na casa de seu Senhor. Nos primeiros instantes da fuga do Botocudo essa notícia ter-me-ia causado a mais pura alegria; mas, pouco a pouco eu me acostumara à perda desse rapaz e pensava que êle poderia tornar a fugir, como já fizera; em Vila Rica capacitei-me que era possível substituí-lo e, refletindo sobre o pouco apêgo que demonstrara, de minha parte, devo confessar, êsse apêgo caíra muito também.

Chegado à casa de FRANCISCO DA COSTA, entrei no quarto em que se achava o índio; pareceu um pouco admirado de me ver; mas, sem constrangimento estendeu-me a mão para pedir-me a bênção, segundo o uso dos brasileiros. Falei-lhe então severamente, mas, em seguida, tendo feito sair as pessoas que alí se achavam, aproximei-me dêle; peguei-lhe a mão, lembrei-lhe o que havia feito por êle e censurei sua

ingratidão. Algumas lágrimas escaparam de seus olhos e êle assegurou-me que jamais me abandonaria. Perguntei-lhe qual havia sido o motivo de sua fuga, ao que respondeu, após repetir a pergunta várias vezes, que meu tropeiro Manoel Soares lhe tinha zangado muito, sendo êsse o motivo da fuga. Acrescentou que após sua fuga havia se refugiado em uma casa de negro, onde achou pouco que comer, e que tinha sido muito infeliz. O pessoal da casa de FRANCISCO DA COSTA contou-me que, durante o tempo em que o índio ali estivera sómente falara elogiosamente a meu respeito, queixando-se apenas de Manoel Soares; que logo que se disse que êle deveria voltar para minha companhia, dizia, com tristeza, que eu devia estar muito longe e que manifestara a intenção de seguir para Itajurú, para a casa do capitão ANTÔNIO GOMES. Havia dado uma volta para evitar a residência de FRANCISCO DA COSTA, mas os negros, tendo-o percebido, haviam avisado ao senhor e êste conseguira atraí-lo à sua casa, tentado pela recompensa considerável, que eu havia prometido.

Parti nessa mesma tarde para ir pernoitar em Pires donde contava partir no dia seguinte cedo, afim de poder, nesse mesmo dia, distanciar-me de Congonhas. Nos primeiros momentos da viagem Firmiano pareceu triste e envergonhado; mas Prégent, que andava à procura do índio e que logo encontrámos, pille-riou com êle, como de seu hábito, não tardando em restituir-lhe tôda a sua alegria. O pobre selvagem havia fugido como uma criança travessa se esconde quando se lhe ralha. Os índios agem quase sempre irrefletidamente, por instinto, não calculando as consequências de seus atos.

CAPÍTULO X

CAMINHOS DE CONGONHAS DO CAMPO A SÃO JOÃO D'EL REI

Descrição geral da região situada entre Congonhas do Campo e S. João D'El Rei. Essa região é propícia às árvores frutíferas da Europa. Bovinos e carneiros. Muro. — Modo de viajar. O rio Paraopeba. — Aldeia de Suassuí. — Venda de Camapoã. Algodão. — Pulgas penetrantes. — Aldeia de Lagoa Dourada. — Aldeia de Carandaí.

Já vimos que antes de chegar a Congonhas do Campo havia encontrado região muito menos montanhosa que nos arredores de Vila Rica, o que não é muito de estranhar, pois que Congonhas começa a se distanciar da grande cadeia, ou ao menos de seus pontos culminantes. Em um espaço de cêrca de 15 léguas portuguezas, de Congonhas do Campo ao Rancho do Marçal, próximo de S. João d'El Rei, continuei, como havia feito depois de Sabará, a viajar a oeste da cordilheira ocidental, mais ou menos na direção sul-sudeste; e geralmente o terreno pareceu-me mais desigual que montanhoso. O Sr. ESCHWEGE dá a Congonhas do Campo uma altura de 2.300 pés ingleses, acima do nível do mar, e no conjunto a região deve ser muito elevada, pois que é aí que nascem os afluentes meridionais do rio S. Francisco e alguns dos mais aorientais do rio da Prata. A terra tem, frequentemente, talvez mesmo sempre, uma côr vermelha como nos arredores de Vila do Príncipe. Até Roça da Viúva, situada a 10 léguas do Rancho do Marçal, não avistei

nenhuma mineração; entretanto tornam-se comuns logo que se aproxima de Carandaí e da serra de S. José.

A região apresenta frequentemente bosquetes de mata virgem, capoeiras e campos. Estes últimos, quando de caráter primitivo, não apresentam senão Gramíneas muito finas entre as quais não há frequência de outras plantas; assim, em tôda essa região, minhas colheitas foram quase nulas. Uma Gramínea de caule delgado e de espigas horizontais (**Echino-loena scabra** var. **ciliata**) caracteriza êsses campos, como quase tôdas as pastagens naturais puramente herbáceas que eu vira até então. Quanto aos campos artificiais, quer dizer, aqueles que sucederam às florestas virgens, ou antes às capoeiras, êles se aproximam mais ou menos dêsses últimos, segundo são mais ou menos "tosados" pelo gado. Êsses campos artificiais distinguem-se geralmente pela ausência da **Echino-loena scabra**, ou pela presença de uma outra Gramínea, o **Panicum campestre** M. N. e pela de vários arbustos característicos, principalmente o **Baccharis** conhecido sob o nome de **alecrim do campo**. Entretanto quando os arbustos se tornam raros nos campos artificiais desta região, é infinitamente mais difícil fazer distinção das zonas onde o sapé e o capim gordura dominam nas pastagens que sucedem às florestas (1).

(1) Em um livro indispensável a aqueles que queiram conhecer não sómente as Gramíneas brasileiras, como as de outras partes do globo, a excelente **Agrostologia** dos Srs. MARTIUS et NEES, lê-se que eu me havia equivocado quando afirmei que o capim gordura não era natural na província de Minas Gerais. E' Incontestável que não poderel demonstrar que êle foi introduzido. Tudo o que posso dizer é que passei 22 meses a percorrer essa província, isto é, mais da metade do tempo que os Srs. SPIX et MARTIUS consagraram à sua magnífica viagem, e não me lembro de ter visto a planta em questão senão em lugares outrora cultivados, nas áreas onde as matas

Com efeito, na região compreendida entre Congonhas e o Rancho do Marçal, e sem dúvida nos lugares circunvizinhos, a **Echinoloena scabra** aparece algumas vezes nos campos artificiais e algumas vezes vêem-se também êsses arbustos nas pastagens naturais. Demais, em um espaço de 9 léguas, até a aldeia de Carandaí não são as diferenças de altitude que determinam a presença de matas ou de pastagens, pois que a região é apenas ligeiramente desigual e os montes, se êsse vocábulo pode ser aquí empregado com propriedade, são mais ou menos das mesmas alturas. As matas apossaram-se das melhores terras, e, se existe alguma área um pouco arenosa e pedregosa é aí que se encontram os campos naturais. De qualquer modo, acho ainda aquí a confirmação do que eu havia dito sôbre a causa que impede as florestas de serem mais extensas na região onde os morros são arredondados e não teem declives fortes. Com efeito nas terras que me pareceram boas vi árvores cobertas de

foram destruídas pelo homem, à margem dos caminhos e algumas vezes nos "pousos" dos viajantes. Reli as numerosas notas sôbre os lugares onde nasce o capim gordura e não encontrei senão a confirmação de minhas lembranças. Em Paracatú, onde o Sr. MARTIUS nunca esteve, assim como nas zonas que êlo percorreu, considera-se o capim gordura como uma espécie exótica, e os habitantes da vila que venho de citar dizem que essa grama, primitivamente trazida do território espanhol, fôra outrora cultivada nos arredores, como forragem. E' preciso notar que não são sómente os homens rudes que consideram o capim gordura como exótico; essa opinião é também a do Sr. JOSE' TEIXEIRA (Vide referência à pág. 166), homem muito culto, que possui alguns conhecimentos de história natural, e havia composto uma memória sôbre a agricultura de seu país. Na provincia de Minas, diz o Sr. MARTIUS, a **Pteris caudata** assenhorea-se igualmente dos terrenos outrora cultivados, e entretanto não se pode considerá-la como espécie exótica. Isso é perfeitamente verdadeiro; mas, porque a **Pteris aquilina** indígena em Sologne aí cobre logo os terrenos em repouso, não concluirei que o **Erigeron canadense** não seja exótico pelo fato dêle também se assenhorear das terras outrora cultivadas,

líquenes, não apresentando aquele vigor que caracteriza os grandes vegetais da região montanhosa das florestas. As matas que essas árvores formam serão, pode-se dizer, um novo intermediário entre as florestas propriamente ditas e os campos de árvores raquíticas.

Gaba-se, não sem alguma razão, a comarca de Rio das Mortes pela vastidão de suas plantações, sua fecundidade e sua riqueza. Mas essa reputação será bem pouco merecida se se fôsse julgar a comarca inteira pela região que percorri entre Congonhas e S. João d'El Rei; ela é miserável, pouco cultivada, e nela não vi nem uma fazenda mais ou menos importante. Ver-se-á, todavia, pelos detalhes em que breve entrarei, que vários sítios produzem milho, feijão, açúcar e algodão; por conseguinte é de crer-se que exista a uma certa distância do caminho, plantações um tanto consideráveis. Acredito que a maior parte dos frutos europeus poderiam ser cultivados com sucesso, nesta região elevada, podendo citar, em apôio de minha opinião, pêssegos amarelos que saboreei em Roça da Viúva, e que me pareceram quase tão bons quanto os do centro da França.

As vastas pastagens que se vêem por todos os lados são aproveitadas para criação de gado, que é de bela raça, como em geral todo o da província de Minas; também fabricam queijos que se vendem em S. João d'El Rei e Vila Rica.

Vários cultivadores possuem carneiros; mas não sabem o que seja um aprisco, e em qualquer chuva ou qualquer trovoada deixam os rebanhos soltos nos campos. De tempo em tempo, principalmente nas épocas de lua nova, dão sal aos carneiros, nisso consistindo todo o cuidado do agricultor. No início da estação

quente e chuvosa, em Outubro, é que se tosquam as ovelhas.

Nesta região, para garantir suas pastagens contra o gado alheio e impedir o desaparecimento do próprio, tem-se o cuidado de construir pequenos muros de pedra sêca. Cercam-se os jardins do mesmo modo, e, do lado de Congonhas e do Pires é o minério de ferro o material empregado nesses muros.

Na estrada, muito movimentada, que atravessa a região que venho de descrever, de Congonhas a S. João d'El Rei, o modo de viajar é o mesmo do caminho do Rio de Janeiro a Vila Rica (2). Não se vai pedir hospedagem aos proprietários das habitações, como acontece nas regiões pouco frequentadas por viajantes; mas, de distância em distância, encontram-se ranchos e vendas, sendo aí que se pára. Esses ranchos, desprovidos de tôdas as comodidades, são quase sempre mantidos por homens de uma classe muito inferior, que suas relações com os tropeiros tornam pouco honestos, mas que, contudo, o são mais que as pessoas da mesma classe em França, a uns 15 ou 20 anos.

Após haver dado uma idéia geral da região que se percorre entre Congonhas do Campo e S. João d'El Rei, passarei a alguns detalhes.

Parti de Congonhas a 13 de Fevereiro e, tendo atravessado o riacho do mesmo nome, achei-me na comarca de Rio das Mortes ou de S. João d'El Rei, de onde não saí senão para seguir para a província do Rio de Janeiro. A região que então percorri pertence ao termo de Queluz.

(2) Vide minha **1.ª Rel.**, vol. I, pág. 66. (Corresponde ao Volume 126, pág. 70, da Coleção **Brasillana**),

A uma légua de Congonhas do Campo acha-se a aldeia de Redondo, que, segundo PIZARRO é uma sucursal da paróquia de N. S. da Conceição das Congonhas de Queluz. Não me detive nessa aldeia; parei à margem do Paraopeba (3) que se encontra a uma légua e meia de Redondo e que se atravessa por uma ponte de madeira.

O rio Paraopeba nasce nas vizinhanças de Queluz e, após um curso de cêrca de 60 léguas (4) lança-se no S. Francisco, entre os rios Pará e Abacté (5). As margens do Paraopeba, na parte mais próxima de suas nascentes, são tidas como de grande fecundidade, sendo elas que fornecem uma parte dos viveres que se vendem em Mariana, Sabará e na capital de Minas. "O distrito de Paraopeba, diz ESCHWEGE, poderá ser chamado o celeiro de Vila Rica... Mas aquí, acrescenta o mesmo autor, o mineiro e o cultivador querem em um só ano tirar de seu terreno tudo o que êle pode produzir; é êsse um dos traços do caráter nacional. Encorajados pelo consumo de seus produtos, e vivendo a hora presente, os agricultores vizinhos de Paraopeba semeiam mais do que pode comportar a extensão de suas propriedades; o solo não tem tempo para produzir novas matas e, como nunca é adubado,

(3) CAZAL escreveu *Paraupeba*, PIZARRO *Paraupeba* e *Paraopeva*. ESCHWEGE *Paraupéba* e *Paraopeba*; LUCOCK *Paraopeba*; enfim eu mesmo segundo a pronúncia que sem dúvida interpretei mal, escrevi *Paraopeba* e frequentemente *Paraopeba*. Compreende-se que essas variações trouxeram-me alguma incerteza sobre o modo de escrever o nome em questão. Entretanto como está patente que êsse nome vem, como disse LUCOCK, dos vocábulos indígenas *pará*, rio e *apeba*, chato, penso que a ortografia do escritor inglês devia ser a preferida, apesar de que LUCOCK não seja autoridade quando se trata de nomes brasileiros.

(4) CAZAL — *Cor. Braz.* I, 383.

(5) PIZ. — *Mem. hist.*, VIII, p. seg. 67,

desseca-se esgota-se... e campos fecundos se transformam logo em um carrascal de samambáias e Gramíneas de má qualidade. Tal é o estado em que se encontra hoje a maior parte da região de que se trata" (6).

A cerca de uma légua da ponte de Paraopeba passei pela aldeia de Suassuí (7), que, como a de Redondo é uma dependência da paróquia de N. S. da Conceição de Congonhas de Queluz (8). Essa aldeia apresenta uma larga rua, por onde passa a estrada e pertence quase inteiramente a lavradores da vizinhança que aí veem apenas aos domingos, sendo portanto pouco movimentada nos dias de serviço.

Havia feito 4 léguas, depois da ponte do Paraopeba, quando parei na venda de Camapoã (9), que, coisa muito rara nesta região, era mantida por uma família de brancos. As várias pessoas de que se compunha essa família eram tôdas louras e também de belas côres.

Plantam-se nos arredores de Camapoã, o milho que rende 150 a 200 por um; o feijão, a cana de açúcar, o algodão, etc., e a grande quantidade de terrenos que

(6) *Bras. Neue Welt*, I, 9, 10, 11.

(7) Creio dever escrever *Sassuhy*, de acôrdo com a pronúncia usada na região, mas não é menos verdade que admitindo-se *Suassuhí*, *Suassuhy* vem evidentemente das palavras da língua geral — *cuaçu*, veado e *yg*, rio (rio dos Veados). LUC-COCK escreveu *Suá-sul* e pretende que essas palavras significam o grande e o pequeno veado; não descubro, todavia, nada que justifique essa asserção. De qualquer modo a aldeia em aprêço e o rio do mesmo nome, que se lança no rio Doce (Vide minha 1.^a *Rel.*, vol. I, pág. 400. (Corresponde ao Vol. 126, pág. 325 da Coleção *Brasília*), deverão ser distinguidos, parece-me, o primeiro pelo nome de *Sassuhy* e o segundo pelo de *Suassuhy*.

(8) *PIZ.*, Mem. VIII, p. seg., 194

(9) Dos vocábulos *cúma puám*, selos arredondados, que pertencem à língua geral. E' sem razão que sábios viajantes, prejudicados pela pronúncia alemã, escrevem *Camaboão*.

apresentam atualmente campos artificiais, prova que esta região tem sido muito cultivada. Aquí os algodoeiros começam a produzir sómente no segundo ano e não duram mais que 4 anos; mas, uma arroba de algodão em caroço dá 8 libras de pluma, ou melhor, o pêso das sementes representa $\frac{3}{4}$ do pêso total. A cultura do algodoeiro é em geral feita em vários pontos da comarca do Rio das Mortes, tais como no térmo de Queluz, situado a 8 léguas de Camapoã; no de S. João d'El Rei, de Vila de Campanha etc., mas o algodão d'esses lugares é muito inferior ao de Minas Novas. De outro lado se em Camapoã, Queluz e Carandaí a arroba de algodão em caroço rende tanto ou quase tanto quanto em Pessanha e Minas Novas, vê-se que o algodão não produz tão cedo em Camapoã e prova velmente em outras partes da comarca de S. João, como acontece em Minas Novas, e principalmente elle duram muito menos que em Pessanha (10).

No dia em que deixei a venda de Camapoã desajava ir até Lagoa Dourada (11); mas uma tempestade forçou-me a deter a meia légua dessa vila no lugar chamado Roça da Viúva. As chuvas, que se eternizavam, davam-me as mais vivas inquietações pelas minhas coleções, constituindo o meu tormento. Com que satisfação eu teria visto a destruição dessas coleções, feitas com tanto cuidado, se eu pudesse prever as contrariedades que iam me causar na volta!

(10) Vide minha *1.ª Rel.*, vol. I, pág. 404 e vol. II, pág. 106. (Corresponde ao Volume 126, pág. 338 e Volume 126-A, pág. 95, da Coleção *Brasillana*).

(11) Vide o que escrevi na primeira parte de minhas viagens (Vol. II, pág. 189 (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 160, da Coleção *Brasillana*) sôbre as tradições relativas aos diversos lagos que tem o nome de Lagoa do Pau Dourado, Lagoa Dourada etc.,

Achava-me então alojado em um rancho abandonado, próximo à fazenda da Roça da Viúva; mas, a imensa quantidade de pulgas e bichos de pé que me assaltaram, forçaram-me a refugiar sob a galeria (varanda) da habitação. Os bichos de pé, como já disse (12) não são sómente abundantes nas casas novas, mas ainda, são geralmente multiplicados nas casas abandonadas. Aí ninguém os incomoda de modo que podem se proliferar à vontade; todavia não sei como explicar quais sejam seus alimentos nas casas abandonadas. O que é certo é que logo que o bicho penetra no pé do homem êle se apresenta em estado anormal, sendo impossível sair pelo furo por onde penetrou; seus intestinos adquirem um tal volume que ultrapassa enormemente o da cabeça, e então o inseto perde as principais faculdades que a natureza lhe concedera, tais as de pular, correr ou aproximar-se de um indivíduo de sua espécie. Na verdade o bicho de pé põe ovos no lugar onde penetrou e de onde não pode sair; mas é necessário que a fecundação se tenha realizado enquanto o inseto era senhor de todos os seus movimentos e quando se achava em seu estado mais natural (13). Convem repetir que não conhecemos da maior parte dos animais da América Meridional senão suas formas exteriores. Honra pois ao jovem natu-

(12) Vide minha 1.^a Rel., vol. I, pág. 35. (Corresponde ao Volume 126, pág. 46, da Coleção **Brasília**).

(13) MARCGRAFF, que, como se sabe, veio com MAURICIO DE NASSAU, descreveu de modo passável, o bicho de pé, sob o nome indígena de **tunga**; mas êle considerava a parte dilatada do abdômen dêsse inseto como uma membrana independente, sôbre a qual êle vivia e era destinada a conter sua jovem posteridade. Quanto a PISON, mais inexacto que MARCGRAFF, acreditava que o animal ficava preso nessa espécie de saco que forma seu abdômen distendido (MARCG. **Bras.** 249. — PIS. **Bras.** 289).

ralista que, não se limitando, como tantos outros, a reunir insetos do Brasil, dedicou-se durante vários anos, ao estudo de seus costumes e que, para completar suas observações, quer ainda voltar às regiões equinoxiais e ir observar, no seio das florestas virgens, as manhas, as lutas e os amores dos numerosos animais de que são povoadas (14).

Dizem que, na região vizinha de Camapoã, existem terras auríferas; entretanto não vi, como disse atrás, nenhuma mineração até o lugar chamado Roça da Viúva. Foi próximo desta habitação que comecei a ver terrenos que haviam sido explorados por pesquisadores de ouro, e vi em seguida muitas minerações em Lagoa Dourada, aldeia situada a meia légua de Roça da Viúva.

Essa aldeia, que faz parte do termo de S. José, é uma sucursal da paróquia de Prados, ou N. S. da Conceição dos Prados. E' construída em uma grotta, à margem de um pequeno lago, ao qual deve seu nome, cujos arredores forneceram e ainda fornecem muito ouro. As casas de Lagoa Dourada são em geral separadas umas das outras, e dotadas, segundo o costume, de uma horta ou de uma plantação de bananeiras. O contraste que as minerações destituídas de verdura fazem com a coloração destes vegetais, a disposição das casas e o pequeno lago próximo, produzem um conjunto muito agradável. Apesar de Lagoa Dourada não ser senão uma sucursal, vi entretanto dois edificios consagrados ao culto; também aí vi uma loja bem sortida. Esta aldeia seria muito rica, disse-me um seu morador, se os habitantes não tivessem excessivo

(14) O Sr. LUND, de Copenhague.

gôsto pelas demandas e não gastassem em “processos” todo o dinheiro que possuem.

Entre Roça da Viúva e Carandaí (15), que fica à cêrca de 4 1/2 léguas, onde parei, a região é pouco mais ou menos idêntica à que percorri nos dias anteriores; entretanto os campos naturais são talvez maiores, e, próximo de Carandaí o terreno torna-se mais montanhoso. As terras cultivadas são muito raras à margem da estrada; mas garantem-me que as há em grande quantidade a pouca distância do caminho. De Roça da Viúva a Carandaí vi pequeno número de casas, em geral de aspecto miserável. À esquerda do caminho avista-se, a certa distância, a elevada cadeia de montanhas que tem o nome de Serra de S. José, e onde os rochedos nús aparecem aquí e acolá, no meio de uma vegetação pardacenta.

Carandaí é uma especie de aldeia, que deve seu nome a um regato junto ao qual foi construída, composta de 4 ou 5 casas. Nos arredores cultivam o milho, arroz, cana de açúcar, feijões; mais além vêem-se várias minerações, em atividade.

De Carandaí fui parar no Rancho do Marçal, que fica à cêrca de 2 léguas. Esta parte da província é alta e arenosa. Apresenta algumas matas nas grotas e imensa extensão de pastagens naturais; à esquerda do caminho estende-se a serra de S. José, coberta de rochedos; um pequeno número de animais erra, aquí e acolá, nos campos; mas não se avista nenhuma habitação e não se vê nenhuma terra cultivada.

(15) Não se deve escrever **Candunhy** como se fez na Alemanha. **Carandaí**, em guaraní, significa palmeira.

Um pouco antes de chegar ao Rancho do Marçal desce-se por um declive interessante. De um lado é envolto pelas colinas de alturas desiguais, e do outro pela serra de S. José; pastagens naturais cobrem-no em quase tôda sua extensão; mas, aquí e alí vêem-se minerações, e ao longe, avista-se S. João d'El Rei, entre grupos de árvores.

Como essa cidade é cercada de más pastagens, caravanas teem o costume de parar a alguma distância dela. Foi o que fiz; fiquei no Rancho do Marçal e daí ia, com um camarada visita-la.

CAPÍTULO XI

SÃO JOÃO D'EL REI

Comarca de Rio das Mortes; suas divisões; seus limites; sua altitude; suas montanhas; rios; vegetação; produtos; sua população comparada à de outras partes da província; sua civilização. — História de S. João D'El Rei. — Necessidade de dividir os bispados do Brasil e criar um em S. João D'El Rei. — População do têrmo de S. João D'El Rei. Suas fôrças militares. Sucursais que dêle dependem. — Região situada entre Rancho do Marçal e S. João D'El Rei. A aldeia de Porto Real. O Rio das Mortes Grande. Aldcia de Bom Jesus de Matosinhos. — S. João D'El Rei; sua situação; pontes; igrejas; hospital; intendência; prisão; albergues; ruas e casas. Ocupação dos habitantes. Comércio; artigos de exportação; lucros dos negociantes de algodão; víveres; carros de boi. Cultura; árvores frutíferas. Retrato dos habitantes de S. João D'El Rei. Retrato dos portugueses estabelecidos nessa cidade e no Brasil em geral. Mendicidade.

A comarca de que S. João é a cabeça, e que tem o nome de Rio das Mortes ou S. João D'El Rei, é a mais meridional das cinco que compõem a província de Minas Gerais. Tem a fórmula de um quadrilátero muito irregular e fica de 19°30' a 23°40' de latitude S e pouco mais ou menos de 335° a 328° de longitude. Seus limites são: a léste a comarca de Vila Rica; ao norte as de Sabará e Paracatú; a oeste as províncias de Goiaz e S. Paulo; ao sul esta última e a do Rio de

Janeiro (1). Ela se divide em 8 têrmos; a lêste os de Barbacena e Queluz; um pouco mais para oeste, os de S. José e S. João D'El Rei; pouco mais para oeste ainda, ao norte o de Santa Maria de Baependi; ao centro o de Campanha da Princeza; ao norte o de Tamanduê e enfim, hem a oeste o de S. Carlos do Jacuí (2).

Esta comarca comprehende um trecho da grande cadeia ocidental (serra do Espinhaço, ESCHW.) e ao mesmo tempo uma parte dessa outra cadeia mais ocidental, ou melhor, dêsse planalto, ao meio do qual se mostram de longe em longe grupos de montanhas e que dá nascença ao S. Francisco e ao rio Tocantins (serra das Vertentes, ESCHW.) (3). Na comarca do Rio das Mortes acham-se as altas serras de Ibitipoca e o pico de Aiuruoca, que pertencem à serra do Espinhaço e à serra da Canastra, que fazem parte da serra das Vertentes. Sem falar mesmo de alguns pontos notáveis por sua altura, acredito que, tomada em seu conjunto, a comarca de S. João D'el Rei é a mais alta

(1) Um viajante inglês pretende que os limites das comarcas que compõem a província de Minas são determinados pelos das bacias dos grandes rios; que a comarca de S. João D'El Rei comprehende tôda a bacia do Rio Grande; a comarca de Sabará as mais distanciadadas do S. Francisco; a de Vila Rica as nascentes do rio Doce; e a de Sêrro Frio as do Arassuaí. Tais limites serlam sem dúbida bem naturais; mas não são os adoptados. As nascentes do S. Francisco fazem parte da comarca de Rio das Mortes; a comarca de Sabará estende-se sobre as duas vertentes da grande cadeia de montanhas, e o Jequitinhonha, o Arassuaí e vários dos afluentes do S. Francisco correm também na de Sêrro Frio.

(2) Já indiquei os limites e as divisões da comarca do Rio das Mortes (Vide na 1.^a Rel., I, pág. 82) (Corresponde ao Volume 126, pág. 87, da Coleção **Brasilliana**), mas, traçando aqui um quadro geral dessa comarca creio ser indispensável repetir êsses detalhes.

(3) Vide minha 1.^a Rel., vol. I, pág. 69; (Corresponde ao Volume 126, pág. 72, da Coleção **Brasilliana**), vide também a obra do Sr. d'ESCHWEIGE, intitulada: **Brasillen Neue Welt**, I, pág. 167.

de tôdas as que constituem a província de Minas; é nessa comarca que nasce o rio S. Francisco e que começam a correr seus primeiros afluentes, tais como o Bambuí, o Lambarí, o Pará e o Paraopeba; e nela que nascem, o rio Preto, afluente do Paraibuna e o Jaguarí, que se lança no Tieté; nela estão as nascentes do rio das Mortes Grande, do Sapucaí e do Rio Pardo, afluentes do famoso rio Grande. Lá, enfim, começa êste último rio, que, unido ao Paranaíba, ao Paraguai e ao Uruguai termina por constituir o rio da Prata (4).

Uma pequena faixa da comarca do Rio das Mortes, situada a léste da serra da Mantiqueira (parte meridional da grande serra do Espinhaço, ESCHW.), e uma porção ainda menor que se acha ao pé dessa mesma cadeia, por onde se passa para entrar na província de S. Paulo, pertencem à região das florestas. No mais a maior parte da comarca é coberta de pastagens, constituídas de gramíneas, outras ervas e sub-arbustos.

O outrora a comarca produziu muito ouro; mas, hoje é à agricultura e principalmente à pecuária que se dedicam os habitantes da região, favorecidos pela vantagem de serem vizinhos da província do Rio de Janeiro e de poderem exportar facilmente os seus produtos. Uma grande parte do gado e dos porcos que se consomem na capital do país vão da comarca de S. João e principalmente da zona do rio Grande. A comarca de S. João D'El Rei fornece também aos habitantes do Rio de Janeiro prodigiosa quantidade de toucinho e de queijos, algodão em rama, tecidos grosseiros de algodão, carneiros, cabras, açúcar, couros,

(4) Poderia citar muitas outras montanhas e outros rios, além desses; mas achei que não devia citar em um quadro geral senão as indicações mais importantes.

enfim o fumo produzido no têrmo de S. Maria de Baependi (5).

A comarca do Rio das Mortes comprehende cêrca de 200.000 almas (6), sendo por conseguinte a mais populosa das cinco que formam a província de Minas Gerais, apesar de ser inferior em extensão a duas delas: as de Sabará e de Paracatú. Se admitirmos, como já o fiz, que não haja mais de 500.000 almas sôbre todo o território de Minas, só a comarca de S. João D'el Rei comprehenderá mais do têrço da população da província; e, enquanto esta, tomada em conjunto conta mais ou menos 10 indivíduos por légua quadrada (7), o Rio das Mortes, estimado de modo aproximado sua superfície em 4.580 léguas quadradas apresentará cêrca de 40 pessoas por légua. Já disse alhures que os brancos não chegam a constituir um quarto da população de Minas; que em particular na paróquia de Vila do Príncipe onde existem mais de 28.000 indivíduos não existe 1/9 de homens de nossa raça e que na de S. Miguel de Mato Dentro não haveria 1/6; as proporções são bem diferentes na comarca do Rio das

(5) LUCCOCK indica ainda cavalos, burros, galinhas e pedras preciosas (*Notes on Braz.*, 470).

(6) Esta indicação foi-me dada ao mesmo tempo pelo cura e pelo ouvidor de S. João. Os levantamentos das populações, feitos pelos pastores das diversas paróquias não dão mais de 170.000 habitantes para tôda a comarca do Rio das Mortes; mas as declarações sôbre as quais êsses levantamentos são baseados nunca são exatas. As indicações de PIZARRO para as paróquias e sucursais do Rio das Mortes levariam a população total da comarca a cêrca de 170 ou 180 mil almas, e as de ANTÔNIO RODRIGUES VELOSO DE OLIVEIRA a 222.533 (*Igreja do Brasil etc.*, nos *Anais Fluminenses* n.º 1); mas parece reinar sôbre êsse ponto, nos 2 autores que cito aquí, uma obscuridade, um vago ou um arbitrário que não me permitem adotar seus algarismos com inteira confiança.

(7) Vide minha 1.ª Rel., vol. I, pág. 80. (Corresponde ao Volume 126, pág. 86 da Coleção *Brasiliana*).

Mortes, pois que os brancos aí estão na proporção 1:3 em relação aos negros ou aos mestiços.

As razões das duas diferenças que assinala entre a população de Rio das Mortes e a das outras comarcas, são bem fáceis de descobrir. Não há a mesma necessidade de introduzir negros escravos numa região onde se dedica sobretudo ao negócio e à criação do gado, como naquelas em que se extrai o ouro ou se cultiva a terra. Além disso, como o Rio das Mortes é mais vizinho do Rio de Janeiro que as outras partes da província de Minas, os emigrados europeus receam menos estabelecerem-se aí; ademais êles teem melhores oportunidade de fazer alguma fortuna, no meio de um povo dado ao comércio e à agricultura, que nas zonas auríferas, onde não se pode esperar um verdadeiro successo senão com auxilio de um capital já adquirido.

E' preciso, todavia, não pensar que a população do Rio das Mortes seja igualmente distribuida sôbre tôda a superfície da comarca. As causas que levaram a essa comarca, uma população mais considerável que nas outras, nela ocasionaram também uma distribuição de habitantes muito irregular. Os primeiros colonos estabeleceram-se na parte oriental onde havia muito ouro e foi aí que os novos emigrantes se fixaram, porque êsse território, vizinho da província do Rio de Janeiro, se acha melhor colocado no que concerne às comunicações e ao comércio. A léste do centro da comarca acham-se cinco vilas; não existe uma só na metade occidental, e, segundo meus cálculos, na verdade muito aproximados, a população dessa última metade não vai além de um quinto da de tôda a comarca.

De qualquer modo, se a posição geográfica da comarca do Rio das Mortes e a natureza de suas riquezas tendem a aumentar o número de habitantes dessa região, elas não influem de modo tão feliz em sua civilização. Como êsses emigrados portugueses que aumentam sem cessar a população da comarca de Rio das Mortes e sobretudo a de S. João D'El Rei, não receberam nenhuma educação, e como sua ignorância não os impede de gozar, quando se enriquecem, dessa consideração que infelizmente se dá aos ricos, êles não pensam em dar instrução aos seus filhos. Os costumes grosseiros favorecidos ainda pelos hábitos rurais. perpetuam-se nas famílias. Observa-se na comarca de Rio das Mortes menos conhecimentos, menos polidez e mesmo menos hospitalidade, que nas outras partes da província.

Segundo dizem, foi o velho FERNÃO DIAS PAIS LEME que, aí pelo fim do XVII século, lançou as primeiras habitações na comarca do Rio das Mortes (8), mas êsse trabalho não teve, provavelmente, nenhum prosseguimento. A honra de descobrir as minas de ouro, que lançou numerosos habitantes ao território de S. João, estava reservada a TOMÉ PORTES D'EL REI, nascido em Taubaté (9). Os índios que povoavam a região puzeram entraves ao progresso dos aventureiros paulistas; houve luta, donde o nome do rio sôbre cujas margens se deram os combates — rio das Mortes (10). Um pouco mais tarde o território do Rio das Mortes foi principal teatro das lutas entre os Pau-

(8) SOUTH. *Hist. of Braz.*, III, 47.

(9) Em vez de PORTES D'EL REI, acha-se em SOUTHEY — CORTES D'EL REI.

(10) Adoto a opinião de PIZARRO (*Mem. Hist.*, VIII, p. seg., 121) mais aceitável que a que attribue o nome de Rio das Mortes às escaramuças entre os paulistas e forasteiros.

listas e Forasteiros (1707 a 1708) ou estrangeiros; e o povo de Minas conserva ainda a lembrança de um sangrento combate havido entre os dois partidos, próximo do Rio das Mortes (11). A guerra civil durou cêrca de 2 anos, até que ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE COELHO, governador do Rio de Janeiro, conseguiu fazê-la cessar. Nomeado primeiro governador de Minas e S. Paulo, êsse homem hábil foi logo (1711) obrigado a correr em socorro da cidade do Rio de Janeiro, invadida pelos franceses, e, no número dos que a êle se juntaram estavam os habitantes do Rio das Mortes. Durante muito tempo a cabeça da comarca teve o nome de Arraial do Rio das Mortes; mas, no govêrno de D. BRAZ BALTAZAR DA SILVEIRA, sucessor de ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE, a província de Minas foi dividida em 4 comarcas, e, a 18 de Dezembro de 1713, o arraial, até então chamado Rio das Mortes, foi erigido em vila sob o nome de Vila de S. João D'El Rei, nome que foi dado em honra ao rei D. João V (12). Destacaram um ouvidor a S. João

(11) A história da guerra civil dos Forasteiros e dos Paulistas foi escrita sob a influência de paixões que frequentemente dividiam os europeus e os colonos do Brasil: assim está cheia de erros. Seria de desejar que algum mineiro instruído e imparcial fizesse algumas pesquisas sobre essa história, que apresenta a um só tempo acontecimentos interessantes e detalhes sobre costumes tão estranhos quão variados.

(12) CAZAL faz remontar a 1712 a criação da vila de S. João D'El Rei; o *Patriota* coloca êsse acontecimento no ano de 1719, e enfim PIZARRO em 1718, sob o govêrno de D. PEDRO DE ALMEIDA PORTUGAL, conde Assumar. Quanto a mim, creio dever adotar a data indicada em um manuscrito que vi em mãos do cura de S. João d'El Rei, e que era extraído dos registros da Câmara dessa vila. De resto PIZARRO teve conhecimento dessa data, porque se admite a de 19 de Janeiro de 1718 (*Mem. hist.* VIII, p. seg., 120) reconhece ao mesmo tempo (p. 26) que a comarca de S. João foi formada em 1714, sob D. BRAZ BALTAZAR DA SILVEIRA; ora, é difficil, parece-me, que se fizesse uma comarca do território do Rio das Mortes, sem aí criar uma vila.

D'El Rei, com funções de corregedor e administrador dos bens dos defuntos e ausentes (provedor dos defuntos e ausentes) (13), e a comarca foi sucessivamente dividida em térmos, dependentes da ouvidoria de S. João (14).

A comarca de Rio das Mortes não depende, tôda ela, do bispado de Mariana. Êsse bispado é limitado pelo rio Sapucaí e uma parte do rio Grande; e o território situado ao sul dêsses limites pertence à diocese de S. Paulo, que comprehende, sob o nome de "comarca eclesiástica do Cabo Verde" as paróquias de Jacuí, Rio Pardo, Camanducáia, Cabo Verde e Sapucaí (15).

Ao tempo de minha viagem havia um movimento no sentido de erigir em bispado a comarca de S. João, e, se a execução dêsse projeto se realiza, será de grandes benefícios. Numa região onde uma pequena população se acha disseminada sôbre um vasto território não é possível haver sociedade; cada um fica entregue a si mesmo: a vida fica concentrada, como disse um escritor filósofo (16) no círculo estreito da família, e os liames que unem os filhos aos pais são, êsses mesmos, muito fracos; isso porque os filhos sabem que deixando a casa paterna encontrarão em tôda parte terras onde se estabelecerem e materiais para construir uma cabana. Assim isolado o homem se degrada

(13) PIZ. Mem. hist., vol. VIII, p. seg., 121.

(14) Um viajante Inglês fala muito do **governador** que administrava S. João em 1818. É evidente que êsse escritor referia-se ao **ouvidor**. Na época em questão não existia na provincia de Minas Gerais outro governador além do **capitão-general**, residente em Vila Rica.

(15) PIZ. Mem. hist., VIII, pág. 124. — VELOZO in Ann. Flum. Mappa 3.

(16) *Globe*, 26 Nov. 1830.

pouco a pouco, caindo em estado de completa apatia e embrutecimento, como o sertão de Minas Gerais e a região de Goiaz fornecem numerosos exemplos. Sómente idéias religiosas podem preservar de uma tal infelicidade àquele que vive abandonado a si mesmo, no meio de desertos; elas sómente podem elevar sua alma e impedir o decesso da dignidade do homem. Se, pois o govêrno brasileiro quer que os habitantes dos sertões do interior não cáiam na mais completa bar-
baria, é preciso que zele por sua instrução moral. Essa instrução, como já tive oportunidade de dizer, êles não poderão fruir, no atual estado de cousas, senão dos sacerdotes. Estes, infelizmente, participam grande-
mente da corrupção geral; mas, se se dividissem os bispados, atualmente maiores que muitos reinos, os padres poderiam ser fiscalizados mais eficientemente e chamados mais facilmente aos seus deveres, frequen-
tamente esquecidos (17).

O **térmo** de que S. João D'El Rei é a capital, com-
preende uma população de 22.000 indivíduos em idade de receber os sacramentos e está sob a jurisdição de um "juiz-de-fora" que exerce as funções de inspetor do ouro e as de juiz de órfãos.

Existem nesse têrmo dois regimentos de cavalaria da guarda nacional e 28 companhias de ordenanças, milícia inferior subordinada aos capitães-mores (PIZ. **Memórias**, VIII, 128) (18).

(17) Vide o que escrevi a êsse respeito na minha **1.^a Re-
lação**, vol. II, pág. 307. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 253, da Coleção **Brasiltana**). Vide também a memória intitulada "A igreja do Brasil" nos "Anais Fluminenses", n.º 1.

(18) Após haver dito alguma cousa das guardas nacionais de S. João, um viajante acrescenta que, "quanto aos soldados de linha são todos atraídos por meio da imprensa, das classes mais pobres dos camponeses; que estão todos sob o comando

Só a paróquia de S. João comprehende todo o termo; mas, além da vila ela comprehende 14 sucursais, cujos serventuários são, segundo uma praxe muito condenável, escolhidos e pagos pelos curas. Essas sucursais são as de: S. Gonçalo do Brumado; S. Sebastião do Rio Abaixo; S. Rita; S. Tiago e S. Ana; N. S. do Bom Sucesso; S. Antônio do Amparo; S. Gonçalo de Ibituruna; N. S. de Nazaré; N. S. da Conceição da Barra do Rio das Mortes Pequeno e Grande; S. Francisco da Onça; N. S. Madre de Deus; N. S. da Piedade; S. Miguel de Cajurú; S. Antônio do Rio das Mortes Pequeno.

Para ir a S. João continuei a atravessar o plano onde fica o Rancho do Marçal e cheguei a um vale que se prolonga perpendicularmente a êsse plano. Aí gozei a vista mais risonha que se me offerceu depois que viajava na provincia de Minas. Frequentemente havia admirado belezas majestosas mas sempre ásperas e selvagens; pela primeira vez depois de 15 meses, tive os olhos postos em uma paisagem que tem qualquer cousa dêsse ar de alegria a que as paisagens francesas devem tantos encantos. O vale é muito vasto e margeado por pequenas colinas cobertas de relva. Um regato aí serpentea e de um lado avistam-se numerosas casas de campo, tôdas dotadas de um

de um tenente, mas que raramente os reúnem e que são pouco disciplinados". Expressando-se dêsse modo, o viajante em questão não pode ter em vista senão o belo regimento de cavalaria de Minas; mas eu creio ser impossível falar com maior inexatidão (Vide o que escrevi sobre êsse regimento na minha 1.^a Rel., vol. I, pág. 380, (Corresponde ao Volume 126, pág. 320, da Coleção *Brasilliana*), e o que foi dito de sua excelente reputação, de sua bela aparência e de suas attribuições na obra de MAWE intitulada: *Travels in the interior of Brazil*, London 1815).

jardim, onde, entre as moitas de bananeiras e laranjeiras se elevam várias palmeiras, entre outras a elegante espécie que já descrevi sob o nome de **Macaúbas (Acrocomia sclerocarpa Mart.)** (19). Uma árvore comum nesses jardins aumenta, por suas fórmias pitorescas, a beleza do conjunto da paisagem; é a **Araucária** que, em estado adulto, termina por uma copa a princípio arredondada e depois quase plana, composta de ramos verticilados curvados como candelabros.

À cêrca de meia légua de Marçal chega-se ao arraial chamado Porto Real, onde se encontra o rio das Mortes Grande, que empresta seu nome à comarca, e que, nesse lugar, pode ter quase 15 toesas de largura.

O rio das Mortes vai lançar-se no rio Grande à cêrca de 20 léguas de S. João d'El Rei, do lado oeste, acima de Ibituruna, e nasce não longe de Barbaccena (20), num sítio situado a uma légua do registro velho, e chamado Lavra de N. S. de Oliveira. Em Porto Real atravessa-se êsse rio por uma ponte de madeira, de aspecto assaz pitoresco, com largura bastante apenas para um carro de bois, e que é abrigada como as da Suíça, por um pequeno telhado de telhas ôcas sustentado por postes. O trânsito humano é fixado em 80 réis (50 cents.) e o dos animais em 160 réis (1

(19) Vide minha 1.^a Rel., vol. II, pág. 377. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 307, da Coleção **Brasilliana**).

(20) As informações que aqui dou sôbre as nascentes do rio das Mortes foram-me fornecidas na própria região. CAZAL disse que êsse rio nasce na serra do Ouro Branco próximo à do Piranga. Talvez essa serra do Ouro Branco seja a montanha onde se acha situada N. S. de Oliveira; mas, em todo o caso é evidente que a serra de que se trata seja a do mesmo nome vizinha de Vila Rica. E' inútil, creio, chamar a atenção, hoje, para o êrro do Sr. MAWE que pretendia que o rio Grande se lançava no rio das Velhas. E' quase igualmente inútil dizer que não se deve escrever **Rio dos Mortos**, como fez LUCCOCK.

franco). Esse pedágio, é, como todos os outros, esta-tuído pelo fisco. Tendo mostrado aos empregados, encarregados da cobrança, a "portaria" ou passaporte privilegiado de que era portador nada tive que desembolsar.

Tendo atravessado Porto Real, cheguei logo à aldeia de Bom Jesus de Matosinhos, onde se celebram de modo especial as festas de Pentecostes. Enfim, a um quarto de légua dessa aldeia entrei na vila de S. João d'El Rei, situada a $21^{\circ}7'4''$ de latitude S. (21), à cerca de 25 léguas sul-sudoeste de Vila Rica.

A posição desta vila é muito agradável. Ela foi construída em um vasto vale, ao pé dos morros do Lenheiro e do Senhor do Bomfim, estendendo-se em declive suave, formando uma espécie de triângulo cuja ponta começa abaixo das montanhas e cujo lado maior é paralelo ao vale. As colinas que, de um lado acompanham o vale, são estéreis, arenosas, cobertas de uma grama rasa; são arredondadas e pouco elevadas. As montanhas opostas teem uma altura mais considerável; são escarpadas, e, rochedos pardacentos, que tiram à paisagem qualquer cousa de sua beleza, mostram-se por tôda parte. Dois riachos os de Tijuco e Barreiras ou Ribeirão e Córrego Sêco (22), unem-se logo abaixo

(21) Essa posição foi determinada pelos matemáticos portugueses citados no *Neue Welt* de Von ESCHWEGE. Preferi as indicações dêsse autor para S. João d'El Rei e S. José às de PIZARRO, porque há incontestavelmente algum erro nas dêste último autor; com effeito não há senão duas léguas de S. João a S. José, e, segundo PIZARRO achar-se-á entre essas duas cidades cerca de um grau de latitude e vários de longitude.

(22) Estes dois últimos nomes foram-me indicados no próprio local; mas achei os dois outros em um manuscrito que me foi remetido por uma das pessoas mais notáveis da vila de S. João. São também os nomes de Tijuco e Barreiras que se encontram em PIZARRO. Enfim CAZAL diz que duas pontes

de S. João, formando um pequeno rio que divide a vila em duas partes muito desiguais, e, serpenteando pelo vale vai lançar-se no rio das Mortes, a pouca distância de Porto Real. Para estabelecer comunicação entre as duas partes da vila foram construídas duas pontes de pedra, cada uma com três arcos (23).

Há em S. João dez igrejas cujas mais notáveis são: S. Francisco e a igreja paroquial dedicada a N. S. do Pilar. Esta, por fora, não difere muito das igrejas do interior; mas, por dentro ela é rica e muito asseada. Fica-se deslumbrado, aí entrando, pela quantidade de dourados que ornaram os seis altares laterais e sobretudo a capela-mor (24). Duas cortinas brancas colocadas à entrada desta última, fazem com que pareça mais profunda, ao mesmo tempo que fazem ressaltar o brilho dos dourados.

A igreja de S. Francisco foi construída sobre uma plataforma, diante da qual existe uma pequena praça (25). Seu interior que ao tempo de minha viagem ainda não estava concluído, nada tem de notável; mas parece grande, comparada às da região, e as duas torres que lhe servem de campanário, são redondas, elegantes e muito altas.

foram construídas sobre o pequeno rio Tijuco, que divide S. João em dois quarteirões. E' sem razão que, em uma descrição de S. João, feita na Alemanha, só se fala de uma ponte. E' também sem razão que SOUTHEY situa essa vila sobre o rio das Mortes.

(23) Os epítetos *formosas e majestosas*, pelos quais CAZAL e PIZARRO designam essas pontes, sómente podem ser empregados por homens que apenas conhecem as do Brasil.

(24) Expliquei em minha 1.^a Rel. o que é a capela-mor das igrejas (vol. I, pág. 120). (Corresponde ao Volume 126, pág. 116, da Coleção *Brasiliana*).

(25) CAZAL (*Corog. Braz. I, 377*) diz que essa praça é grande. Dê-lo sem dúvida por comparação, como chama grandiosa a ponte de madeira de Bom Jesus de Matosinhos, que apenas dá passagem para um carro de bois.

Existe em S. João d'El Rei um pequeno hospital pertencente à irmandade da Misericórdia. Durante algum tempo esteve ao abandono; mas cêrca de um ano antes de minha viagem tinha sido restabelecido por meio de esmolas dos fiéis, havendo projeto de mantê-lo por meio de uma loteria (26).

Não vi em S. João nenhum chafariz público. Além da pequena praça existente diante da igreja de S. Francisco vi uma outra, igualmente muito pequena e irregular, onde fica a casa do ouvidor e que está, por assim dizer, fora da vila.

As casas do ouvidor e da intendência são dois edifícios pouco consideráveis porém muito bonitos. Da intendência não sómente se descortina tôda a vila, como também a vista ainda se estende para além, no vale.

A cadeia é um prédio muito baixo, de rés-do-chão. Vêem-se, segundo o hábito quase geral na província, os presos nas grades das celas, conversando com os transeuntes ou implorando claridade. Êsses detentos, se se pode acreditar em LUCCOCK, SPIX e MARTIUS, são na maioria assassinos (27).

A hospedaria onde parei em S. João me havia sido indicada como sendo a melhor, e era suja e infecta. Estrebarias descobertas circundavam o pátio dessa hospedaria. Os quartos não tinham outro mobiliário além de uma cama, uma mesa, um tamborete coberto de couro; o odor da minha cama era absolutamente o mesmo de um hospital mal cuidado. Essa descrição

(26) LUCCOCK attribue o restabelecimento dêsse hospital aos cuidados do magistrado MANOEL INACIO MELO e SOUZA, do qual faz o maior elogio (*Notes on Braz.* 458).

(27) *Notes on Braz.*, 457 — *Relis.*, I, 317.

adapta-se, de resto a quase tôdas as hospedarias da província de Minas, e mesmo às do Rio de Janeiro, mantidas nessa época por portuguezes da Europa e por brasileiros (28).

As ruas de S. João são geralmente calçadas e muito largas. Segundo o uso em tôda esta região, as casas são baixas; mas são em geral bonitas, bem cuidadas, e um grande número entre elas possui um andar além do térreo. Quase tôdas são caiadas; as portas, as venezianas e as esquadrias são pintadas de verde, cinzento ou imitando mármore; os telhados não avançam demasiadamente para fora das paredes e as venezianas abrem-se da direita para a esquerda e não de baixo para cima como em Vila Rica. Vê-se em S. João, principalmente na rua Direita, um grande número de lojas, geralmente muito bem sortidas. Não sómente esta vila não tem êsse ar de tristeza e abandono, peculiar a quase tôdas as desta província; não sómente não se vêem, a cada passo, casas abandonadas caindo em ruínas, mas ainda tudo aí parece vivo e animado.

Calcula-se a população de S. João em 6.000 almas e, em nenhuma outra vila da província vi tantos brancos e tão poucos mulatos.

Os primeiros habitantes de S. João d'El Rei, que, como já disse, foram mineradores, colhiam, sem grandes dificuldades, consideráveis quantidades de ouro na

(28) Os descendentes de portuguezes estabelecidos na América tem atualmente o nome de **brasileiros**. Entretanto achei necessário dever sempre juntar a êsse nome o de **portuguezes**, porque a maioria dos livros de geografia, de viagem ou de história chamam **Brésillens** ou **Brasillens** ((VOLTAIRE) apenas aos indígenas; e, sem a precaução que tomo, correria o risco de ser frequentemente mal compreendido na Europa, principalmente quando falar de indígenas civilizados.

serra do Lenheiro e no regato que banha a vila. Uma parte desta é, ao que parece, construída sôbre terrenos auríferos, e os morros vizinhos contêm, ainda hoje, muito ouro; mas, para extraí-lo era preciso dispor de maior número de escravos. Se os pobres continuam a ir faiscar nos rios e regatos, os homens mais abastados preferem geralmente às possibilidades aventureiras da mineração os lucros mais positivos dos negócios. Há atualmente poucas jazidas em exploração nos arredores de S. João d'El Rei e a casa de fundição do ouro é principalmente alimentada, diz MARTIUS, por S. José e Vila da Campanha (29). Depois que o Brasil se tornou independente e os habitantes de S. João renunciaram, ao menos em parte, à mineração, esta vila tornou-se o centro de considerável comércio, que tende a aumentar com o tempo. Os comerciantes, muito dos quais beni ricos, compram no Rio de Janeiro todos os objetos que podem ser consumidos no interior; os vendedores das pequenas vilas da comarca de Rio das Mortes e das comarcas mais distantes tem certeza de encontrar numa mesma casa em S. João, quase todos os artigos de que necessitam; enquanto que, se fôsem ao Rio de Janeiro perderiam muito tempo, fariam despesas consideráveis e, menos conhecidos, não gozariam do mesmo crédito. As mercadorias que a vila de S. João em particular envia à capital em troca das da Europa, são o ouro, couros, toucinho, algodão em rama, queijos, açúcar, tecidos grosseiros de algodão e alguns outros artigos (30). Segundo SPIX, MARTIUS e LUCCOCK, quatro caravanas de 50 animais cada, faziam, sem cessar, até 1818, a viagem de S. João

(29) *Reis*. I, 318.

(30) *Notes on Braz.*, 470.

ao Rio de Janeiro, para transportar mercadorias entre essas duas cidades. Se se pode acreditar no último dêsse três escritores, a balança dêsse comércio era a favor da comarca do Rio das Mortes.

O algodão que se colhe nessa comarca é em parte comprado pelos negociantes de S. João d'El Rei, que tratam de descarochá-lo e possuem prensas para metê-lo em sacos de couro. Em 1818 êsse algodão era vendido em S. João, a 1.200 rs. em caroço; descarochado era revendido a 8.000 rs. no Rio de Janeiro, sob o nome de algodão de Minas Gerais (31). Já disse que o algodão do Rio das Mortes se reduzia depois de descarochado a 1/4 de seu pêso, o que estabelecia para S. João o preço de 4\$800 sem sementes. Ora, para descarochar uma arroba de algodão dispndia-se 3 vinténs e pagava-se 600 rs. por arroba para o transporte de S. João ao Rio de Janeiro. Êle ficava pois em cêrca de 5\$512 ao negociante de S. João, e, pelo que se disse mais acima, pode-se julgar a respeito dos lucros proporcionados por êsse artigo. E' de notar que êsse mesmo algodão que, com sementes, valia, em 1818, 1\$200 em S. João, não se vendia a mais de \$600 antes da paz geral.

Em uma região verdadeiramente agrícola, os produtos não poderão deixar de ser abundantes; devem, por conseguinte ser vendidos a preços moderados e, se se pode acreditar em LUCCOCK, mil escudos franceses, annualmente, dariam para o gôzo de todos os confortos que a região pode oferecer.

Os víveres que se consomem em S. João veem das fazendas vizinhas em carros de bois, que transitam

(31) *Notes on Braz.*, 470.

pelas ruas até que tôda a carga seja vendida. Como a comarca de Rio das Mortes é em grande parte pouco montanhosa, é comum o uso de carros de bois, e, quando se pergunta a um agricultor quanto de mülho colhe por alquiere de terra, êle responde que rende **tantos carros**. Êstes, construidos quase do mesmo modo em tôda a comarca, são semi-elípticos e dotados de rodas quase inteiriças. Em buracos feitos ao redor da mesa do carro fincam longas varas destinadas a reter uma esteira que impede a queda dos produtos transportados, e que, fechando o veículo pela frente, como um carro de triunfo, deixa-o aberto por trás. O atrelamento é feito sôbre o pescoço dos bois e não sôbre a cabeça, processo que nos parece merecer elogios.

Apesar dos habitantes do Rio das Mortes dedicarem-se geralmente à agricultura, sendo os víveres abundantes em S. João d'El Rei, não pensem que os arredores desta vila apresentam, como as da França e da Alemanha, uma série quase ininterrupta de campos e pomares. Êles são, pelo contrário, geralmente nus e parecem pouco habitados; mas não é menos verdadeiro que um grande número de fazendas se acham espalhadas nas grotas e duvido que haja, próximo das outras vilas de Minas Gerais, tantas plantações quanto as que vi no delicioso vale que vai do Rancho do Marçal a S. João d'El Rei.

Durante os meses de Junho, Julho e Agosto, as plantas se cobrem frequentemente, nos arredores de S. João, de uma geada branca que, dizem, prejudica muito as pastagens e por consequente o gado. Doutro lado, esta região elevada e já muito medidional é propícia à cultura das árvores frutíferas da Europa, e aí são colhidos com abundância os marmelos, pêssegos e

maçãs muito boas. Várias pessoas plantaram também, com sucesso, nogueiras e castanheiros; mas, se as nozes não são más, a parte oleosa que elas contem tem entretanto um ardor que faz mal à garganta, e que nunca foi observado na Europa. Quando, em Fevereiro de 1819, voltei a S. João d'El Rei experimentei grande satisfação vendo em um pomar, misturado às grumixameiras (32), às bananeiras, às jaboticabeiras: macieiras, pereiras, damascos, pessegueiros, grande número de pés de abricós e castanheiros novos. Havia então quase três anos que me achava no Brasil e ainda não tinha visto nenhum indivíduo das três últimas espécies citadas. Comi um damasco e u'a manga, achando-as excelentes (33).

Já disse que a civilização dos habitantes do Rio das Mortes era inferior as dos das comarcas de Sabará e Sêro Frio. Nestas últimas partes da província despertei sempre uma viva curiosidade, que se

(32) As **grumixameiras** são árvores de tamanho médio cujo fruto de cor roxa muito carregada tem gosto fresco e agradável, sendo do tamanho de uma cereja. Esse fruto é acompanhado de duas brácteas foliáceas e tem o nome de **grumixama**, que, segundo PIZARRO, vem de **igranamichama** ou **ighanemichama**. O autor que acabo de citar indica três variedades de **grumixamas**: as de roxo carregado; as vermelhas e, enfim, as brancas, encontradas nos distritos de Mangaratiba e Ilha Grande, província do Rio de Janeiro. As grumixameiras nunca devem ser chamadas **grumixamas**, como aconteceu na Alemanha, e, seus frutos não chamam **grumichamos**, como pensaram em França, apesar de, há muito tempo, o infeliz DOMBEY, citado por LAMARCK, os ter dado a conhecer sob o nome de **grumichamas**. E' a **Eugenia brasiliana** de LAMARCK que deve ser dado o nome de **grumixameira**. Como acabamos de ver, DOMBEY havia escrito **grumichama** e não **grumichama**; acredito que se pronuncia das duas maneiras.

(33) CAZAL e LUCCOCK falam de um fruto particular, dizem, em S. João, não tive ocasião de vê-lo. Trata-se de uma sub-variedade branca, portanto muito interessante, da laranja denominada **tangerina**.

era importuna nunca fôra grosseira. Ao contrário, na comarca do Rio das Mortes, não sómente me dirigiam as perguntas mais tolas; não sómente era alvo de comentários pouco delicados, como também mexiam em tudo quanto era meu, sem minha permissão. Estou longe de querer atribuir êses defeitos a tôdas as pessoas da comarca do Rio das Mortes; não tardaremos em ver, por ex., como louvo o bondoso proprietário do Rancho do Marçal; ver-se-á também, em outros diários meus, que fui tratado com amável hospitalidade por vários colonos da comarca do Rio das Mortes. Mas acredito que trairia a verdade se fizesse dos habitantes de S. João D'el Rei os mesmos elogios que fiz aos do Tijuco, Sabará e Vila do Príncipe.

Percebi a diferença existente entre essas vilas no mesmo dia em que cheguei a S. João. Saí à noite para passear na vila. Havia um soberbo luar e podia-se sem dificuldade distinguir os objetos. Meu grado minha roupa não diferir muito das dos brasileiros, todo mundo parava para me olhar; em seguida ouviram-se gargalhadas acompanhadas de comentários indelicados. Isso não era a hospitalidade a que eu me habituara nas outras partes da província e que tantas vezes me ajudara a suportar as contrariedades e o cansaço da minha viagem. Nas diferentes estadas que fiz em S. João, tive ocasião de entrar em casa de quase todos os negociantes da vila, e devo confessar que se não possuem êsse estúpido orgulho que sempre se nota nos comerciantes do Rio de Janeiro, estão entretanto longe da polidez amável dos bons habitantes de Sêrro Frio. Foi em S. João que, após cêrca de um mês de inquietações e cuida-

dos, tive, durante minha terceira viagem, o desgosto de perder o pobre Prégent; tôda gente soube da tristeza por que passei e não recebi de uma só pessoa qualquer ato de solidariedade. Um negociante, natural de outra região, homem algo instruido, assegurou-me que, salvo pequena exceção, não havia na vila lugar onde um homem de bem pudesse frequentar; que os habitantes eram em geral pessoas grosseiras e sem educação, vivendo atrasadamente no interior de suas casas, estranhas a todos os encantos da vida social.

Como já disse, a população comercial da vila é renovada incessantemente por jovens vindos das províncias as mais distantes, de Portugal, jovens que não receberam educação nenhuma, mas que são orgulhosos de terem nascido na Europa. Após servirem como caixeiros êses jovens começam a negociar por conta própria; tornando-se negociantes, conservam tôda a grosseria de seus costumes, mostrando mais orgulho que anteriormente, porquanto já possuem qualquer cousa. Por sua vez fazem vir da Europa, para aprender o comércio, homens de suas famílias, tão sem educação quanto êles, sendo assim que a ignorância e a falta de civilização se perpetuam em S. João D'El Rei. A população das outras vilas da província não se renova pelo mesmo modo porque são menos comerciantes e mais arraigadas ao interior.

Quando, pela terceira vez, fiz a viagem de Minas, fui portador de uma carta de crédito, endereçada por uma casa muito conceituada do Rio de Janeiro, a um dos homens mais ricos de S. João. No momento em que entrei em sua casa, achava-se êle deitado sôbre o

balcão; e não sómente não me fez a menor delicadeza, nem ofereceu o mais ligeiro préstimo, como também não se dignou levantar-se para receber-me, e fez-me ler a carta que lhe apresentei. Tais modos são assaz estranhos, sem dúvida; mas êles não me surpreenderam quando soube que o homem que assim procedera era um europeu.

Os negociantes portuguezes estabelecidos não sómente em S. João como em outras partes do Brasil onde viajei, são, na maior parte, repito, homens de classe inferior, que frequentemente não sabem ler nem escrever e que começaram sem nenhum capital. Enquanto os brasileiros dissipam negligentemente tudo quanto possuem, os europeus economizam sôlido a sôlido, passando por tôdas as privações afim de conseguir fortuna. A primeira cousa que arranjam é uma negra, que sirva ao mesmo tempo de cozinheira, amásia, lavadeira, arrumadeira e até para carregar água e lenha, trabalhos que os americanos só entregam aos escravos homens. Tornando-se ricos êsses homens, conforme tive já ocasião de dizer, conservam tôda a sua primitiva rudeza, e, juntando a isso uma insuportável arrogância, tratam com desprêso os brasileiros, aos quais devem sua opulência.

De tudo quanto se viu acima, não se admirará se eu acrescentar que a mendicância é comum em S. João. É aos sábados que os mendigos teem o costume de sair para pedir esmolas. Achaudo-me em um tal dia nessa vila, fiquei admirado da quantidade de mendigos que enchiam as ruas; e o cura disse-me que semanalmente auxiliava a mais de 400 pessoas. Êsses pobres são constituídos por negros e mulatos velhos, aleijados e em más condições para o trabalho. Se-

nhores bárbaros tudo tiram da mocidade de seus escravos, abreviando-a muitas vezes por um trabalho forçado e, quando não podem mais tirar partido dêsses infelizes, desembaraçam-se dêles, dando-lhes alforria. Então êles não terão outro recurso que pedir esmola, tornando-se um pêso morto para a população.

Não se pode deixar de tremer de indignação quando se considera que essa barbaria se repete frequentemente em um país onde os víveres são tão abundantes e onde custaria tão pouco aos proprietários de escravos pagar à humanidade e à gratidão uma dívida sagrada. É também inconcebível que as leis nada tenham regulado sôbre êsse horrível abuso da alforria, concessão que devia sómente constituir um ato de clemência!

(34) Um escritor inglês, que teve julgamentos muito severos para com os brasileiros, mostra-se entretanto, indulgente com os habitantes de S. João; concordando que êles são destituídos de educação, êle concede-lhes várias qualidades recomendáveis, louvando muito a recepção que lhe fizeram. Seria interessante se êsse viajante não fôsse bem acolhido em uma localidade com a qual havia êle feito, durante dez anos, uma série de negócios comerciais e onde recebera, em sua casa, alguns dêsses habitantes. Mas, foi sem dúvida a gratidão que lhe ditou a frase que se vai ler: "Não há aqui nenhum mendigo, exceto alguns a que se permite, por um certo tempo, a mendicância, como compensação para uma pobreza honesta a algum infortúnio extraordinário". Fiquei tão admirado com o número de mendigos que se vêem em S. João, que em duas de minhas viagens registrei em meu diário as mesmas observações sôbre êsse fato.

CAPÍTULO XII

VIAGEM DE S. JOÃO D'EL REI AO RIO DE JANEIRO

Partida do Rancho do Marçal. — Serra de S. José. — Vila de S. José. Aspecto de seus arredores. — Espécies de bananeiras cultivadas na província de Minas. — Idéia geral da região que se estende entre S. José e Barbacena. Pontes. — Fazenda do Barroso; recepção feita ao Autor. — Fazenda do Faria. Os ranchos. Arbusto com cheiro de limão. — O Autor retoma a grande estrada de Vila Rica ao Rio de Janeiro. — O que é **S. João do Campo**. — Algumas palavras sôbre a grande estrada e seu aspecto. — Brancos que se encontram entre Barbacena e Pedro Alves. — Calor; belezas da vegetação. — Passagem do Paraibuna. O calor aumenta e a vegetação torna-se ainda mais bela. Côres do céu. — Passagem do Paraiba. — Encruzilhada e os dois caminhos que levam ao Rio de Janeiro. — O Autor escolhe o chamado **caminho de terra**. — Sucupira. Reflexões sôbre a alforria. — Ubá. O Sr. Ovídio e a academia de Artes. Carpinteiros brasileiros. — O Autor retoma o **caminho de terra**. Ranchos. Aspecto da região. — Cascata da Viúva. — Habitação de Marcos da Costa. — Serra da Boa Vista; vista admirável. — A planície. — O rio do Pilar. — Aldeia de Taquarassú. Aldeia do Pilar. — O Autor chega ao Rio de Janeiro.

Achava-me em Rancho do Marçal em casa de um cidadão que não se dedicava a nenhum comércio, e que por conseguinte não podia esperar nenhuma recompensa pelo serviço que me prestava, hospedando-me; minha bagagem devia incomodá-lo muito, e, en-

tretanto, sua bondade e complacência jamais se desmentiram, um instante sequer. Este exemplo, e outros que citarei, mostra que se a comarca de Rio das Mortes é menos hospitaleira que as outras ela não é, entretanto, estranha à hospitalidade.

Tendo-me posto em marcha (22-2-1818), seguia então ao pé da serra de S. José, onde havia, já, herborizado, quando me achava no Rancho do Marçal, e que não pode ser senão um contraforte da grande cadeia ocidental (serra do Espinhaço, **Eschw.**) Em todos os lugares aonde andei nessa serra é ela erigida de rochas nuas; mas, onde havia terra vegetal encontrei gramíneas e outras ervas, alguns arbustos, e aqui e acolá um pequeno número de árvores raquíticas. Entre essas plantas poucas havia que eu já não tivesse recolhido em outros lugares.

Havia feito uma légua, contornando a serra de S. José, quando, enfim, cheguei à vila dêsse nome, situada a 21°5'30" de lat. S., a 26 léguas de Mariana e 63 léguas do Rio de Janeiro (1).

Foi **João de Serqueira Afonso** (2) paulista de Taubaté, que descobriu o lugar onde hoje se encontra a vila de S. José. Um grande número de aventureiros reuniu-se nesse sítio, e, a 19 de Janeiro, **D. Pedro de Almeida Portugal**, conde de Açumar, aí fundou a vila (3). S. José é atualmente administrada por dois juizes ordinários (4); o térmo de que esta

(1) PIZ. Mem. hist. VIII, p. seg., 129 e 130.

(2) Esses nomes acham-se em PIZARRO, mas SOUTHEY escreveu: **Joze de Sequeira Afonso**.

(3) A data que cito é indicada por PIZARRO e é a mesma que esse Autor cita para a fundação da Vila de S. João. Viu-se que para esta última vila adotei outra data; não tenho conhecimento de divergências sobre a data da criação de S. José.

(4) Vide minha **1.ª Rel.**, vol. I, pág. 359. (Corresponde ao Volume 126, pág. 304, da Coleção **Brasilliana**).

vila é a cabeça (5) divide-se em duas paróquias; a da vila propriamente dita, contando 12.840 indivíduos sôbre um território de mais de 40 léguas, e a de N. S. da Conceição dos Prados, que compreende uma população de 5.060 pessoas (6).

É à margem do rio das Mortes e abaixo das montanhas de S. José que está construída a vila que tem esse nome. Ella é pequena mas conta com casas muito bonitas e fica-se admirado do tamanho da igreja paroquial, colocada sôbre um "plateau".

As colinas que cercam S. José, cavadas e reviradas em todos os sentidos demonstram quais eram as occupações dos primeiros habitantes dessa vila. Seus arredores fornecem muito ouro e é de crer-se que este lugar foi de grande importância, para que, tão perto de S. João, se criasse outra vila. Hoje o metal precioso que constituia o objetivo de tantas pesquisas acha-se quase esgotado, tendo sido abandonadas quase tôdas as antigas minerações.

Após haver atravessado S. José, cheguei à margem do rio das Mortes, que corre abaixo da vila, em um largo vale. Para transitar pela ponte de madeira que há sôbre esse rio é preciso pagar pedágio; mas, meu passaporte privilegiado (portaria) isentou-me dêsse imposto.

Dos montes que, do lado oposto à vila, margeam o vale descortina-se vista muito agradável. Morros que fazem parte da serra de S. José apresentam sumidades arredondadas, enquanto os flancos, quase a

(5) Foi no térmo de S. José que nasceu BASÍLIO DA GAMA, autor do poema intitulado *Urugual*. Os franceses que quizerem ter uma idéia dessa obra poderão ler o interessante *Resumé de l'histoire du Portugal*, de F. DENIS.

(6) PIZ. *Mem. hist.*, VIII, p. seg., 131 e 132.

pique e uniformes, formam altas muralhas de rochedos enegrecidos onde crescem, aqui e acolá, alguns arbustos. Abaixo dessas montanhas vê-se a vila de S. José, dominada pela igreja paroquial, próximo à qual fica o principal grupo de casas. Outras habitações, cercadas de bananeiras, cafeeiros e laranjeiras, existem esparsas no vale; mais longe se acham vastas minerações e, enfim, abaixo da vila corre o rio das Mortes, com leito cheio de curvas e sinuosidades.

Note-se que tôdas as vezes que descrevo vilas e aldeias das regiões auríferas, refiro-me ao plantio das bananeiras junto de cada casa. Os frutos dessas imensas ervas, muito sadios e nutritivos, são um grande recurso para os pobres, que os comem com farinha de milho. Na província de Minas são cultivadas quatro espécies de bananeiras; as chamadas "São Tomé", de bagas pequenas e gôsto agradável; as "da terra", cujos frutos, maiores e de sabor menos delicado, são comidos depois de cozidos; a variedade "Maranhão", com frutos ainda maiores que as bananas "da terra"; e enfim a quarta, chamada "farta velhaco", cujos cachos e frutos são ainda maiores que as "da terra". A banana "São Tomé" deve ser classificada como **Musa sapientum** L.; a "da terra" — **Musa paradisiaca** L. e, ainda que não me tenha sido possível estudar as "Maranhão" e "farta velhaco", presumo serem simples variedades da **Musa paradisiaca** (7).

(7) PIZARRO, falando dos frutos do Rio de Janeiro apenas faz menção a três espécies de bananeiras: "da terra", "Maranhão" e "S. Tomé", donde se pode concluir que a "farta velhaco" não é conhecida na capital do Brasil. Sou inclinado a acreditar que a variedade "Maranhão" é realmente originária dessa região do Brasil, pois que PISON diz positivamente que as bananeiras aí teem grande desenvolvimento. In **Maranhau maxilpropere luxurlante** (Bras. éd. 1658, pág. 154),

Ora montanhosa, ora ondulada, a região que percorri em um espaço de 8 a 10 léguas, de S. José a Barbacena, deve naturalmente ir se elevando cada vez mais, pois que se vai aproximando sempre da serra da Mantiqueira. A altitude torna-se tal que, na fazenda do Faria, vizinha das nascentes do rio das Mortes, onde parei antes de entrar na grande estrada de Vila Rica ao Rio de Janeiro, o frio dos meses d' Julho e Agosto, não permite mais o plantio de bananeiras. Em tôda essa região o cimo dos montes é arredondado; o terreno nessas alturas é arenoso ou pedregoso; os campos apresentam pastagens naturais geralmente compostas de gramíneas; mas nas grotas existem tufos de matas, sendo essas partes aproveitadas para a lavoura. Entre Vila Rica e S. João, as pastagens ofereciam-me aspecto pouco variado, o mesmo acontecendo com as que atravessei de S. João a Barbacena. O caminho que então palmilhava é um dos que conduzem de S. João d'El Rei ao Rio de Janeiro, e deve ser muito frequentado; entretanto são poucas as habitações que se vêem nos campos margéantes, onde apenas notam-se traços de culturas. Subindo a uma das culminâncias existentes a 5 ou 6 léguas de S. José, deparei imensas solidões que fatigam os olhos, por sua monotonia. É inconcebível a falta de recursos nessa estrada. No dia em que deixei o Rancho do Marçal procurei, inutilmente, adquirir um pouco de milho; no dia seguinte venderam-me, por obséquio, meio alqueire dêsse cereal, e, no terceiro dia não pude conseguir farinha, embora tivesse parado em um lugar onde as caravanas costumavam pousar (8).

(8) Itinerário, aproximado, de S. João d'El Rei a Barbacena;

Antes de chegar à fazenda do Barroso, onde dormi no dia seguinte à minha partida do Rancho do Marçal, encontrei novamente o rio das Mortes, que, nesse lugar, serve de limite entre os termos de S. João e Barbacena. Atravessa-se o rio sôbre uma ponte, muito ruim, como o são, na maioria, as da província de Minas, melhor dotada, entretanto, que a do Rio Grande do Sul onde não vi nenhuma ponte sôbre os numerosos rios que atravesssei.

Não desejava fazer entrar tôda a minha comitiva na fazenda do Barroso, sem antes falar ao proprietário dessa habitação. Apresentei-me, então, só, pedindo polidamente hospitalidade. O dono da casa respondeu-me, de modo assaz grosseiro, que sua casa não oferecia nenhuma comodidade, indicando-me um rancho situado a alguma distância. Acostumado à hospitalidade dos bondosos habitantes de Sêrro Frio, fiquei aturdido com uma tal recepção. Retirei-me, mostrando todo o meu mau humor, e, alguns instantes após, apresentei-me pela segunda vez, com minha "portaria" à mão, tal como um militar que obtem alojamento pela fôrça, confesso-o. Todavia é preciso notar que me era lícito abusar do passaporte de que era portador, o qual me dava os mais amplos direitos; entretanto havia quase 14 mêses que viajava na

De S. João d'El Rei a S. José	2 léguas
" " " " " " Rancho das Ervas	1 1/2 léguas
" " " " " " Fazenda do Barroso	3 "
" " " " " " " de Faria	3 "
" " " " " " Vila do Barbacena	2 "

11,5 "

província de Minas e era a segunda vez que eu o apresentava a um simples particular, servindo-me êle apenas para meu trânsito em alfândegas e rios. De qualquer modo, logo que o proprietário de Barroso começou a ler a "portaria" não esperei mesmo sua resposta e chamei meu pessoal, ordenando fôsse a bagagem descarregada; mas, quando passaram os primeiros momentos de frieza, fui conversar com meus hospedeiros, como se nada tivesse acontecido, e tornamos os melhores amigos dêste mundo. É natural que se encontre mais hospitalidade nos lugares afastados que nas margens das estradas muito frequentadas pelas caravanas; mas, o que se pode censurar nos habitantes desta parte da província é uma espécie de rusticidade irônica que contrasta singularmente com essa polidez simples e afetuosa dos moradores de Sabará e Sêro Frio.

O sol ainda não se tinha desaparecido quando, após ter-me instalado na fazenda do Barroso terminei meu trabalho cotidiano. Aproveitei o tempo que me sobrava para ir herborizar a pouca distância da habitação, à margem de um brejo. A descoberta de algumas belas plantas compensou-me das insignificantes colchitas que fiz nas pastagens e nas colinas. Entretanto observei que nesses lugares os brejos apresentavam uma vegetação menos variada que os da Europa.

No dia seguinte fui parar na fazenda do Faria, situada a alguma distância da estrada mas onde as caravanas param frequentemente. Como há aí um rancho, instalei-me nesse abrigo e não tive necessidade de pedir asilo ao dono da casa. As palavras **rancho** e **arranchar** (parar sob um rancho) — apenas usadas

no Brasil, aplicam-se por extensão a todos os lugares onde se poussa; mas, como já disse (9), um rancho propriamente dito é um grande galpão destinado a receber os viajantes (10). Êsse galpão não passa, frequentemente, de um telhado sustido por postes; mas nas zonas elevadas e, por consequência, frias como a em que se acha a fazenda do Faria, os ranchos são ordinariamente fechados por muros. O de Faria não tinha, além da porta, senão duas pequenas aberturas; a fumaça, de nosso fogo, cegava-me e eu não dispunha de tempo suficiente, de dia, para analisar as plantas colhidas. Ademais o telhado, mal conservado, havia ao que parece, deixado passar água das chuvas e o terreno que servia de soalho achava-se úmido e quase escorregadio. É preciso notar que êsse quadro não é exclusivo do rancho do Faria; êle se adapta igualmente a muitos outros dêsses galpões.

Mas, não foi apenas o desconfôrto do rancho o que penei na fazenda do Faria. Jamais fui assediado por perguntas tão indiscretas e pouco distintas quanto as que me foram feitas nesse lugar. Respondia friamente com afirmativas ou negativas, mas não conseguia desencorajar os interlocutores.

A fazenda do Faria, próxima da serra da Mantiqueira e das nascentes do rio das Mortes fica, como já disse, em uma região cuja altitude torna-a muito fria para que as bananeiras possam aí medrar. O proprietário dessa fazenda aproveita pastagens que cercam sua habitação para criar muito gado. Tomei

(9) Vide minha 1.^a Rel., vol. I, págs. 64, 67. (Corresponde ao Volume 126, págs. 69 e 71, da Coleção **Brasilianna**).

(10) Os portugueses da Europa empregam a palavra **rancho** com outra significação.

leite aí produzido, achando-o muito gordo, como é, em geral, o das regiões montanhosas.

Não vi, próximo de Faria, nenhuma planta em flor que não me fôsse conhecida. Entretanto, passando próximo de uma capoeira, colhi, automaticamente, as folhas de um arbusto; esfregando-as entre os dedos fui agradavelmente surpreso ao sentir um cheiro exquisito, lembrando a essência de limão. Esse arbusto não se achava em flor, motivo pelo qual não pude verificar a que família pertencia; mas, como será útil introduzi-lo nos jardins, recomendo a colheita de suas sementes aos naturalistas que acreditem ainda não terem feito o suficiente pela ciência e por seus semelhantes ao darem nomes aos animais e às plantas.

A região que atravessei entre Faria e Barbacena, em um espaço de duas léguas, não difere da que percorri nas vésperas. Os morros são sempre arredondados; o terreno é muito árido, arenoso e pedregoso, e as gramíneas que compõem, quase exclusivamente, as pastagens são pouco vigorosas e separadas umas das outras.

Não me esquecerei de dizer que, de Congonhas do Campo até Faria, não vi, em parte nenhuma, nem uma só touceira de capim gordura. É digno de observação o fato dessa ambiciosa gramínea não ultrapassar a vertente ocidental da serra da Mantiqueira e de sua longa continuação (serra do Espinhaço); e, por consequência, se a latitude de 17°40' é atualmente seu limite setentrional (conforme referi linhas atrás), a longitude 380° deve ser, talvez, considerada como seu limite ocidental.

Chegado a Barbacena achei-me novamente sôbre a grande estrada do Rio de Janeiro a Vila Rica, por

onde havia passado, há 14 mêses, no início de minha viagem pela província de Minas. Tendo descrito essa estrada na minha 1.^a **Relação**, recomendo-a ao leitor, acrescentando aquí um pequeno número de detalhes.

Logo após deixar Barbacena, o viajante que vem de uma região descoberta, começa a perceber a aproximação da região das florestas; encontra morros um pouco menos arredondados, vales mais profundos e tufos de matas mais numerosos. Nestes, onde a terra era arenosa e de má qualidade, tive o prazer de admirar, em estado selvagem, a majestosa **Araucária brasiliensis**, que, ao meu ver, não existe em nenhuma outra comarca da província de Minas, além da de S. João, e que aquí, como em Curitiba, é acompanhada de uma árvore famosa chamada **congonghas** ou **mate** (**Ilex paraguariensis** A. S. H.) (11).

(11) Afirmei (**App. Voy.** 44, ou **Mém. Mus.**, vol. IX) que o verdadeiro mate do Paraguai vegetava naturalmente nos arredores de Curitiba, província de S. Paulo, mas, por um mal entendido, que me será fácil explicar, um sábio, ao qual a Botânica muito deve, o Sr. LAMBERT, discutiu êsse fato em sua admirável obra sobre o gênero **Pinus**. Como não se trata aquí de uma questão de Botânica especulativa, mas de um fato de maior interesse para o comércio brasileiro, creio indispensável entrar em novos detalhes. O **mate** do Paraguai, aquele que os Jesuitas plantavam em suas Missões, é realmente a planta que o Sr. LAMBERT inclue na estampa IV do apêndice de sua obra e que êle classifica, como eu o fiz anteriormente, **Ilex paraguariensis**; é absolutamente a mesma planta dos arredores de Curitiba, aí explorada grandemente; enfim, é ainda a mesma planta que indico aquí como encontrada nos arredores de S. João d'El Rei. Quanto à **Cassine congongha**, do Sr. MARTIUS, que o Sr. LAMBERT apresenta sob o nome **Ilex congongha** (**Pin.** t. VI), não me referi a ela em nenhuma parte de meus livros; encontrei-a, é certo, em várias zonas da província de Minas, mas em parte nenhuma ouvi chamá-la **mate** ou **congongha**; e, somente depois de meu regresso à Europa tive conhecimento pela bela viagem dos Srs SPIX e MARTIUS, que algumas pessoas dos arredores de S. Paulo dão-lhe o último desses nomes. Na região das Minas, onde não se faz uso habitual do **mate**, existem várias plantas que, segundo os lugares são chamadas

Várias caravanas, vindas do Rio de Janeiro, estavam estacionadas em Borda do Campo (12) para se reorganizarem, após a passagem, então, muito difícil, da região das florestas. As longas chuvas haviam arruinado inteiramente a estrada que, abrigada pelas árvores, dificilmente seca; animais de carga haviam morrido, por assim dizer, atolados na lama e não havia caravana que, nesse ano, tivesse saído das matas sem algum animal doente ou estropiado. Em todo tempo, aliás, essa estrada é muito prejudicial aos burros e cavalos, não somente porque é muito montanhosa, mas ainda porque as pastagens formadas pela destruição das matas são pouco extensas, constantemente consumidas e de má qualidade. Aquí não é o capim gordura que se segue às capoeiras; estas são logo substituídas pelos grandes fetos.

Quando, próximo de Batalha (13), deixámos a região das pastagens herbáceas, meu tropeiro despediu-se humoristicamente do "João do Campo" e dirigiu preces à Virgem e a Santo Antônio para obter

congonghas, erradamente, tais como uma *Luxemburgia*, uma *Vochysia*, uma espécie do meu gênero *Trimeria*, e o próprio Sr. MARTIUS em seu eloquente escrito sobre a **Fisionomia dos Vegetais** reconhece que sua *Cassine congongha* deve ser aliçada entre os falsos-mates. De tudo isso vê-se que se não deve, como o fez o Sr. LAMBERT, admirar de encontrar em minha descrição do *Hex paraguayensis* caracteres que não se enquadram nas diagnoses de *Hex congongha* e *Cassine congongha*, pois que nunca pensei em descrever estas plantas. De tudo isso, repito, porque essa verdade é muito importante, que se o mate do Curitiba é muito inferior ao do Paraguai isso é em parte devido a uma diferença de terreno, mas principalmente porque os curitibanos não sabem preparar essa planta, mas nunca, como pensa o Sr. LAMBERT, porque a espécie de Curitiba seja diferente da do Paraguai.

(12) Vide minha 1.^a **Relação**, vol. I, pág. 113. (Corresponde ao Volume 126, pág. 111, da Coleção **Brasiliana**).

(13) Vide minha 1.^a **Relação**, vol. I, pág. 111. (Corresponde ao Volume 126, pág. 110, da Coleção **Brasiliana**).

a graça de atravessar sem dificuldades as florestas. “João do Campo” é um ser imaginário representativo das regiões descobertas. Quando se entra nos **campos** é em casa de “João do Campo” que se entra, e, quando o viajante dorme ao relento é “João do Campo” que o hospeda...

As matas virgens teem uma majestade que me causa sempre profunda impressão; mas essa impressão não é a mesma em tôda parte. As florestas de Pessanha, por ex., não são atravessadas senão por trilhos ou picadas que barram a vista a poucos passos mas que deixam perceber tôdas as belezas dos detalhes da mata. Ao contrário, como a estrada do Rio de Janeiro é muito frequentada, as duas margens foram devastadas até uma certa distância, o que impede contemplemos os detalhes da floresta; mas a vista pode abranger uma maior extensão; nos altos avistam-se frequentemente imensas massas de floresta espessa e, de tempo em tempo, plantações de milho, cercadas de árvores altas que oferecem o contraste dos trabalhos do homem com as obras da natureza.

No silêncio dessas matas, ouvia continuamente o eco das vozes dos tropeiros e o ruído dos guizos da madrinha da tropa, mula predileta que guia fielmente a caravana, a cabeça ornada de panejamentos coloridos, tendo ao alto uma pluma ou um pequeno boneco. Quando de minha primeira passagem não havia visto tantas caravanas porque então era a época do Natal, que é, em Minas, a época da reunião das famílias. A maioria das caravanas que encontrei, no meu regresso, estavam carregadas de vinho e de sal, mercadorias que, por seus grandes volumes deviam ocupar maior número de animais.

Já disse que na comarca de S. João os brancos eram menos raros que nas outras partes da província. Mas, enquanto para o norte de Minas os homens de nossa raça teem geralmente alguma abastança e estão acima dos mulatos, os brancos que se encontram entre Barbacena e Pedro Alves, habitam frequentemente as mais miseráveis choupanas e em casa dêles, como quase em tôdas as dos moradores dos lugares margueantes a esta estrada, observa-se grande apatia e grosseira curiosidade.

Deixara um dia meu tropeiro, Manoel Soares, ir adiante. Chegada a hora de pousar êsse homem parou em uma pobre habitação, e, como o rancho dela dependente estivesse ocupado por outros viajantes, pediu ao proprietário, que era um homem branco, permissão para passar a noite na casa. Essa permissão foi negada e Manoel não pôde obter outro abrigo que um telheiro onde havia uma pequena forja. À minha chegada, confesso, fiquei muito contrariado de ver minha bagagem colocada em um lugar onde havia uma camada espessa de estêrco e onde ficava exposta à voracidade dos cães e dos porcos. Tive idéia de recorrer ao meu passaporte privilegiado, para obter asilo; mas, como era muito tarde conformei-me com a minha sorte. No dia seguinte, mal acordara, appareceu um negro varrendo ao redor da forja, cobrindo-me e à bagagem, de espessa camada de poeira. Sofri essa nova amolação com tôda paciência; mas, logo vi o negro se dispôr a acender o fogo da forja, que servia de apôio ao meu leito e sôbre o qual estavam todos os meus objetos. Pedi ao escravo que esperasse até nossa saída; mas êsse homem, que apenas conhecia as ordens de seu dono, não fez caso das minhas

palavras e continuou seu trabalho. Levantando-me precipitadamente arrei-me da **portaria** e fui procurar os donos da casa, reclamando energicamente contra aquele procedimento que me pareceu proposital. Fui ouvido com uma tranquilidade parva; mas obtive ao menos que se ordenasse ao negro suspender seu trabalho até à nossa partida. Entretanto uma de minhas bêstas de carga quiz vingar-me, fugindo, e sómente foi encontrada ao meio dia; eram 4 horas da manhã quando quizeram acender o forno da forja.

Próximo de Paraibuna o caminho parecçeu-me mais belo. Demais, como o terreno tornava-se gradativamente menos elevado, o calor tornava-se mais sensível. No dia em que cheguei a Paraibuna o calor era tanto que apesar de irmos a passo, montados, o suor corria-me a grande. Êsse calor, todavia, apesar de ser mais intenso que o do sertão, era infinitamente menos penoso, porquanto o ar continha mais humidade e meus nervos não se irritavam.

Ao passo que o calor aumentava a vegetação ia-se tornando cada vez mais bela. Já não eram mais essas côres sombrias e pardacentas que, nos arredores de Vila Rica fatigam a vista e inspiram tristeza. Pareçia-me que as plantas vinham de se cobrir com uma vestimenta nova, tal era a frescura que apresentavam. Via, com admiração, no declive dos morros, as árvores cerradas umas contra as outras confundir seus ramos e os delicados folíolos das mimosas preencher os intervalos deixados pelas grandes folhas das palmeiras.

Chegado à margem do Paraibuna apresentei meu passaporte ao comandante do destacamento incumbido da arrecadação do pedágio. Êle disse-me que minha portaria me isentava dos direitos, mas não me dispen-

sava da busca costumeira, afim de evitar o contrabando de diamantes ou de ouro em pó. Fiz então descarregar minhas malas e abri duas delas; mas não foram sequer tocadas e a vistoria limitou-se assim a ligeira formalidade. Vários tropeiros tinham chegado antes de mim; fui, por isso, obrigado a esperar durante muito tempo, sem poder passar o rio, e, como não existe senão um pequeno galpão para receber as numerosas caravanas que se apresentam todos os dias, minha bagagem ficou exposta ao sol. Não fui mais feliz depois que atravessei o rio; não havia também lugar no rancho existente do outro lado. Forçado a procurar abrigo sob a varanda de uma venda vizinha, aí apenas achei espaço para minha bagagem, sendo atormentado pelos ratos e pelas formigas. Tais são as comodidades que apresenta a movimentada estrada de Vila Rica à capital do Brasil.

Entre o Paraibuna e o Paraíba o calor aumentou de intensidade e a vegetação pareceu-me ainda mais bela. Não há palavras que pintem tanta magnificência.

As árvores se apertam e entrelaçam seus ramos; lianas flexíveis vão de árvore em árvore, descrevendo mil ondulações, e as plantas pareceriam, por assim dizer, formar uma só massa, se os acidentes do terreno não deixassem perceber os troncos das árvores e se as diferenças de altura, côr e folhagem, não traíssem a espantosa variedade de espécies. Essas belas florestas, deixam-me, entretanto, qualquer coisa a desejar: são as flores; mas, como já disse (14), as árvores que produzem sem cessar ramos e folhas só

(14) Vide minha 1.^a Relação, vol. I, pág. 15. (Corresponde ao Volume 126, pág. 31, da Coleção **Brasilliana**).

raramente florescem, e apenas de longe em longe algumas mimosas deixam ver suas panículas brancas no meio de uma folhagem finamente rendada. O azul do céu mais brilhante que já admirara depois de estar no Brasil, dava maior relêvo às belezas que me cercavam. É de notar que as côres do céu não são sempre belas, variando segundo as estações. Assim, quando cheguei ao Rio de Janeiro, no mês de Junho, fiquei admirado da semelhança do céu com o de Paris no tempo de canícula.

Cheguei cedo á margem do Paraíba; mas duas caravanas anteciparam-me e, quando as águas estão altas, o que então acontecia, não se pode carregar muito a balsa. Era preciso que esperasse a minha vez; empreguei uma parte do dia a observar com paciência a balsa que avançava lentamente e terminei por deixar minha bagagem para o dia seguinte. Fui ver o comandante, que me recebeu com extrema delicadeza (15) e teve a bondade de oferecer-me um pequeno quarto; mas não aceitei tal oferecimento, para não dar aos meus homens, que haviam já carregado várias vezes minhas malas, o trabalho de carregá-las de novo. Foi entre os postes que sustentam a casa do comandante que procurei abrigo e passei uma noite muito má, no meio de cães e de porcos que rondavam minhas malas, dando-me grande preocupação por minha bagagem.

(15) Em minha 1.^a Rel. fiz observar, com razão, que o Sr. LUCCOCK errara em dar o título de **governador** ao comandante do registro de Paraíba; mas, talvez tenha sido eu muito severo no criticar as aventuras que esse Autor diz lhe terem sucedido nas margens do Paraíba e do Paraíbauna. Com efeito, encontram-se no Brasil homens ridículos, vaidosos e ignorantes, tanto quanto em França e Inglaterra, e pode-se encontrar neste país, como na Europa, exploradores da situação dos viajantes para extorquir-lhes dinheiro.

No dia seguinte, de manhã, houve dificuldade em encontrar os animais. Antes que fôsem reunidos chegou outra caravana e foi preciso que eu esperasse mais uma vez.

Após tantos impecilhos tive a felicidade de partir, e, tendo feito uma meia légua depois do Paraíba, cheguei a um lugar chamado Encruzilhada, onde a estrada se divide. Um dos dois ramos, que é o mais frequentado, leva ao Porto da Estrêla, onde se embarca para o Rio de Janeiro. O outro, chamado "caminho de terra", passa por Pau Grande, atravessa a parte da cadeia marítima que se chama serra da Viúva e se prolonga até à capital (16). Como havia feito intenção de passar pela habitação de Ubá, que não é situada à margem do "caminho de terra", deixei êsse caminho a quatro léguas do Paraíba, no lugar chamado Sucupira (17).

Meus animais estavam extremamente fatigados; resolvi não passar de Sucupira (18) e parei em casa de uma negra velha, cuja choupana, situada no meio da mata, era apertadíssima. Minha hospedeira estava livre e havia sido libertada por seu dono quando apresentou sinais de decadência. É um hábito comum neste país libertar os escravos quando não servem

(16) Vide o que escrevi sôbre êsse caminho e sôbre a serra da Viúva, em minha *1.ª Rel.*, vol. I, págs. 8, 22, 51. (Corresponde ao Volume 126, págs. 26, 37 e 59, da Coleção *Bra-silliana*).

(17) Vê-se, pelo que digo aqui que um viajante inglês que não seguiu esta estrada equivocou-se em citar Ubá (que êle chama *Uva*) ao lado de Pau Grande. Esse erro levou a outros, pois um compilador copiando o viajante em questão fez de Pau Grande dois lugares distintos, dizendo que se acham sôbre o caminho de terra, *Pao, Grande* e *Uva*.

(18) Sucupira é o nome de uma árvore; mas creio que êsse nome é dado a várias espécies diferentes. A sucupira que conheço é uma encantadora Papilionácea.

mais para o trabalho. Mas, é preciso notar que esse sistema é péssimo. Se o negro liberto está velho não terá meios de preservar sua indigência e ao desprezo que há por sua côr, juntar-se-á ainda o que inspiram os doentes, a velhice e a miséria. Se, ao contrário a alforria é concedida a um jovem, que seja preguiçoso e sem inteligência, sem ter aprendido nenhum ofício, êle tornar-se-á vagabundo ou mesmo ladrão e assassino. No tempo em que estive no Brasil a maioria dos negros condenados por crimes no Rio de Janeiro era constituída de libertos.

Um pouco antes de Ubá apeei do cavalo, deixei meus camaradas para trás, e cheguei à habitação quase correndo. Experimentei indizível prazer em achar-me de novo após tantas fadigas, em um lugar onde havia passado dias tão agradáveis. Para cúmulo da felicidade o Sr. **João Rodrigues Pereira de Almeida** estava então em casa, e sua família, muito numerosa, compunha-se de várias pessoas que eu já conhecia. Fui perfeitamente acolhido e inquerido sôbre as regiões que eu havia visitado, as quais não são mais conhecidas no Rio de Janeiro que em França ou Alemanha.

A habitação de Ubá tinha sido melhorada durante minha ausência. Um dos artistas francêses chamados ao Brasil pelo **conde de Barca**, ministro de D. João VI, o excelente Sr. **Ovídio** (19), havia construido, por or-

(19) Querendo inspirar nos brasilleiros o gôsto pelas artes e talvez também querendo causar na Europa uma boa impressão sôbre a nova monarquia brasileira, o CONDE DE BARCA fez vir (1816) vários artistas francêses ao Rio de Janeiro para afôrmar uma Academia de Artes. Esse grupo se compunha do Sr. LEBRETON, literato, antigo secretário da 4.ª classe do Instituto; Srs. TAUNAY, pintor paisagista; DEBRET, pintor histórico; TAUNAY, filho, escultor. GRANJEAN, arquiteto;

dem do proprietário de Ubá, uma máquina que movimentava os pilões fazendo ao mesmo tempo mover uma serra e um moinho. Esses trabalhos haviam sido executados com muito cuidado e o Sr. **Almeida** proporcionava assim aos seus vizinhos o importante serviço de oferecer-lhes modelos que, quando não fôsem de todo perfeitos, não deixavam de inspirar-lhes idéias novas. Em geral a arte de carpintaria tinha então em tôda essa região, grande necessidade de ser aperfeiçoada. Usavam apenas pregos para fixar peças de madeira, ignorando-se o uso dos encaixes. Absolutamente não se faziam projetos e desenhos; as peças eram trabalhadas umas após as outras, ajustando-as à medida que iam sendo preparadas, o que naturalmente obrigava a repetir a confecção de muitas que se não ajustavam devidamente.

Não queria voltar ao Rio de Janeiro pelo caminho que eu conhecia. Deixei então o Sr. **Almeida** (12-3-818) para ir à aldeia do Pilar, porto vizinho de Ubá aonde contava embarcar para a Capital (20).

Retomei logo o "caminho de terra" e parei sob um telheiro que caía em ruínas e que não havia, talvez,

OVIDE, mecânico; PRADIER, gravador. Como foi justamente observado, era preciso primeiro instruir os brasileiros em officios e profissões mais úteis, antes de pensar em formar pintores e escultores. Como tinha sido feita despesa para trazer ao Brasil um grupo de artistas, era preciso cuidar de tirar dêles algum proveito. Mas, tal não aconteceu; os professores foram pagos, e, ainda que pareça incrível, não se lhes deu nenhum aluno.

(20) Itinerário aproximado de Ubá a Porto do Pilar:

De Ubá à fazenda da Roçada	4	léguas
" " " Marcos da Costa	4	"
" " " Taquarassú	3 1/2	léguas
" " " Porto do Pilar	3	"

sido varrido desde que fôra construido. Seria justo que os colonos que vendem milho aos viajantes, devido aos seus ranchos, tivessem o cuidado de conservar e limpar êsses miseráveis abrigos. Mas, êles sabem que o viajante se detem ao fim do dia, e, como não temem concorrência, senão nas estradas muito frequentadas, pouco se lhes dá o confôrto ou desconfôrto dos ranchos.

Tôda a região que percorri no caminho de terra, antes da bifurcação que conduz a Pilar, causou-me admiração pela diferença que apresenta em relação à de Minas. Não sómente aí não se encontram aqueles imensos trechos em que a terra vegetal desapareceu para dar lugar a amontoados de pedregulho; não sómente aí não se vêem, a cada passo, casas abandonadas, mas as habitações são bem conservadas e anunciam abundância, como também a vegetação é vigorosa, a verdura muito fresca e as plantações são melhor cuidadas que as do interior.

No lugar onde a estrada de Pilar se separa do "caminho de terra" (Encruzilhada) a região torna-se montanhosa; é aí que termina a bacia do Paraíba e que se entra na grande cadeia paralela ao mar (serra do Mar). Até ao lugar chamado Marcos da Costa, onde parei, não vi mais nenhuma cultura, mas a vegetação é sempre bela e imensas matas virgens cobrem as montanhas.

Logo ao chegar a Marcos da Costa desci a serra da Viúva, que havia atravessado em 1816, em outro ponto, e comecei a encontrar plantações.

Perto de Marcos da Costa a vista é linda. À esquerda do caminho, que desce por um declive muito forte, existe um regato cujas águas, encobertas por

árvores e espessa vegetação, correm rumorejantes entre pedras, formando uma cascata (cachoeira da Viúva), indo reunir ao pé da montanha a um outro regato. Duas fazendas e algumas casas de agregados foram construídas ao pé da serra, em uma pequena bacia, cercada de altas montanhas. Enfim, o flanco destas últimas apresenta numerosas plantações de cana de açúcar e de milho, enquanto que nos altos existem matas virgens, no meio das quais a *Melastomatácea*

(21) JÁ fiz conhecer, em minha 1.^a **Relação**, os homens a que chamam **agregados**. Para completar o que escrevi a esse respeito, traduzirei aqui a passagem onde eles são descritos por um sábio que observou com perfeição os costumes de várias partes do Brasil. Mencionei quais são as atribuições dos proprietários em relação aos agregados; o escritor que vou citar incumbiu-se de indicar as destes últimos. "Podia-se crer, diz ele, que os **agregados** são vistos com prazer pelos colonos, sobretudo pelos do interior, onde o braço é raro, mas enganar-se-ia, porquanto esses homens são mais uma carga que uma utilidade para os proprietários. Neste país, os que gozam liberdade, acostumados desde a infância a uma vida ociosa, não podem adquirir o hábito do trabalho e preferem ficar na indigência, (que comumente os leva a más ações), que fazer qualquer coisa. Na verdade eles aprendem, frequentemente, um ofício, de alfate, carpinteiro etc., mas não exercem a profissão senão em último recurso e pedem por um dia de trabalho o suficiente para viverem oito sem nada fazer. Quase sempre casados ou vivendo com uma amante os **agregados** tratam, tomando por padrinho de seus filhos o proprietário dos terrenos sobre os quais estão estabelecidos, de prendê-los pelos laços religiosos do compadresco, aqui muito respeitadas...; tornados compadres dos colonos eles se consideram como pertencentes às famílias destes; comem e bebem à custa deles e apenas rendem-lhes pequenos serviços... Os **agregados** são na maioria mulatos e negros, que formam quase um quarto da população (o autor não pode, sem dúvida ter em vista senão a população de Minas e de algumas partes das províncias do Rio de Janeiro e de S. Paulo). Mais de 150 **agregados** achavam-se fixados à fazenda do Pompéu, situada na província de Minas Gerais e que compreende para mais de 150 léguas quadradas; e, se vários entre eles haviam obtido consentimento da dona da fazenda outros haviam construído sobre suas terras sem ao menos consultar à proprietária. Esses homens viviam na maior ociosidade, do gado que roubavam, e a desordem tornou-se tal que a proprietária, apesar de generosa e caridosa, viu-se obrigada a escorraçá-los pela força armada e a queimar suas

chamada "flor de quaresma" (22) alteia sua copa de 30 a 40 pés, coberta de grandes flores roxas.

O rancho sob o qual dormi em Marcos da Costa era ainda mais imundo que o em que me detive nas vésperas e passei péssima noite, ocupado em defender minhas cousas contra os cães e os porcos.

Após pôr-me a caminho, subi durante algum tempo, atravessando florestas virgens da mais bela vegetação e cheguei ao pé de uma montanha inacessível que, mais alta que tôdas as outras, apresenta a forma aproximada de um pão de açúcar e cuja vegetação magra e rasteira contrasta com as matas vigorosas dos montes vizinhos. Todos êsses montes ligam-se à serra da Viúva e à dos Órgãos, fazendo parte da grande cadeia marítima (serra do Mar), mas são designados pelo nome particular de serra da Boa Vista.

Chegado à parte mais alta dessa cadeia parcial, reconheci que seu nome era justo. Por entre os tron-

choupanas (ESCHW. Bras., II, pág. 32)". O proprietário legalmente estabelecido, não deve, sem dúvida, ser obrigado a admitir quem quer que seja participando de sua propriedade; mas parece-me, que a dama generosa que possuía a fazenda do Pompéu mostrou-se excessivamente severa incendiando em bloco as choupanas de alguns infelizes sem asilo que se haviam refugiado em suas 150 léguas quadradas, das quais ser-lhe-ia difícil usufruir em tôda a sua extensão. Ademais se ela tinha melos para expulsá-los em massa, por mais forte razão ser-lhe-ia possível impôr-lhes algumas condições e expulsá-los um a um. Por conseguinte, em vez de caçá-los como a um rebanho daninho, ela teria melhor feito, parece-me, em seu próprio interesse e no desses miseráveis, se procurasse conservá-los, submetendo-os a uma reforma, exigindo deles, por ex., um pequeno trabalho ou uma pequena retribuição, reservando-se o direito de expulsar a aqueles que não cumprissem as condições estabelecidas.

(22) Não é "flor de quaresma", como foi escrito. Sob o nome de flor de quaresma compreende-se várias plantas, diz MARTIUS, *Rhexia princeps*, *holosericea*, *grandiflora* e outras espécies (Reis. I, 555).

cos das árvores avistei um trecho da baía do Rio de Janeiro e algumas das ilhas nela existentes; mas, essa vista nada era em relação à que eu ia admirar.

Comecei a descer, e logo o mais majestoso espectáculo se ofereceu aos meus olhos. Ao redor de mim altas montanhas, cobertas de espessas florestas, dispunham-se em semicírculo. Abaixo da cadeia minha vista mergulhava-se numa imensa extensão de colinas onde as matas são entremeadas de plantações; à esquerda avistei quase tôda a baía do Rio de Janeiro e uma parte das ilhas; enfim, à entrada da baía via a montanha pitoresca chamada Pão de Açúcar e, apesar de não poder distinguir a cidade reconhecia sem dificuldade o ponto onde se acha situada. O céu mais brilhante e os efcitos de luz mais variados aumentavam a beleza dessa vista imensa. Não pude, confesso, contemplá-la sem profunda emoção. Após tão longa viagem, tantas canseiras e privações, revia o porto onde um dia eu devia embarcar para França; as duas mil léguas que me separavam da pátria podiam ser transpostas em menos tempo que o que empreguei em percorrer a província de Minas, e, se me decidisse a prolongar meu exílio, iria ao menos ter o prazer indizível de receber notícias de minha família e de minha pátria.

A descida da serra é ingreme, pedregosa e difícil. Antes de chegar ao pé da montanha ouve-se o ruído de um regato que corre entre pedras. É o rio Pilar, que irriga a planície que eu ia atravessar e que toma seu nome da aldeia a que me dirigia. Esse pequeno rio é o último dos afluentes do Iguassú, que, como já

disse em outro lugar, lança-se na baía do Rio de Janeiro (23).

Logo que se desce a cadeia marítima o aspecto da região muda de caráter. Deixando-se atrás as montanhas percorridas, outras que se ligam a aquelas aparecem e, por uma singular ilusão de ótica, o conjunto parece fechar inteiramente o plano aonde corre o rio Pilar. Os prados pantanosos que margeam êsse rio apresentam a mais fresca verdura; não se vê um detrito sequer de erva sêca, uma folha amarelado, e, em parte nenhuma a vista é entristecida por

(23) Segundo informações que sem dúvida obtive no Rio de Janeiro o sábio e navegador FREYCINET disse (*Voyage Ur. hist.*, pág. 79) que o rio do Pilar chama-se também Marahy. CAZAL fala ao mesmo tempo (*Corog. Bras.* II, 13 e 14) do Marahy e do Pilar, deixando em dúvidas êsse ponto da topografia. Uma descrição do Rio de Janeiro inserta no precioso livro intitulado: *Nouvelles Annales des Voyages* (Tome IV de 1830) indica igualmente o Marahy e o Pilar; mas o autor dessa descrição baseia-se em LUCOCK e CAZAL, sem tratar de conciliar seus estudos, e, traduzindo o que diz êste último a respeito do Marahy deixa patente não ter compreendido o assunto. Quanto a PIZARRO, ele não fala do rio Marahy, no texto de seu capítulo sobre a paróquia do Pilar, mas, cita em uma nota (*Mem. hist.* II, 122) uma espécie de ata do ano de 1697 onde se diz que, nesse ano, foi abençoada a paróquia de N. S. do Pilar, distrito de Guagassú, Morabahy e Jaguaré. O Guagassú é evidentemente o Iguassú de hoje e o Jaguaré, não pode deixar de ser o Iguaré de CAZAL (*Corog.* II, 13); ora, como não há dúvida que o Pilar é o rio mais notável do lugar (parece-me), é de crer que êsse nome não fôsse conhecido em 1697 e que tenha sido tomado da paróquia em substituição ao antigo nome que devia ter sido Morabahy; o que confirma inteiramente a asserção do Sr. FREYCINET. Assim o nome de rio da Estrêla fará provavelmente desaparecer pouco a pouco o antigo nome de Rio de Ikuuniriu dado a um dos rios mais notáveis de quantos se lançam na bafá do Rio de Janeiro. Lamento vivamente não ter posto em execução a idéia de fazer uma viagem pela bafá do Rio de Janeiro. Uma topografia completa dessa bafá e seus contornos seria uma obra extremamente interessante e recomendavel aos homens dignos da região. Será hoje menos difficil de realizar essa obra, porquanto PIZARRO já, sob diversos aspectos, lançou os fundamentos em suas excellentes memórias.

esses fetos que, na província de Minas, substituem as florestas. Por tódos os lados vegetação a mais brilhante, luxuriante e vigorosa que se pode imaginar e de que se procurará inutilmente fazer uma idéia, desde que se não tenha saído da Europa.

No dia em que desci a cordilheira parei no lugar chamado Taquarassú, onde existem algumas casas, uma venda e um rancho para os viajantes.

Para além de Taquarassú a planície, de que eu já havia atravessado o comêço, alarga-se de modo sensível, e as altas serras dos Órgãos, da Estrêla e da Boa Vista, não parecem mais formar senão um semi-círculo ao redor dela. Essa planície estende-se até ao mar, em um espaço de algumas léguas; o pequeno rio do Pilar aí serpenteia e, como é navegável às canoas é muito útil aos agricultores no transporte de seus produtos.

O terreno baixo, e em alguns lugares, pantanoso, produz de todos os lados gramíneas aquáticas e altas Ciperáceas. Nos lugares secos o solo apresenta uma mistura de areia fina e de terra parda onde a mandioca desenvolve-se bem, enquanto que lugares mais húmidos produzem arroz em abundância. Por tôda a parte a vegetação continúa a ser vigorosa e a verdura de extrema frescura. Choupanas, vendas e algumas habitações acham-se dispersas no campo, tornando-o mais risonho. Mas, não estando mais nas montanhas, embora admirando a beleza da paisagem, tinha que me queixar do calor excessivo.

Após haver feito três léguas depois de Taquarassú, cheguei enfim à aldeia do Pilar ou N. S. do Pilar de Iguassú, cabeça de uma paróquia cuja fundação remonta ao ano de 1697 e que confina com as de Iguas-

sú, S. Antônio de Jacutinga (24), de N. S. da Conceição do Alferes, de N. S. da Piedade de Anhumirim ou Inhumirim, a que pertence o porto da Estrêla (25) de que já falei páginas atrás.

A aldeia do Pilar possui uma rua que termina na igreja; mas vêem-se belas casas e lojas bem sortidas. Uma pequena parte das caravanas que veem de Minas Gerais pára em Pilar, aí deixando algum dinheiro. A região vizinha produz açúcar, legumes, arroz, farinha de mandioca e café, produtos êsses que são exportados para o Rio de Janeiro através dos pequenos rios da Mantiqueira, Bananal, Saracuruna e Pilar (26). Há na paróquia do Pilar olarias cujos produtos são também objeto de exportação (27).

Deixei meus animais em Pilar e embarquei com minhas coleções, e, após uma viagem de 15 mêses, tive enfim a felicidade de rever o Rio de Janeiro (17 de Março de 1818); essa cidade, cuja posição será sempre para o estrangeiro objeto da mais viva admiração, e cujo porto, para me valer das expressões do sábio e sensato SOUTHEY, é um dos mais vastos, dos mais cômodos e dos mais belos do mundo (28).

(24) Vide minha **1.ª Relação**, vol. I, págs. 7 e 57. (Corresponde ao Volume 126, págs. 25 e 63, da Coleção **Brasilianna**).

(25) **PIZ. Mem. hist.**, vol. II, págs. 122, 123, 124 e 127.

(26) CAZAL e FREYCINET dizem que existe um canal que liga o rio Pilar ao rio Inhumirim ou rio da Estrêla.

(27) **PIZ. Mem. hist.**, II, 129.

(28) The position of the city midway between Europe and India, and with Africa opposite, is the best that could be desired for general commerce; the harbour, one of the most capacious, commodious and beautiful of the world... Local revolutions have deprived Alexandria and Constantinople of that commercial importance which their situation formerly assured to them and which luted into the views of their great founders. But the whole civilized world may be rebarbarized, before Rio de Janeiro can cease to be one at the most important positions upon the world (**Hist. of Braz.**, III, 814).

CAPÍTULO XIII

O AUTOR DEIXA O RIO DE JANEIRO PARA VISITAR O LITORAL QUE SE ESTENDE AO NORTE DESSA CIDADE. — DESCRIÇÃO DA REGIÃO SITUADA ENTRE A CAPITAL DO PAÍS E O LUGAR CHAMADO CABEÇÚ

Estada do Autor no Rio de Janeiro. — O A. põe-se a caminho do litoral-norte da Capital do Brasil. — Idéia geral do caminho que se segue nessa costa. — Passagem da baía do Rio de Janeiro. — A cidade de Praia Grande. — Aldeia de S. Gonçalo. Comparação da população dos arredores do Rio de Janeiro com a de Minas. Cultura. — O rio Guaxindiba e a região vizinha. — O distrito de Cabeçú. Modo de conduzir as bêstas. Abrigos que os viajantes encontram no litoral. Descrição das vendas dos arredores do Rio de Janeiro. Pastagens fechadas.

Chegado ao Rio de Janeiro passei algum tempo a pôr em ordem minhas coleções; limpei os insetos que havia trazido de Minas Gerais; troquei o papel de minhas plantas sêcas; remeti para a França três caixas de objetos de história natural e enderecei aos professores do Museu de Paris uma “Segunda memória sôbre os vegetais aos quais se atribue uma placenta central livre” (1). Fazia também pequenas herborizações nos arredores da cidade; mas, nunca dei à flora

(1) Minha “Primeira memória sôbre as plantas às quais se atribue uma placenta central livre”, foi inserta no vol. II das “Memórias do Museu”; a segunda faz parte do vol. IV (pág. 381). Nesta última memória lanço um golpe de vista sôbre a família das Santaláceas; mostro que as Mirsináceas

da capital do Brasil, estudada por um grande número de pessoas, a mesma atenção que à do interior.

A sociedade que frequentava no Rio de Janeiro reconfortava-me amplamente da solidão na qual vivi, quando percorri a província de Minas. A casa do generoso JOÃO RODRIGUES PEREIRA DE ALMEIDA estava-me aberta e eu podia verdadeiramente considerá-la como se fôsse minha. Após haver passado o dia ocupado em meus trabalhos, ia distrair-me em casa de amáveis franceses, os Srs. MALLER, encarregado dos negócios de França, DE GESTAS, depois cônsul geral, o falecido Sr. ESCRAGNOLLES, que governou a província do Maranhão por designação do Imperador do Brasil. Tive também o prazer de me entreter frequentemente a cêrca de meus estudos favoritos com o meu amigo FREI LEANDRO DO SACRAMENTO, professor de Botânica, e com vários estrangeiros, distintos igualmente por suas amabilidades, e por seus conhecimentos; Sr. D'OLFERS, encarregado dos negócios da Prússia; Sr. Prof. MIKAN, o Dr. POHL e o infelizmente e respeitável RADDI que, após ter sido vítima das injustiças de que sofre frequentemente o viajante naturalista no regresso à sua pátria, exilou-se uma segunda vez e terminou seus dias em uma terra longínqua.

Mas, qualquer que fôsse a atração exercida sôbre mim nessa estada no Rio de Janeiro (2), a vegetação

devem, na série linear, preceder imediatamente as Primuláceas; enfim indico os desenvolvimentos successivos do embrião da *Avicennia* e provo que a semente dessa planta não é, como pensam muitos, desprovido de tegumento.

(2) Lamento não poder enumerar tôdas as pessoas que, durante minhas diversas estadas no Rio de Janeiro, me prestaram serviços e foram bondosas para comigo. Que meus amigos Srs. BOURDON et FRY achem entretanto aqui um sinal de lembrança e uma ligeira homenagem de reconhecimento.

luxuriante de suas florestas e as belezas de seus arredores, não tardei em pensar em distanciar-me dessa cidade. Não queria entretanto empreender uma longa viagem sem receber notícias da França; havia escrito à minha família e aguardava resposta. Para não ficar atôa durante êsse intervalo, resolvi consagrar alguns meses a visitar o litoral que se estende ao norte da capital do Brasil. Em vez de prolongar minha estada na América eu devia ter voltado logo para a Europa. Todo o material que eu havia recolhido até êsse momento podia ter sido publicado e eu teria evitado muitos sofrimentos. Regressei, é verdade, com coleções mais consideráveis; fui obrigado durante muitos anos a atrasar os trabalhos e a maior parte do material, que, me custou tantos sacrificios e fadigas, se inutilizará.

Decidido a fazer uma viagem pelo litoral escrevi aos meus amigos do interior rogando-lhes enviar-me um tropeiro; esperci as respostas durante muito tempo; tive grandes contrariedades, como acontece sempre neste país no meio dos preparativos de uma viagem por terra; mas, enfim, consegui organizar minha caravana. Ela se compunha de um número de animais de carga suficiente para transportar minha bagagem e minhas coleções, meu doméstico francês, o índio Firmiano, um tropeiro chamado José, que me foi enviado de Ubá e do negro Zamore, que um negociante francês estabelecido no Rio de Janeiro me havia pedido para levar comigo afim de habituá-lo às viagens e ao serviço dos animais.

Grandes estradas ligam a capital do Brasil a Minas e a S. Paulo; mas, à época de minha viagem não existia nenhum caminho entre o Rio de Janeiro e as

províncias do norte. À chegada de D. João VI ao Brasil, foi dada ordem de se construir uma grande estrada da Baía ao Rio de Janeiro; ela foi começada, mas logo abandonada porque as câmaras das cidades por onde passasse deviam fazer despesas e elas tem pouca receita. Era então quase sempre por mar que se ia de um porto a outro; caravanas regulares nunca percorriam a costa, sendo pouco conhecido o trabalho com animais de carga. Quando por acaso se desejava viajar por terra do Rio de Janeiro ao norte do Brasil, seguia-se até as lagoas de Saquarema e Araruama, por um dêsses caminhos que mantem comunicação entre a capital e as fazendas das vizinhanças; contornavam-se em seguida as duas lagoas, e, exetudados pequenos trechos, não se fazia outra cousa, até ao rio Doce, que caminhar sôbre uma praia arenosa, batida pelas vagas.

Parti do Rio de Janeiro a 18-8-818, às duas horas da tarde. Como a cidade fica na parte ocidental da baía, e como desta a Cabo Frio a costa do Brasil segue a direção de oeste a léste, para depois subir pouco a pouco de sul a norte, é claro que, querendo eu seguir essa direção, era necessário contornar a baía ou atravessá-la. Tomei esta última providência e fui ter ao lugar chamado Praia de D. Manoel, que se acha à extremidade da cidade.

Tinha previamente obtido vários barcos para transportar meus animais de carga. Essa operação, que teria sido extremamente fácil, se existisse uma ponte apropriada, essa operação, repito, foi muito demorada. Era preciso forçar os animais a entrar nágua; inclinar, com grande esforço, as pequenas embarcações e aí colocar as patas dianteiras das pobres

bêstas com risco de quebrar-lhe as pernas, e enfim dar-lhe muitas chicotadas para fazê-las saltar nos barcos (3). Estes são pequenos mas bonitos; são cuidadosamente pintados e um toldo neles existente protege os passageiros dos ardores do sol.

Navegando a remo e a vela, distanciámo-nos logo do porto, e uma vista magnífica ofereceu-se aos meus olhos. Avistava uma parte da cidade, dominada pelo hospital militar, vasto edifício que se eleva ao alto de uma colina. Num plano mais distanciado o horizonte era limitado pelas montanhas da Tijuca e do Corcovado, cujas formas bizarras e variadas produzem o mais pitoresco efeito. Ao fundo da baía a serra dos Órgãos aparecia por intervalos, através de espessa cerração. Do lado oposto, e mais perto de nós, via o Pão de Açúcar, sentinela da entrada da baía, onde navegavam, ao longe, alguns navios.

Ao fim de uma hora de viagem tínhamos atravessado a baía e chegávamos à Praia Grande, situada ao fundo de pequena enseada (4). Nessa ocasião o lugar não passava de uma aldeia, e, durante muito tempo não teve outra designação; mas, em 1819 acharam de bom aviso torná-la em cidade, dando-lhe um “juiz-de-fora”, cuja jurisdição se estende às paróquias de S. João de Carirí, de Itapui, S. Lourenço, S. Gonçalo e mesmo sôbre o território de Maricá (5). Uma rua muito larga mas pouco extensa atravessa Praia Gran-

(3) Parece que o Sr. PRÍNCIPE DE NEUWIED passou pelas mesmas dificuldades quando embarcou em S. Cristóvão para atravessar a baía (V. *Voyages Brés.*, trad. EYR. II, 52).

(4) Se se pode acreditar no Sr. LUCCOCK, um belo eco se faz ouvir no meio da enseada de Praia Grande, quando se atira de canhão no Rio de Janeiro (*Notes on Braz.*, 262).

(5) PIZ. *Mém. hist.*, III, 187, 188.

de, perpendicularmente ao mar; mas se essa cidade é pouco extensa é, em compensação, muito movimentada; barcos aí chegam e saem incessantemente; as casas, na maioria das quais vêem-se **vendias** ou lojas, são limpas e muito bonitas.

Entre Praia Grande e Cabo Frio estende-se paralelamente ao litoral uma longa série de lagunas que embelezam a região e contribuem para dar alguma abastança aos habitantes, oferecendo-lhes abundante pesca. Essas lagunas são as de Piratininga, situada a 3/4 de légua da entrada da baía e com 3/4 de légua de comprimento; a de Itapuí; a lagoa de Maricá, de 2 a 3 léguas de comprimento e que em certas épocas se comunica com o mar e é tida como muito piscosa; a lagoa de Corurupina, cujas águas teem comunicação com as de Maricá; a lagoa Brava, de menos de 1/2 légua de comprimento; a lagoa Jacuné (6); enfim as mais importantes, de Saquarema e Araruama.

Como o caminho pelo qual passei, faz uma grande volta, seguindo para S. Gonçalo ao invés de seguir paralelamente à costa, margeando na direção de S. a N. a baía do Rio de Janeiro, voltando em seguida para

(6) PIZ. Mem. hist., VII, 122 e II, 174. — PIZARRO grafava ora **Itapuyg** ora **Itaipuyg**; CAZAL **Itaipú** e o Sr. FREY-CINET **Taipú**. Pela etimologia indígena **Itapuyg** deve ser preferida, porque **yg** significa água e **ytapú** é uma palavra guaraní bem conhecida que quer dizer o som de um sino (água cujo ruído imita o som de um sino). — **Cururupina**, que se acha em PIZARRO, CAZAL e LUCCOCK, é indubitavelmente mais exata que **Curucupina**, como escreveu um francês competente; com efeito **cururú** na língua geral significa sapo e LUCCOCK pensa que o vocábulo **cururupina** foi dado à lagoa por causa de um animal singular aí existente e semelhante a um sapo (provavelmente algum peixe). — **Piratininga** que se encontra em CAZAL e PIZARRO, e que vem das palavras guaranis **pirá tui**, peixe seco, é também provavelmente mais correto que **Petinínga** indicada em um dos mais interessantes livros de viagem ultimamente saído,

sudeste, em linha oblíqua visando o lago de Saquarema, sómente vi êste lago e o de Araruama, deixando à minha direita todos os que precedem e de que falei linhas atrás (7).

vila de Maricá.

Não me detive em Praia Grande; fui pernoitar em uma casa de campo distante cêrca de 1/4 de légua, pertencente a um francês. O caminho que tomei, paralelo ao mar, segue por um areial quase puro, cuja brancura contrasta com a verdura fresca dos grupos de arbustos esparsos aquí e acolá. Entre êstes notei um grande número de pitangueiras, pequena Mirtácea, então carregada de flores, que vegeta à beira-mar nos terrenos arenosos e que produz uma baga vermelha, monosperma, cheia de gomos, de gôsto muito agradável (8). O terreno perfeitamente plano, que o caminho atravessa, tem pouca largura e é limitado por morros revestidos de matas pouco densas. É de crer-

(7) Itinerário aproximado de Praia Grande ao lago de Saquarema:

De Praia Grande	a S. Gonçalo, aldeia	3	léguas
"	"	" às margens do Guaxindiba	...	1 "
"	"	" a Cabeçú	3 léguas
"	"	" Fazenda do Padre Manoel	..	2 1/2 léguas
"	"	" Venda da Mata	4 1/2 "
"	"	" às margens do lago de Saquarema		4 1/2 "

Obs. — A estrada que seguí não é a única que conduz de Praia Grande ao lago de Saquarema. Pode-se por ex., evitar passar por S. Gonçalo; pode-se também passar pela pequena

(8) A época de PISON e MARCGRAFF, a pitangueira chamava-se, em Pernambuco **ibipitanga**, nome que vem evidentemente das palavras da língua geral **yby** terra e **mitanga** ou **pitanga** menino (menino da terra). Com o tempo os portugueses abreviaram a palavra e deram-lhe uma terminação de acôrdo com sua língua, conservando o vocábulo **pitanga** para o fruto da **pitangueira**. A sinonímia dessa planta foi muito confundida pelos botânicos, como a da maioria das espécies comuns; mas é evidente que se deve dar à pitangueira o nome de **Eugenia Michauxii** de LAMARCK, nome que o Sr. DE CANDOLE consagrou em seu **Prodromus**; e acredito mais, com

se que em uma época pouco distante êsse terreno fôsse coberto pelas águas do mar e que estas se estendessem até ao pé das montanhas.

Difícilmente se encontrará uma situação mais bonita que a da casa de campo onde parei logo após ter deixado Praia Grande. Essa casa foi construída à beira de uma enseada, abaixo de uma capela dedicada a Santana. Várias ilhas ornadas de bela verdura fecham a entrada da enseada; não se pode perceber o canal existente entre elas e a terra firme, assemelhando-se a um lago de pequena extensão. À direita da casa fica a colina onde está a capela e, por cima das ilhas, avistam-se, ao longe, as montanhas da Tijuca e do Corcovado.

As águas do mar banham ligeiramente o terreno que atravessei ao deixar a casa de que acabo de descrever a posição; êsse terreno é coberto de pequenos mangues e nele se vê uma quantidade considerável de carangueijos, fazendo buracos no barro.

O caminho logo se distancia da praia e, à direita e à esquerda, o solo chato que êle percorre é limitado a uma distância muito grande, por morros. Aqui nada faz lembrar a austeridade das solidões de Minas Ge-

êste último autor, que *Myrtus brasilianna* e *Plinia rubra* de LINNEU (Pai), assim como *Plinia pedunculata* de LINNEU (Filho) não são outra cousa que *Eugenia Michellii*, isto é — pitangueira. Os sábios MARTIUS e SPIX ligam êsse arbusto a um *Myrtus pedunculata* que atribuem a LINNEU; mas não encontrei *M. pedunculata* entre as espécies descritas pelo ilustre sueco. Em uma bela descrição tentaram pintar as belezas da noite nos arredores do Rio de Janeiro, dizendo que se o vento sopra as flores das pitangueiras caem e cobrem a terra como uma neve perfumada. Parece-me que as flores da pitangueira são muito pequenas e pouco numerosas para produzirem semelhante efeito. Talvez fôsse do bom aviso que viajantes deixassem aos romancistas essas tiradas poéticas, feitas à custa de observações inexatas.

rais. Como na Europa, a vegetação primitiva desapareceu e tudo indica a presença do homem, seus trabalhos e a vizinhança de uma grande capital. De todos os lados a região é cortada por estradas e a gente encontra sempre negros conduzindo para Praia Grande ou outros pequenos portos, tropas de béstas carregadas de mantimentos. Não há um campo nem uma plantação que não seja limitada por uma cêrca alta; e essas sebes são feitas, na maioria, com a encantadora **Mimosa** conhecida no Rio de Janeiro pelo nome de **espinho**; **mimosa** cuja verdura lembra a do nosso pilriteiro à entrada da primavera, mas cujo porte e folhagem são muito mais elegantes. De pequenas em pequenas distâncias avistam-se choupanas e casas de campo que, construídas com certo cuidado, produzem na paisagem um efeito pitoresco. As estradas são dotadas de numerosas **vendas**, onde o escravo, bebendo aguardente de cana, vai, longe dos olhos do dono, procurar distração e esquecer sua miserável condição. Um céu brilhante embeleza o campo; êste não apresenta nem a monotonia das planícies nem o aspecto sombrio das regiões montanhosas, e por toda parte se encontra movimento e vida.

Nos arredores de Praia Grande vê-se um grande número de plantações de laranjeiras. O terreno quente e arenoso dessa zona convem perfeitamente a êsses vegetais, que estavam na ocasião cobertos de frutos, dos quais saboreei deliciosos, da espécie chamada **seleta**.

Vi também, nessa mesma zona, alguns campos de mandioca e muita hortaliça, tal como couves, feijões e melancias. Todo mundo sabe que as hortaliças dão bem nas terras arenosas e é à sua cultura, favore-

cida ainda pela vizinhança da Capital, que os habitantes de Praia Grande mais se dedicam.

Os lavradores que não vão, êles próprios, vender seus produtos na cidade, os enviam aos pequenos portos, muito numerosos, situados à margem da baía. Nesses portos há um armazem, cujo proprietário recebe os produtos dos colonos; tôdas as noites êsse homem faz seguir uma barca para a cidade; a barca chega cedo à praia de D. Manoel, onde existe um mercado, e os produtos aí são vendidos, mediante pequena retribuição, por conta do lavrador.

A cêrca de três léguas de Praia Grande, passei pelo arraial de S. Gonçalo (9). As duas linhas de colinas, de que já falei, se estendem à direita e à esquerda. Êsse arraial apresenta uma larga rua, no centro da qual fica a igreja, isolada como o são geralmente os templos; nessa rua vêem-se muitas **vendas** e lojas bem sortidas (10).

São Gonçalo é cabeça de uma paróquia criada em 1645 e que tinha então o nome de Igreja de Guaxindiba. Essa paróquia depende, como disse, da justiça de Praia Grande. Ela compreende 12 pequenas ilhas e é limitada ao norte pelas paróquias de N. S. do Destêrro de Itambi e a de Bom Jesus de Paquetá; a nordeste pela de S. João Batista de Itaboraí; a léste pela de Maricá; ao sul pela de S. João de Carirí; a oeste e a noroeste pelas águas da baía. Numerosas cape-

(9) Erradamente escreveram **S. Gonzales** na Inglaterra e **S. Gonzalez** na Alemanha.

(10) **LUCCOCK** louva muito a hospitalidade dos habitantes de S. Gonçalo. A acreditar-se nele, a maioria d'êsses habitantes é proveniente de Açores.

las estão disseminadas pelo território dessa paróquia, mas apenas citarei uma, a de N. S. da Luz, notável por sua antiguidade, porquanto foi fundada por um dos colonos que acompanharam o Governador **Mem de Sá**, quando este veio, em 1560, fundar um estabelecimento na baía do Rio de Janeiro (11). Enquanto que em Minas há paróquias de 80 a 100 léguas de comprimento com apenas 11.000 habitantes (12), na de S. Gonçalo, com um diâmetro que não vai além de 5 a 6 léguas (13), contavam-se em 1820, 7.000 adultos, 790 fogos, 26 engenhos de açúcar, 5 distilarias de aguardente e 7 olarias (14). A comparação que abaixo de fazer aqui prova como os arredores da Capital são mais populosos que a província de Minas; mas, logo que se penetra nas partes setentrionais da província do Rio de Janeiro, acha-se que é tão deserta quanto o interior do Brasil.

À medida que se distancia da Capital ou dos portos que para ela conduzem, as pequenas culturas devem naturalmente diminuir, e, demais, além de S. Gonçalo as terras tornam-se melhores; ali comecei a ver algumas plantações de cana e, disseram-me que

(11) PIZ, *Mem. hist.*, III, págs. 19, 21.

(12) Pode-se recorrer ao que escrevi em minha 1.^a Rel. (vol. III, 367) sobre a paróquia de Morrinhos, e, mesmo considerando somente os adultos no número que aqui relembro, haverá uma grande diferença entre a população desta paróquia e a da paróquia de S. Gonçalo.

(13) O que PIZARRO disse sobre a extensão da paróquia de S. Gonçalo é infelizmente muito obscuro; entretanto penso que não pode haver erro muito sensível nas indicações que aqui dou, segundo esse Autor.

(14) PIZ, *Mem. hist.*, III, págs. 21, 23.

há muitas outras nas vizinhanças (15). Garantiram-me também que, nos terrenos mais adequados, a cana dura algumas vezes 12 anos e mesmo mais; o que prova como essa região quente, baixa e úmida é mais favorável à cultura dessa gramínea que as regiões elevadas do interior de Minas Gerais. Também se cultiva o café nos arredores de S. Gonçalo; para plantá-lo são escolhidos os lugares mais sombrios, e êle produz bem, disseram-me, do outro lado das colinas que limitam a estrada. O milho, que tive ocasião de ver, era pequeno e raquítico; suponho que a terra não é aquí bastante rica para essa planta; mas há uma vantagem que não se tem na provincia de Minas; pode-se fazer duas colheitas do "trigo da Turquia" por ano. Êste cereal necessita de umidade para se desenvolver, motivo pelo qual sómente uma vez se pode colhêr suas sementes nos lugares onde há uma longa estação sêca; e isso não se dá nas regiões planas e pouco elevadas, vizinhas do Rio de Janeiro, pois que, sob um clima muito quente, uma alternativa contínua de bom tempo e de chuvas deve necessariamente manter a vegetação em constante atividade. Aquí, por conseguinte, pode-se semear o milho no mês de

(15) A história da introdução da cana de açúcar na provincia do Rio de Janeiro deu lugar aos mais singulares erros. Assim um compilador moderno escreveu que "a cana de açúcar havia sido plantada nessa provincia pelo governador **Memdusa** após os desastres de **S. Domingue**". MARTIM AFONSO DE SOUZA, fundador da capitania de S. Vicente foi quem primeiro, al pelo ano de 1531, fez conhecer a cana de açúcar no Brasil; ela foi introduzida no território do Rio de Janeiro ao tempo de MEM DE SÁ (e não **Memdusa**) que havia sido nomeado governador geral da América portuguesa no ano de 1557, isto é, mais de duzentos anos antes dos desastres de S. Domingos; e, enfim, em 1674, mais de cem anos antes d'esses mesmos desastres, havia já cento e nove engenhos de açúcar no território do Rio de Janeiro.

Agosto para colhê-lo em Janeiro; durante êste último mês fazem-se novas sementeiras para colhêr em Junho. Nesta zona não vi, absolutamente, aquele grande feto que em Minas se assenhoreia de vastos terrenos; encontram-se pés isolados de capim gordura (**Tristegis glutinosa** ou melhor **Melinis minutiflora**); mas não vi pastagens inteiramente formadas por essa gramínea (16); asseguraram-me que em muitos lugares a terra não tinha necessidade de repouso. A vegetação natural pareceu-me ser absolutamente a mesma das partes baixas dos arredores do Rio de Janeiro.

A uma légua do arraial de S. Gonçalo, parei em uma **venda** construída próximo do rio Guaxindiba (17), chamado também rio de Alcântara, um dos numerosos afluentes da baía do Rio de Janeiro. Esse rio tem pouca largura e seu curso é de menos de 3 léguas. Dizem que é muito piscoso e que os carangueijos que por êle sobem tornam-se maiores que os que permanecem nas águas do mar.

Entre o Guaxindiba e o Cabeçú, que fica a 3 léguas, a região é ondulada, e, à direita, bem como à

(16) Vide o que escrevi a respeito do **capim gordura**, em minha 1.^a Rel.

(17) A ortografia que sigo aqui, e que é igualmente a empregada por CAZAL, parece mais em conformidade com a pronúncia usada na região; entretanto encontra-se em outros autores **Guaxindiba**, **Guaxandiba**, **Guazintiba** e **Guajintibô**. As palavras **Guazintiba** e **Guajintibô** não são exatas. Quanto a **Guaxandiba**, que foi adotada por PIZARRO, é possivelmente a mais antiga alteração das palavras primitivas, porque **Guaxandiba**, de onde veio **Guaxindiba**, parece-me originar das palavras guaranis **gua chá**, meninas, e **tiba**, reunião (reunião de meninas). Há também na província de Porto Seguro um rio **Guaxindiba**; enfim um lugar chamado **Guaxindiba** ou **Guaxindaba** acha-se frequentemente indicado na história da guerra que os portugueses sustentaram nos começos do século XVII contra os franceses estabelecidos no Maranhão.

esquerda, vêem-se ainda colinas. Quanto ao caminho, propriamente dito, é plano, largo, bonito e continúa a ser perfeitamente uniforme em um espaço de cêrca de 10 léguas, até à Venda da Mata. O campo, alegre e animado por todos os lados, apresenta uma alternativa de tufos de árvores, pastagens, terrenos cultivados e principalmente plantações de cana de açúcar. É evidente que esta região foi, outrora, coberta de matas virgens, mas atualmente não se vê nenhum resto delas; as terras que se não acham cultivadas foram entretanto devastadas um dia, e reconhece-se pelo pouco vigor das maiores árvores, que elas substituem a outras. Não sómente o caminho é por tóda a parte dotado de **vendas**; não sómente choupanas e casas maiores são esparsas aquí e acolá; mas ainda nas três léguas que fiz para ir de Guaxindiba a Cabeçú, vi três importantes engenhos de açúcar, um a pouca distância de Guaxindiba, e que tem êsse nome; outro chamado Mestre de Campo e o tercciro pouco distante de Cabeçú. Demais não é para se admirar seja esta região tão povoada, pois que é vizinha da capital do Império e começou a ser habitada por europeus há quase três séculos.

A zona de Cabeçú produz não sómente açúcar, mas ainda café, mandioca, arroz, feijão e mesmo um pouco de algodão. Entretanto, apesar da região ser muito cultivada os víveres são aí tão caros quanto na cidade, porquanto esta fica próximo e os cultivadores teem grande facilidade em transportar os produtos de suas terras. Assim, ao tempo de minha viagem, uma galinha se vendia por duas patacas (4 fr.); o toucinho

valia 120 réis a libra (75 cents.) e os ovos 1 fr. a dúzia (18).

Entre Guaxindiba e Cabeçú vi um grande número de tropas que vinham da cidade de Maricá (19), de Saquarema e de outras aldeias distantes algumas léguas e que iam levar os diversos produtos da região a Praia Grande ou aos portos vizinhos. Far-se-á uma idéia bem falsa se se lhes aplicar o que eu já disse a respeito das caravanas, tão bem organizadas, que são o veículo do comércio de Minas. Como as distâncias aqui são muito pequenas os animais empregados são de preferência os menores e os mais fracos. Quando se quer usá-los lança-se sôbre seu lombo um pedaço de pano e por cima uma albarda grosseira à qual dependuram, à direita e à esquerda, sacos de couro cru contendo os mantimentos que enviam à cidade. Os negros condutores de animais não possuem nenhuma idéia sôbre o modo de tratá-los, e, frequentemente vêem-se êsses pobres animais galopar com seus sacos batendo-lhes nos flancos.

(18) E' preciso não esquecer que à época em que falo tudo se vendia ainda em prata.

(19) Maricá vem evidentemente da palavra indígena **mbaracá** ou **maracá** que significa uma bolsa cheia de sementes. Os antigos índios empregavam essas bolsas como instrumentos de música: e, segundo o padre ANTÔNIO RUIZ DE MONTOYA (*Tea. leng guar.* 212 bis), êles terminaram por chamar todos os instrumentos **mbaracá**. O fruto da *passiflora*, oco e cheio de sementes chamava-se também **maracá**, donde vem certamente a palavra **maracujá**, nome que êsse fruto tem ainda entre os brasileiros-portuguêses e que, mutilado sem dúvida por PISON e MARCGRAFF, tornou-se para os botânicos o de um gênero das Passifloráceas — **Murucula**. Os maracás eram para os Tupinambás uma espécie de fetiche. Um escritor inglês, que relata vários desses fatos, mas de modo diferente, parece levado a crer que foi da palavra **maricá** que derivou América, e que VESPÚCIO tomou o nome de **Américo** como SCIPIÃO o de **Africano**. Uma tal opinião, expressa aliás com dúvidas, é muito fantasiosa para merecer qualquer exame.

No lugar chamado Cabeçú (20), como nas margens do Guaxindiba, foi em uma **venda** que pernoitei. Entre o Rio de Janeiro e a embocadura do rio Doce, como no sul do Brasil entre Guaratuba e Laguna e provavelmente em todo o litoral, nunca se viaja em caravana; é por mar que as comunicações se estabelecem e que se faz o transporte das mercadorias; por conseguinte não se encontram em parte nenhuma êsses pavilhões chamados **ranchos**, tão comuns na estrada de Minas Gerais à Capital, e que servem de abrigo aos tropeiros e às suas bagagens. O reduzido número de viajantes isolados que, de longe em longe, percorrem a costa, param nas **vendas** e nas habitações situadas a alguma distância da estrada.

As **vendas** dos arredores do Rio de Janeiro diferem pouco das tavernas da província de Minas; entretanto são mais limpas e melhor cuidadas. Contudo as lojas não tem teto; garrafas de aguardente de cana (cachaça) são arrumadas em prateleiras ao redor do salão; grandes caixas contem farinha e milho; aquí e alí são colocados, desordenadamente, o toucinho e

(20) Adotando essa grafia, atendo à pronúncia usada na região; mas devo dizer que PIZARRO escreveu ora **Cabaçú**, ora **Cabeçú**. Esse Autor aplica êsses nomes ao pequeno rio, que sem dúvida emprestou-os ao distrito em que corre. LUCCOCK, que percorreu o mesmo distrito, chama-o erradamente **Cabeçú** e **Cabasú**; é mais exato quando diz que essas palavras significam, na língua dos índios, floresta de grandes árvores ou cabaça. Essas duas setimologias podem ser igualmente verdadeiras; porque **cabaçú** na língua geral quer dizer **cabaça**, e de outro lado é possível também que **Cabessú** ou **Caboçú** veem de **caú** floresta e **çú** ou **guaçú**, aumentativo, de que originou **bussú** por corrupção. Inclino-me todavia mais por esta última etimologia que pela primeira; **cabaçú**, apesar de indígena, deriva evidentemente de **cabaça**, que é português e é mais admissível que em uma região onde havia outrora tantos índios, êles hajam dado um nome ao rio em questão, antes da chegada dos europeus.

outros comestíveis; enfim um grande balcão paralelo à porta, se estende de uma parede a outra e serve de mesa aos bebedores de cachaça, que ficam sempre em pé. As **vendas** em que pernoitei em Cabeçú, na fazenda do padre Manoel e na Mata e quase tôdas que vi em grande número entre êste último lugar e Praia Grande teem um telheiro que se projeta além das paredes da casa, para formar uma espécie de galeria (varanda). Do lado, na largura da galeria, achase um pequeno cômodo sem janelas, abrindo para a varanda, muito estreito e sem nenhuma comunicação com o interior da casa; é nesse lugar obscuro que se aloja o viajante.

Na província de Minas, que é pouco cultivada, e que quase por tôda parte oferece imensas pastagens, deixam-se os cavalos e burros errar pelos campos em tôda liberdade. Aquí, ao contrário, e em tôda a costa até ao rio Doce, onde as terras devem ter mais valor, onde as pastagens não são muito extensas e onde os roubos são, creio, muito mais frequentes que em Minas, há o cuidado de cercar as pastagens. De cada venda depende um pasto fechado, e o viajante pode aí deixar seus cavalos e bêtas de carga, mediante uma retribuição que não vai além de 20 réis (12 c.) por animal e por noite. Um aumento de despesa tão insignificante é amplamente compensado, pela vantagem de se poder partir à hora em que se entender, porquanto não se fica na dependência dos animais e de seus condutores.

CAPÍTULO XIV

CONTRARIEDADES CAUSADAS POR UM TROPEIRO. — O AUTOR VOLTA AO RIO DE JANEIRO. — DESCRIÇÃO DA REGIÃO SITUADA ENTRE CABEÇÚ E O LAGO DE SAQUAREMA

O Autor é abandonado por seu tropeiro; quais as causas. Reflexões sôbre os inconvenientes de ser servido por homens livres em país onde se admite a escravidão. — O Autor volta ao Rio de Janeiro. Ele é quase enganado por um ladrão; após muito procurar encontra um novo tropeiro e volta a Cabeçú. — Região situada entre êsse lugar e a fazenda do padre Manoel. Engenhos de açúcar. Venda da Mata. — Descrição dos campos vizinhos. Cêrcas de laranjeiras. O Autor chega às margens da lagoa de Saquarema. Retrato dos brancos residentes nesta zona. Influência do clima sôbre nossa raça.

Preparava-me para deixar Cabeçú, quando o tropeiro José veio anunciar-me que tinha algo a comunicar-me. Pretendia que, apesar de não saber o francês, havia percebido que eu falara mal dêle com o meu doméstico Prégent; queixou-se também de Zamore, e enfim anunciou-me que ia me deixar. Reprovei, com moderação, sua conduta para comigo. Procurou então conciliar a situação; não me pediu dinheiro, mas disse-me que, se eu lhe permitisse bater em Zamore, à vontade, êle permaneceria a meu serviço. O hom Zamore, naturalmente muito preguiçoso, havia ainda sido prejudicado por seu dono e era, confesso, menos capaz de ajudar a um tropeiro que

êsses meninos de 10 a 12 anos que, em Minas, acompanham as caravanas. Isso não era, todavia, uma razão para entregá-lo à brutalidade de um homem rude, e por consequência era preciso decidir pela recusa a uma tal proposta. Aliás sómente a dificuldade em arranjar-se um tropeiro fizera com que eu admitisse êsse homem; porquanto êle era portador de moléstia de pele, que um médico me dissera ser contagiosa e difficil de curar. José não partiu sem me explicar qual fôra o mal que eu dissera dêle. Eu o havia visto beber, sem cerimônia, em uma cafeteira de que me servia constantemente; não lhe fiz nenhuma censura, mas, é verdade que havia comunicado a Prégent o receio que eu tinha de contrair a moléstia a que me referi há pouco, e logo depois mandei lavar a cafeteira. José tinha ainda contra mim uma queixa não menos grave; eu lhe dirigia a palavra sem chamá-lo **senhor!** A admissão da escravatura torna o trabalho deshonroso, e quando um homem livre que, por sua côr, pertence à casta dos escravos se decide a descer a um serviço doméstico, êle crê amenizar essa humilhação por meio de bizarra suscetibilidade. Em um país onde a escravidão é permitida, o homem livre tem frequentemente uma falsa idéia da liberdade, e aquêle que tem a delicadeza de nunca se servir de escravos, é cotidianamente obrigado a tornar-se escravo dos homens livres que emprega e paga.

De qualquer modo a saída de José pôs-me em grande embaraço. Achava-me a dois dias do Rio de Janeiro, com uma tropa de bêstas, sem quem pudesse delas cuidar e conduzí-las. Tomei então a resolução de perguntar pelas vizinhanças se não conheciam algum tropeiro que me quizesse acompanhar em minha

viagem, e fui ter a um engenho de açúcar pouco distante de Cabeçú.

O dono da casa tendo tomado conhecimento de minha **portaria**, recebeu-me com extrema polidez e disse-me que a duas léguas de sua casa havia numa habitação um tropeiro de S. Paulo, que provavelmente me seria útil. Todavia não tardei em ser informado que o pretendido tropeiro era dêsses que não sabem carregar e ferrar os animais, não passando de um dêsses homens chamados **peão**, cuja habilidade consiste em lançar o laço e domesticar cavalos e bêstas de carga (1). Disseram-me também que êsse paulista viera de entrar a serviço de um negociante de cavalos e que eu não poderia tê-lo a meu serviço sem prejudicar a seu patrão, gênero de ação na verdade muito comum neste país, mas que um homem educado não praticará em parte nenhuma.

Todo mundo era acorde em assegurar-me que não conseguiria nenhum tropeiro nos arredores de Cabeçú, porquanto não se faz na região viagem mais longa que a da Capital, não havendo, para a remessa de mercadorias outros condutores além de negros sem nenhuma experiência do trabalho com animais de carga. Tomei então a resolução de não continuar a procurar um tropeiro no distrito em que me achava, e resolvi partir no no dia seguinte para o Rio de Janeiro deixando em Cabeçú meus empregados e minha bagagem.

Quando ia montar a cavalo apareceu-me o bom Zamore, dizendo-me que eu podia bater-lhe quanto quizesse, mas que êle estava resolvido a voltar à ci-

(1) Encontrar-se-ão em minha 3.^a Rel., ainda inédita, explicações detalhadas sôbre os **peões**, a criação e comércio de animais de sela e de carga.

dade porque eu devia ir muito longe e os caminhos estavam cheios de espinhos. Minha paciência esgotou-se; dei, confesso, algumas bofetadas no Zamore, e, temendo que êle fugisse, fí-lo caminhar à minha frente até Praia Grande. Lá deixei meu cavalo em casa do francês de que já falei, e embarquei para o Rio de Janeiro.

A cidade de Praia Grande situa-se, como já disse, ao fundo de pequena enseada. Contornei a margem desta última, sôbre a qual se vê a bela aldeia de S. Domingos; passei diante do forte de Gravatá ou Caruatá (2), construído à entrada da enseada sôbre a ponta que se estende para além da Praia de S. Do-

(2) Assim são chamadas as Bromeliáceas de longas folhas lineares e espinhosas nas margens. Gravatá é, creio, a palavra mais geralmente adotada pelos descendentes de portugueses, nas partes do Brasil que percorri; mas essa palavra vem evidentemente do guaraní *caraguatá* que se aplica ao mesmo tempo ao fruto do ananás e às folhas dessa planta próprias para a indústria têxtil (A. RUIZ DE MONTOYA *Tes. guar.*). As obras do PISON e MARCGRAFF provam que, ao seu tempo, a palavra *caraguatá* era usada em Pernambuco; mas segundo o que diz MANOEL DE ARRUDA CÂMARA, nessa província foi substituída a palavra *caraguatá* pelo vocábulo *caroá*, que não é uma corrupção devida aos portugueses, mas que pertence ao dialeto conhecido pelo nome de tupi ou língua geral. Parece também que se serve atualmente em Pernambuco das palavras *erauatá* e *erautá*, que são evidentemente alterações portuguesas de *caroá*. ARRUDA, que merece os maiores elogios por se ter ocupado da utilidade das plantas brasileiras, e ao qual se deve um tratado sôbre as que produzem fibra (*Dissertação sôbre as plantas do Brasil que podem dar linhos*, etc., Rio de Janeiro, 1810), ARRUDA, digo eu, descreve o *caroá* ou *erautá* de Pernambuco, que acredita ser raridade, sob o nome de *Bromelia variegata* e o *erauatá* de *redo* sob o nome de *Bromelia sengeriana*. O *caraguatá* guaçú de MARCGRAFF (*carontá açú* de ARRUDA, pita de todo o Brasil meridional) parece-me ser a *Agave vivipara* de LINNEU. O que é muito interessante é que o termo *karatas* que tem evidentemente a mesma origem que *caraguatá* é observado nas Antilhas para plantas análogas, como se pode ver nos escritos do P. LABAT e do P. DUTERTRE (*Hist. Ant.*, II, 130. — *Nouveau Voyage* etc., VII, 385). Isso prova como era disseminada a língua guaraní.

mingos; enfim achei-me na parte central da baía que separa o Rio de Janeiro da costa oposta. O vento estava extremamente forte e o mar agitado; as ondas levantavam nossa frágil embarcação que caía depois violentamente e eu não pude, confesso, deixar de me afligir.

Chegámos, felizmente, e o meu primeiro cuidado foi entregar Zamore ao seu dono. Dirigi-me em seguida à casa de uma senhora, minha conhecida, que ficou surpresa ao me ver e mandou imediatamente seu doméstico ao albergue vizinho para saber se aí não se encontraria algum tropeiro desempregado. O doméstico regressou logo, trazendo um paulista cujo semblante e modos agradaram-me extremamente. Esse homem pediu-me um ordenado muito modesto; indicou-me uma pessoa distinta em casa da qual eu poderia obter informações a seu respeito, e, no dia seguinte, pela manhã, veio procurar-me para conduzir-me à casa dessa pessoa. Ele quis entrar comigo, esperando sem dúvida que em sua presença não ousariam falar mal a seu respeito; mas, pedi-lhe que me esperasse na porta, desarmando assim sua manobra. Disseram-me que o paulista era um mau indivíduo; induziram-me a não tomá-lo a meu serviço e indicaram-me para informações mais detalhadas, o bispo de Goiaz. O homem de confiança dêsse último assegurou-me que o paulista havia roubado uma tropa de bêstas e uma soma em dinheiro, e acrescentou que êsse cidadão estava sendo procurado pelas autoridades de sua terra. É preciso haver muito pouca polícia em um país onde um homem acusado e conhecido como ladrão, possa mostrar-se impunemente, sem mesmo ter o cuidado de trocar de nome e de roupas.

Livre dêsse homem, continuei minhas pesquisas. Como não se encontram bons tropeiros senão entre o povo de Minas, dirigi-me aos mineiros de meu conhecimento que se achavam no Rio de Janeiro; mas êles não puderam descobrir nenhum; percorri tôdas as hospedarias, inutilmente. Parecerá extraordinário que em uma região onde sómente se viaja a cavallo, seja tão difícil encontrar um tropeiro. Mas, o habitante do Rio de Janeiro só viaja embarcado; êle espera em sua casa os mineiros e os paulistas que vem comprar suas mercadorias, e êstes regressam com os empregados que haviam trazido.

Um dia depois, entretanto, bondosos mineiros anunciaram-me que haviam encontrado um homem que me podia servir. Após algumas hesitações êsse homem decidiu-se a entrar a meu serviço; apressci-me a partir e logo cheguei a Cabeçú.

Entre êsse lugar e o sítio chamado "fazenda padre Manoel (3), o aspecto do campo continúa a ser extremamente agradável. Êle apresenta uma alternativa de colinas e vales, de matas, pastagens e vastas plantações de cana; enfim alguns tufos de mata virgem, que se percebem de longe em longe, permitem comparar as belezas da vegetação primitiva com as oriundas do cultivo e da presença do homem. Como já se vai distanciando do Rio de Janeiro, já se não vêem mais tantas laranjeiras nem plantas hortícolas e as pequenas casas de campo tão comuns nas proximidades de Praia Grande, são substituídas pelos en-

(3) O título de **padre** se dá em português aos seculares e o de **frei** aos religiosos. Por conseguinte não se deve, como tem sido feito, traduzir **padre** em francês pela palavra **père** e nem em alemão por **pater**.

genhos de cana. Estes não podem ser tão frequentes quanto às pequenas fazendas onde se dedicam às pequenas lavouras; contudo elles são numerosos, e, de longe os distinguimos sem difficuldade devido ao grande número de construções de que se compõem. Ao redor da casa do dono, geralmente caiada e construída com algum cuidado, são dispostas, quase sempre sem ordem, as usinas e as casas dos negros, construídas em terra batida e cobertas de capim. Diante da casa estendem-se imensos relvados uniformes, que indicam que a região é de há muito habitada, pois que os relvados nascem sómente nos lugares em que os homens pisam sem cessar e onde pascentam o gado.

Neste distrito a cana de açúcar dura dois ou três anos, segundo a natureza do terreno. Além das plantações de cana, vi ainda outras de mandioca e de milho, porém em menor número. Entre as canas plantam frequentemente feijão e milho, de que fazem successivas colheitas. Da fazenda do padre Manoel e de tôdas as dos arredores, os productos das lavouras são remetidos ao pequeno porto chamado **Das Caixas**, situado na baía do Rio de Janeiro (4), de onde os productos são embarcados para o Rio de Janeiro. A maioria dos cultivadores fazem suas remessas por conta própria; outros vendem suas mercadorias a negociantes que as veem procurar no local, e acontece que às vezes falsas especulações dos compradores fazem com que os productos tenham aí preços mais elevados que no Rio de Janeiro.

(4) E' esse porto que o falecido Sr. MAWE chama **Porto do Caxhe**. O livro dêsse escritor (*Travels in the Interior of Brazil*) é de tal modo cheio de cousas erradas, que os geógrafos devem, creio, abster de tirar daf alguma informação. CAZAL e ESCHWEGE já fizeram a respeito uma crítica justa!

A **venda** onde pernoitei no dia em que deixei Cabeçú fica situada sôbre uma elevação, em um imenso cercado pertencente à fazenda do padre Manoel. O espaço de terreno cercado é desigual, e apresenta uma alternativa de derrubadas, bosques e pastagens. Uma colina muito elevada, coroadada por um tufo de mata virgem, fica em frente à **venda**. Ao pé desta estão os edifícios do engenho de açúcar, e ao lado, sôbre uma eminência, há uma capela junto a uma árvore copada. A mais profunda calma reinava nesta bela paisagem, quebrada apenas pelo chilrear de alguns passarinhos e pelo canto cadenciado dos negros que trabalhavam no engenho.

Além da fazenda do padre Manoel não encontrei mais tanta gente e as habitações pareceram-me menos numerosas. Pouco a pouco o campo tornou-se menos alegre, a região mais cheia de matas, as colinas menos baixas e mais aproximadas; entrei em uma mata virgem. O caminho era aí plano como o que eu havia seguido desde Praia Grande; protegido dos raios solares, por árvores copadas, êle ainda apresentava sinais das chuvas abundantes que haviam caído há algum tempo, e as bêstas de carga aí enterrayam as pernas até ao meio em uma lama negra e pegajosa.

Ao sair dessa mata entrei em uma região descoberta e cheguei ao lugar chamado Rio Sêco, que, como seus arredores, depende da justiça de Macacú (5). Há aí uma vasta área cercada onde se encontram vá-

(5) A pequena vila de S. Antônio de Sá, mais conhecida sob o nome de Macacú (e não **Maccacú** como escreveu MAWE), fica situada a sete léguas e meia ao nordeste da Capital do Brasil, à margem esquerda do rio Macacú, o mais considerável de quantos se lançam na bafá do Rio de Janeiro (CAZ. *Corog. Braz.* I, 14, 32. — PIZ. *Mem. hist.* II, 196).

rias casas esparsas aquí e acolá e um engenho de cana, defronte do qual se estende imenso relvado. Pedi permissão para pousar em uma dessas casas; ela não me foi inteiramente recusada, mas percebi que não havia grande interêsse em receber-me e continuei minha caminhada, desejando à dona da casa que achasse uma hospitalidade mais amável se algum dia tivesse de empreender um viagem.

Para ir de Rio Sêco à Venda da Mata, aonde parei, e que fica a uma meia légua, atravessei espessa floresta. Um regato, chamado rio da Mata, corre no meio das árvores, paralelamente ao caminho e forma uma pequena cascata cujo ruído se ouve de muito longe (6).

Alojei-me em Mata em um pequeno cubículo escuro, destinado aos viajantes. Enquanto trabalhava, uma meia dúzia de negros rodeavam-me e interrompiam-me continuamente. As **vendas** são, para êsses infelizes, lugares de gozo. Eles para aí levam como já disse, o produto dos roubos que fazem aos seus donos; bebendo esquecem sua triste condição; falam todos ao mesmo tempo, como crianças, sem pausa; e, sempre em pé, sempre em movimento, prolongam suas estranhas palestras noite a dentro.

Aquí é ainda a cana o objeto de principal cultivo, e, à época de minha viagem o açúcar branco era vendido a 8 patacas (16 fr.) a arroba. Os colonos que não teem escravos suficientes para manter plantações de cana, limitam-se a cultivar o milho, o feijão

(6) Foi nas florestas virgens vizinhas de Mata que encontrei a Mimosácea de 5 pistilos de que o Sr. DE CANDOLE fala em seus escritos e que tão bem confirma suas belas teorias sobre a organização da flor.

e a mandioca. Neste lugar o milho não é transformado em farinha; o cereal é dado aos animais domésticos ou vendido no Rio de Janeiro. Desta aldeia até Rio Doce, e, creio, em todo o litoral do Brasil, somente é usada a farinha de mandioca. De Cabeçú a Mata não vi nenhuma plantação de cafeeiros, mas garantiram-me a existência de cafezais em lugares um pouco afastados do caminho e mais sombrios; é ordinariamente nas faldas das montanhas que se fazem as plantações de cafeeiros; à época de minha viagem o café era vendido na zona por 8 a 9 patacas a arroba.

Nos campos que percorri durante muitos dias, e mais longe ainda, encontram-se rebanhos de bovinos, consideráveis, e creio que as pastagens tem capacidade para muito mais. Sem ser de boa raça, as vacas produzem até 4 garrafas de leite por dia. Vi igualmente nesta região um grande número de carneiros. Não se lhes dedica nenhum cuidado; não há mesmo o de cortar-lhe a lã, que se perde. Esse fato demonstra a apatia reinante entre os habitantes desta região.

De todo o distrito de Mata, como dos arredores da fazenda do padre Manoel, as mercadorias destinadas ao Rio de Janeiro são embarcadas no Porto das Caixas. O transporte para aí se faz em lombo de burro em sacos de couro, ou em carros puxados por bois. De Mata ao Porto das Caixas, situado, como disse, na baía, há cêrca de 7 léguas e é de 40 francos o frete de um carro que carrega vinte sacos de açúcar de quatro alqueires cada (7). Exige-se em seguida 160 réis (1 fr.) pelo transporte de cada saco pelas pe-

(3) Segundo o Sr. FREYCINET o alqueire do Rio de Janeiro equivale a 40 litros.

quenas embarcações que vão do Porto das Caixas ao Rio de Janeiro.

Para além de Mata a região continúa a ser coberta de matas, tornando-se mais montanhosa. O caminho sobe durante algum tempo acima de um vale estreito e profundo, onde foram derrubadas as matas. Entra-se em seguida em uma floresta virgem e sobe-se a uma montanha chamada serra de Tinguí (8), que provavelmente se liga à grande cadeia marítima. Aí é o leito de um regato pouco profundo que serve de caminho. Árvores copadas e de um verde sombrio formam uma abobada magnífica acima da cabeça do viajante, que sómente vê o azul do céu em pequenas clareiras aí existentes. Numerosos fetos, Gramíneas, musgos, Comelináceas e Acantáceas formam dos dois lados do regato uma cobertura desigual, e, enquanto noutros lugares o calor é excessivo, respira-se aqui a mais agradável frescura.

Ao começar a descida da montanha sai-se da floresta, e depara-se magnífica vista. Ao pé mesmo da serra, existe uma floresta considerável; para além dessa estende-se imensa planície, guarneçada à direita e à esquerda por montanhas e colinas, e, ao longe, o olhar perde-se sôbre o vasto lago de Saquarema, que determina o horízonte.

Após haver passado diante de uma soberba plantação de cafeeiros que se desenvolve na falda da montanha, entrei na planície de que venho de falar, onde se vêem ao mesmo tempo terrenos cultivados, derrubadas e belos gramados. Nessa planície o caminho é largo e uniforme; mas, em trechos consideráveis apre-

(8) Devo confessar que tenho algumas dúvidas sôbre a exatidão desse vocábulo.

senta uma lama pegajosa, quase negra, semelhante, na côr, à das ruas de Paris. Meus animais caminhavam com dificuldade nesses imensos lamaçais, devido unicamente à estagnação das águas pluviais, completamente sem escoamento.

Nesta região serve-se da laranjeira espinhosa para fazer cêrcas; mas êsse gênero de sebe não é tão agradável como se possa imaginar na Europa. O verde escuro e brilhante das folhas da laranjeira tem qualquer cousa de triste e elas formam uma massa muito compacta.

Após haver atravessado a planície de que venho de falar, subi ainda uma montanha, e, do outro lado encontrei areias, indicativo da vizinhança do mar. Passei em seguida por outras elevações, no declive das quais vi plantações de café muito regulares e vigorosas, e cheguei enfim às margens da lagoa de Saquarema, que se estende ao longe, para além da igreja do mesmo nome.

Apresentando-me em uma **venda**, pedi permissão para aí pousar. O dono da casa, com êsse ar de indolência e frieza que tem quase tôda a gente dessa região, mostrou-me um pequeno gabinete escuro onde já se achava alojado um viajante doente. Pedi inutilmente outro quarto, roguei, zanguei-me, e, apenas pareceu que o homem me entendia. Não sabendo o que fazer tive a idéa de me dirigir a um cidadão que passava no momento, perguntando-lhe se era possível arranjar-me um alojamento. Êsse homem respondeu-me com muita delicadeza que ia levar-me à casa de um de seus parentes, e logo chegámos a uma pequena casa, nova, onde me foi dada permissão para pernoitar.

À exceção de dois ou três engenhos de açúcar, essa casa era a mais agradável de quantas eu vira no decorrer do dia. As outras, já bem diferentes das casas de campo existentes nas proximidades do Rio de Janeiro, não passavam de míseras choupanas meio arruinadas, construídas de pau a pique, como as de Minas. Entretanto um grande número dos que habitam essas tristes palhoças são homens brancos.

Depois de deixar o Rio de Janeiro quase nunca estive em presença de proprietários ricos; havia visto mesmo somente indivíduos de uma classe inferior ou, se tanto, de classe média; mas, se entre eles eu vira muitos mulatos, talvez tivesse visto um número de brancos ainda mais considerável. Estes últimos têm todos uma côr morena ou amarelo pálida, olhos e cabelos negros. Não encontrei, em suas fisionomias, nada que lembrasse a raça americana; também não vislumbrei nenhum sinal que carateizasse a raça negra; entretanto não posso deixar de crer que alguns dos ancestrais de vários desses homens se haviam ligado a mulheres africanas. Os brancos de que falo aqui têm o cuidado de saudar a todos que encontram; mas é talvez apenas a isso que se limita sua polidez; eles parecem tristes, frios, indiferentes a tudo, indolentes e estúpidos. A região é cortada por grande número de caminhos; peça a um negro indicações sobre o que deveis seguir, e êle nada responderá; peça a a um branco e êle responderá confusamente. Ninguém saberá informar quantas léguas há de tal sítio a tal outro; sabe-se somente que se poderá percorrer o caminho em tantas horas, e cada um toma por medida a velocidade de seu cavalo. A vizinhança de uma capital onde as classes inferiores apenas adquiriram

um fraquíssimo grau de civilização, explica bem a grosseria de costumes reinante nos habitantes dos campos dos arredores; e sua apatia e estupidez tem por causa o clima excessivamente quente e úmido. Na Europa, onde as comunicações se renovam sem cessar, essas últimas influências são continuamente modificadas; mas, nas regiões que percorri durante minhas viagens, onde essas mesmas influências podem ainda exercer sua fôrça quase inteira, acredito ter notado que em geral a inteligência dos habitantes estava em correlação com a elevação do solo, c. o Sr. HUMBOLDT fez uma observação semelhante para as partes da América que êle visitou.

CAPÍTULO XV

OS LAGOS DE SAQUAREMA E ARARUAMA. — COMPARAÇÃO DOS INDÍGENAS DO BRASIL COM OS CHINESES.

Descrição do lago de Saquarema e da faixa de terra que o separa do mar. — Vegetação dessa faixa. As choupanas aí construídas; retrato das mulheres que as habitam. Modo de fazer esteiras. — Arraial de Saquarema. Sua igreja. — Comunicação do lago de Saquarema com o mar. — Ocupações dos habitantes de Saquarema e a que raça pertencem esses habitantes. — Agricultura. — O Autor deixa as margens do lago de Saquarema. — Fazenda do capitão-mor. Recepção feita ao Autor. — Descrição do lago de Araruama. — Paróquia do mesmo nome. — Arraial de Mataruna. Cultura; anil. Vegetação natural. — Venda de Iguaba Grande. Salinas. — O Autor chega à aldeia de S. Pedro. — Comparação dos mongóis e em particular dos chineses com os indígenas do Brasil.

Forçado pela moléstia de um dos meus animais, a passar o dia em casa do homem que me alojara próximo do lago de Saquarema, aproveitei essa estada para ir visitar a aldeia do mesmo nome, e para herborizar na faixa de terra que separa o lago do oceano. Saindo de casa de meu hospedeiro, segui entre duas cêrcas um caminho estreito e sombrio. Nessas cêrcas cresce abundantemente uma bela Composta que se prende aos objetos próximos por meio de suas gavinhas e se assemelha, pelo porte, à nossa **Vicia sepium** (Mu-

tisia speciosa Hook). Passei diante de montes de cascas de ostras e caramujos, arrecadadas da praia para o fabrico de cal, e logo cheguei junto do lago.

Nas vésperas, quando ao fim do dia cheguei à margem do lago, pensei que tôda a sua extensão se limitava ao espaço compreendido entre o lugar em que me achava e a paróquia de Saquarema, do lado de lêste; mas isso não é exato. O lago de Saquarema (1), muito irregular, tem 3 ou 4 ls. de comprimento, por $3/4$ l. de largura; êle começa do lado oeste, nas proximidades das montanhas altas e pitorescas na espécie de cabo ou ponta chamada Ponta Negra, e se compõe de duas partes principais, ou se se quizer, de dois verdadeiros lagos que se comunicam entre si por meio de um canal natural muito estreito que se chama Boqueirão do Engenho. A parte mais ocidental, a que começa na Ponta Negra, tem o nome de Lagoa da Barra, e a outra que se estende até à igreja parochial de Saquarema, recebeu o nome de Cacimba. Segundo o que me disseram no local, o lago de Saquarema não é formado sómente dos dois lagos de que venho de falar, mas comprehende ainda outros. Um que se chama Lagoa da Barra, sem dúvida porque é vizinho da barra de Saquarema, comunica-se com o Cacimba por um canal chamado Boqueirão do Girau:

(1) Não é nem **Sagoarema**, nem **Saquémara**, nem **Sequarema**, como escreveram alguns autores; **Saquarema** vem talvez das palavras guaranis *caquaná* e *rama*. A última dessas palavras é designação do futuro e ao mesmo tempo do passado. Quanto a *caquaná*, o P. A. LUIZ DE MONTOYA indica essa palavra como aumentativo; mas os exemplos que o Autor cita parecem dar ao termo a significação do verbo **augmentar**. Assim **caquaná rama**, donde originou-se, com o tempo, **Saquarema**, quer dizer — que **augmentará**, ou que **augmentou**, nome que se adapta muito bem ao lago de Saquarema, sujeito, segundo PIZARRO, a enchentes consideráveis.

o outro que se comunica com a Lagoa da Barra pelo Boqueirão de S. José, tem o nome de Russanga (2).

Achando-me à margem setentrional do lago foi preciso, para chegar à faixa de terra que se prolonga entre Cacimba e o Oceano, atravessar o Boqueirão do Engenho. Um negro que morava do outro lado veio buscar-me em uma canoa. Paga-se pela passagem um vintém por pessoa. Os cavalos e burros atravessam o canal a nado; mas se da canoa a gente os segura pelas redeas, é preciso pagar também à razão de vintém cada.

A faixa de terra (restinga) que separa a Cacimba do Oceano pode ter o comprimento de uma meia légua; é estreita e assemelha-se a uma calçada. O caminho que se segue nessa faixa de terra, para chegar à igreja paroquial de Saquarema, ora margeia o lago, ora dêle se afasta. Em parte nenhuma se avista o mar, que fica escondido por arbustos e brenhas; mas em tôda parte se ouve o rugir das vagas que veem quebrar sôbre as praias.

Entre Praia Grande e Saquarema sómente encontrei plantas das existentes nos arredores do Rio de Janeiro, e, chegando às margens do lago não vi outras espécies que as que vegetam nos arredores do lago de Freitas (3), vizinho da Capital. Na faixa de terra ou **restinga**, uma vegetação inteiramente nova ofereceu-se aos meus olhos.

Em tôda extensão dessa espécie de calçada natural, o solo não apresenta senão um areial quase puro

(2) **Russanga** provavelmente substituiu, com o tempo, a palavra guarani **Urussangay**, "rio da galinha choca", ou alguma outra palavra análoga do dialeto tupi.

(3) N. T. — Deve tratar-se da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Entretanto, a muito pequenas distâncias uns dos outros crescem, no meio dêsse areial, arbustos de 4 a 5 pés de altura, quase todos ramificados desde a base, apresentando-se sob a forma de tufos isolados. Algumas vezes êsses arbustos se elevam um pouco mais, e, então, entrelaçando seus galhos, formam acima do caminho belas latadas que fazem lembrar as aléias de um jardim inglês, artisticamente desenhado. Citarei principalmente a Terebentácea (4) conhecida sob o nome de **aroeira** (**Schinus therebintifolius** Rad.); uma **Cassia** de folhas muito grandes e rijas; alguns **Cestrum** e várias Mirtáceas, tais como a pitangueira (**Eugenia Michelli**), uma espécie cuja folhagem imita perfeitamente a da murta comum, enfim uma outra espécie conhecida sob o nome de **fruta de cachorro**, cujas bagas sésseis e com uma semente, são globosas, negras, do tamanho de uma cereja, mas de sabor pouco agradável. Bem junto dos pés dêsses arbustos crescem em abundância uma Rubiácea de flores azues (**Coccocypselum nummularifolium**), que já havia encontrado nos arredores do Rio de Janeiro, próximo da enseada de Botafogo e que produz o mesmo efeito da hera terrestre nas matas da Europa. Quando o terreno é sêco não se vê nenhuma planta nos espaços existentes entre os arbustos; quando é úmido encontram-se pequenos **Eriocaulon**, Ciperáceas em relvado, e algumas outras plantas muito baixas que gostam dos lugares frescos; enfim, se a umidade aumenta caminha-se sobre encantadores tapetes verdes pintalgados de uma

(4) N. T. — Pelo sistema taxonômico hoje universalmente adotado, que é o de ENGLER, não mais existe a família das Terebentáceas, tendo os gêneros que a constituíam passado para a família das Anacardiáceas.

quantidade inumerável de pequenas flores côr de carne, pertencentes a uma planta do gênero **Hedyotis** (5).

Em tôda a extensão da restinga vêem-se, a pequenas distâncias umas das outras, palhoças que, sem exceção, apresentam aspecto de indigência. São construídas de barro, cobertas de colmo, baixas e frequentemente quase em ruínas. É ordinariamente o oitão que faz frente para o caminho e frequentemente a cobertura se prolonga para além das paredes laterais para formar um alpendre, onde são abrigadas uma canoa e uma rede, índices seguros da profissão do proprietário. Como a natureza do solo não admite nenhuma espécie de cultura, não existem nem jardins nem plantações ao redor dessas míseras moradas. Nelas não se nota nenhuma imundície, mas não se vêem outros móveis além de redes, um ou dois bancos e algum vasilhame.

As mulheres ficam sentadas no chão no interior das palhoças ou nas soleiras das portas. Não teem por vestimenta senão uma camisa de algodão e uma saía dêsse mesmo tecido. Andam descalças, cabeça descoberta com os cabelos presos por uma travessa. Teem a pele de côr amorenada; algumas teem olhos bonitos; aliás não vi nenhuma que fôsse realmente bonita. Seus filhos, quase todos nus, se trazem alguma camisa e ela está quase sempre em trapos. A pobreza dessas mulheres, suas miseráveis moradias, seus hábitos, suas atitudes destituídas de graça, a nudez de seus filhos, fizeram-me lembrar as aldeias indígenas, e, entretanto são geralmente brancos os habitantes

(5) Vide "Introduction a l'histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et Paraguay".

desta zona, ou, pelo menos, os que aí vivem parecem, ao primeiro golpe de vista, pertencer na maioria à nossa raça (6).

Indo à igreja de Saquarema, vi de que modo são feitas as esteiras, utensílio de tão grande uso nesta região. Uma longa vara, colocada horizontalmente é dotada de entalhes distanciados cêrca de 5 polegadas; em cada entalhe existe um fio enrolado em dois novelos, de modo que fiquem com o centro livre. Coloca-se um pequeno molho de junco ou de colmos no sentido do comprimento da vara e amarra-se com cada um dos fios, levando um novelo para cima e outro para baixo. Ao lado do primeiro feixe de junco amarra-se um segundo, assim por diante até que se tenha terminado a esteira (7).

À medida que se aproxima da igreja de Saquarema, e por consequência da extremidade da restinga, as choupanas tornam-se mais numerosas e são menos separadas umas das outras. Por fim elas se apresentam dispostas em duas linhas, mas, como há entre as duas fileiras de casas um espaço considerável ocupado por arbustos, pode-se dizer que o arraial de Saquarema é formado por duas ruas em vez de uma. É ao grupo de casas mais próximas da igreja, e mais reunidas umas às outras, que dão na zona o nome particular de arraial ou freguesia, chamando-se Saquarema a todo o território paroquial vizinho ao lago.

A igreja de Saquarema, dedicada a N. S. de Nazaré, é construída quase à extremidade da restinga, sôbre uma colina isolada e arredondada que forma

(6) Vide adiante, pág. 294.

(7) Não tenho certeza sôbre a espécie que se emprega em Saquarema para fazer as esteiras; entretanto suponho que é a *Typha* de que falei depois, e que chamam *tabúa*.

um pequeno avanço sôbre o mar, coberta de um relevado curto e pardacento. Do alto dessa colina, que se chama morro de Nazaré, linda vista se ofereceu aos meus olhos. De um lado êles abrangiam uma imensa extensão d'água, confundindo com o céu no horizonte; lançando a vista para as praias descobri ao longe Cabo Frio, que avançando sôbre o mar parece querer disputar-lhe o domínio. Do lado oposto eu tinha, quase abaixo de mim, o arraial de Saquarema, separado da colina por um pequeno vale constituído de areia pura; avistava todo o trecho do lago chamado **Cacimba**; via a restinga; via as vagas dirigindo-se majestosamente em direção dessa espécie de calçada e quebrar-se contra uma tão frágil barreira; enfim, para além do lago, cujas margens são quase planas. meu olhar perdeu-se sôbre vastos campos dispostos como um anfiteatro. Mas, se após haver contemplado êsse grandioso quadro, minha vista se detivesse sôbre as cousas reunidas junto de mim no alto da colina, então o mais estranho contraste feriria minha imaginação. A pobre igreja de N. S. de Nazaré parecia prestes a ruir; alguns escombros indicavam a existência de um velho telégrafo; um canhão enferrujado jazia por terra, e, ao redor dessas tristes ruínas estavam esparsas, cá e lá, ossos quebrados e crânios esbranquiçados, restolhos do cemiterio da igreja. No trabalho do homem, e no próprio homem, a imagem da insignificância, da miséria e da destruição; nas obras da natureza a imagem da grandiosidade.

A colina onde fica a pequena igreja de Saquarema não limita a restinga. Esta se prolonga ainda um pouco mais, não tendo, entretanto, mais de duzentos ou trezentos passos de largura, sendo muito baixa e

apresentando apenas um areial sem nenhuma espécie de vegetação. Nesse lugar os habitantes de Saquarema rasgam de tempos em tempos um canal que estabelece comunicação entre o lago e o mar, trabalho que exige poucas forças, pois que o solo é constituído sómente de areia. Os peixes entram no lago com as águas do mar, e estas, transportando mais areia, logo fecham o canal. Quando se tem pescado todo o peixe que havia entrado no lago, rasga-se novo canal e o lago de novo se enche. A parte da restinga onde se rasga o canal, ou melhor, se se quizer, a extremidade da restinga, tem o nome de Barra, porque é nesse lugar que se faz a comunicação do lago com o mar. Dizem que outrora se podia entrar com embarcações do oceano no lago, mas que trabalhos mal orientados entupiram a entrada. Restabelecer essa comunicação, se não é impossível, seria dar vida a esta zona e enriquecê-la.

Os habitantes das margens do lago de Saquarema e em particular os da restinga, são todos pescadores. Pescam no lago e no mar, sãlgam os peixes, deixam-nos secar e vendem-nos no Rio de Janeiro. Como sua extrema pobreza apenas permite que disponham de canoas, e sendo a costa muito difícil mesmo às embarcações maiores, os transportes são sempre feitos por terra. Vai-se de Saquarema a Maricá e daí a S. Domingos, de onde se embarca para atravessar a baía. O aluguel de um burro destinado a transportar o peixe sêco de Saquarema a S. Domingos, varia de um cruzado a três patacas (2,50 fr. a 6 fr.).

As rêdes de que se servem os pescadores de Saquarema são feitas com um fio muito fino mas ao mesmo tempo muito resistente, tirado das folhas de

uma palmeira chamada **ticum** (8). Estas não são submetidas a nenhuma preparação; limita-se a batê-las para separar a casca, destacando-se as fibras lenhosas, facilmente. Essas fibras reunidas produzem uma estopa sedosa e de um belo verde-maçã, que se fia e se tece. Tingem-se as redes de negro por meio de casca da Terebentácea chamada **arocira** (**Schinus therebintifolius** Rad.) (9); e, à guisa de cortiça, servem-se das raízes mais leves e ainda mais esponjosas de um **areticum** (anona) que cresce à beira-mar (10).

(8) A verdadeira palavra indígena é **tucum**, que se aplica, assim como **ticum**, a várias espécies: **Astrocaryum vulgare**, **Braetris acanthocarpa**, **Braetris setosa**, **Braetris marala**, descritas pelo sábio MARTIUS, e talvez ainda a outras espécies. Essa identidade de nomes para plantas diferentes explica suficientemente o motivo pelo qual não há uma idéa concorde sobre a bondade do fio do **tucum**, e porque ele foi elogiado por MANOEL FERREIRA DA CÂMARA (Descrição física da comarca dos Ilhéus), enquanto que MANOEL DE ARRUDA CÂMARA (Diss. Plant. Braz., 32) cuidou de depreciá-lo. É incontestável que um ou diversos **tucums** dão bom fio; seria preciso fazer com todos eles experiências comparativas, adotar as melhores espécies e multiplicá-las. Como seria útil ao Brasil uma sociedade de agricultura que se quizesse ocupar de semelhantes trabalhos! Já se deve muito a ARRUDA por suas pesquisas sobre as plantas brasileiras que produzem fio; ele abriu o caminho; é preciso ir mais longe e aperfeiçoar teu trabalho.

(9) A **arocira**, comum nos arredores do Rio de Janeiro e no litoral, estende-se, parece, até ao sertão da Baía e talvez mais para o norte. O Sr. MARTIUS diz que a casca dessa árvore encerra muito tanino, que se emprega algumas vezes nas febres intermitentes e que o extrato dessa mesma casca substituirá sem inconveniente o catechú das Índias Orientais (Reis., 788). Nunca serão demasiados os louvores feitos a esse sábio por ter provado que a botânica não despreza as observações úteis e por ter também procurado justificar essa ciência em face das censuras feitas mais de uma vez a essas obras descritivas e áridas, onde transparece o desejo de afastar do assunto o que mais interessa à nossa espécie. A família é Anacardiáceas, atualmente, pelo sistema de ENGLER (N. do T.).

(10) A palavra indígena **areticum** ou **araticú**, designa todas as espécies de anonas indígenas. A de que se trata no momento não pode deixar de ser a **Anona palustris** Lm. (Aug. S. Hil. — Plantas usuelles, n.º XXX). É a que MARCGRAFF designa (Hist. nat. Bras., 93) sob o nome de **araticú paua** e da qual ele diz que a casca era empregada no fabrico de rólhas.

Admirar-se-á talvez que em um país onde vastos terrenos de excelente qualidade não esperam senão um pequeno trabalho para nutrir ao agricultor, tanta gente haja escolhido para residência uma zona tão pouco favorável como a que venho de descrever. Mas há uma multidão de homens a que falta a coragem necessária à penetração do **hinterland**. A região de Saquarema foi povoada por marinheiros desertores que aí podiam exercer um trabalho já deles conhecido, o de pescador; esta zona foi também povoada por criminosos fugitivos, mulheres de má vida, e enfim veem do Rio de Janeiro, frequentemente, moços que procuram fugir ao recrutamento militar a que estão expostos na Capital.

Como os primeiros habitantes dos areiais de Saquarema não possuíam fortuna, e seus sucessores são igualmente pobres, os escravos são muito raros nesse lugar; aí não encontrei, quase nunca, negros e deve haver também poucos mulatos. Mas, se os habitantes de Saquarema parecem, na maioria, inteiramente brancos, não é todavia difícil de notar na fisionomia de vários deles alguns traços da raça americana. O rosto desses mestiços é mais largo que o comum dos portugueses, cuja oval alongada forma o caráter distintivo; seus cabelos são lisos e muito pretos; enfim eles tem os ossos da face proeminentes e o nariz largo. Grande número de índios habitavam outrora a região; eles desapareceram, mas as crianças que surgiram das relações de suas mulheres com os portugueses, afeiçoando-se a estes últimos, não ficaram expostos às mesmas causas de destruição que os índios, causas que uma organização mista e menos imperfeita tendia já a isolar.

Aliás, é preciso acentuar que nem todos os habitantes da paróquia de Saquarema são pescadores. Aqueles que vivem a alguma distância da praia cultivam a terra e produzem principalmente açúcar, café, feijão e milho. À época de minha viagem o açúcar mascavo era vendido nos arredores de Saquarema ao preço de 4 1/2 a 5 patacas a arroba (9 a 10 frs.) e o café a 5 patacas (14 frs.) a arroba. Acredito não ser preciso esclarecer que o transporte dos produtos agrícolas é idêntico ao do peixe (11).

Apesar dos agricultores dos arredores de Saquarema saberem tirar partido de suas terras, pareceu-me entretanto que elas poderiam produzir muito mais. Vêem-se por ex. rebanhos de vacas pastando nos campos; mas ninguém fabrica manteiga, e os queijos que se comem na região veem de Minas, passando pelo Rio de Janeiro e são muito caros. Aquí, como no resto do Brasil os alimentos são preparados com a gordura de porco; entretanto a criação de suínos é reduzidíssima nesta região; é igualmente do Rio de Janeiro que vem todo o toucinho existente nas vendas, o qual é também oriundo de Minas Gerais (12).

Meu hospedeiro de Saquarema nunca me convidou para tomar parte em suas refeições, como teria feito um mineiro; êle cobrou-me mesmo o milho consumido pelos animais e o aluguel dos pastos; mas mostrou-se muito distinto e alegre. Havia-me conduzido ao Boqueirão do Engenho, e, no dia da minha partida serviu-me de guia em todo o trecho do caminho onde

(11) Vide o que disse páginas atrás.

(12) Disseram-me, no lugar, que Saquarema dependia militarmente do distrito de Cabo Frio e judicialmente do fôro de Maricá.

havia perigo de me perder. Esse homem pertencia à raça européia; entretanto êle e seus filhos traziam sempre as pernas nuas e os pés descalços. Como muita gente da região, não usavam outra roupa além de um camisão de algodão e uma calça muito limpa, e, seguindo o método dos tropeiros de Minas, deixavam as fraldas das camisas por fora da calça.

Após haver deixado a casa em que posei (13), contornei durante algum tempo o lago de Saquarema, atravessando depois terrenos planos cobertos de derubadas. Chegando a uma fazenda muito mal conservada, diante da qual existe um vasto relvado, entrei em uma grande mata virgem, onde fui atormentado por mosquitos, e onde quase não encontrei plantas em flor. Saí enfim dessa mata e logo um grande lago apareceu aos meus olhos: o de Araruama ou Iruama (14).

À direita, no começo do lago existe um engenho de açúcar pertencente ao Capitão-mór do distrito, ao qual se dá por isso o nome de Fazenda do Capitão-mór. Não sabia se devia ir mais adiante, porquanto desde dois dias antes eu perguntava inutilmente, a todos que encontrava, qual a distância que podia haver entre Saquarema e a paróquia de Araruama e

(13) Itinerário aproximado de Saquarema a Cabo Frio:

De Saquarema à Fazenda do Capitão-mor	3	léguas
" " " Guaba Grande	3 1/2	"
" " " Aldeia de S. Pedro	2	"
" " " Vila de Cabo Frio	2	"

10 1/2 | "

(14) LUCCOCK enganou-se escrevendo Iruama. Quanto a PIZARRO, êle admite ao mesmo tempo **Araruama** e **Iruama**; mas êle emprega sempre o último desses nomes que entretanto não é usado atualmente. **Viri** significa concha e **ara** dia; aliás não pude, mau grado minhas buscas, descobrir a etimologia das palavras **Araruama** e **Iruama**.

desta à aldeia de S. Pedro. Uma circunstância decidiu-me a parar na Fazenda do Capitão-mór; aí encontrei um ferreiro e, o que parecerá quase incrível, havia inutilmente procurado, depois do Rio de Janeiro, fôsse um ferreiro, fôsse um ferrador, para fazer-me uma peça que era necessária à albarda de meus burros.

O engenho do Capitão-mór fica em uma vasta planície margeante o lago; ao alto de uma colina foi construída a casa do proprietário, térrea, e enfim, junto dessa ficam as casas dos negros, pequenas, baixas, quase quadradas, sem janelas, construídas de barro e cobertas de colmos.

Querendo pedir ao Capitão-mór permissão para passar a noite em sua fazenda, subi à colina onde fica sua casa; de lá deparei uma vista muito agradável, a de uma parte do lago e da planície adjacente. Ao pé da colina se estende um belo relvado, pintalgado por algumas árvores. Para além do lago a região é desigual e florestal, e, no momento em que eu contemplava essa bonita paisagem era ela animada por pirugas de pescadores que navegavam ligeiramente no lago.

Entrando na casa do Capitão-mór, achei-me em uma comprida sala cujo mobiliário se compunha de um par de mesas velhas e algumas cadeiras pintadas de vermelho e preto, semelhantes na fôrma às de nossos jardins. Segundo a praxe bati palmas afim de me anunciar; uma negra veio perguntar o que eu desejava, retirando-se em seguida. Após haver esperado mais de um quarto de hora tornei a bater palmas; uma escrava reapareceu e disse-me que seu dono dormia a sesta. Durante o tempo em que esperava, ha-

via visto cabeças de mulheres aparecer docemente por uma porta meio aberta; devia naturalmente concluir que o Capitão-mór não residia sózinho e perguntei à escrava se não havia outra pessoa a que eu pudesse me dirigir na falta do dono. A negra abriu então uma porta e eu vi em uma grande peça suja, sem móveis e em grande desordem, algumas mulheres mal vestidas, sentadas no chão, com seus filhos. Uma delas adiantou-se; era a dona da casa. Após minha partida do Rio de Janeiro ainda não havia sido cumprimentado por uma mulher; nesse particular a mulher do Capitão-mór não foi mais delicada que as outras; mas deu-me permissão para me alojar no engenho e mandou dar aos meus animais uma gamela cheia de milho. A pergunta que me foi dirigida por todos os que eu encontrava não tardou a seguir êsse sinal de hospitalidade; era esta: “o senhor tem mercadorias para vender?” E em verdade essa pergunta era desculpável. Em uma região onde as idéas apenas se prendem às necessidades imediatas da vida, quem poderia supôr que, sem esperança de algum lucro, um homem se entreagisse a tantas privações e se expuzesse a tantos perigos para reunir plantas, passarinhos e insetos?

Após ter-se feito esperar por mais de uma hora, apareceu enfim o velho capitão-mór; mostrei-lhe meu passaporte real; leu-o sem convidar-me a sentar e deixou-me retirar sem me dirigir uma só palavra. Então pensei com saudades nos meus bondosos mineiros. Voltando para junto de meus empregados fiz descarregar minhas malas sob um telheiro anexo ao engenho, onde havia mais de meio pé de estêrco. Já tinha começado a trabalhar quando o Capitão-mór

passou por ali; aproximou-se de mim, condeou-se e, após haver dito que não queria que eu ficasse num local tão impróprio, fez transportar minha bagagem para uma pequena galeria junto ao moinho e deu-me um leito. Não tive entretanto muito que me rejubilar pela mudança de alojamento. O moinho era movido por animais; ao ruído feito pelo andar dos animais juntava-se o rincar das rodas da engenhoca, os gritos dos negros e os, mais fatigantes ainda, dos feitores que ameaçavam incessantemente os escravos. Mas não bastava isso; o pessoal do engenho veio conversar comigo, demonstrar-me sua estupidez e impedir-me de gozar do repouso de que muito necessitava. Era já muito tarde quando me deitei; estava mortificado de cansaço e sono, e, mau grado a algazarra que se fazia ao meu redor, dormi profundamente.

O caminho que segui num espaço de três léguas e meia, para ir da Fazenda do Capitão-mór à venda de Guaba Grande, contorna, mais ou menos perto a margem do lago de Araruama. Frequentemente é na própria praia que êle se desenvolve, depois se distancia para poupar ao viajante das longas sinuosidades do lago, e em seguida dêle torna a se aproximar.

Quase imediatamente após ter deixado o engenho do Capitão-mór, perdi de vista o lago e durante algum tempo sómente o percebi através de clareiras nos matos. Logo cheguei a um pequeno rio chamado rio de Francisco Leite. Uma ponte fôra construída nesse rio; mas estava em tão mau estado que não pude atravessá-la sem apear-me do cavalo. Foi perto da igreja de S. Sebastião que me aproximei do lago de Araruama, começando a seguir-lhe a margem. Da casa do Capitão-mor eu apenas vira uma pequena par-

te dessa vasta laguna; agora ela se me oferecia aos olhos em tôda a sua vasta extensão; contudo, do lado sudoeste não avistava seus limites e poderia facilmente tomá-la por uma baía.

O lago de Araruama ou Iraruama tem 6 léguas portuguezas de léste a oeste (15) e, começando no engenho do Capitão-mor, estende-se até Cabo Frio onde se comunica com o oceano. A maré faz-se sentir até ao local chamado Ponta Grossa, situado mais ou menos ao meio de seu comprimento (16); suas águas são salgadas e são abundantemente piscosas. Uma faixa de terra inculca separa-o do oceano; em quase todo o seu comprimento é ella estreita e quase despovoadá; mas ao chegar à sua extremidade oriental ella se alarga para o lado do lago, formando uma espécie de quadrado que se projeta de sul a norte, onde se situa a vila de Cabo Frio (17). As pequenas embarcações a que dão o nome de lanchas, movidas a vela (18), podem navegar no lago, de sua origem a Cabo Frio; aí descarregam-se as mercadorias que transportam e que vão, em embarcações maiores, para o Rio de Janeiro (19). Na margem ocidental do lago existem vários pequenos portos onde os proprietários vizinhos embarcam também para a Capital os produtos

(15) Creio que PIZARRO se enganou dando-lhe 9 léguas.

(16) CAZ. *Corog. Bra.*, 38.

(17) Vide a soberba carta publicada pelo sábio FREY-CINET, segundo um manuscrito portuguez e cartas náuticas dos Srs. ROUSSIN e GIVRY.

(18) As lanchas são empregadas para a cabotagem, bem como as *sumacas*, embarcações maiores. Chama-se também lancha aos escaleres dos navios.

(19) PIZARRO assegura (*Mem. hist.*, III, 173) que o lago de Araruama tem de 14 a 16 braças de profundidade; mas CAZAL (*Corog. Braz.*, II, 38), provavelmente mais ousado, diz que em certos lugares elle tem várias braças de fundura e noutros pode ser atravessado a vau.

de seus solos; mas, de todos êsses portos os mais frequentados são os do Capitão-mór e de Mataruna, lugar a respeito do qual logo falarei. Ao tempo de minha viagem o frete entre Capitão-mór e o Rio de Janeiro custava 120 réis (75 c.) por arroba, e, como êste lugar é mais distante o frete dos outros portos era menor.

Nenhum arraial se chama Araruama; mas êsse nome foi dado a uma vasta paróquia que se estende às margens do lago e que, à exceção do arraial de Mataruna compõe-se apenas de fazendas e casas isoladas. Essa paróquia cuja criação remonta ao ano de 1798, tem por limites as de Cabo Frio e Saquarema; possui 3 engenhos de açúcar e compreendia, em 1815, 525 fogos e 4.200 almas (20). A igreja paroquial é a de S. Sebastião de Araruama de que falei atrás e que foi fundada por capuchinhos (21). Foi construída quase à beira do lago, é isolada, baixa, pequena e jaz em ruínas.

Mataruna (22) oferece, como disse, a mais considerável reunião de casas existente na paróquia de Araruama, não havendo outro arraial entre Saquarema e a aldeia de S. Pedro dos Índios (23). Para ir da igreja de S. Sebastião a Mataruna caminha-se na praia, em areial puro. Em Mataruna há um peque-

(20) PIZ. (Mem. hist., vol. V, págs. 232-34.)

(21) Loc. cit.

(22) Talvez Mataruna venha do português *mata* e do vocábulo *gna*, da língua geral, significando *negro*. Foi erradamente que em uma compilação recente se escreveu *Mutarnua*. Esse nome é tão errado quanto o *Francesco Leite* dado ao rio Francisco Leite, de que já falei.

(23) Um viajante colocou à margem do lago de Araruama o arraial de Nazaré; mas não existe ali nenhum com êsse nome. Presumo que êle quizesse se referir ao arraial de Mataruna, tendo confundido o nome com o da igreja de Saquarema, dedicada, como disse, a N. S. de Nazaré.

no regato, ou melhor, ao que parece, um braço do lago, com o mesmo nome do arraial (rio Mataruna), constituindo um bom porto, muito útil aos lavradores da vizinhança. Vi nesse lugar uma pequena embarcação, muito bonita, do gênero das chamadas lanchas, servindo para a navegação no lago. Cêrca de vinte casas compõem o arraial de Mataruna. Elas são situadas à beira d'água, pequenas, muito baixas, cobertas de telhas, e teem quase tôdas uma varanda ou galeria formada por um prolongamento do tellhado, sustida por dois esteios não lavrados. As casas são na maioria vendas ou pertencentes a pescadores.

Em geral não há na margem do lago senão botequineiros ou pescadores. O solo é muito arenoso para ser cultivado; mas, distanciando-se um pouco do lago encontram-se boas terras, capazes de produzir todos os alimentos próprios da região: milho, feijão, cana, café, algodão, mandioca etc. O terreno é sobretudo favorável à mandioca, sendo comumente ao fim de um ano que se arrancam as raízes. Nos melhores lugares o milho rende por alqueire 3 carros de 20 sacos, contendo 2 alqueires cada um. Como nos arredores de S. João d'El Rei conta-se aqui **por carro**, porquanto a região, muito plana, permite êsse meio de transporte. Na época de minha viagem o açúcar branco era vendido a 7 patacas (14 fr.) a arroba; o mascavo claro a 5 patacas e o mais comum a 4 patacas, preços mais ou menos semelhantes aos correntes desde o lugar chamado Mata. Nesta região não se cultivava o algodão senão para o consumo das famílias, e êle não é de boa qualidade. Impregnados de sal, os terrenos baixos e úmidos não admitem a cultura do arroz. Outrora a planta do anil era cultivada nesta zona em maior es-

cala que atualmente (24); entretanto alguns colonos semeam ainda essa planta, porquanto o anil é muito caro no Rio de Janeiro. Para isso limpam e preparam o terreno; fazem pequenos buracos a um palmo uns dos outros e aí depositam um punhado de sementes; as plantas podem ser cortadas no fim de seis meses.

Nas boas terras dêste distrito a vegetação natural ainda difere pouco da dos arredores do Rio de Janeiro; as plantas dos terrenos muito arenosos são quase as mesmas que observei em Saquarema. À margem mesmo do lago crescem algumas belas espécies; aí colhi o único linho que encontrei na província do Rio de Janeiro (**Linum littorale** A. S. H.); aí achei também uma bela Umbelífera; enfim colho ainda uma **Polygala** chamada na região "Alecrim da praia" (**Polygala cyparissias** A. S. H.) sem dúvida devido à

(24) Apesar de um regulamento (provisão) do conselho de Ultra-mar, de 24 de Abril de 1642, permitir aos colonos brasileiros o plantio do anil nas terras que não fôsem próprias à cultura da cana, parece que sómente após o governo do Marquês do Lavradio começou êle a ser cultivado. Cheio de interesse pelo bem público, êsse vice-rei, que foi nomeado no ano de 1768, induziu os colonos ao cultivo do anil e fez comprar, por conta do governo a 2\$500 o arratel ou libra (400 gramas) todo o anil que lhe fôsse apresentado. Os habitantes do Rio de Janeiro achando então que havia grande vantagem no fabrico do corante, dedicaram-se com ardor a essa indústria. Os arredores de Cabo Frio eram em particular tão favoráveis à cultura do anileiro, que cada ano êsse distrito fornecia 1.500 arrobas do pó; e, como o governo pagava de acôrdo com a qualidade do produto, os cultivadores interessaram-se em aperfeiçoá-lo, e uma isenção de impostos ainda mais favoreceu (PIZ. Mem. Hist., III, 147). Entretanto falsificações sobrevieram, desmerecendo o anil da província do Rio de Janeiro. Mas, fôsse devido a essa ou a outras causas, o que é certo é que a cultura do anil está quase desaparecida nos arredores da Capital do Brasil. De qualquer modo conclue-se, pelo que acabo de dizer, que andou errado um dos visitantes do Império afirmando que os brasileiros não sabiam tirar partido dessa indústria.

sua raiz odorante e suas folhas estreitas (25), e que, nascendo também na província de Santa Catarina, contribue para provar que a vegetação do litoral é, como já disse, muito menos variável que a do interior. A **Vinca rosea** é de tal modo disseminada, mesmo longe das habitações, que se chega quase a acreditá-la indígena.

O lugar mais notável depois de Mataruna é o engenho de Paratí (26), cuja capela, que se avista de muito longe, produz belo efeito na paisagem. Como o de Capitão-mor êsse engenho tem a vantagem de ser situado à beira do lago, podendo-se embarcar o açúcar diretamente dos armazens. Para além de Paratí distanciei-me do lago e atravessei um vasto terreno outrora cultivado e hoje coberto dessa espécie de **Saccharum** que aqui, como em Minas se chama **sapé**. Mais longe voltei às margens do lago e, após uma cami-

(25) Como não tinha em mãos notas na ocasião em que fiz a descrição da **Polygala cyparissias** (Fl. Bras. merid., II, 15), nada disse a respeito do odor das raízes. O nome vulgar da planta não foi também escrito de modo exato na **Flore du Brésil**, porque sua impressão foi feita a duzentas léguas de mim. As obras científicas são sempre incorretas quando impressas longe de seus autores; e frequentemente são incompletas quando não são redigidas por quem colheu os materiais. Por muito competente que se seja, há sobre os animais e mesmo sobre as plantas exóticas detalhes que se não podem dar de modo perfeito se nunca se saiu de casa; e a finalidade dos governos, enviando viajantes aos países longínquos, será quase sempre cumprida de modo falho quando êstes últimos não quizerem ou não puderem publicar êles mesmos, os resultados de suas excursões. Seja-se permitido citar um exemplo. As plantas do meu saudoso amigo Sr. SELLOW caíram em mãos das mais hábeis e foram quase sempre descritas com muita competência; mas ninguém além do sábio SELLOW, poderia saber onde elas foram colhidas e se tivessem sido descritas por êle não seriam vagamente designadas "elas nascem no Brasil", isto é, em uma imensa região onde se contam 4 ou 5 floras distintas, sendo que as duas mais distanciadas diferem entre si mais que as de Hamburgo e Algéria.

(26) **Paratí** na língua geral designa o peixe que os portugueses-brasileiros chamam **tafinha**.

nhada de mais de 3 léguas, parei em uma venda no lugar denominado Guaba Grande (27). Apenas me instalara e a curiosidade lançara ao meu redor os frequentes da venda, aos quais era preciso dar atenção em suas estúpidas perguntas. Esses homens, apesar de todos brancos, não eram, apesar disso nem mais ricos, nem menos ignorantes. Meu competente amigo Sr. SELLOW, que havia acompanhado o Sr. Príncipe de NEUWIED no litoral do Brasil, dissera-me que, para se gozar alguma consideração era preciso não parar nas vendas; mas, confesso, a recepção do Capitão-mor desencorajou-me de continuar pedindo hospitalidade aos proprietários dos engenhos de açúcar. Nas vendas não havia nenhuma cerimônia, nenhuma "toilette" a fazer; pagava hospedagem e não temia desagradar ou incomodar ninguém. Era forçado, na verdade, a ouvir conversas tolas; mas a esse respeito não tinha sido mais feliz na fazenda do Capitão-mor.

A venda de Guaba Grande fica na praia de Araruama, ao fundo de uma enseada em semicírculo, cujas margens apresentam terreno desigual e coberto de vegetação. Diante da casa o lago se estende ao longe; e, enfim o horizonte é limitado por uma linha de verdura que forma sem dúvida a faixa de terra existente entre o lago e o oceano.

À extremidade da enseada de que venho de falar e do lado direito da venda existe um promontório que tem o nome de Cachira (28). Nesse lugar, e em mui-

(27) Escrevo de acôrdo com a pronúncia do lugar; e se PIZARRO escreveu *Iguaba* foi para obedecer à etimologia indígena. Com efeito, *iguaba*, em guarani significa um vaso que serve para beber água.

(28) Acha-se *encira* nas *Mem. hist.* de PIZARRO (III, 153); mas isso é sem dúvida um erro tipográfico.

tos outros vizinhos do lago, existem salinas (29). Quando as águas do lago aumentam, enchem as cisternas naturais existentes às suas margens. O lago baixa em seguida, mas a água fica nas cisternas, evaporando-se pouco a pouco e deixando um depósito salino (30). Os mais antigos moradores da região sabiam tirar partido das salinas, aí abundantes; entretanto como o sal indígena fazia diminuir o consumo do que vinha de Portugal, foi proibida por decretos (cartas-régias) de 28 de Fevereiro de 1690 e 18 de Janeiro de 1691 a exploração de salinas no Brasil e o consumo de outro sal que não fôsse o importado da metrópole. Os habitantes das vizinhanças do lago de Araruama não se intimidaram com essa proibição e continuaram a explorar as salinas. Mas o monopólio do comércio desse produto havia sido confiado a interessados que se queixaram; o governador LUIZ BAÍA MONTEIRO enviou tropas ao distrito de Cabo Frio e, sem temer as leis existentes, fez sequestrar, por sua conta e risco, não sómente o sal retirado das cisternas, mas ainda os bens daqueles que se entregavam a êsse gênero de exploração. Reclamações foram endereçadas pelo povo ao rei D. JOÃO V; êste reformou as leis e, em um contrato feito com novos arrendadores, permitiu a exploração das salinas de Pernambuco e de Cabo Frio (31). Durante muito tempo estas últimas foram franqueadas a todo mundo; mas acabaram por arrendar as principais

(29) PIZARRO indica salinas não sómente em Cachira, mas ainda entre a Vila de Cabo Frio e o lago de Araruama, no promontório chamado Ponta do Baixo, no denominado Ponta do Chiqueiro e enfim nos chamados Ponta dos Costa, da Perina, Massambaba e do Fula.

(30) Segundo o autor das *Mem. hist.* existem salinas em que o sal se forma independente da entrada das águas do Araruama (*Mem. hist.*, III, 154).

(31) PIZ. *Mem. hist.*, III, págs. 154-169.

dentre elas, particularmente a de Cachira e não deixaram ao público senão as menos importantes. Os monopolizadores dão, aos que pedem, a permissão para explorar o sal com a condição de lhes remeterem a metade da colheita (32).

Saindo da venda de Guaba Grande distanciei-me do lago, sómente dele me aproximando ao chegar à aldeia de S. Pedro. Atravessei então u'a mata virgem, muito magra, e em seguida entrei em derrubadas onde, de tempo em tempo, vi algumas palhoças. Sem ser tão povoada como os arredores de Praia Grande, de Cabeçú e mesmo de Saquarema, esta região ainda o é muito; mas a pequenez das casas, o mau estado em que se acham, e a aparência dos habitantes indicam indigência.

Nos dias precedentes eu já encontrára, no campo, índios do número dos que chamam "civilizados". Após ter deixado Guaba Grande vi mais numerosos, o que indicava a proximidade da aldeia de S. Pedro. Tendo feito duas léguas aí cheguei cedo, mas, para poder pôr meus animais em um pasto fechado, parei em uma venda situada a pouca distância do povoado. Como a de Guaba, esta foi construída à beira do lago, ao fundo de uma enseada semicircular e muito grande. À direita desta última o terreno é muito coberto de vegetação arbórea, e, em um plano um pouco menos distanciado, eleva-se uma pequena colina igualmente coberta de matas, ao pé da qual existem algumas casas, esparsas; do lado esquerdo a praia se eleva acima do lago, e é aí que fica a aldeia de S. Pedro, produzindo

(32) PIZARRO assegura que as salinas renderiam muito mais se os habitantes da região, menos preguiçosos, tivessem o cuidado de limpar as cisternas e impedissem as águas de nelas penetrar fora do tempo próprio.

na paisagem um agradável efeito. A praia não termina na aldeia; ela se estende muito mais longe, é desigual e cobertas de matas; diante da venda o horizonte não tem outro limite senão o lago, que tem aqui demasiada largura para que se possa avistar a outra margem, e que se confunde com o céu.

Encontrei na venda três chineses que vinham de mascatear em Cabo Frio e seus arredores. Eram alegres, delicados e, logo que desci do cavalo vieram me convidar para com êles almoçar. Como todos os seus patrícios que se encontravam nessa época, no Rio de Janeiro, traziam as vestimentas de seu país, aliás fáceis de renovar porquanto existiam alfaiates chineses na Capital do Brasil.

Podia então, fazer à minha vontade, a comparação entre os chineses e os índios e achei sua semelhança notável. A face dos chineses é na verdade mais chata e mais larga que a dos índios; mas seus olhos são igualmente divergentes, seu nariz achatado, o osso da face igualmente proeminente, enfim uns e outros são geralmente imberbes. A raça americana é, sem dúvida, como já disse (**1.^a Relação**, vol. II, pág. 231. Corresponde ao volume 126-A, pág. 193, da coleção **Bra-siliana**) e como tendem a provar as tradições indígenas, uma modificação da raça mongólica; modificação devida ao clima, e misturada, ao menos nas sub-raças, com

(33) E' incontestável, diz o meu amigo Sr. d'OLFERS' (em **ESCHW. Jour. von Braz.**, II, 194) "que certas populações brasileiras muito se aproximam dos mongóis por sua cara chata, nariz inteiramente chato igualando-se com as faces, ossos das faces proeminentes, longos cabelos lisos e de uma côr parda, olhos um pouco oblíquos e a côr amarela da pele. Fica-se admirado dessa semelhança quando se encontram ao mesmo tempo nas praias de banho do Rio de Janeiro um chinês e um indígena". Nesse trecho o Sr. OLFERS limita-se a assinalar a semelhança dos índios com mongóis; mas, o mais illustro

alguns dos ramos menos nobres da raça caucásica (33). Enquanto me achava entregue à escrita dêste diário na venda da aldeia de S. Pedro, descobri mais uma relação entre as raças mongólica e americana. Um chinês cantava ao meu lado e eu acreditei ouvir o canto dos Botocudos, amenizado e aperfeiçoado. Como êstes últimos, que aliás se assemelham mais aos mongóis que tôdas as outras tribus americanas, o chinês de que falo arrancava com esforço os sons; sua entonação era nasal e êle produzia estrépitos na voz que não eram menos bruscos que os do canto dos Botocudos, sem, todavia, ser tão ruidoso.

zoologista do nosso tempo, Sr. CUVIER, parece participar de minha opinião sôbre a origem mista de certos americanos, pois atribue aos indígenas da América traços de origem mongol e européia (*Régne animal*, vol. I, pág. 85). Devo confessar entretanto que, ao menos em um grande número de tribus, os traços caucásicos não me parecem tão pronunciados como diz o Sr. CUVIER; talvez êsse sábio e alguns outros tenham sido induzidos ao êrro por estampas de Botocudos que foram publicadas na Alemanha, onde os caracteres da raça caucásica pareceram-me ter sido singularmente exagerados. Mostrando que os americanos tem ao mesmo tempo qualquer coisa de europeus e de mongóis, o autor de *Régne animal* acrescenta que sua tez vermelha de cobre não basta para torná-los em uma raça particular. Isso é tão verdadeiro que se essa côr existe entre alguns americanos ela não aparece nos do Brasil meridional; eu e o Sr. ESCHWEGE já demonstrámos a verdade a êsse respeito (Vide minha 1.^a Rel., I, 425. Corresponde ao Volume 126, pág. 356, da Coleção *Brasilliana*) e *Journal von Brasillien*, I, 84) e eis como o Sr. d'OLFERS se exprime sôbre o mesmo assunto. "Nunca vi entre os índios do Brasil uma côr verdadeiramente cûprea. A tonalidade de suas peles diferentes pouco ou quase não difere da côr de um europeu meridional queimado de sol; e, quando se acostuma desde cedo uma criança indígena a vestir-se à européia, ela não se torna mais parda que os mongóis. A côr dos americanos apenas existe em sua epiderme pela ação dos raios solares, falta de asseio, coloração artificial, e não tem sua sede no que se chamou *rete mucosum Malpighii*".

FIM DO 1.º VOLUME

(SEGUNDO VOLUME)

CAPÍTULO I

HISTÓRIA SUCINTA DA CIVILIZAÇÃO DOS ÍNDIOS DO BRASIL. — A ALDEIA DE S. PEDRO DOS ÍNDIOS. — MODO DE VIAJAR.

História sumária da civilização dos índios do Brasil. — Fundação da Aldeia de S. Pedro dos Índios. Descrição dessa aldeia. Governo que os Jesuitas haviam estabelecido. Notas sobre a lingua geral. De que modo a aldeia é hoje administrada. — Inalienabilidade das terras dos Índios; restrições que tendem a despojá-los de suas propriedades. Fisionomia dos índios de S. Pedro. Suas occupações. Seu caráter. A próxima destruição dos índios do Brasil. Mamelucos. -- O capitão-mor Eugênio. -- Um carpinteiro espanhol. — Como o Autor viaja pelo litoral.

Proseguindo minha viagem pelo litoral falarei frequentemente dos tristes restos de uma civilização que em breve terá desaparecido com a infeliz raça a que pertence. Mas, sem dúvida compreender-me-ão mal se eu não começar por, em poucas palavras, dar uma idéia da origem dessa civilização, os miseráveis aos quais levou remédios tão eficazes, e os deploráveis resultados de sua destruição. As ruínas são cousas interessantes quando sabemos a que edifício pertencem e que mãos bárbaras vieram demolí-lo.

Os portuguezes, descobrindo o Brasil, aí encontraram homens que lhes pareceram apenas merecer êsse

nome. Esses homens diferem dos europeus pela côr de sua pele, por seus cabelos e conjunto fisionômico. Estavam nus; viviam nas matas, sem leis e sem religião e se entregavam a barbarias a que se não poderia acreditar se não fôsem confirmadas por viajantes de tôdas as nacionalidades e de tôdas as crenças.

Os europeus não tardaram a aperceber-se da inferioridade dos indígenas do Brasil e procuraram conduzi-los à vontade do seu interêsse. Em vão pedia-se à metrópole leis favoráveis aos índios; havia sido estabelecido em princípio que em alguns casos, os índios podiam ser escravizados; os lavradores facilmente encontravam pretexto para multiplicar o número de escravos.

Aliás os primeiros colonos portuguezes que se fixaram no Brasil não eram menos bárbaros que os próprios selvagens. Na maioria exilados da pátria por terem cometido crimes atrozes, não levavam ao Novo Mundo senão vícios. Esses homens acostumaram-se facilmente a serem indiferentes às crueldades que os indígenas exerciam contra seus inimigos, e os indígenas não tardaram a tomar parte em tôda a corrupção dos europeus. Uma população horrível formou-se dessa mistura de oprimidos e opressores.

Durante muito tempo o govêrno portuguez havia dado pouca atenção às suas colônias no Brasil. Enquanto que os plantadores torturavam os índios, os governadores, independentes uns dos outros, tornavam-se absolutos em suas capitánias, jogando com a honra e a vida de seus administradores. Avisado pelas queixas a êsse respeito, o rei D. JOÃO III resolveu remediar tamanhos males. Querendo subordinar a um centro comum as diferentes partes do Brasil e tornar

mais fáceis as comunicações da colônia com a metrópole, criou um lugar de capitão-general, cortando aos governadores particulares a autoridade sem limites que haviam tido até então. Um homem firme, justo e prudente, TOMÉ DE SOUZA, foi nomeado capitão-general da América Portuguesa, e chegou à Baía em 1549, acompanhado de MANOEL DA NÓBREGA e de cinco outros religiosos, que como êle, dedicaram-se sem reservas à felicidade dos índios no que foram logo seguidos pelo celebre JOSÉ DE ANCHIETA.

NÓBREGA pertencia a uma família nobre, conhecia o mundo, e reunia a uma prodigiosa atividade vistas largas e a habilidade de administrador. Mais jovem, e, se é possível, mais ativo ainda, ANCHIETA foi ao mesmo tempo poeta, lutador e naturalista (1); para tornar-se útil adaptava-se a tudo; ensinava às crianças; comandava tropas; compunha cânticos, uma gramática e um dicionário na língua dos índios, cuidava dos enfermos e não desdenhava mesmo os trabalhos manuais mais vulgares. ANCHIETA foi certamente um dos homens mais extraordinários de sua época.

Mal chegavam ao Brasil êsses religiosos censuravam aos seus compatriotas pelas crueldades que praticavam para com os índios e baniam da comunhão cristã aqueles que escravizavam o aborígene. Deus e a liberdade, tais eram as palavras poderosas que sem cessar pregavam aos índios e pelas quais os atraíam. Ouvindo-lhes os harmoniosos cânticos, as crianças, en-

(1) Não pude ler sem admiração trechos escritos pelo P. ANCHIETA sobre a história natural do Brasil e que se acham no precioso livro intitulado *Noctelas ultramarinas*. ANCHIETA fala do gambá quase como os modernos; poucos anos após PIETRO MARTIRE e GRYPNEUS descreveram-no como tendo a parte anterior de uma raposa, a parte posterior do macaco, as mãos de um homem e as orelhas de um morcego.

cantadas, e como que fascinadas, reuniam-se ao redor de uma humilde capela e aprendiam a ler, contar, escrever e a amar a Deus e a seus semelhantes. Pouco a pouco os indígenas renunciaram aos seus bárbaros costumes; reuniram-se em aldeias e foram civilizados, tanto quanto o podiam ser.

Durante dois séculos os jesuitas governaram os índios do Brasil, tornando-os em homens úteis e felizes. Mas, se sua administração obteve tão belos resultados e merece grandes elogios é porque ela se adaptava perfeitamente ao caráter dos indígenas; porque supria a inferioridade do íncola e era para êsses homens-crianças uma benemérita tutela (2). Aplicado a um povo de nossa raça o govêrno que os discípulos de LOYOLA adotaram para os índios, seria absurdo e teria fracassado.

Entretanto uma violenta tempestade formava-se pouco a pouco na Europa contra o poder dos jesuitas. POMBAL teve conhecimento da ação dêles e não viu os serviços que prestavam à América. Jurou-lhes um ódio implacável e expulsou-os do Brasil; mas, pronunciando a ordem de expulsão pronunciava também uma sentença bem mais funesta, a da destruição dos índios.

Ao privar êsses infelizes de seus protetores, POMBAL não os abandonou todavia, a si próprios. Mau grado um caráter dos mais despóticos, tinha êsse ministro vistas largas, idéias nobres e o desejo de ser

(2) Que me seja permitido repetir aqui o que já disse alhures sôbre a inferioridade dos indígenas do Brasil; "Os índios, homens como nós, tendo conosco uma origem comum, são igualmente animados do sôpro divino; mas parece-me incontestável que a imprevidência prende-se às diferenças de forma que a raça apresenta, como o mesmo defeito se prende à organização ainda imperfeita da infância, donde o idiotismo e deformidades dos cretinos da Suíssa e de Savola".

útil à sua pátria. Fez para os índios numerosos regulamentos; submeteu-os a “diretores” que deviam ser, dizia êle, homens íntegros, zelosos, prudentes, virtuosos; deviam exercer autoridade paternal; era a magistrados de sua raça que os índios deviam obedecer; escolas deviam ser fundadas em tôdas as aldeias, a embriaguez banida com cuidado, a religião respeitada, a língua portugueza substituiria o tupí, os casamentos mistos encorajados etc.; enfim, uma emancipação gradual devia ser dada aos índios, até que, tornados iguais aos portuguezes constituissem como que uma só família. O europeu que ler o conjunto dêsses regulamentos poderá aplaudí-los; muita cousa parecerá absurda, contraditória e inapplicável a aquele que conhece a América e os índios. POMBAL partia de um princípio falso; acreditava os índios suscetíveis da mesma civilização que nós, e por estranho desprezo acusava a inferioridade os indígenas do Brasil como resultado do regímen jesuítico, que tendia principalmente a suprir essa inferioridade. Diretores tais como queria POMBAL, seriam homens sensatos. Os que foram dados aos índios, homens imorais, ambiciosos, frequentemente mesmo já punidos judicialmente, tornaram-se em temíveis déspotas; os portuguezes que se misturaram aos índios tiranizaram e corromperam o pobre íncola; então as aldeias caíram em ruínas e os indígenas do Brasil retrogradaram à barbaria (3).

(3) O Sr. SOUTHEY, nunca tendo visitado a América, não podia ter sôbre o caráter dos índios e sua inferioridade, as mesmas idéias que eu; mas o quadro que venho de descrever está literalmente de acôrdo com as descrições dêsse laborioso e competente escritor (Vide *History of Brazil*, I, 24, 212, 252; III 512, 523, 697) que naturalmente não é suspeito porquanto sempre deixa entrever quanto é êle contrário ao catolicismo. Quanto a mim não poderei ser taxado de parcialidade a favor

Após POMBAL, o governo português, é uma justiça que se lhe deve fazer, procurou muitas vezes tornar felizes os índios; mas suas providências não se baseavam num verdadeiro conhecimento da raça americana e fracassaram sempre do fim colimado.

Quando me referir às Missões do Uruguai, ver-se-á quanto estou longe de exagerar a triste situação dos índios submetidos aos descendentes de portugueses. Todavia é preciso dizer: os indígenas não sofrem as mesmas misérias em todo o Brasil. Apesar de expostos a constantes vexames os índios civilizados da província do Espírito Santo são muito menos maltratados que os das Missões do Uruguai, porquanto não foram submetidos a "diretores"; e, se o não cumprimento das leis na aldeia de S. Pedro dos Índios, deve necessariamente conduzir ao desaparecimento os indígenas que a habitam, não posso dizer que à época de minha viagem êsses homens fôsem verdadeiramente infelizes.

A aldeia de S. Pedro dos Índios, fundada em 1630 (4) tinha sido originariamente dirigida pelos padres da Companhia de Jesus. Após a expulsão dêsses religiosos, foram os capuchinhos encarregados da

dos Jesuitas; porque tôdas as impressões que recebi em minha juventude estão bem longe de lhes ser favoráveis e nunca deixarei de venerar a memória de alguns homens que em França, contribuíram para sua primeira expulsão.

(4) Um eclesiástico meu conhecido, o abade MANOEL DE ALMEIDA BARRETO, que havia sido cura de S. Pedro em 1789, acreditava que os habitantes dessa aldeia haviam pertencido a uma tribo chamada *Sarussú* (talvez *Sacardú*); que a princípio êles habitavam a capitania do Espírito Santo, e que haviam sido conduzidos para próximo do lago de Araruama pelos jesuitas, em uma época em que os portugueses de Cabo Frio atacados por algum inimigo, haviam tido necessidade de socorros. Segundo PIZARRO, que tratou êsse ponto histórico de modo muito sucinto (*Mem.*, V, 91), o capitão-mor MARTIM

administração da aldeia. Mas, por um decreto de 8 de Maio de 1788, ela foi transformada em paróquia, como tôdas as aldeias que haviam pertencido aos jesuítas, e posta sob a jurisdição de um juiz ordinário. (5).

A costa onde foi construída a aldeia de S. Pedro, sem ser muito elevada, domina entretanto tôda a enseada semicircular que a banha e que faz parte da vasta laguna de Araruama. É fácil de ver que os fun-

DE SÁ que havia sido governador do Rio de Janeiro fundou, em 1630, a aldeia de S. Pedro; aí reuniu índios Goitacazes e outros vindos de *Sepetiba* ou *Itinga*, no termo de Ilha Grande e enfim confiou aos jesuítas a administração espiritual e temporal da nova aldeia. Entrando em mais detalhes CAZAL diz (*Corog.*, II, 44) que durante longos anos os habitantes dos campos que tem o nome de Goitacazes haviam resistido aos portugueses. mas, enfim, homens poderosos formaram contra os selvagens uma liga irrevencível; que o ataque começou em 1629 e que os indígenas foram vencidos fundando-se para os que se renderam, a aldeia de S. Pedro. Estou longe de querer contestar a verdade dessa informação; todavia creio que ela deve ser submetida a novo exame muito menos porque contradiz às tradições provavelmente duvidosas do abade MANOEL BARRETO, que por não coincidir com os fatos contados por SOUTHEY (*Hist. of Braz.*, II, 666), e antes dêle pelos padres VASCONCELOS e JABOATÃO. O historiador inglês nada diz da fundação da aldeia de S. Pedro, mas, segundo êle, os índios Goitacazes foram quase destruídos em 1630 por um motivo muito diverso do indicado por CAZAL. Um navio português havia encalhado, diz SOUTHEY, nas proximidades desses indígenas; mas a equipagem se salvara em escaler. Os índios de Cabo Frio e os de Reritygba tendo ouvido falar do naufrágio apresaram-se em vir em socorro dos brancos. Como apenas encontrassem os destroços do navio e ninguém da equipagem, concluíram que os portugueses haviam sido devorados pelos Goitacazes e exterminaram uma parte dessa tribo. E' assim que SOUTHEY conta a destruição dos Goitacazes; mas talvez se possa conciliar sua narrativa com a de CAZAL, admitindo-se que a liga formada pelos portugueses contra os Goitacazes, da qual se não pode negar a existência, pegou o primeiro pretexto que se apresentou para exterminar os selvagens e que foi por sua instigação que os indígenas de Cabo Frio e Reritygba tomaram armas (Vide mais adiante o capítulo sobre os Campos de Goitacazes).

(5) PIZ. *Mem. hist.*, V, 91.

dadores dessa aldeia tiveram intenção de dar-lhe forma simétrica, o que nunca deixavam de fazer, em tôdas as aldeias. Entra-se em S. Pedro por uma larga rua que vai ter a uma meia lua limitada pela igreja e pelo antigo convento. A meia lua, coberta de grama, forma uma praça muito larga e é desenhada por um dos lados de duas ruas que se comunicando com a extremidade da rua principal se curvam em semi-círculo. As ruas são cavadas de modo que as casas ficam em nível superior ao da rua. Esteios existentes aquí e acolá, embranquecidos pelo tempo, mostram que de início havia idéia de fazer duas ruas da principal mas que o projeto foi abandonado. Aliás, após o govêrno dos jesuitas foram construidas outras casas, desordenadamente, fora do antigo alinhamento, quebrando-se a regularidade da aldeia. As casas, tôdas de madeira e barro, foram construidas com pouca arte; são cobertas de colmos e na maioria destituidas de janelas. A igreja e o antigo convento, anexo ao templo, apresentam um corpo principal com duas alas; uma destas forma a igreja; a outra, com o corpo principal, constitue o convento. É do lado oposto à praça que ficam as alas; a entrada da igreja dá para a praça. Uma inscrição que se lê no mosteiro indica que êle foi terminado há 80 anos (escrito em 1818).

Os índios de S. Pedro não conservaram nada do tempo em que eram selvagens e ignoram até a que tribus pertenciam seus ancestrais. Mas se nada sabem de suas origens, em compensação ainda não se esqueceram do govêrno dos jesuitas. Todos os habitantes de S. Pedro sabem, por ex., que êsses religiosos

vedavam a entrada de brancos na aldeia (6) e não permitiam aos índios afastarem-se dela. Os jesuitas tinham profundo conhecimento do idioma dos índios, e, para impedir relações que podiam corromper o incóla e levá-lo à opressão, não permitiam o ensino da língua portugueza. Êles os instruíam na doutrina cristã, cativando-os por um grande número de práticas exteriores, e ensinavam-lhes a agricultura e diferentes ofícios. Três dias por semana os índios trabalhavam na manutenção da igreja, do convento e

(6) Nisto os jesuitas estavam de acôrdo com as leis de D. Pedro II (SOUTHEY *Hist. of Braz.*, III, 371).

(7) Homens que absolutamente não conhecem a raça americana condenaram essa sábia precaução dos jesuitas; mas a êsse respeito a Companhia de Jesus foi suficientemente justificada pelo protestante SOUTHEY, que não se pode acusar de parcialidade. Aliás a linguagem dos índios da costa, merecia, como se vai ver, ser conservada. Em seus caracteres gerais, a pronúncia das línguas indígenas é muito diferente, sem dúvida, da dos diversos idiomas em uso entre as nações de origem caucásica (Vide minha *1.ª Rel.*, I, 427); mas não é menos verdade que a *língua geral* e seu dialeto, o guaraní, estão bem longe de ser línguas bárbaras. Elas tem doçura e oferecem a extrema vantagem de admitir palavras compostas frequentemente muito pitorescas. Grande número dessas palavras tem sido introduzidas na língua portugueza do Brasil e creio que não lhe tiram nada de sua harmonia e encanto. Os padres ANCHIETA, VASCONCELOS e FIGUEIRA gabam a delicadeza, elegância, suavidade e a riqueza da *língua geral*, chegando mesmo a comparar suas belezas às da língua grega. O que há de notável é que, tendo de representar idéias frequentemente muito abstratas e escrevendo em um idioma falado pelos selvagens, os padres ARAUJO e BETTENDORF não foram obrigados a tomar para seu catecismo, uma só expressão de línguas estrangeiras (Vide *Prólogo do Dicionário Português e Brasiliano*); e eu não encontro nenhum termo estrangeiro nos numerosos exemplos tirados da doutrina cristã que o padre ANTÔNIO RUIZ DE MONTOYA cita sem cessar no seu *Tesoro de la lengua guaraní*. Contudo em breve não haverá mais no Brasil nenhum traço da língua dos índios, além das palavras que passaram para o português e das quais ninguém conhece a verdadeira origem. Essas considerações levaram-me a fazer sobre a etimologia dos vocábulos portuguezes-brasileiros da língua indígena pesquisas de que hei sucessivamente consignado os resultados nesta obra.

de tudo que se relacionava com o bem comum da aldeia; durante s três outros dias cada um trabalhava para si próprio. O govêrno dos discípulos de LOYOLA era absoluto, mas como o do pai de família que supre por sua experiência e seu senso a pouca inteligência de seus filhos. Os **padres da companhia**, nome que a maioria dos brasileiros dão aos jesuitas, eram extremamente amados pelos índios, e uma velha mulher, quase centenária, que os havia conhecido, contava-me que, quando êles foram forçados a deixar a aldeia todos os habitantes choraram. A religiosidade dos velhos e sua compreensão do cumprimento dos deveres, são, dizia-me o vigário da aldeia (8), que não era favorável aos jesuitas, o melhor testemunho em favor dêsses religiosos. Que se compare a sua conduta com o modo por que são tratados os índios, atualmente, em Minas (9), e não se poderá deixar de confessar que para os americanos indígenas, a expulsão dos religiosos da Companhia de Jesus foi um verdadeiro desastre (10). Êles tornavam o íncola cristão e virtuoso; hoje o indígena é um pervertido; êles conseguiam reuní-los em aldeias; atualmente dispersam-se e são oprimidos; os padres davam braços à agricultura e à indústria, ao passo que agora procu-

(8) Meu compilador, que se reporta à época da minha viagem, diz que então o vigário de S. Pedro era um índio. Não sómente não havia clérigos índios nesta região, mas ainda, crelo poder assegurar que não havia absolutamente nenhum nas diversas partes do Brasil que visitei.

(9) Vide minha 1.^a Rel., II, 57. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 56, da Coleção **Brasilianna**) e seguintes. 218 e seguintes. (Correspondem ao Volume 126-A, pág. 183 e seguintes, da Coleção **Brasilianna**). Vide também o que a êsse respeito escreveu o barão d'ESCHWEGH, *Jour. von Braz.*, I, 79-83.

(10) Essa idéia foi expressa em um jornal filosófico importante, o velho *Globe*. Limite-me a citar aqui uma autoridade que não deve ser mais suspeita que a de SOUTHEY e a minha.

ram todos os meios de destruir, seja sornateiramente, seja de armas na mão, as tribus que não tiveram tempo de se civilizar ou entre as quais não se puderam introduzir.

Quando se tirou aos jesuitas a administração dos índios, não se deixou de tomar medidas de prudência. Compreendeu-se que para tirar partido dos indígenas já civilizados era preciso tratá-los com doçura; sentiu-se que escravizando-os corria-se o risco de revertê-los à barbaria, e concederam-se aos habitantes de S. Pedro grandes privilégios. Como sua civilização datava de longos anos não se lhes deu nenhum diretor e eles escaparam à mais triste das tiranias: a de um subalterno ignorante e interesseiro. Os índios de S. Pedro não são subordinados à jurisdição portuguesa, mas a um capitão-mor, tirado dentre eles, e que exerce a mais vasta autoridade. Esse magistrado julga as pendências de quaisquer naturezas que sejam; gere o policiamento e a boa ordem; enfim, pode, segundo a natureza dos delitos, mandar os culpados ao tronco (11), ou mesmo condená-los a trabalhos públicos por um tempo mais ou menos longo, mandando-os para isso ao Rio de Janeiro. Os habitantes de S. Pedro não fazem parte da guarda nacional portuguesa (milícia); eles são divididos em companhias comandadas por capitães escolhidos entre eles e que devem obediência ao capitão-mor.

Uma vasta extensão de terra, de que uma parte ainda se acha em mata virgem foi anexada à comunidade da aldeia e o território concedido foi declarado

(11) Dou a conhecer esse gênero de castigo em minha *1.ª Rel.* (vol. II, 42). (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 45, da Coleção *Brasilianna*).

inalienável. Esta medida, eminentemente protetora, podia impedir, ao menos em alguns casos, o inconveniente de misturar os índios com os brancos e evitar que aquelles fôsse logo despojados. Fundada sobre o conhecimento da inferioridade dos índios e sua imprevidência, ela restabelecia em seu favor uma verdadeira tutela e era uma homenagem prestada à administração jesuítica, tão perfeitamente adaptada ao carácter defeituoso da raça americana. Mas, uma restrição feita à inalienabilidade do território dos índios de S. Pedro destruirá pouco a pouco, como se vai ver, os efeitos dessa medida, e acabará por torná-la inteiramente illusória. Sempre que um índio quer cultivar um terreno pertencente à comunidade, êle encaminha seu pedido ao capitão-mor, que concede ou não a permissão. No caso afirmativo o capitão-mor mede o terreno, o índio dêle se apodera e nada tem a pagar. É igualmente permitido conceder terras aos homens brancos; mas êstes são arrendatários e pagam à comunidade da aldeia a taxa de um tostão por braça (1). Todo índio pode ceder seus campos a um homem branco; mas, as terras da aldeia sendo consideradas como inalienáveis, o branco não pode retribuir ao indígena; êle indeniza-lhe apenas o valor das plantações que se acham feitas, bem como o das casas ou outras bemfeitorias aí construídas, e o português paga a taxa como se o terreno tivesse sido directamente concedido pelo capitão-mor. É ao ouvidor do Rio de Janeiro, que tem o título de “conservador dos bens da aldeia”, que se pagam as taxas acima referidas. A lei determina o emprêgo do produto

(12) A braça quadrada equivale, segundo o Sr. FREYCI-NET, a 484 metros quadrados (*Voyage Ur hist.*, 266).

dessas taxas na conservação da igreja e do convento, tornado presbitério, e que o saldo dessas despesas seja distribuído aos índios, na ocasião de seus casamentos, na proporção relativa à posição que cada um ocupa na aldeia. Entretanto nada disso acontece. Há cuidado em receber os arrendamentos com todo o rigor; mas os índios não tocam no dinheiro que a lei lhes destina; o presbitério cai em ruínas e a igreja não se acha em melhor estado; ela está sem ornamentação e era a custa de pedidos insistentes que, à época de minha viagem, o vigário obtinha pequenas quantias apenas suficientes para as reparações de maior urgência. Não me compete indagar o que faziam da renda da aldeia de S. Pedro; apenas observei que se se não modificar o regulamento atualmente em vigor, e se se deixar persistir os odiosos abusos aí introduzidos, o território dos índios, por inalienável que seja, passará pouco a pouco às mãos dos brancos (12). Estes sem dúvida serão sómente locatários; mas o Estado ou seus prepostos tornar-se-ão os verdadeiros beneficiados, não restando aos aborígenes senão uma propriedade nominal.

Seria entretanto inadiável assegurar a existência dos indígenas de S. Pedro, porquanto elles constituem uma considerável população. Como a região por elles habitada é incessantemente varrida pelos ventos e de grande salubridade, elles são longevos e quase todos tem numerosa prole.

Os índios de S. Pedro apresentam, fisionomicamente, todos os traços gerais da raça americana; tem

(12) E', como ver-se-á mais adiante, o que já aconteceu à antiga aldeia de **Herityga**, hoje Vila de Benevente, na Província do Espírito Santo.

cabelos negros e muito lisos, ossos das faces proeminentes, nariz chato, olhos divergentes. A côr não é cúprea; ela se aproxima do tom bistre. São imberbes ou quase. São de estatura média; teem espáduas e peitos largos, pescoço curto, e parecem muito robustos. Se me não engano existe entretanto notável diferença entre os índios de S. Pedro e os dos povoados que vi em Minas Gerais. A cabeça dos primeiros pareceu-me não sómente mais comprida, mas também mais volumosa, mais larga que a dos segundos e de uma forma mais próxima da oval-aguda. No semblante das crianças observei um caráter que lhes dá uma semelhança singular com os quadrúmanos. Elas teem as narinas muito largas; o nariz é longo, mas muito pouco saliente, e da testa ao lábio forma uma concavidade.

Muitos brancos, atraídos pela fecundidade das terras da aldeia e a taxa moderada pela qual se pode obtê-la, vieram estabelecer-se em S. Pedro, ocasionando não sómente uniões passageiras como também casamentos que alteraram a raça indígena. As crianças oriundas dessa mestiçagem teem a cabeça mais arredondada que os índios e os portugueses e a côr mais clara que a dos verdadeiros índios. Suas faces e seu nariz são ainda os da raça americana; mas, o que é notável é que seus olhos não são divergentes. Esses mestiços, aos quais se dá o nome de **mamelucos**, teem um ar de doçura muito agradável, sobretudo as mulheres, algumas das quais são muito bonitas. Os mamelucos gozam na aldeia de todos os privilégios concedidos aos índios, e, bem diferentes dos mulatos, não sómente não se envergonham de não pertencer inteiramente à raça européia, mas ainda

se mostram orgulhosos de pertencer à clã que é aqui favorecida, ao menos na aparência (14).

Em 1789, apenas um índio em S. Pedro sabia o português. Mas, depois dessa data as relações entre índios, brancos e mulatos multiplicaram-se. Atualmente sómente alguns indígenas idosos empregam a língua de seus ancestrais, lá entre êles, e mesmo assim envergonhando-se disso. Sómente sob a ação da aguardente expressam-se sem acanhamento em seu idioma, e os mais hábeis já se esqueceram de muitos têrmos usuais. Dando um pouco de dinheiro a alguns dêsses homens, consegui que repetissem diferentes têrmos da língua, que, com ligeiras alterações, não é outra cousa que a chamada **tupí** ou **língua geral**, simples dialeto do guaraní, outrora empregado entre os numerosos indígenas de todo o litoral, ou ao me-

(14) MARCGRAFF diz (*Hist. Nat. Bra.*, 268) que ao seu tempo distinguiam-se os brasileiros, além dos índios de raça pura, em **mozambos**, nascidos de pai e mãe europeus; **crioulos**, nascidos no Brasil, de pai e mãe africanos; **mulatos**, **carbocas** e **caboclos**, filhos de um índio e uma negra; enfim **mamelucos**, nascidos de um europeu e uma índia. Nas partes do Brasil que percorri, os nomes de **crioulos**, **mulatos** e o de **mamelucos** são sempre usados; nunca ouvi o de **mozambo**; **caboco** ou **caboclo**, quando empregado serve como apelido injurioso para os índios; enfim **carboca** estava quase fora de uso. Sabe-se que os mamelucos tiveram grande papel na história dos Paulistas. Esses homens, que formaram outrora uma grande parte da população de S. Paulo, desconheciam os deveres da religião e da sociedade civil, e, criados no ódio de sua raça materna, davam caça aos índios com mais crueldade que os próprios brancos (SOUTHEY, *Hist. of Bra.*, III, 304, 306, 307). As cousas naturalmente mudaram-se, depois que a escravidão legal dos índios foi abolida e que o govêrno lhes concedeu alguma proteção. Ao que parece não é só em S. Pedro que os mamelucos ou seus descendentes não se envergonham mais de pertencer à raça índia; paulistas muito distintos gabam-se de descender de famoso cacique, e KOSTER diz expressamente que os mamelucos do norte do Brasil teem qualquer independência de caráter e teem pelos brancos menos respeito que os mulatos (*Voyages dans le nord*, etc., trad. Jay, II, 320).

nos da maioria dêles (15). Os índios de S. Pedro falam pela garganta e pelo nariz; teem muitas aspirações, abrem pouco a boca, dão pouco movimento aos órgãos da voz e frequentemente apoiam-se sobre a última sílaba. Esse modo de pronunciar é, em seu conjunto, o dos Coroados de Rio Bonito e de outras povoações que encontrei em Minas Gerais; e, como essas povoações falam idiomas bem diferentes entre si e bem diversos da língua geral, deve-se concluir de tudo isso, que há, na pronúncia das línguas indígenas, caracteres que pertencem a tôda a raça indígena, e que podem contribuir para fazê-las distinguir.

É da cultura do solo que vivem os índios de S. Pedro; passam a semana no campo com suas famílias, sómente vindo à aldeia nos dias de festa e domingos. Êsses homens são afamados na região pela habilidade com que serram tábuas e exercem algumas pequenas indústrias que lhes são peculiares. Suas mulheres principalmente fazem com o taquarassú (17) chapéus artisticamente trançados e cestas que sabem tingir de côres vivas porém pouco duráveis; fabricam também, com o algodão da região, redes muito elegantes, ven-

(15) CAZAL como já me referi acima, diz que a aldeia de S. Pedro foi fundada por Goitacazes. Mas, como êstes não falam a *língua geral*, e este idioma é o dos índios de S. Pedro, tendc-se a concluir que êstes últimos não teem a origem que lhes attribue o autor da *Corografia Brasileira*. Entretanto não é impossível que os Jesuitas, que tinham feito um estudo aprofundado da *língua geral* e composto um catecismo nessa língua, tenham feito adoptá-la por todos os índios que administraram. Tiveram sobretudo que agir assim para com os Goitacazes de S. Pedro dos índios, se, como creê PIZARRO, foram êles misturados com os de Sepetiba, que sem dúvida eram dos que falavam o tupi.

(16) Vide minha *1.ª Rel.*, vol. I, págs. 47, 427. (Corresponde ao Volume 126, págs. 55 e 357 da Coleção *Brasíliana*).

(17) Espécie de bambú descrita em minha *1.ª Rel.*, vol. I, pág. 20. (Corresponde ao Volume 126, pág. 35, da Coleção *Brasíliana*).

dendo os chapéus de palha a uma pataca e meia (2 a 3 fr.) e as redes a um ou dois cruzados. A pesca ainda é uma das occupações favoritas dos índios; êles se servem para apanhar o peixe, de redes por êles mesmos feitas, e mais frequentemente ainda de anzóis e linhas. Quanto aos ofícios, propriamente ditos, os de alfaiate, tecelão, etc., não gostam de aprendê-los, e a maioria dos artífices que moram na aldeia são brancos ou mulatos.

A língua primitiva dos índios de S. Pedro foi, como já se viu, quase abolida da memória dêles; vestem-se à moda portuguesa, tendo renunciado a seus antigos trajes; mas ao mesmo tempo encontram-se entre êles as boas qualidades e principalmente os defeitos que teem, no seio das florestas, seus irmãos ainda selvagens. São alegres, de humor dócil, direitos e espirituais; mas sua preguiça é extrema; amam apaixonadamente a aguardente e nunca pensam no futuro. Apenas cultivam o suficiente para viver; quase nunca teem excedente a vender; e se algum tem a fantasia de ir ao Rio de Janeiro, logo resolve satisfazer essa fantasia, abandonando pela metade do custo o fruto de um longo trabalho. Duzentos anos de civilização, sob dois regimens inteiramente diferentes, pouco modificaram o caráter dos índios de S. Pedro. Estão sempre parados e imprevidentes, como o eram outrora no meio das matas e charnecas, ou melhor dizendo, continuam crianças apesar de todos os esforços feitos para torná-los homens. Isso confirma ainda o que eu disse alhures; os índios não são susceptíveis do mesmo progresso que nós; sua civilização ficará sempre imperfeita; êles teem necessidade de viver sob uma tutela protetora, e se, como é possível,

não se pode proporcionar-lhes tal benefício, êles em breve terão desaparecido da superfície do Brasil e provavelmente de outras partes da América.

De tudo o que precede, era evidente que eu não devia esperar encontrar nas casas dos índios de S. Pedro, nenhum sinal de riqueza. As em que entrei estavam sujas e desprovidas de tôda espécie de comodidades. As mulheres aí se achavam agachadas no chão, e não vi outros utensílios além de redes e algumas panelas.

Indo visitar o capitão-mor da aldeia não achei sua casa melhor que a de seus administrados. Nela se via, na verdade, um banco e um par de tamboretas; mas o digno magistrado achava-se sentado no chão, com sua mulher, cada qual sôbre uma toalha separada. EUGÊNIO, o capitão-mor dos índios era oriundo, evidentemente, de uma mestiçagem, e, o que me pareceu mais notável, seus olhos divergiam em sentido contrário aos dos índios de raça pura. Quando entrei em sua casa achava-se êle ocupado em tecer uma rede para apanhar camarões. Pareceu-me ser sensato; mas, percebi que evitava responder às perguntas que lhe fazia. Os índios dão geralmente provas de uma desconfiança bem justificada pela violência e astúcia que a seu respeito empregam os homens de nossa raça (18).

Disse que os índios de S. Pedro apenas cultivavam o necessário as suas subsistências; mas os brancos,

(18) Se, como se disse a respeito dos habitantes de S. Pedro, os índios civilizados deram, algumas vezes, provas de finura e dissimulação, é preciso, crelo, ligar êsse defeito à justa desconfiança de que falo aqui. O viajante que fez aos índios essa acusação de falsidade disse também que o traço mais notável de seu caráter é um orgulho indômito; confesso, bem francamente, que êsse seria o último defeito que se poderia attribuir a essa pobre gente.

arrendatários de terrenos da aldeia, teem sempre alguns gêneros à venda. Ao tempo de minha viagem o café valia no lugar 7 a 8 patacas (14 a 16 fr.) a arroba; o arroz se vendia igualmente a 7 e 8 patacas o sacco de 4 alqueires; mas êsses preços eram considerados muito altos; o açúcar branco valia de 7 a 8 patacas a arroba e o milho 3 1/2 pataca o alqueire.

Durante minha estada na aldeia de S. Pedro dos Índios muito tive que louvar a bondade de um velho carpinteiro espanhol, estabelecido na região havia 40 anos. Êsse homem, logo que me viu chamou-me "compatriota" e demonstrou a maior alegria em verme. Há, sem dúvida, grande distância entre as cidades de Orléans e Valência; mas, em uma região tão diferente da Europa, todos os europeus tornam-se, por assim dizer, irmãos. O bom carpinteiro prestou-me pequenos serviços, dêle dependentes; e, quando deixei a aldeia indicou-me o caminho da cidade de Cabo Frio, com muita bondade.

É tempo de dizer, creio, de que modo eu viajava depois que deixei o Rio de Janeiro. Partia pela manhã, entre 8 e 9 horas. Tôdas as vezes que, no caminho, percebia uma planta que me era desconhecida, descia do cavalo, colhia algumas amostras, punha-as na prensa e alcançava, a trote, minha caravana, que seguia a passos lentos. Após haver feito de duas a quatro léguas, parava; descarregavam minhas malas e eu delas retirava tudo quanto era necessário à análise das espécies que colhera. Enquanto me dedicava a êsse trabalho o índio Firmiano ia buscar lenha, acendia o fogo e fazia ferver água necessária ao chá e ao feijão. Em lugar de farinha de milho eu comia farinha de mandioca; aliás minha alimentação era quase

a mesma que adotava em Minas (19). Se após ter tomado o chá, sobrava-me ainda bastante tempo, fazia uma pequena herborização, e depois, enquanto meu doméstico Prégent preparava os pássaros que havia caçado, eu começava a mudar as plantas de papel; serviam-se os tradicionais feijões e escrevia meu diário. Algumas vezes meu trabalho prolongava-se noite a dentro; todavia eu me levantava ao nascer do sol, concluía o que não pudera ser terminado nas vésperas, e, antes de partir auxiliava Prégent a mudar as plantas.

O caráter dêsse pobre moço alterava-se cada vez mais; eu tinha que suportar estoicamente suas êxquisites e comprava bem caro os pássaros que êle caçava e que, dispersos depois de meu regresso, terão sido provavelmente bem pouco úteis. Quando a Firmiano, continuava a ser o que se chama "um bom menino", mas sua preguiça e lentidão eram extremas. Como meu novo tropeiro, Manoel da Costa, aliava a um caráter dócil, bastante atividade o índio descansava nele todo o trabalho; ficava sempre muito longe da caravana, não matava nenhum pássaro e não fazia mesmo, sem ajuda, sua fácil cozinha. Acostumado a viver à sombra das florestas primitivas, êle sofria muito o calor excessivo das regiões descobertas e arenosas que então percorriamos e tinha queimaduras de sol nas pernas e nos braços. Quanto ao tropeiro, achava-me muito satisfeito; demonstrava bom humor e inteligência, amava o trabalho e frequentemente ajudava aos outros domésticos.

(19) Vide minha 1.^a Rel., I, 129 e 261. (Corresponde ao Volume 126, págs. 123 e 228, da Coleção Brasileira),

CAPÍTULO II

A CIDADE DE CABO FRIO E O PROMONTÓRIO DO MESMO NOME

Região situada entre S. Pedro dos Índios e a cidade de Cabo Frio. — Vista que se goza ao chegar a ela. — Dificuldades que o A. depara em encontrar um abrigo. — Vista que se descortina do alto da montanha chamada Morro de N. S. da Guia. — História do Distrito de Cabo Frio. — Distinção que é preciso fazer entre o Cabo e a cidade de Cabo Frio. — Administração dessa cidade. Área e população da paróquia de que faz parte. Descrição da cidade. Suas praças, ruas, igrejas; o convento dos franciscanos. — O sangradouro do Araruama. — Vegetação da faixa de terra que separa o lago do oceano. Água que se bebe na cidade de Cabo Frio. Insalubridade dessa cidade; não há aí médicos nem farmacêuticos. Ventos dominantes. Ocupação dos habitantes; sua pobreza; seu caráter; o pouco gosto que tem pela instrução e artes mecânicas. — Comércio. Agricultura. — Excursão ao Cabo Frio propriamente dito. Praia do Pontal, Prainha. Descrição das terras e ilhas que formam o conjunto do Cabo. Arraial da Praia do Anjo; ocupação de seus habitantes; secadouros sôbre os quais expõem os peixes; "toilette" das mulheres do arraial. A ponta de Léste.

Após haver partido da aldeia de S. Pedro, atravessei capoeiras e mais raramente terrenos em cultura. A região é montanhosa e florestal; de tempo em tempo percebem-se no campo choupanas esparsas, e, aproximando-se da cidade de Cabo Frio vêem-

se algumas casas melhores. Tinha-me distanciado do lago de Araruama; mas, a pouca distância da cidade achei-me de novo às suas margens. Nesse lugar a largura do lago já não é considerável; mas, se o panorama que se goza não tem a mesma pompa e a mesma extensão do que se admira em S. Pedro ou em Guaba Grande, êle é mais agradável e mais risonho. Avistam-se as duas margens do lago, que apresentam terreno desigual e ornado da mais bela verdura; algumas pequenas ilhas elevam-se à superfície das águas, e uma prodigiosa quantidade de pássaros aquáticos, ora reunidos em grupos, ora planando no ar, precipitam-se sôbre suas presas com grande rapidez. Mais perto da cidade o panorama ainda mais se embeleza. O lago parece limitado por uma montanha coberta por um relvado raso e o verde tenro dessa erva contrasta com o tom mais carregado das árvores e arbustos dos arredores. A montanha, que se acha situada, como se verá, nos terrenos do convento dos franciscanos, e que tem o nome de Morr de N. S. da Guia (2) é coroada por um pequeno oratório; êste, quando por alí passei, acabava de ser caiado, dando ao local efeito dos mais agradáveis.

Se o lago parece terminar ao pé do outeiro de que venho de falar, é porque nesse lugar êle fórma um cotovelo. Mais longe êle não apresenta mais que um largo canal, e, à margem oriental dêste último,

(1) Um dos mais hábeis ornitologistas de nosso tempo, o Sr. Príncipe de NIEUWIED, especificou os pássaros que vivem às margens do lago de Araruama.

(2) Encontra-se em CAZAL, e em uma compilação muito recente: **N. S. da Cula**; mas êsse nome é errado. A palavra **cula** designa êsses vasos que se fazem cortando ao meio as caças ou o fruto da *Crescentia eujete* L.

fica situada a cidade de Cabo Frio. Na margem oposta, onde me achava, existem montanhas e não se vê outra casa além da **venda** em que se pára para atravessar o lago e chegar à cidade. É onde existe o cotovelo referido que se situa o Convento dos Franciscanos; vis-a-vis, na direção de NE, o lago forma um outro cotovelo para logo unir-se ao mar; e, desse lado êle parece limitado por uma praça verdejante. O espaço compreendido entre os dois cotovelos tem o nome de Itajurú (3) e representa uma imensa área d'água, fechada por todos os lados.

Em pirogas muito estreitas, à razão de 20 réis por pessoa, faz-se a travessia do canal. Os cavalos e bôstas passam a nado; mas, como os animais são mantidos pelas redeas pelos que vão nas pirogas, é preciso pagar mais 20 réis por animal.

Haviam-me dito que eu podia conseguir asilo no convento dos franciscanos. Tendo atravessado o rio Itajurú, deixei meu pessoal na sua margem e fui pedir ao guardião permissão para passar um par de dias em um campo do convento bem como licença para deixar os animais pastar na montanha. Minha solicitação foi duramente recusada; insisti, ofereci dinheiro; tudo foi inútil; "ordens superiores" eram as desculpas apresentadas. Acostumado a ser alvo de tocante hospitalidade, mesmo em casa de homens os mais pobres, acabei, confesso, por perder a paciência; disse palavras duras ao velho monge e voltei à praia, sem saber o que fazer. A curiosidade tinha atraído

(3) Já mostrei que na "língua geral" **Itajurú** significava boca de pedra. Talvez digam também **Tajurú**, em corrupção. Quanto à palavra **rio**, não é raro ser empregada no Brasil para outras águas além dos rios propriamente ditos, riachos e ri-beirões.

para o redor de minha bagagem grande número de crianças; a elas me dirigi para saber se poderia encontrar uma casa para alugar; elas me indicaram uma. aonde me instalei mediante o módico aluguel de 320 réis (2 fr.) por quatro dias, e, não sabendo que fazer dos animais, mandei-os ao convento tendo tido o tropeiro Manoel da Costa a habilidade de reconciliar-me com os monges.

No dia seguinte fui ao convento dos franciscanos, subindo ao morro a êle pertencente e do qual já disse qualquer cousa. De lá desfrutei o mais belo panorama que se me deparara durante minhas viagens. Vou tentar esboçá-lo; mas isso será unicamente para dar uma idéia segura da posição dos respectivos lugares; será em vão qualquer tentativa de pintar por palavras tamanha magnificência. Em frente da capela que foi construída no cume da montanha, avistei o alto-mar, para além da restinga que o separa do lago de Araruama. Uma enseada se desenha entre a ponta do Costão, situada a léste da cidade e o cabo cujas montanhas avançam mar a dentro. A faixa de terra que limita o lago, estreita e muito plana, é salpicada como a de Saquarema, de arbustos, entre os quais intervalos de areia branca assemelham-se, de longe, a pequenas lagunas. Por trás da capela a vista perde-se sôbre o Araruama, cujas sinuosidades inumeráveis não poderiam ser descritas e cujas margens, revestidas de matas, capoeiras e pastagens apresentam a mais bela verdura. Antes de desenhar o cotovelo de que resulta o canal chamado Itajurú, o lago se contrae numa bacia de forma oblonga. À entrada do rio Itajurú êle se contrae ainda mais; depois, fazendo uma curva, alarga-se de novo e forma o canal,

com a figura de um quadrilátero comprido e irregular. Na margem oriental do Itajurú, para os lados da extremidade da restinga de Araruama, fica a pequena cidade de Cabo Frio, que se assemelha a uma lançadeira e que não é dominada por nenhum edifício notável. Imediatamente, o rio Itajurú, descrevendo um ângulo de cerca de 60°, curva-se para comunicar-se com o mar. Para além desse cotovelo o lago torna-se de novo muito estreito e é, então que, mudando ainda de nome, se chama **Camboa** (4). À margem desse último canal existe, do lado do sul, uma espécie de aldeia, chamada **Passagem**, que, apesar de distanciada 1/8 de légua de Cabo Frio, é entretanto considerada como parte da pequena cidade. Em frente a passagem, na margem setentrional de Camboa, existem pequenos montes que avançam pelo mar para formar a ponta do Costão; e enfim para além das terras que limitam o rio Itajurú ainda se avista o mar, ao longe. Tal é a vista que se descortina do morro pertencente ao convento dos franciscanos. A pequena capela que foi construída no seu alto, deve ser avistada de muito longe, de toda parte, e foi feliz a idéia de consagrá-la a N. S. da Guia.

O interior do distrito de Cabo Frio tem sido até agora mal conhecido pelos geógrafos (5); entretanto

(4) Acho também **Cambul** em minhas anotações. Segundo o autor citado por PIZARRO, **Camboa** significa na língua dos índios um lago em que os peixes entram com a maré montante e ficam detidos na maré vazante.

(5) Chegaram mesmo a confundir a cidade com o **cnbo**. Preciosos documentos são devidos ao exato e laborioso PIZARRO; mas seu livro não é conhecido na Europa e as pesquisas são aí muito difíceis. Quanto às sinuosidades da costa, elas foram traçadas pelo competente almirante ROUSSIN; é suficiente dizer que a esse respeito os geógrafos nada tem a desejar.

poucos anos após a descoberta do Brasil, êsse lugar era já célebre entre os franceses que aí faziam, com os índios, um comércio de trocas (6). VILLEGAGNON aí tocou e foi bem recebido pelos Tupinambás e outros selvagens. Foi ainda de Cabo Frio que em 1568 partiram os franceses, quando, a chamado dos Tamóios, seus aliados, fizeram uma última tentativa para se apoderarem do território do Rio de Janeiro. Rechassados por SALVADOR. CORREIA, governador desta cidade, os franceses recuaram até Cabo Frio. Um novo navio, armado de canhões e de excelente equipagem, aí tinha aportado. O capitão defendeu-se sôbre a ponte, mas terminou por cair morto; o vaso rendeu-se e os canhões de que se achava armado foram colocados pelos portugueses à entrada do sangradouro do Araruama (7). Mau grado essas precauções os franceses não cessaram de commerciar com os tamóios; mas, em 1572, ANTÔNIO SALEMA, governador do Rio de Janeiro, transportou-se a Cabo Frio com 400 portugueses e 700 indígenas; forçou os franceses a depôr as armas, fez grande carnificina entre os tamóios e os remanescentes dessa tribu fugiram para as montanhas. A nova vitória dos portugueses não venceu, entretanto, a obstinação dos negociantes franceses; êles continuaram a ir a Cabo Frio onde compravam pau-brasil aos índios (8), e os holandeses seguiam-lhes o exemplo. Êstes chegaram a construir uma pequena fortaleza ao norte do sangradouro e os primeiros levantaram uma casa de pedra no lado sul. Tendo conhecimento das provocações que essas duas

(6) ALPH. BEAUCHAMP, *Hist. Brés.*, I, 304, 305.

(7) SOUTHEY, *Hist. of Braz.*, I, 304, 305.

(8) SOUTHEY, *Hist. of Braz.*, 312 — PIZ., *Mem. hist.*, II, 52.

nações faziam aos navios portuguezes, o rei FELIPE II ordenou a GASPAR DE SOUZA, governador do Brasil, o estabelecimento de uma colônia portuguesa em Cabo Frio e a fortificação dêsse lugar, tanto quanto fôsse possível. CONSTANTINO DE MENE-LAU, então capitão-mor do Rio de Janeiro, para lá seguiu com alguns portuguezes e induziu os índios de Sepetiba e da província do Espírito Santô a se reunirem a êle. Os holandeses, que então se achavam no cabo com cinco navios carregados de pau-brasil, foram expulsos da região; MENELAU destruiu o forte bem como a casa dos franceses e, sem se preocupar com o inconveniente que resultaria do entulhamento do sangradouro do Araruama, aí mandou atirar os materiais dos edificios demolidos. O território de Cabo Frio tornou-se então numa pequena província e, em 1615, aí se fundou uma vila a que se deu o nome pomposo de cidade, título tão pouco acertado que em 1648, a pretensa cidade apenas se compunha de algumas dúzias de portuguezes, uma aldeia de índios e um forte sem soldados. ESTEVÃO GOMES que havia feito grandes sacrifícios para rechassar os corsários estrangeiros, foi nomeado governador da província, com o título de capitão-mor. Durante mais de um século o Cabo Frio continuou a ter governadores particulares; mas êsse lugar foi enfim suprimido por um decreto de 30 de Outubro de 1730.

O promontório chamado Cabo Frio deve seu nome aos ventos aí dominantes e que, durante os meses de Junho e Julho são muito frios, para a zona tórrida. Apesar da cidade ficar a duas ou três léguas do cabo êle serviu para batizá-la. Nos atos públicos ainda se dá à vila o nome de cidade, que ela recebeu, como

disse, à época de sua fundação e que é reservado ordinariamente às cabeças de dioceses. Mas, quando os habitantes da região se referem à "cidade" é ao Rio de Janeiro que aludem; quanto à cidade de Cabo Frio eles chamam sempre "Cabo Frio", palavras às quais não acrescentam nenhuma qualificação e dão o nome de "cabo", simplesmente, ao promontório. (9).

Cabo Frio é ao mesmo tempo capital de um distrito de milícia ou guarda nacional, de uma justiça, de uma paróquia.

Aí por meados do século XVII foi criada uma câmara municipal na cidade. A jurisdição dessa câmara foi então estendida até à província do Espírito Santo; mas a criação de várias vilas foi diminuindo essa jurisdição e atualmente ela é de poucas léguas (10).

A cidade de Cabo Frio depende da Comarca da Capital. Antes da chegada de D. JOÃO VI ao Brasil não havia aí outros magistrados de primeira instância além de "juizes ordinários"; mas, recentemente, foram eles substituídos por um "juiz de fora" e é êste que recebe o dízimo das casas que o ouvidor do Rio de Janeiro vinha anteriormente receber cada ano (11).

A paróquia de Cabo Frio, após ter tido outrora vinte léguas de comprimento, está hoje reduzida a três ou quatro léguas e conta cêrca de duas mil almas,

(9) Pelo visto não é exato dar à cidade de Cabo Frio o nome de Vila do Cabo Frio, que lhe atribue um viajante moderno.

(10) PIZ. Mem. hist., II, 142.

(11) Expliquei em minha 1.^a Rel. Vol. I, 359 (Corresponde ao Volume 126, pág. 304, da Coleção **Brasiltana**) e seguintes), o que são "ouvidores", "câmaras", "juizes de fora" e "juizes ordinários".

compreendendo as pessoas de côr (12). Só a cidade abrange mais da metade dessa população e conta cêrca de duzentos fogos. Dos 2.000 indivíduos, de que venho de referir, quase mil são escravos; mas a maior parte dêstes últimos acha-se disseminada pelas propriedades rurais das vizinhanças. Os habitantes da cidade são na maioria brancos, vendo-se entre êles poucos negros e muito menos mulatos.

Já descrevi a topografia de tôda a região vizinha de Cabo Frio; já disse que essa cidade está situada à margem oriental de um grande canal chamado rio Itajurú, prolongamento do lago Araruama; enfim acrescentei que ela ficava no fim da faixa de terra (restinga) que separa o lago do mar e que apresentava a forma de uma lançadeira. Essa cidade não merece atualmente, mais que em 1648, o título pomposo com que a enfeitavam. À exceção de 5 a 6 casas assobradadas tôdas as outras são térreas; são cobertas de telhas, mas baixas, pequenas, com janelas estreitas; e os grandes pedaços de rebôco caídos da maioria delas, deixam ver a terra vermelha com que foram construídas, bem como os pequenos pedaços de madeira, transversais, da grossura de um dedo, que compõem a sua armação. O interior dessas míseras moradias corresponde ao exterior e demonstra pobreza.

(12) PIZARRO diz que outrora, isto é, sem dúvida quando tinha vinte léguas de comprimento, a paróquia de Cabo Frio compreendia 11.600 almas; mas hoje ela não conta mais de 7.000 adultos. Essa população, indicada de modo muito vago, seria imensa, se me não engano, para os limites hoje muito restritos da paróquia. E' possível que o autor das *Memórias* não tenha feito conta, em seu cálculo, de tôdas as reduções feitas, e talvez tenha mesmo incluído as populações de S. João da Barra e S. Pedro dos Índios. E' ao próprio vigário de Cabo Frio que devo as informações aquí registradas e, por conseguinte, não posso deixar de crer que merecem alguma confiança.

À entrada da cidade, do lado do convento, há uma pequena praça que forma um triângulo cuja ponta fica em direção ao monastério, e à base do qual começam três ruas arqueadas mais ou menos paralelas ao rio Itajurú. Essas três ruas, atravessadas por algumas outras muito estreitas, vão dar a uma outra praça, triangular como a primeira, mas muito maior, na qual fica a igreja paroquial e que termina por uma rua única, muito larga. É fácil concluir que, de toda essa disposição deve resultar uma forma que, como disse, se assemelha a uma lançadeira. Além das ruas de que venho de falar há ainda uma, melhor construída que todas as outras, a chamada rua da Praia, formada por uma única fila de casas, à margem do lago. Nada mais bonito que a vista que se goza dessas casas. Diante delas estende-se o canal de Itajurú onde circulam, quase sempre, algumas embarcações: para além do lago ficam as montanhas que o limitam e a venda próximo da qual se embarca para ir ter à cidade; enfim de um lado vê-se o convento dos franciscanos e o morro de N. S. da Guia, que, como se viu, parecem limitar o canal, enquanto que do outro lado êle parece ter por limite um terreno desigual e dotado de bela verdura. As praias e as ruas não são calçadas, e, como, por assim dizer, não há nenhum movimento na cidade, vegeta por toda parte um gramado muito fino e de belo efeito.

À extremidade dessa rua, que limita a maior das duas praças de Cabo Frio, existe uma grande área de terreno baldio onde cresce em abundância uma **salicornia** que eu já havia colhido próximo do Rio de Janeiro. Adiante dessa área acha-se o arraial da Passagem, que é tido como parte integrante da cidade,

e fica à margem do canal de Camboa, nome que toma, como se viu, o rio Itajurú depois que se dobra em direção ao mar.

Além da igreja do convento há ainda mais três na cidade de Cabo Frio; a igreja paroquial dedicada a N. S. da Assunção (outrora a Sta. Helena); São Benedito, pertencente a Passagem, e enfim S. Bento. Estas duas últimas não passam de pequenas capelas que, pelo exterior, pareceram-me em muito mau estado. A igreja paroquial é maior; mas é irregular, pouco ornamentada, sem teto, concordando bem com a pobreza das casas que a cercam.

O convento dos franciscanos, construído em 1686 (13), pareceu-me muito bem conservado e, quando por ali passei, havia sido recentemente caiado. Esse monastério não é muito grande; mas em relação ao número de seus moradores êle não é pequeno; havia sido fundado por 16 religiosos (14) e contava na ocasião apenas 3. De um dos lados da igreja fica um pequeno claustro quadrado, extremamente limpo e cercado de construções, mas que ainda não se achava terminado.

Do arraial da Passagem ao sangradouro do Arauama (barra), pode haver meio quarto de légua. Nesse espaço o canal de Camboa parece um rio; em sua extremidade êle descreve uma curva e enfim se une ao oceano por uma estreita abertura que, tendo sido, como vimos, entulhada pelos escombros dos fortes demolidos, não tem hoje mais de 8 a 9 palmos (1m,76 a 1m,98, s. FREYCINET) de profundidade, e

(13) PIZ. *Mem. hist.*, II, 137.

(14) L. C.

onde não podem navegar senão pequenas lanchas (15). O sangradouro apresenta um aspecto muito agradável; é dividido desigualmente por uma ilha, por assim dizer, cortada ao meio, e no lugar da interrupção vêem-se apenas rochedos enegrecidos, quase à flor d'água. Para além dêstes a ilha eleva-se bruscamente para formar um montículo arredondado, onde foi construída a mesquinha casa a que é dado o nome pomposo de fortaleza (16). Diante dessa pequena construção, no declive do montículo, estende-se um relvado de bela verdura, e do lado existem tufo de arbustos de copa quase esférica, no meio dos quais elevam-se vários **cactus**. Ao longe avista-se o cabo Frio e o alto mar. O pretense forte é guardado por seis soldados da milícia ou guarda nacional, que se renovam de quinze em quinze dias, e que são comandados por um simples cabo. Esse é obrigado a dar aviso, ao coronel do distrito, da entrada e da saída de embarcações que passam pelo embarcadouro (17).

Exceção feita da serra do Caraça e das vizinhanças da Penha, na província de Minas, não creio ter achado, desde o começo de minha viagem, uma região mais interessante para a botânica que essa península

(15) PIZARRO disse (*Mem. hist.*, II, 178) que as sumacas, embarcações um pouco maiores, entram também no sangradouro de Cabo Frio, mas que são obrigadas a esperar a maré montante para evitar os entulhos.

(16) Segundo PIZARRO e CAZAL, esse pequeno forte tem o nome de "Forte de S. Mateus".

(17) Tudo quanto se tem escrito até aqui sobre a topografia das terras de Cabo Frio dá idéa pouco exata do lugar: por ex., quando se disse que o cabo Frio era um promontório rochoso, diante do qual se acham algumas ilhotas da mesma natureza; que em uma dessas ilhotas, próximas da costa, elevava-se pequena fortaleza que defendia um porto; que uma laguna se prolongava em semicírculo no interior das terras, e que às suas margens estava situada a cidade de Cabo Frio.

ou **restinga** que separa o oceano do Araruama. Durante o tempo que passei em Cabo Frio herborizei todos os dias nessa península, e, diariamente aí se encontravam grande número de plantas interessantes. Por tôda parte o terreno, chato e uniforme é constituído de puro arcial. Arbustos de quatro a seis pés, ramificados desde a base, crescem aquí e acolá; apresentam-se em geral sob a forma de tufos isoladõs; mas, as numerosas espécies a que pertencem teem cada uma um porte e uma folhagem que lhes são próprios; pequenas lianas sobem em seus ramos; uma **Loranthus** (18) espalha-se de qualquer jeito sôbre as **Eugenia**; e **cactus** de hastes nûas e eretas, contrastam com as massas de folhagem que as envolvem. Dir-se-ia um jardim inglês no qual o artista tivesse disposto os arbustos de acôrdo com suas afinidades e contrastes mais felizes (19). Aí domina a família das Mirtáceas, não menos abundante em suas espécies que em indivíduos, e, entre as plantas dêsse grupo

(18) **Loranthus rotundifolius** Aug. S. Hil., (Introd. à l'Hist. des plantes les plus remarquables, pág. XXI). O illustre DE CANDOLLE inserindo esta espécie em seu útil **Prodromus** (IV, 292), indica-a como existente nos arredores do Rio de Janeiro. Sem dũvida foi levado a essa asserção pela introdução muito resumida que quis citar; mas a faixa de terra onde encontrei a **Loranthus rotundifolius** fica a 30 léguas por terra e 18 por mar da Capital do Brasil, e eu não observei nos arredores dessa capital nenhum gênero de vegetação que se parecesse com as das restingas. Penso que os naturalistas deviam ter o maior cuidado na exatidão das localidades que indicam. Que deve dizer um brasileiro, por ex., quando em uma obra de história natural muito apreciada e recente, ête encontra a **provincia da Mina** e a de **Cantagalo**? Consultando alguns livros de geografia um pouco modernos, ver-se-á que existe no Brasil, uma provincia de **Minas ou Minas Gerais**; mas que se não encontra nenhuma **provincia da Mina**; ver-se-á ainda que Cantagalo não passa de uma pequenina vila da provincia do Rio de Janeiro.

(19) Vide minha introdução à **Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paragual**.

posso citar as pitangueiras (**Eugenia Michellii** Lam.) que mostram ao mesmo tempo, entre suas folhas brilhantes, flores alvas e os belos frutos vermelhos de que estão carregadas (20). No meio de todos esses arbustos, percebem-se apenas, sobre a areia branquicenta, algumas ervas esparsas. A **Ionidium ipeacuanha** é uma das mais comuns (21).

No trecho do litoral que percorri até então era-se privado de uma vantagem que se goza em Minas — a de beber uma água excelente. Pouco depois do Rio de Janeiro a água deixa de ser boa, e, em Guaba Grande, assim como em S. Pedro ela torna-se turva, espessa, esbranquiçada, verdadeiramente detestável. A que se bebe na cidade de Cabo Frio apresenta uma particularidade singularíssima. Perfeitamente límpida e sem nenhum gosto, apresenta ao mesmo tempo uma côr de ferrugem muito intensa, e, apesar de fornecida por diversas fontes é em tôda parte da mesma natureza. Todavia quando descia o morro de N. S. da Guia fui ver uma fonte um pouco diferente das outras. Suas águas teem também uma côr de ferrugem ou âmbar; mas achei-lhe um gosto ferruginoso muito pronunciado; não obstante asseguraram-me que elas perdiam tal sabor quando se tinha o cuidado de deixá-las repousar.

É à péssima qualidade das águas que se atribuem, diz o autor das **Memórias históricas** (11, 153), as fe-

(20) Não posso deixar de assinalar ainda, entre as plantas interessantes do Cabo Frio, duas Ericáceas, uma de flores vermelhas (**Gaylussacia pseudo vaccinium**), a outra de flores esverdeadas (**Andromeda revoluta**) e uma **Cuphea** (**Cuphea flava**), notável por suas corolas amarelas.

(21) Informaram, na região, ao Sr. LUCOCK, que os animais não temem comer a planta em apreço: (**Notes on Braz.**, 315) e se me não engano essa assertiva é comprovada por minhas amostras.

bres, que, cada ano, assolam o território de Cabo Frio. Essas doenças periódicas exigiriam os cuidados de alguns homens de ciência, e, infelizmente, não existem na região, médicos, nem farmacêuticos (22). Os enfermos dirigem-se a mulheres que teem, é verdade, algumas idéias ligeiras sôbre as propriedades das plantas, mas que são de profunda ignorância. Muita gente se mete a fazer sangrias, porém sem a necessária habilidade (23).

Demais, se Cabo Frio não é uma região muito salubre é de crer-se que ainda o seria menos sem os ventos que, como disse, aí sopram sem cessar (24). Observei os ventos muito violentos durante minha estada nessa região, e, asseguraram-me que o ar aí nunca é calmo. Os ventos que aí se fazem sentir mais frequentemente são os de NE durante a estação quente e os de NW durante a fria. O tempo do calor começa no mês de Agosto e vai até Março ou Abril, vindo em seguida o do frio.

Ao redor da cidade de Cabo Frio o solo é constituido sómente de uma areia pura, e não poderá ser cultivado. Todos os seus habitantes são pois pescadores ou artífices. Entre os primeiros há alguns que possuem 9 a 10 negros e que teem uma dessas

(22) Na verdade o Príncipe de NEUWIED menciona (*Reis.* I, 88) um farmacêutico em Cabo Frio, do qual, aliás se queixa. Mas esse cientista, ao que parece, apenas entreviu essa parte do litoral e é assaz possível que o homem de que êle fala seja um desses negociantes, como se vêem em Minas, que com alguns remédios vendem muitas outras cousas; PIZARRO, escritor muito exato, diz expressamente que nunca houve na cidade de Cabo Frio "farmacêutico estabelecido com farmácia aberta".

(23) PIZ. *Mem. hist.*, II, 152.

(24) "Os habitantes de Cabo Frio pretendem, diz o Sr. de NEUWIED (*Reis.* I, 84 ou *Voyage Brés.* trad. Eyr., I, 124), que as brisas do mar limpam e purificam a atmosfera".

pequenas embarcações chamadas lanchas, cujo valor ascende, quando novas, a 700\$000 (3.750 fr.). Esses homens, cujos capitais não vão além de 25 a 30 mil francos, são, todavia, os mais ricos da cidade. Pode-se dizer que em geral reina em Cabo Frio uma grande pobreza; há apenas três ou quatro lojas de mantimento, e as **ventas** são não sómente pouco numerosas, mas ainda mal sortidas. Como os escravos são raros, os brancos, que formam quase tôda a população, entregam-se sem acanhamento a serviços que um mineiro olharia como deshonoroso; brancos vão buscar água e lenha, carregam cargas, andam descalços e enfim, conheci um que era caixeiro de um mulato.

Ficou dito que em 1618 existiam apenas algumas dúzias de brancos e uma aldeia de índios em Cabo Frio; mestiçagens alteraram então nossa raça e não serão os reforços que ela recebeu posteriormente que poderão retorná-la à sua verdadeira dignidade. Os homens que, aí pelo comêço do século XVII, penetraram o interior do Brasil, eram, sem dúvida, aventureiros; mas alguns entre êles não eram destituídos de educação e todos possuíam alma forte e perseverança. Ao contrário, os que povoaram as costas estéreis de Cabo Frio, não podiam ser senão desertores ou criminosos banidos da pátria e que não tinham coragem para ir além do primeiro asilo que se lhes apresentasse na rota. Esses homens terão ainda sido enervados pelo calor do clima e pelo ar dos pântanos; e uma parte de seus defeitos deve necessariamente ter sido transmitida aos pósteros. Notei nos colonos de Cabo Frio essa frieza, essa indolência, essa estupidez que eu havia observado desde o Rio de Janeiro nos colonos do litoral. Os próprios

cidadãos que se acham em nível superior à maioria, por sua educação, não são mais polidos que o restante de seus compatriotas. Na província de Minas Gerais, os principais habitantes das cidades vão visitar o estrangeiro logo que este chega; apresentei-me em casa de duas das personagens mais notáveis de Cabo Frio: elas nem ao menos se dignaram pagar-me a visita. Diariamente eu era importunado por uma multidão de crianças e rapazes que entravam em meu quarto ou se comprimiam diante de minha janela; mas não era pelo barulho que se tornavam importunos, porquanto passavam horas seguidas sem proferir palavras, estupidamente ocupados em me olharem escrever.

Há em Cabo Frio um mestre-escola e um professor de latim (25), que devem ser pagos pela administração. Mas a extrema apatia dos habitantes desse lugar afasta-os dos estudos; ninguém se dedica ao latim, além dos que desejam seguir a vida eclesiástica, e, ao tempo de minha viagem o professor sómente tinha dois alunos. É verdade também que esse professor, esquecido pelo govêrno, havia sete anos que não recebia o ordenado que lhe era atribuído e, sendo forçado a dedicar-se ao comércio, para viver, êle não tinha nenhum interêsse em atrair grande número de discípulos.

A paixão que os habitantes da região teem pela pesca inspira-lhes não sómente o desamor ao estudo, mas ainda o desprezo pelas artes mecânicas (26). En-

(25) Um moderno compilador, compreendendo mal o que disse CAZAL, escreveu que existem em Cabo Frio vários professores de latim. Isso não é verdade.

(26) PIZ. Mem. hist., II, 145.

tretanto dedicam-se, próximo de Passagem, à margem do canal de Camboa, a uma indústria que não é sem importância: aí constroem grande número dessas pequenas embarcações a que chamam lanchas, e, à época de minha viagem aí havia três sôbre os estalciros. As madeiras que empregam veem do interior; a sucupira (27), o óleo preto e o óleo vermelho são as preferidas.

Não é sómente à pesca de peixes que se entregam os habitantes de Cabo Frio. A região é ainda afamada por seus camarões, abundantes principalmente no canal chamado Rio Itajurú. Usam, para apanhar êsses crustáceos, longas redes com a forma de coador, que se prendem a duas grandes varas ligadas em suas extremidades. À noite, em canoas, vão os pescadores para o meio do canal: prendem as redes perto do barco e acendem uma grande tocha. Atraídos pela luz os camarões entram nas redes sendo colhidos em grandes quantidades. Pela módica quantia de 80 réis (50 c.) adquiri-os em porção suficiente para todos os meus empregados. Quanto ao peixe fresco, é vendido a 4 patacas (8 f.) a arroba.

Se os habitantes de Cabo Frio são, como disse, pescadores e artífices, há, entretanto, nas vizinhanças da cidade, para além dos tristes areiais, um grande número de cultivadores e entre êles dois proprietários de engenhos de açúcar. Êstes enviam por conta própria ao Rio de Janeiro o produto de suas terras; mas a maioria dos outros agricultores, menos ricos,

(27) O sábio FREYCINET disse, segundo informações que lhe deram no Rio de Janeiro, que a palavra *sucupira* se escreve de vários modos. Não ouvi pronunciar êsse vocábulo de modo diferente do que aqui escrevo e minha ortografia é igual às de CAZAL e PIZARRO.

vendem seus produtos a negociantes da Capital, que os veem procurar na região, e a que dão o nome de **travessadores** (28). Acorrem também aos arredores de Cabo Frio negociantes da Baía; mas éstos limitam-se a adquirir farinha de mandioca. Os travessadores fazem adiantamentos aos agricultores e adquirem previamente certa quantidade da colheita. É fácil concluir que êsse gênero de comércio deve ter para a região inconvenientes graves. Como os lavradores fazem compromissos cuja execução deve absorver tôda a colheita, acontece que por várias vezes os habitantes da cidade ficam em dificuldade para obterem os indispensáveis alimentos; além disso teem que arcar com os pesados impostos que gravam os comestíveis oriundos do Rio de Janeiro, a carne sêca, por exemplo.

É desnecessário dizer que os preços daqui são iguais aos da aldeia de S. Pedro dos Índios (29). O transporte de Cabo Frio à Capital é pago à razão de 12 vinténs (1 f. 44 c.) por sacco de 2 alqueires (30); e, com uma pequena embarcação e bom vento, pode-se fazer em um dia a viagem, que, por mar, é de 18 léguas portuguezas. Os sacos em que são acondicionados os produtos da lavoura local são feitos com tecidos de algodão provenientes de Minas Gerais ou da província do Espírito Santo. Cultiva-se também um pouco de algodão nos arredores de Cabo Frio; mas êle não é de qualidade superior, e os colonos reservam-no geralmente para o uso de suas famílias e em particular para as roupas dos negros. Comprei aí

(28) Corruptela de **travessadores**.

(29) Indiquei em páginas anteriores os preços correntes à época de minha viagem.

(30) 2 alqueires no R. de J. equivalem, seg. FREYCINET, a 80 litros.

uma pequena quantidade de que necessitava para embalagem de minhas coleções, ao preço de 4 patacas a arroba (31).

Não queria passar pela cidade de Cabo Frio, sem ir ver o cabo, a primeira terra que havia avistado ao chegar ao Brasil.

Após ter saído da cidade, contornei tôda a enseada que se avista do morro de N. S. da Guia e que se estende ao sul da ponta do Costão, à extremidade oriental dessa espécie de quadrado largo em que termina a restinga de Araruama. A praia margeante a enseada prolonga-se de norte a sul; chama-se Praia do Pontal, e compõe-se de um areial puro, perfeitamente branco e sem vegetação. Para além dessa praia vêem-se então gramíneas, uma espécie de Amarantácea cujos longos caules alastram-se sôbre a areia; enfim em alguns lugares uma pequena palmeira chamada **guriri** cujo caule é subterrâneo e as folhas radicais, cujos frutos são muito pequenos e dispostos em espigas densas como as do milho, e que, vivendo em sociedade cobrem grandes áreas (32). Afastando-se bem do mar encontra-se então a vegetação de restingas, que já fiz conhecida e que se compõe de arbustos esparsos e semelhantes a tufos.

No lugar em que termina a praia do Pontal, ou se se quizer, à extremidade sudeste da restinga de Ara-

(31) PIZARRO diz (*Mem. hist.*, II, 149) que durante algum tempo a criação de cochonilhas foi por muito tempo explorada em Cabo Frio, mas que a falsificação do produto fez decair a indústria como aconteceu à do anil.

(32) O príncipe de NEUWIED menciona essa palmeira e diz que ela se chama também **pissandó** (*Reis.*, I, 67, ou *Voyage Brés.*, trad. EYR., vol. I, pág. 95). As amostras de **guriri** colhidas pelo príncipe de NEUWIED foram descritas na Alemanha sob o nome de **Allagoptera pumila**.

ruama, começa o conjunto de terras que, projetando-se oceano a dentro, na direção SE, formam o cabo Frio. Chegado à extremidade chamada canto do Pontal, avistei, próximo da praia, uma ilha deserta, a que dão o nome de Ilha dos Papagaãos, porque serve de asilo a um grande número dessas aves (33).

No canto do Pontal existem, no meio dos areiais, algumas cabanas de pescadores. Aí deixei de contornar a praia e, passando por trás de uma ponta de terra que pertence ao conjunto de Cabo Frio e que tem partes cultivadas pelos pescadores do canto do Pontal, cheguei a uma outra enseada. Esta ainda é muito menor que a da praia do Pontal e tem o nome de Prainha (34).

As elevações que rodeiam a Prainha apresentam vegetação assaz raquítica. Distinguem-se nesses montes: um **cactus** espinhoso cujas numerosas hastes crescem como candelabros, dispostos em verticilo; uma Mirsinácea que ultrapassa ordinariamente a altura de um homem e que vive em sociedade, ocupa, ela só, grandes áreas. Os diferentes pés desta última planta são muito agrupados; confundem seus ramos numerosos e formam u'a massa de folhas ovais, brilhantes, de

(33) Creio dever consignar aqui algumas dúvidas que me inspiraram a inspecção do belo mapa da provincia do Rio de Janeiro, publicado pelo Sr. FREYCINET. Aí vejo a Ilha dos Papagaãos collocada ao lado do sangradouro do Araruama e uma ilha chamada do **Pontal** situada em frente à extremidade sul da praia do Pontal. Está claro que não foi a Ilha dos Papagaãos consignada por FREYCINET que avistei ao chegar a essa extremidade. Haverá algum erro nas indicações que me foram dadas nos próprios lugares que menciono? Haverá occorrido algum erro na carta a que me refiro? Os habitantes de Cabo Frio darão o nome de ilha dos Papagaãos a duas ilhas ao mesmo tempo? Sómente novas pesquisas topográficas na região poderão resolver essas dúvidas.

(34) E' chamada, penso, **Ponta de S. Pedro**, na carta do Sr. FREYCINET.

um verde escuro, um pouco menores que as da laranja.

Após ter contornado o fundo da enseada da Praia, voltei a percorrer terras afastadas do mar. Passei então por trás de um promontório que se projeta no mar na direção sudeste; passado este achei-me diante de uma terceira enseada, limitada, à esquerda e à direita por montes. Essa enseada, muito profunda, que se estende mais ou menos de norte a sul, é dividida por uma projeção de terra, em duas partes desiguais cuja mais setentrional, a menor, chama-se Praia do Forno e a meridional: Praia do Anjo. O conjunto é limitado por um lado pela Ponta do Porco e do outro pela Ponta de Léste. Em frente à Ponta do Porco existe uma pequena ilha chamada Ilha dos Porcos; adiante da Ponta de Léste existe outra pequena ilha.

E' esta última que forma a parte mais avançada das terras de Cabo Frio; é ela sobretudo que avista o navegador, encantado, quando vem da Europa para o Brasil. Também, apesar de tôdas as terras que se projetam no oceano, depois do limite meridional da Praia do Pontal, pertencerem realmente ao cabo Frio, dá-se mais particularmente, na região, o nome de **Cabo** à Ponta de Léste e à ilha que lhe fica em frente. Algumas vezes também se designa esta última pelo nome de **Ilha**, que, no caso, significa, por assim dizer, ilha principal, ilha por excelência (35).

Existindo duas ilhas em frente à terra firme, deve necessariamente haver três canais ou estreitos dando acesso do alto mar às enseadas do Forno e do Anjo;

(35) Esta ilha é designada sob o nome de Ilha da Tromba, na carta e na bela obra do Sr. FREYCINET; mas eu não o ouvi na região e ele não é citado por PIZARRO.

o primeiro entre a Ponta do Porco e a ilha do mesmo nome; o segundo entre as duas ilhas; o terceiro entre a ilha propriamente dita e a Ponta de Lés-te. O estreito canal que separa a Ponta do Porco da ilha do mesmo nome chama-se Boqueirão do Nordeste. O que se acha entre a Ponta de Lés-te e a **Ilha** chama-se Boqueirão de Lés-te; mas, tomando direção de lés-te a sul êle tem, à sua extremidade meridional, o nome de Boqueirão do Sul. A enseada da Praia do Anjo é extremamente útil às pequenas embarcações de cabotagem, que, segundo os ventos, podem aí entrar por diversas aberturas e que aí encontram um abrigo seguro.

Não se encontram habitantes na praia chamada Praia do Forno; mas na Praia do Anjo, onde parei, encontra-se um pequeno povoado. Este compõe-se de uma pequena capela, bem conservada, dedicada a N. S. dos Remédios e de uma vintena de choupanas construídas desordenadamente na praia e entremeadas de arbustos (36). Essas choupanas são pequenas, baixas, mal iluminadas, cobertas de colmo, construídas de pau a pique e barro e acham-se em muito mau estado. Algumas mesmo, sem dúvida pela ação do vento, tomaram uma posição de tal modo oblíqua que se acreditaria que iriam tombar. Os esteios colocados nos quatro ângulos dessas casas não são lavrados e terminam por pequenas forquilhas, sôbre as quais descansam os madei-

(36) Vé-se, do que digo, que há engano em declarar que N. S. dos Remédios é uma paróquia ou uma aldeia construída ao norte da pequena ilha dos Franceses. PIZARRO, em geral tão escrupulosamente exato, diz expressamente: "Nos limites da paróquia de N. S. da Assunção de Cabo Frio, acha-se a capela de N. S. dos Remédios situada na Praia do Anjo, onde muito se dedica à pesca. Esta capela foi construída por Antônio Luiz Pereira e outros pescadores (Mem., II, 136)".

ramentos da coberta. Em uma palavra, essas cabanas apenas são comparáveis às da Aldeia dos Macumís (37), mau grado pertencerem e serem habitadas por brancos.

Todos os habitantes da Praia do Anjo dedicam-se à pesca e, a cada passo encontra-se, no povoado, o indício de suas ocupações habituais. À beiramar vê-se um grande número de paus com forquilhas que sustentam varas horizontais sôbre as quais são estendidas as redes molhadas, e, junto às casas existem os secadouros dos peixes destinados à conserva. Cada secadouro é frequentemente composto de três fileiras de esteios com forquilhas que recebem varas transversais; estas servem de apôio a outras varas, e é nessa espécie de soalho gradeado que se expõe o peixe a secar.

Não sómente a pesca é extremamente abundante nas vizinhanças de Cabo Frio, como rica em variedades de peixes. Os mais comuns são os conhecidos na região pelos nomes de: enxova, cavala, framinguete, grassuma, sarda e principalmente a tainha, cuja abundância é prodigiosa e constitue delicado manjar. Como os pescadores de Cabo Frio não podem vender nem consumir, senão em pequena quantidade, o peixe fresco, êles escamam e limpam o excedente, fendendo os peixes, da cabeça à cauda; salgam-no e põem-no a secar nos secadouros descritos. Remetem parte do peixe sêco ao Rio de Janeiro e outra parte vendem aos agricultores das vizinhanças que o empregam na alimentação dos negros.

O dia em que pernoitei na Praia do Anjo era domingo. As mulheres deviam naturalmente estar vestidas com algum asseio, mas eu estava longe de esperar

(37) Vide minha 1.^a Rel., vol. II, pág. 41. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 42, da Coleção **Brasilliana**).

o singular contraste que me ofereciam as míseras choupanas com a "toilette" das suas moradoras. Elas usavam vestidos de musselina bordada, chales de musselina ou de seda, colares e brincos, e, segundo a moda geralmente estabelecida entre as brasileiras, traziam seus longos cabelos presos no alto por uma travessa. Assim vestidas achavam-se essas mulheres sentadas nas soleiras de suas portas ou agachadas no interior das choupanas, que não possuíam outro mobiliário além de duas malas, toalhas, uma cama e alguma louça. A venda onde passei a noite tinha apenas um pouco de milho, duas ou três garrafas de aguardente e algumas libras de toucinho; mas aí vi uma cesta cheia de bastões de pomada que o botequineiro estava certo de vender às moças do arraial. Convenhamos que não podemos nos queixar da vaidade das mulheres das nossas cidades, quando vemos que as moradoras dos sertões demonstram tanta "coquetterie". Essas mulheres, quando avistam um homem, não fogem como acontece às senhoras de Minas; elas não apresentam nada parecido com as camponesas européias; mas eu prefiro mil vezes a rusticidade destas últimas ao ar frio, desdenhoso e grosseiro das habitantes desta parte do Brasil. Não falo aqui sómente das da Praia do Anjo; tôdas as mulheres que vi desde o Rio de Janeiro tinham modos absolutamente semelhantes.

Logo após ter chegado à Praia dos Anjos queria ir à ilha do Cabo; mas, como o vento estava muito violento para que eu pudesse atravessar o canal em uma piroga, o único gênero de embarcações que se encontra aqui, tomei a deliberação de ir à Ponta de Léste. Foi em vão que ofereci dinheiro a crianças andrajosas para

que me conduzissem; sómente um velho negro se dispôs a servir-me de guia.

Após termos seguido pela praia chegámos à montanha que limita a enseada do Anjo do lado sul e faz parte do promontório a que me dirigia. Chegado ao ponto que domina tôda a baía, avistei, de um só golpe de vista, o conjunto dos lugares que já descrevi; a ponta que separa a enseada do Anjo da do Forno, a ilha dos Porcos, o canal que a separa da terra firme o cabo propriamente dito e a entrada do canal de Léste. Penetrei em um mato virgem, de vegetação muito mesquinha, que cobre o alto do morro; passei em seguida por terrenos cobertos do **Cactus** e da Mirsinásea que já vira nos montes da enseada de Prainha; atravesssei pastagens naturais de muito boa qualidade, e, após ter descido sôbre rochedos negros, achei-me em baixo, do lado oposto da montanha, à beira do oceano. De lá avistei o Boqueirão do Sul, parte meridional do canal que separa a ilha do Cabo da terra firme. Para além do canal via a ilha e algumas choupanas de pescadores, construídas perto da praia chamada Praia da Ilha.

A pesca é mais abundante ainda ao redor da ilha do Cabo que nas costas da terra firme. Após ficar muito tempo livre ela foi recentemente arrendada pela câmara de Cabo Frio; mas, como em seguida tornou-se menos abundante deixaram-na novamente livre.

Voltando da Ponta de Léste ao arraial do Anjo, comentei com meu guia a respeito da excelência das pastagens da montanha e demonstrei minha surpresa por não ver aí nenhum gado. Meu guia disse-me que os habitantes do arraial possuem algumas vacas, as quais, no tempo de frio vão pastar à Ponta de Léste,

mas na estação quente, que estava iniciada, elas são perseguidas pelos mosquitos.

No regresso à Praia do Anjo fui ver um forno de cal, construído à extremidade do arraial. No Rio de Janeiro e em todo o litoral até Cabo Frio, a cal é feita com conchas que se catam na praia; mas próximo à cidade de Cabo Frio, na Praia do Anjo, e enfim, asseguraram-me, em S. Pedro dos Índios, encontra-se pedra calcárea, preferida às conchas, existindo em cada um desses três lugares fornos em que se queimam calcários, exclusivamente. O lugar em que se tira a pedra na Praia do Anjo é plano e pantanoso; ela é encontrada sob uma camada de terra de cerca de palmo e meio e é retirada em pedaços por meio de picaretas. O forno é circular e aberto de um lado em tôda a sua altura. Nele são postas camadas alternadas de pedras e lenha, tendo ao centro uma pilha de lenha em que se atêa fogo por cima. Servem para isso do **tingoassuiba** (**Zanthoxylum?tingoassuiba** A. S. H., I Fl. Br. I, 78) (38), espécie de árvore da família das Rutáceas, que queima com extrema facilidade, e que é também empregada para construção.

Antes do fim do dia fiz ainda uma excursão à chamada Praia Grande, próxima do arraial do Anjo, onde se vêem ainda algumas choupanas de pescadores, e que é em tudo semelhante à praia do Anjo. Este dia foi

(38) **Tingoassuiba** parece-me vir das palavras tupãs **tagoa** amarelo e **yba** árvore, com o aumentativo **gu** (árvore muito amarela). Esse nome prova que os índios haviam reconhecido a presença de uma cor amarela na árvore em questão; e o que há de notável é que nas Antilhas dão o nome de **espilheiro amarelo** a uma outra espécie de **Zanthoxylum** (**Z. cariboeum**) cuja madeira, efetivamente amarela, pode ser empregada em tinturaria.

bem aproveitado e facultou-me a colheita de plantas interessantes. A noite, entretanto, pouco descansou-me das fadigas do dia. O dono da venda deu-me por leito um simples lençol, sôbre o qual deitei completamente vestido. O vento foi terrível, senti frio e não pude dormir (39).

(39) Creio que, para completar êste capítulo será melhor transcrever aqui o que disse PIZARRO sôbre o litoral que venho de descrever e que se prolonga da cidade de Cabo Frio ao Boqueirão do Sul. "Em uma extensão de duas léguas existentes na praia entre o sangradouro do Cabo Frio e o promontório do Pontal não pode ancorar nenhuma embarcação porque ali não existe nenhum abrigo e porque sendo o fundo do mar constituido de areia fina e acamada, não é possível lançar ali a âncora. A uma meia légua para além do Pontal acha-se a enseada da Prainha, na qual vinte embarcações das maiores teriam um abrigo seguro e bom ancoradouro. Além, na praia do Anjo, distante, por terra, meia légua, existe um trecho formado por inacessível rochedo, o qual vai até Boqueirão do Cabo, elevando-se no meio dêste a ilha dos Porcos, que divide os estreitos do Norte e de Leste. Por êste último, que tem mais de 200 braças de largura, podem entrar embarcações maiores que as que passam pelo primeiro, que tem apenas 40 a 50 braças de largura. Um e outro estreito conduzem às enseadas do Anjo e do Forno. Nesta última as embarcações acham melhor abrigo, o que não acontece na do Anjo onde o ancoramento é mau, mas o desembarque fácil. Nesta imensa enseada existe uma linha de areia que, começando na ponta de Leste vai directamente à ilha do Cabo, e o canal que se vê entre a ilha e a linha de areia, tendo de 15 a 20 palmos de profundidade, continúa até ao estreito do Sul (Boqueirão do Sul) onde tem 8 braças de fundura (Mem. Hist., II, 179)". As

informações dadas aqui por PIZARRO suprirão em algumas partes o que falta em minhas descrições; mas, em alguns pontos elas exigem outras explicações. 1.º — Fiz ver que a presença das duas ilhas colocadas diante da extremidade da terra firme do cabo Frio deve necessariamente formar três canais; não pude indicar o nome do que fica entre a Ilha dos Porcos e a do Cabo. O Sr. PIZARRO diz que esse canal se chama Boqueirão de Leste; êle dá o nome de Boqueirão do Norte ao canal a que chamo Boqueirão de Nordeste; mas não dá designação para a extremidade oriental do estreito que separa a Ponta de Leste da ilha do Cabo. Os nomes que PIZARRO dá aos dois primeiros estreitos parecem-me acertados, confesso, em virtude de sua posição geográfica; mas, se o canal que separa a ilha dos Porcos da do Cabo se chama Boqueirão de Leste, como se denominará a entrada do canal compreendida entre essa mesma ilha e a Ponta de Leste? 2.º — O Autor das *Memórias históricas* assegura que a Praia do Anjo não oferece bom ancoradouro; no lugar disseram-mo o contrário. É possível que me tenham enganado; mas, sendo assim porque teriam construído um arraial na Praia do Anjo, enquanto não se vê uma única palhoça na Praia do Forno, que PIZARRO diz ser preferível à outra? 3.º — Segundo esse Autor, há na enseada do Anjo um cordão de areia que começa na Ponta de Leste e se estende até à ilha do Cabo. Se esse cordão começa na Ponta que limita a enseada está claro que êle não fica na enseada propriamente dita, e é efetivamente fora dela que o Sr. FREYCINET a representa em sua bela carta geográfica,

CAPÍTULO III

VIAGEM DE CABO FRIO A CIDADE DE MACAË. A ALDEIA DE S. JOÃO DA BARRA.

Descrição da região situada entre a cidade de Cabo Frio e a habitação de S. Jacinto. — Notas sobre as destruições causadas pelos naturalistas. — Fazenda de S. Jacinto. — Fazenda de Campos Novos. — Observações sobre as ordens religiosas. — Florestas vizinhas de Campos Novos. — A aldeia de S. João da Barra. — Pedágio exorbitante. Mau abrigo. Comércio. Culturas. Região situada entre S. João da Barra e o rio das Ostras. Retrato de uma moça. — O rio das Ostras. Modo de comer as ostras. — Os vendeiros. — Região situada entre o rio das Ostras e a Venda da Sica. Plantas marinhas.

No espaço de cerca de um grau entre o Rio de Janeiro e Cabo Frio, o litoral do Brasil dirige-se, como disse, de W para E. Mais adiante êle segue direção de NE; depois curva-se para formar a baía chamada Baía Formosa e em seguida retoma a direção norte-oeste, que conserva numa extensão de um grau até ao cabo de S. Tomé. Em quase todo êsse trecho afastei-me da costa, que frequentemente é dotada de lagunas, e, por toda parte o terreno era uniforme e mais ou menos arenoso.

Deixando a cidade de Cabo Frio para ir aos limites do termo de Macaé e de lá ao distrito de Goitacazes era

preciso necessariamente repassar pelo rio Itajuru (1). Penetrei o interior para evitar seguir os contornos da península terminada pela Ponta de João Fernandes e os da Baía Formosa; passei então por capoeiras e em seguida atravessei matas virgens, que, vegetando sobre terreno arenoso, teem pouco vigor. No meio da mata existem grandes trechos pantanosos; neles não se vê nenhuma árvore; aí cresce sómente uma erva muito rala. Uma grande quantidade de **ferradores**, aquí chamados **araponga** (2) fazem eco nessas solidões com seus gritos estridentes, que ora imitam o ruído da lima, ora o do martelar sobre uma bigorna (3). Outrora as arapongas teriam sido também muito comuns perto do Rio de Janeiro; mas, sendo a carne desses notáveis pássaros muito boa para comer, teriam sido destruidos pelos caçadores. Êstes ao menos teem uma desculpa accitável — precisam dar alimento às suas famílias; mas, certos naturalistas destroem talvez mais que os caçadores, e, qual será a desculpa dêstes?... Para aumentar coleções que logo são destruidas por insetos, e

(1) Itinerário aproximado de Cabo Frio ao distrito de Goitacazes:

Da cidade de Cabo Frio à fazenda de S Jacinto	3	ls.
" " " " " a S. João da Barra	4 1/2	"
" " " " " " embarcadouro do Rio das Ostras	2	"
" " " " " " Venda de Boassica	4 1/2	"
" " " " " " cidade de Macaé	1/2	l.
" " " " " " Cabiuna (pequena fazenda) ..	2	ls.
" " " " " " Sítio do Paulista (choupana) ..	4	"
" " " " " " Sítio do Pires (choupana) ..	2 1/2	"
" " " " " " " " Andrade	4 1/2	"

27 1/2 "

(2) **Araponga** vem do guaraní **ara dia**, **põng** som de uma coisa ôca.

(3) Vide minha **1.ª Rel.**, vol. I, pág. 17. (Corresponde ao Volume 126, pág. 33, da Coleção **Brasilianna**).

que êles mesmos não apreciam, êles exterminam tôdas as harmonias da natureza e fazem desaparecer até à última das espécies que embelezam nossos prados e bosques; sacrificam tudo no mundo afim de anexar as letras iniciais de seus nomes a descrições de pássaros, de plantas ou de insetos, hoje tão fáceis de realizar quanto o preenchimento dos claros de uma fórmula de passaporte; e a isso chamam suas glórias! (4)

Após ter feito três léguas, desde o rio Itajuru, fui pedir hospitalidade na fazenda de S. Jacinto, quase destruida. O proprietário não se achava em casa quando aí cheguei; fui muito mal recebido pelo negro a que me dirigi; insisti, aborreci-me e acabei por descarregar minha bagagem, sem nenhuma cerimônia. Pouco depois chegou o dono da casa. Tratava-se de um homem muito rico, possuidor de muitas outras propriedades, e que não cuidava daquela, aonde tinha o costume de apenas deter-se de passagem. Não pareceu contrariado em ver-me instalado em sua casa; conver-sou muito tempo comigo, demonstrando alegria, e respondeu atenciosamente a tôdas as minhas perguntas. Em seu lugar um mineiro achar-se-ia na obrigação de

(4) Um feto dedicado a PETRARCA (*Asplenium Petrarcae*) crescia outrora entre os rochedos de Vancluse. Os estragos causados pelos botânicos, disse o Sr. ARNOTT em 1826 (*Jam. Edim. New. phil. Jour.*), tornaram-no excessivamente raro e breve êle terá desaparecido completamente. Visitei Vancluse poucos anos após o Sr. ARNOTT, e, se me não engano, a predição desse cientista já estava cumprida. Todo mundo conhece a anedota seguinte: Um moço, que herborizava com JEAN JACQUES ROUSSEAU levou-lhe, triunfante, uma planta muito rara que o filósofo de Genebra em vão procurava desde muito tempo. "Ah! Senhor, exclamou ROUSSEAU com tristeza, porque colheu-a?" Não haverá nada verdadeiro entre as frases um pouco declamatórias, que êsse ilustre misantropo escreveu sobre a botânica em uma de suas deliciosas *Révères!* (Vide VII, *promenade, Oeuv. compl.*, vol. XX, 368, ed. Gen., 1782).

convidar-me a jantar; aquí já era muito não me receberem grosseiramente.

As terras dos arredores de S. Jacinto são próprias a todos os gêneros de culturas, excetuada a do arroz. Nem mesmo nos lugares pantanosos se pode plantar essa gramínea, porquanto a umidade não é aí permanente e a sêca que lhe sucede torna o terreno excessivamente duro.

Partindo de S. Jacinto passei por **capoeiras** e logo cheguei à fazenda de Campos Novos, outrora pertencente aos Jesuitas. Ao redor de imenso pátio que forma um quadrilátero longo aberto por um dos lados menores, ficam as casas construídas para os negros e as casinhas sem dúvida destinadas aos operários livres que trabalhavam no estabelecimento. À extremidade de um dos grandes lados do pátio, vê-se, sôbre uma pequena eminência a igreja com o convento e, à extremidade do grande lado oposto existe um engenho de cana. As casas que rodeam uma parte do pátio são grosseiramente construídas de pau a pique e barro, pequenas e cobertas de capim; algumas são isoladas na fila, outras reunidas sob um mesmo teto; contei 28 ao lado onde se acha o convento. Este e a igreja não me pareceram em proporção com o restante do estabelecimento; mas, esta fazenda não podia ser senão uma fonte de renda e, por conseguinte não se devia para aí enviar senão os religiosos encarregados da administração. Após a expulsão dos jesuitas o estabelecimento passou para as mãos de homens ricos; morrendo êstes os escravos foram distribuídos entre os herdeiros, o engenho cessou de funcionar, e em poucos anos a fa-

zenda de Campos Novos provavelmente não existirá mais (5).

Num país novo é preciso, para aí realizar grandes cousas, uma reunião íntima de meios e de fôrças, e, foi assim que os beneditinos aceleraram outrora o desenvolvimento rural da França. Em nossa Pátria as principais dificuldades foram de há muito vencidas; o agricultor isolado pode, de qualquer modo, suprir a si mesmo, e as corporações religiosas, mesmo as mais zelosas, já não cumpririam os mesmos fins que outrora, porquanto a instrução deixou de ser privilégio de uma só classe e a civilização mais regularmente distribuída, a todos permite formar associações quando se fazem necessárias. O mesmo não acontece no Império Brasileiro. A natureza aí conservou quase tódia a sua potência; o homem isolado, lutando contra ela, mostra o quanto é ele fraco, e, após tantos esforços apenas deixa ligeiros traços de seu trabalho. De outro lado as grandes associações, tais como existem entre nós, seja com fins filantrópicos, seja com fins de lucro comum não poderiam surgir no seio de um país cor-

(5) Um viajante inglês diz que indo de S. Pedro dos Índios a S. João da Barra, encontrou, em uma floresta, um quadrado irregular formado por choupanas de terra e junto uma capela um pouco melhor construída; acrescenta que viu nesse lugar um grande número de negros sujos, inteltramente nus, enfim em peor estado que todos os escravos que elle havia encontrado até então; perguntou, diz ainda, quais eram os donos desses infelizes, responderam-lhe que pertenciam aos beneditinos do Rio de Janeiro, e admira-se que uma ordem tão rica e tendo o dever de se ocupar do bem-estar físico e do aperfeiçoamento moral dos habitantes do país, abandonasse a tal ponto uma tão bela propriedade. Parece-me impossível que a fazenda em questão fôsse outra que a de Campos Novos, e por conseguinte as censuras feitas aos beneditinos caem por terra. O lugar designado na bela carta geográfica do Sr. PREYCINET sob o nome de **colégio**, não pode ser outro também senão Campos Novos.

rompido por um longo despotismo e apenas semicivilizado como o Brasil; sou testemunha das que se quizeram criar aquí afim de tornar navegável o rio Doce, de explorar o ouro e o ferro em Minas Gerais, ou as minas de **Anicuns**. Para um tal país, corporações religiosas dotadas de seu antigo espírito são de desejar. A época de minha viagem ainda havia ordens monásticas no Brasil; mas os seus costumes eram os do resto do país; e, degeneradas, essas ordens não apresentavam mais que uma reunião de homens vivendo sob o mesmo teto, sem espírito de associação, sem entusiasmo e com todos os defeitos do individualismo (6).

Após ter deixado Campos Novos, atravessei uma mata virgem que se prolonga até à aldeia de S. João da Barra. Nessa mata o terreno é arenoso; nela não se vêem dessas árvores enormes que inspiram uma espécie de respeito; mas, a vegetação, sem ter a magnificência comum aos lugares de terra boa, não é, todavia, desprovida de beleza. As árvores apenas tem tamanho médio, mas são muito próximas uma das outras e extremamente variadas; numerosas palmeiras produzem frequentemente os mais felizes contrastes; de todos os lados a **Bougainvillea brasiliensis** mistura (11-9-818) seus longos cachos purpurinos à folhagem das plantas que a cercam; a **Bromelia** e **Tillandsia** de folhas rijas e uniformes cobrem, no meio dos grandes vegetais, vastos intervalos. Nesta mata não fui presa dessa espécie de temor religioso que causam ordinariamente as florestas virgens; aí gozei mais calmamente o prazer de admirar. O caminho é arenoso mas

(6) E' claro que falo de modo geral e não posso deixar de admitir haja exceções. O mesmo acontece quando me refiro à semicivilização do Brasil.

perfeitamente firme; não se vê nele nenhuma erva e assemelha-se às áleas desses jardins ingleses onde há o cuidado de, sem forçar a natureza, acrescentar algum conforto e gozo além do que concerne à vista.

Entretanto o ruído das águas do mar anunciou-me a proximidade da aldeia de S. João da Barra (7) e logo, saindo da floresta, cheguei à margem do rio S. João, o qual serve de limites entre os termos de Cabo Frio e Macaé. Do lado direito, onde me achava, avistava a aldeia construída na margem oposta, e pude ter uma idéia exata de sua posição. Ela fica à extremidade do rio; mas êste parece querer retardar o momento de lançar-se no oceano, porquanto, quase à sua embocadura, descreve ainda sinuosidades que contribuem para embelezar a paisagem. Do lado de onde vem o rio, o horizonte é limitado, muito perto, por uma alta montanha chamada Serra de S. João (8). A extremidade da aldeia mais próxima do mar, o rio e o terreno por êle banhado, descrevem uma curva. Em um lugar

(7) S. João da Barra não tem o título de **vila** que lhe dá um viajante e não deve ser confundida com outro lugar chamado S. João que é uma vila situada à embocadura do Paraíba. Esta última chama-se, segundo CAZAL, **S. João da Paraíba** e segundo FREYCINET: **São João da Praia**. A êsse respeito há um grave erro na obra preciosa do abade PIZARRO, porquanto êsse escritor chama a vila em aprêço (*Mem.* III, 84) **São João da Barra do Rio S. João** e está claro que êsse nome não deve pertencer a um lugar situado à embocadura do Paraíba. É possível que a vila do Paraíba tenha outros nomes, inclusive o de Vila de S. João da Barra, porque assim é designada pelo príncipe de NEUWIED que nela esteve; mas, às palavras **S. João da Barra** nunca se poderia acrescentar: **do Rio S. João**. De resto o nome **S. João da Praia** não era estranho a PIZARRO, porquanto êle diz (*Mem.* II, 22) que a antiga capitania do Paraíba do Sul compunha-se das vilas de S. Salvador, S. João da Praia etc.

(8) É incontestavelmente esta montanha que LUCCOCK diz ter visto sobre a margem do rio S. João. Êle calcula sua altura em 600 a 700 pés, e acrescenta que seus guias lhe disseram haver um lago em seu alto (*Notes on Braz.*, pág. 327).

muito baixo vê-se, após a última casa, um relvado estreito; o terreno em seguida se eleva e apresenta uma pequena plataforma sôbre a qual construíram a igreja, mais ou menos próxima do rio e do oceano. Em seguida à igreja vem um terreno arenoso e depois dêste um morro, ao pé do qual o rio S. João lança-se no mar. E' fácil conceber como êsse conjunto deve parecer encantador; sobretudo quando se vem de atravessar durante algumas horas u'a mata onde, de todos os lados, a vista é limitada por árvores.

Logo que chegamos à beira do rio um negro veio procurar-nos com uma piroga. Nela embarcámos, tendo as bêstas atravessado o rio a nado, seguras pelas rédeas. Exigem 160 réis (1 franco) pela passagem de cada pessoa e 80 rs. pela das bêstas. E' sem dúvida necessário que se paguem impostos e não é menos justo exigí-los nas passagens dos rios que em outras cousas. Mas, é evidente que, para não se tornarem contraproducentes, os direitos de pedágio deviam ser moderados; exorbitantes forçarão muita gente a não se arredar de casa, sendo com isso prejudicados o comércio e o tesouro público. E' o que acontece no rio S. João. Em um lugar tão pobre, quantas pessoas não se deverão privar de passar o rio para não pagar 160 réis, sendo fácil compreender que não é boa política dificultar as comunicações entre os habitantes de um país novo, ainda semicivilizado e onde reina tanta indolência.

Perguntei ao negro que transporta os viajantes aonde poderia encontrar um abrigo, tendo obtido a resposta que o comandante arranjar-me-ia algum. Acreditei tratar-se do comandante da aldeia e que iria

encontrar o homem mais distinto do lugar; fiquei um pouco desapontado ao ver-me apresentado a um mulato mal vestido, desdenhoso, grosseiro, e que sem dúvida nem ler sabia, porquanto passou minha portaria a outra pessoa para que fôsse lida. Obtive licença de passar a noite na casa ocupada por essa personagem e logo fui ciente do cargo por ela ocupado. Não se tratava, como eu havia imaginado, do magistrado da aldeia, mas de um simples cabo de polícia que comandava um destacamento de 6 homens encarregados de fiscalizar o pagamento do pedágio e de prender os viajantes suspeitos. Esse destacamento devia ser substituído quinzenalmente, mas as pessoas mais abastadas pagavam as substituições e eram quase sempre os mesmos homens que ocupavam o posto (9). Fiquei instalado no corpo da guarda, entre soldados que evidentemente em nada pareciam com os do regimento de Minas (10), e pus-me a trabalhar, dificultado por densa fumaça, temendo ser roubado e podendo apenas mover os braços, no meio de curiosos, que, de todos os lados, se apertavam ao redor de mim.

S. João da Barra, onde fui tão mal hospedado, é, definitiva ou provisoriamente, cabeça de uma paró-

(9) Um viajante inglês que dá a S. João da Barra o nome de S. João de Macaé vila mais setentrional, atribue os títulos de **superintendente** e **excelência** ao comandante do posto de que falo aqui, admirando-se que uma tal dignidade tenha sido conferida ao antigo caixeiro que êle conhecera no Rio de Janeiro e que, diz êle, era capaz de tôdas as vilanias. A admiração do viajante teria sido menor se, tendo tido cuidado de tomar informações exatas, tivesse sabido que o pretensão superintendente não passava de um simples cabo de milícia.

(10) Vide minha **1.^a Rel.**, vol. I, pág. 15. (Corresponde ao Volume 126. pág. 31, da Coleção **Brasiliiana**).

quia(11). Dei uma idéia de sua situação; alguns novos detalhes concluirão sua descrição. A aldeia é construída à embocadura do rio S. João, sôbre uma ponta ou língua de terra que prolonga a margem esquerda ou setentrional do rio, e que se acha compreendida entre ela e o oceano. Compõe-se unicamente de duas ruas, paralelas ao rio; mas, se atualmente é lugar tão sem importância, acha-se todavia colocada em ótimas condições para tornar-se numa cidade de vulto, quando as margens do rio S. João, menos desertas e mais cultivadas, fornecerem produtos exportáveis. A embocadura do rio é navegável às lanchas e sumacas, que podem, sem dificuldade, vir atracar no porto de S. João da Barra. Ao tempo de minha viagem êsse lugar já era um entreposto comercial de madeira, bem considerável. Grandes florestas virgens margeam o rio que tem cêrca de 18 léguas de curso (12); os proprie-

(11) A aldeia de S. João da Barra dependia da paróquia de Sagrada Família de Ipuca, tendo por séde Ipuca, situada no interior. Tendo caído a igreja paroquial os habitantes de S. João da Barra ofereceram para substituí-la a capela dedicada a S. João, tendo sido transportados para esta, os tabernáculos e pias batismaes. O vigário pretendia dar então à capela de S. João o título de paróquia e substituir o nome de *Sagrada Família* pelo de *S. João Batista da Barra do Illo S. João*, mas houve, em 1818, reclamações contra êsse projeto, e PIZARRO, que conta os fatos que venho de citar (*Mem. hist.*, V, 122), não dá notícia da decisão que a êsse respeito deve ter tomado o govêrno.

(12) PIZARRO dá-lhe um curso de 25 léguas mais ou menos. Êste rio nasce na serra de Macacú, parte da cadeia marítima, e corre de ocidente para o oriente. Êle tem de 15 a 20 braças na sua maior largura e 12 a 20 palmos de profundidade. Do lado norte êle recebe sucessivamente, de lêste para oeste, as águas do riacho de S. Lourenço, dos rios das Águas Claras (Águas Compridas segundo FREYCINET), dos Crubixais, das Bananeiras, do regato Maratuan, dos rios da Aldeia Velha de Ipuca, da Lontra e do Dourado. Os principais afluentes da margem meridional são os riachos dos Gaviões e do Ouro, a lagoa Feia e enfim o lago Inhutrunaiba, formado sobretudo pelos rios Capivará e Bacaxá (*PIZ. Mem. hist.*, II, 175).

tários ribeirinhos derrubam e serram as árvores melhores e vendem as tábuas a negociantes de S. João, que as expedem para o Rio de Janeiro.

Como os colonos empregam ordinariamente seus escravos no trabalho da derrubada, não cultivam senão o necessário ao consumo de suas famílias; também os **travessadores** (13) não aparecem nesta zona; há entretanto, alguns engenhos de cana nos arredores de S. João, sendo os proprietários homens ricos, não vendendo na região o produto de seus estabelecimentos. Eles teem no Rio de Janeiro correspondentes ou sócios aos quais expedem o açúcar, havendo alguns que o fazem em embarcações particulares. O frete de S. João da Barra à capital do Brasil é de 2 tostões ou 200 réis por sacco de 2 alqueires, e quando o vento é favorável não se gastam mais de 48 horas para fazer essa viagem. Os cultivadores que não possuem engenhos de cana, mas que possuem mercadorias a vender, fazem o mesmo que os produtores de açúcar — enviam-nas, por conta própria, ao Rio de Janeiro. Quando de minha viagem não se encontrava nos arredores de S. João um bom café a menos de 7 a 8 patacas, arroz por menos de 12 tostões (9 f. 50 c.) o sacco de duas arrobas (29 quilos 490), enfim farinha de mandioca abaixo de duas patacas (4 f.) o alqueire (40 litros).

Após ter deixado S. João da Barra, atravessei durante muito tempo uma planície arenosa cuja vegetação apresenta aspecto muito semelhante às nossas charnecas, constituída de arbustos de 2 a 3 pés, copa arredondada e muito raquíticos, e que, frequentemente, entre os ramos viçosos apresentam outros inteira-

(13) Vide o que foi dito no capítulo precedente sobre o comércio de Cabo Frio.

mente sêcos e sem folhas. Entre êsses arbustos nascem relvados e de tempo em tempo encontram-se poças d'água, nas quais vegeta com abundância uma **Villarsia** (**Villarsia communis** N.). Uma das espécies mais comuns nesse lugar é a Melastomatácea de pequenas folhas com a altura de cêrca de um pé, e que se assemelha às dos lugares altos de Minas Gerais (**Marcetia tenuifolia** DC). Nas partes úmidas encontrei frequentemente também uma **Utricularia** (**Utricularia tricolor** N), sem folhas e sem utrículos, com longos caules delgados e grandes flores azues (14).

A pouca distância do rio das Ostras retoma-se a beira do oceano, onde existem, em espaços irregulares, pequenas e míseras cabanas. Mau grado acostumado a ver nas mais tristes moradas mulheres vestidas como as das cidades, não pude conter minha surpresa ao ver na janela de uma miserável choupana uma encantadora moça vestida à moda inglesa com um chale de seda e cabelos penteados elegantemente. Sua beleza surpreendeu-me mais que sua "toilette"; porquanto desde o Rio de Janeiro não vira rosto verdadeiramente belo. Uma côr desagradável é principalmente o que enfeia as mulheres desta parte do litoral.

Não havia caminhado mais de duas léguas desde a aldeia de S. João quando cheguei ao rio das Ostras. Era então muito tarde; a maré estava alta e, para poder atravessar o rio era preciso descarregar as bêstas e recarregá-las na outra margem. Tôda essa operação tomaria muito tempo, e como eu tinha grande número de plantas a estudar, decidi deixar para o dia seguinte a passagem do rio.

(14) Entre as plantas das charneças vizinhas de S. João da Barra, assinalarei ainda a **Perama hirsuta**, pequena planta, muito interessante, da Flora de Calena.

O rio das Ostras não tem mais de 2 léguas de curso. Pequenas embarcações podem, contudo, entrar por sua embocadura, porém somente aproveitando a maré alta. Segui êsse rio num espaço de algumas centenas de passos, notando que êle é margeado por mangues (15). O nome do rio vem da abundância de ostras que se nota em sua embocadura. As ostras não são aqui empregadas cruas na alimentação; são cozidas ao fogo, sem serem antes abertas. Essa grosseira preparação imprime-lhe um gôsto desagradável de fumaça; entretanto notei que conservavam ainda algum sabor delicado.

Pernoitei em uma venda construída â margem esquerda do rio, cujo dono era um antigo calafate nascido em Portugal. Em geral a maioria dos homens que, nesta costa, possuem vendas, são portugueses. Mais ativos, mais acostumados ao trabalho, mais providentes, mais econômicos que os naturais do país, são mais capazes para êsse gênero de negócio. Mas, desde a primeira geração os filhos dêsses europeus sofrem as influências dos exemplos e do clima e não se encontram neles as qualidades que proporcionaram aos seus pais alguma abastança (16).

No dia seguinte pela manhã a maré baixou, e eu atravessei a vau o rio das Ostras, um pouco acima da venda.

(15) O príncipe de NEUWIED diz que "as margens do rio das Ostras são encantadoras, que grandes árvores copadas cobrem-nas com seus ramos pendentes e que coqueiros as soombream (Ris., I, 96 ou Voyage Brés., Trad. EYR., I, 444)". E' possível que em alguma parte mais elevada das margens dêsse rio haja uma tal vegetação.

(16) Voltarei a tratar dêsse assunto na minha 3.^a Rel. Já tive oportunidade de dizer qualquer cousa na primeira.

Em um espaço de 4 léguas e meia, do rio das Ostras à fazenda de Boassica, próximo da qual parei, segui quase sempre à beiramar. O caminho não é outra coisa que a própria praia, e, caminhando-se atola-se completamente na areia. Quando não há nebulosidade e a areia está sêca, a poeira e a reverberação solar devem ser insuportáveis; mas, felizmente não tive que sofrer êsses flagelos. Havia chovido e o céu achava-se encoberto; fiquei livre de grande incômodo.

Quem nunca viu o mar imagina que êle apresenta a imagem da mais perfeita imensidão, e isso é talvez exato quando o avistamos de um alto qualquer; mas, quando a gente está sôbre uma praia baixa, apenas percebe uma estreita porção dêle; e fica-se fatigado pelo vaivém periódico das vagas assim como pela monotonia do marulhar. A praia, de uma areia branca e pura, sôbre a qual eu caminhava, não me oferecia nenhuma vista agradável; não via nenhuma cultura; jamais deparara lugar tão pobre em plantas em flor: apenas percebia alguns pássaros marinhos que, pousados na praia, voavam à nossa aproximação, e enfim em um espaço de mais de 4 léguas o aspecto da vegetação, margeante a praia, não mudou senão uma vez.

Na primeira parte do caminho a praia nua e arenosa é alguns pés mais alta que as terras vizinhas. Estas são cobertas de arbustos cerrados uns contra os outros, e sobretudo de Mirsináceas, cujos ramos, chegando todos à mesma altura, apresentam u'a massa de um verde escuro e triste, no meio dos quais vêem-se raminhos dessecados. Mais longe, ao contrário da parte de terreno coberta de vegetais que se avizinha, a praia eleva-se formando uma cumiada. Aí encontra-se ainda uma vegetação triste e sombria; mas, as

árvores e arbustos que a compõem não terminam num nível comum, ela apresenta aspecto diferente. Ao pé dessas árvores e arbustos crescem abundantemente Amarantáceas de um verde escuro, uma **Sophora** chamada "feijão da praia" (**Sóphora littoralis** Neuw et Schrad) (17), cuja folhagem tem também uma coloração sombria, enfim uma quantidade prodigiosa de **Cactus**, **Tillandsia** e ananases selvagens, plantas espinhosas que formam trama impenetrável.

A cêrca de um quarto de légua do lugar em que parei, cheguei a um grande lago de água salgada chamado Lagoa da Sica ou de Boassica, apenas separada do oceano por estreita faixa de terra arenosa e margeada de grandes florestas. Essa lagoa mede 2.400 braças (18) de comprimento e 60 no lugar mais largo; é pouco funda, recebe diversos riachos e é muito piscosa quando há o cuidado de abrir uma entrada às águas do mar (19).

Depois de ter seguido durante alguns minutos a margem ocidental do lago, passei diante de um engenho de açúcar cuja importância estava suficientemente demonstrada pelas numerosas casas de negros, e ao qual se dá o nome de Fazenda da Boassica, devido ao lago vizinho. Atravessei em seguida um tufo de mata virgem e achei-me logo diante de uma venda muito limpa e recentemente construída, chamada Venda da Sica. Como o vento estava frio, e o tempo chuvoso, resolvi não ir mais longe. Era ainda um português o dono da venda da Sica. Deu-me um pequeno quarto e

(17) Esta planta será extremamente preciosa se, como disse, seus grãos podem destruir ou afugentar as grandes formigas, flagelo da agricultura brasileira.

(18) A braça, segundo FREYCINET, tem 2,m20.

(19) CAZ. Corog. Braz., II, 39 — PIZ. Mem. hist., II, 172.

não fui obrigado a dividi-lo com meus empregados, porquanto também êles tiveram seu quarto; depois do Rio de Janeiro eu ainda não tinha ficado tão bem alojado (20).

Quando quis abrir minhas malas não encontrei as chaves. Fiquei muito aborrecido por perdê-las porquanto garantiram-me que não havia em Macaé, cidade próxima, senão um serralheiro pouco hábil e que talvez estivesse ausente da cidade. Prégent partiu logo, voltando no dia seguinte e, com grande satisfação vi que trazia a cambada de chaves, que encontrara na praia.

Passei o dia na venda da Sica para cuidar de minhas coleções que não haviam tido êsse cuidado nas vésperas, e ao mesmo tempo para preparar uma vinetena de espécies de **Fucus** que eu havia encontrado, não longe do meu alojamento, em rochedos à flor d'água. Essa colheita foi preciosa para mim, porquanto muito me queixava da pobreza de plantas marinhas dos arredores do Rio de Janeiro, e sabe-se quanto êsses vegetais são raros nas praias rasas e arenosas, como as existentes entre S. João e Boassica.

Após ter deixado a venda vizinha dêsse lago, atravessei u'a mata de cêrca de meia légua, e cheguei à cidade de S. João de Macaé, comumente chamada — Macaé.

(20) Tive dificuldade em reconhecer a região que percorria entre S. João e Macaé, pela descrição do príncipe de NEUWIED; mas, crelo que êsse cientista não seguiu o mesmo caminho que eu. A lagoa de que fala é, sem dúvida, a de Sica.

CAPÍTULO IV

A CIDADE DE MACAÉ. — VIAGEM DESSA CIDA- DE AOS LIMITES DO DISTRITO DE CAMPOS DOS GOITACAZES.

História de Macaé. Descrição da cidade. Seu comércio. Reflexões sôbre o modo de explorar as matas nesta região e em todo o Brasil. Cultura. — As ilhas de Santana; sua utilidade para os contrabandistas. — Descrição sucinta do litoral, das ilhas Santana ao Rio de Janeiro. — Algumas palavras sôbre o interior do país. — Arraial do Barreto. — Fazenda de Cabiunas. — O Autor perde-se. — Sítio do Paulista. — Animais. — Região situada entre o sítio do Paulista e o sítio do Andrade. — Sítio do Pires. — Percevejos do Brasil. — Sítio do Andrade.

E' de crer-se que mesmo antes da chegada dos portugueses ao Brasil, o nome de Macaé havia sido dado pelos indigenas ao lugar que ainda hoje assim se denomina; de fato êsse nome é encontrado com ligeira alteração na interessante descrição do ingênuo e verídico JEAN DE LERY (1). Segundo êsse escritor que, em 1547, visitou a baía do Rio de Jaueiro e seus arredores, um rochedo inacessível elevava-se como uma torre no litoral vizinho a Macaé, e refletia, aos raios do sol, uma tal claridade que se podia tomá-lo por uma esmeralda. Não sei onde fica êsse rochedo outrora chamado pelos navegantes **Esmeralda de Maq-hé**; mas foi êle certamente que deu à região o nome que ela

(1) *Voyage*, ed. 1578, pág. 55.

tem, porquanto, ainda em nossos dias os habitantes do Paraguai chamam **macaé**, em língua guaraní, a uma espécie de arara inteiramente verde, existente em seus campos (2).

Ao tempo de JEAN DE LERY o território de Macaé era habitado por selvagens aliados dos Goitacazes. Mais recentemente os jesuitas possuíram uma habitação para os lados da embocadura do rio Macaé e aí construíram uma capela sob a invocação de Santana. Uma aldeia se formou nos arredores dessa capela e por um decreto (alvará) de 29-7-1813 foi elevada a cidade, sob o nome de S. João de Macaé (3). Por limite meridional foi dado ao têrmo da nova cidade o rio S. João e por linde setentrional a embocadura do rio Furado; todavia ficou ela provisoriamente submetida à jurisdição do juiz de fora do Cabo Frio, dando-se a Macaé apenas um juiz suplente. Os habitantes dessa cidade desejaram também que ela se tornasse cabeça de uma paróquia, no que foram atendidos, e, em 1815, a capela de Santana foi definitivamente promovida à igreja paroquial sob a invocação de S. João Batista (4).

Macaé situa-se em encantadora posição, à embocadura do rio do mesmo nome e é dividida por êsse rio

(2) Na verdade não encontro a palavra **macaé** no trabalho de D. FÉLIX DE AZARA sôbre as aves do Paraguai. Entretanto não posso ter a menor dúvida sôbre a etimologia a que refiro aqui, porquanto me foi indicada nas Missões do Uruguai por um homem competente que vivera muito tempo no Paraguai e que conhecia perfeitamente a língua guaraní.

(3) Um sábio navegante dá o título de **burgo** a Macaé, Cabo Frio, Maricá etc. Creio que a palavra **vila** deve ser traduzida em francês por **ville**, porque se a traduzirmos por **bourg**, é preciso não chamar **villes** a Sabará, S. João Del Rei etc. Em todo o caso se se deve dar às **vilas** o nome de **bourgs**, Saquarema e S. João da Barra não seriam **bourgs**, como fez o escritor em questão, pois que êsses lugares não tem o título de **vila**.

(4) PIZ. Mem. hist., V, 304.

em duas partes desiguais. A que fica à margem direita é a maior; entretanto não se compõe de mais de sessenta ou oitenta casas, pequenas, baixas, separadas umas das outras, por assim dizer, esparsas, na maioria cobertas de colmos. Dêsse mesmo lado do rio, em uma grande praça ainda em formação, ergueram o marco da justiça destinado a tornar conhecida a classificação da cidade na ordem judiciária e administrativa. Ainda sobre a margem direita do Macaé foi a igreja construída, ao alto de um pequeno morro, a pouca distância das casas, assemelhando-se de longe a um pequeno castelo.

A parte setentrional da cidade fica muito mais longe da embocadura do rio que a meridional, e, em frente desta existe uma faixa de terra baixa, arenosa e nua, avançando entre o oceano e o rio.

Depois de descrever várias curvas, em sua extremidade, o rio Macaé lança-se no oceano entre a faixa de terra referida e um montículo em parte cultivado, em parte coberto de matas, que termina o lado direito ou meridional da cidade. Tôda a região é assaz plana; mas, para oeste o horizonte é limitado pela serra de Macaé, cadeia que se prende à serra do Mar, e no meio da qual o pico chamado Morro do Frade é notável por sua altura e sua forma singular. O conjunto que acabo de descrever apresenta uma paisagem encantadora, sobretudo quando vista da margem esquerda do rio, de onde se abrange melhor as montanhas que se elevam no horizonte, o pequeno morro isolado onde fica a igreja, e tôdas as sinuosidades que o rio descreve antes de sua embocadura.

Apesar das vantagens e belezas de sua posição, Macaé, ao tempo de minha viagem, não podia ser com-

parada senão a uma pequena aldeia de França, e se fizcram dêsse lugar uma cidade e sede de um têrmo foi sem dúvida porque há confiança em seu futuro desenvolvimento. O rio que aí passa tem cêrca de 18 léguas de curso (5) e as terras por êle banhadas são próprias para as principais culturas. As grandes lanchas e as sumacas podem transpôr a embocadura do Macaé, quando meio carregadas; fora da embocadura as embarcações encontram em uma pequena baía, chamada Baía da Concha, um excelente abrigo contra os ventos do sul, considerados os mais perigosos; enfim as ilhas de Santana situadas à altura da embocadura, oferecem a tôdas as espécies de embarcações, excelente ancoradouro (6). Macaé já apresenta um ar de vida raramente notado no interior e mesmo no litoral do Brasil; do lado sul vêem-se numerosas vendas, e várias casas anunciam a abastança de seus proprietários pelo cuidado com que são conservadas.

O principal comércio desta cidade é atualmente o da madeira. Como os colonos de S. João da Barra, os dos arredores de Macaé escolhem nas matas virgens as árvores mais bonitas para transformarem-nas em tábuas. Alguns enviam a madeira diretamente ao Rio de Janeiro; mas, a maioria, e principalmente os menos abastados, vende-a a negociantes estabelecidos em Macaé mesmo. As árvores que mais frequentemente

(5) CAZAL e o príncipe de NEUWIED do-lhe 15 e PIZARRO 16. Este último diz (*Mem. hist.*, II, 175) que êle nasce nas montanhas também chamadas Macaé e que recebe os rios João Manoel e Ataláia, o rio Morto, as águas do lago chamado Lagoinha, do lago Pau de Ferro, dos rios S. Pedro e Crubixais, do riacho da Serra Verde, do rio do Ouro, do das Aduelas, do riacho Genipapo, do lago Trafra, dos riachos Sabiá, Jurumirim e Boassica.

(6) FREYCINET, *Voyage Ur. Hist.*, I, 84.

exploram nesta região são o **jacarandá**, cuja madeira é empregada na marcenaria; o **araribá**; a **canela**; o **vinhático** que tem lenho amarelo e quase imputrescível, próprio para marcenaria e construção naval; a **caixeta**, que substitue, como já disse, o nosso pinho; o **óleo**, empregado na carpintaria etc. (7). As tábuas são vendidas por dúzias; as do **vinhático**, com 30 palmos de comprimento por 2 de largura, valiam trinta mil réis a dúzia (cêrca de 187 f.) à época de minha viagem.

E' de crer, entretanto, que devido à imprevidência do cultivador, êsse comércio tende a diminuir e desaparecer. Aquí, e provavelmente em todo o Brasil, não há, como na Europa, o uso de explorar inteiramente uma certa extensão de floresta; escolhem-se aquí e acolá as árvores que se quer cortar e o lenhador as abate à sua altura, para não ter necessidade de curvar o corpo no trabalho. Mesmo que as árvores fôsseni abatidas ao nível do solo, os tocos, privados de ar e logo abafados pelas lianas não poderiam produzir brotação: com mais forte razão os tocos de 3 ou 4 pés de altura devem logo secar e morrer. Quando passei por Macaé as belas árvores já começavam a se tornar raras e frequentemente eram procuradas em florestas muito distantes da embocadura do rio. Assim, enquanto que de um lado os brasileiros ateam fogo a imensas florestas, sem outro proveito que o de um adubo passageiro, de outro lado, quando exploram árvores preciosas, fazem-no de modo a concorrer para a extinção de suas

(7) Vide a tabela de madeiras usadas no Rio de Janeiro, feita pelo Sr. FREYCINET de acôrdo com informações que obteve dos Srs. GESTAS e FRANCISCO MAXIMILIANO DE SOUZA (*Voyage Ur. Hist.*, I, 115 e seguintes). O saudoso MAWE já havia publicado uma pequena lista das madeiras de Cantagalo (*Travels etc.* 132), mas os nomes são aí de tal modo desfigurados que ela deve ser considerada como inexistente.

espécies. Vi operários brasileiros trabalhando tábuas de madeira comum na França ou na Inglaterra, e, se o governo do Brasil continuar a ligar tão pouca atenção ao que se faz atualmente na exploração das florestas brasileiras, pode-se prever com segurança que em breve os navios irão da Europa ao Brasil carregados de tábuas de madeiras de construção. Sob a benéfica administração do MARQUÊS DO LAVRADIO havia sido criada na Capital uma academia filosófica que se ocupava da utilidade da agricultura do país, à qual se devem os felizes ensaios sobre a introdução da cochonilha e da cultura do índigo (anil). Como é que hoje, livre o Brasil dos grilhões do sistema colonial, não se forma na capital do império uma sociedade de agricultura que tenha por fim esclarecer os lavradores sobre seus verdadeiros interesses, arrancando-os à imprevidência e abrindo-lhes novas fontes de prosperidade? Isso não seria melhor que consumir tempo e inteligência, na discussão de vagas questões de direito absoluto ou as vãs teorias de uma economia política antiquada e inaplicável sobretudo à América?

A exploração de madeiras não é, aliás, a única ocupação dos cultivadores dos arredores de Macaé. Entre o sítio do Paulista situado a 4 léguas ao norte dessa cidade e o porto de S. João da Barra contam-se cerca de 20 engenhos de açúcar, mais ou menos distanciados da beira do mar; mas reconheceu-se que é a cana de açúcar a planta mais conveniente à região e que ela pouco renderia se não fôsse cortada no momento da maturação. Vários colonos renunciaram então a seus engenhos e dedicam-se hoje à cultura do cafeeiro, que dá menos trabalho que a da cana, não exigindo tantas benfeitorias, nem tantos escravos e que

produz muito bem nas vertentes vizinhas de Macaé. A maioria dos proprietários enviam por conta própria, ao Rio de Janeiro o café colhido; mas, a necessidade de numerário obriga frequentemente os menos ricos a vender na própria região uma parte de suas colheitas. O frete, de Macaé à capital do Brasil é de 2 patacas o sacco de 2 alqueires, e, com bom vento pode-se fazer a viagem em 48 horas e mesmo em menos tempo. Os colonos dos arredores de Macaé cultivam o algodão mas somente para o consumo de suas famílias, o mesmo acontecendo ao milho, ao arroz e à mandioca.

Entre as vantagens que gozei na cidade de Macaé há uma que não pode passar em silêncio; porque, em uma região tão quente ela pode ser considerada como inapreciável. Desde muito tempo encontrava por toda parte água extremamente má, mas a que se bebe em Macaé é excelente e perfeitamente límpida.

Já me referi às ilhas de Santana, vizinhas dessa cidade. Direi agora alguma coisa mais, para tornar mais completa a descrição que dei de toda a região. Essas ilhas, situadas a uma meia légua do mar, um pouco ao sul da embocadura do rio Macaé (8), são em número de três. A maior, que tem propriamente o nome de ilha de Santana é dotada de árvores e água potável, e apresenta bom ancoradouro, mesmo para os barcos de alta tonelagem. Outrora aí havia alguns moradores; mas tendo o governo percebido que eles se aproveitavam das vantagens da posição da ilha para favorecer o contrabando de pau-brasil e de escravos, ordenou-lhes abandonassem a ilha, e, desde essa época não foi concedida a nenhuma pessoa permissão para aí residir. Asseguram, entretanto, que a ilha de Santana

(8) PIZ. Mem. hist., II, 177.

ainda é hoje de grande utilidade para os aventureiros estrangeiros que fazem o comércio fraudulento de pau-brasil. Essa madeira, que se não pode cortar sem permissão expressa do rei, é extremamente abundante nos arredores de Cabo Frio. Os contrabandistas estrangeiros obtem-no dos habitantes da região, dizem; êstes aproveitam as noites para abaterem as árvores, carregando a madeira em pequenas embarcações, levando-a à ilha de Santana onde é adquirida pelos compradores (9).

Se das ilhas de Santana se quizesse navegar para o sul, seguindo a costa, encontrar-se-ia a 4 léguas de Macaé e da baía das Conchas a embocadura do rio das Ostras. A uma meia légua desta última fica a foz do rio S. João e a 3 léguas mais adiante a do rio Una, insignificante curso d'água que deve nascer perto de Campos Novos. Ao sul do Una a costa se curva para formar a Baía Formosa, onde qualquer embarcação poderá encontrar abrigo. O lado meridional dessa baía é limitado por uma pequena península, que termina ao norte pela ponta dos Búzios e ao sul pela de João Fernandes; a primeira fica distante uma légua do rio Una, e, sôbre a segunda, próximo da foz, há um destacamento militar incumbido da repressão ao contrabando de pau-brasil. Nas vizinhanças dessas pontas ficam as ilhas chamadas da Âncora e outros menores. Para além dessas duas pontas a costa retoma a direção NW que havia tido desde o rio Macaé até o fundo da Baía Formosa; passa-se então diante da pequena enseada da Ferradura, distante uma légua da ponta de João Fernandes, depois diante da enseada do Pero, a uma légua

(9) Creio não ser preciso repetir que me refiro à época de minha viagem.

da primeira; pode-se desembarcar igualmente dentro dessas duas enseadas. Mais longe ficam as terras do Cabo Frio que já escrevi, e, saindo-se pelo Boqueirão do Sul avista-se a pequena ilha dos Franceses. E' então que o litoral toma a direção EW, que não perde mais até quase a baía do Rio de Janeiro; e, quase retilíneo em todo êsse espaço ele aí não oferece senão duas pontas mais ou menos notáveis, a do morro de Nazaré e a ponta Negra, rochedo que avança sôbre o mar em uma distância de mais ou menos um quarto de légua (10).

E' preciso que se diga que entre Cabo Frio e a cidade de Macaé a escassez de habitantes sómente é observada no litoral propriamente dito. No interior, no meio das imensas florestas vizinhas da serra do Mar, os missionários haviam formado diversas aldeias que foram depois transformadas em paróquias. Parece que a população indígena decresceu singularmente; mas os índios foram, sem dúvida, substituídos por brancos ou mulatos. As descrições que teem sido publicadas sôbre êsses lugares são muito deficientes; apresentam pouco interêsse para que eu as transcreva aquí, e devo lamentar não ter visitado êsses lugares, sem dúvida muito interessantes para o naturalista e onde teria o prazer de encontrar ainda alguns restos de uma civilização de que em breve não haverá mais o menor sinal.

Deixando Macaé atravesssei, em piroga, o rio. O pedágio é cobrado pela administração da cidade à razão de 40 réis (25 c.) por pessoa. Graças ao meu passaporte régio, ou portaria, nada paguei, nem por mim, nem por meus empregados e por meus animais de carga.

(10) Vide *Mem. Hist.*, II, 179 e as cartas do Sr. ROUSSIN.

Para além do rio Macaé percorre-se uma região agradável e risonha (11). É uma planície que se prolonga entre colinas e à beira do mar e que apresenta tufos de matas entremeados de pastagens um pouco pantanosas onde pascem numerosos animais.

Havia feito uma légua desde Macaé, quando passei pelo arraial do Barreto, que se compõe de uma capela e algumas choupanas construídas ao redor de um belo gramado. Esse lugar depende da paróquia de Macaé, mas seus habitantes não têm aí um capelão, o que é comum nos lugares um pouco distanciados da igreja paroquial e onde alguns colonos se acham reunidos.

A cerca de uma légua de Barreto parei na pequena habitação de Cabiúnas (12), construída sobre uma colina de onde se avista uma região agradável e ornada de matas e pastagens.

O juiz suplente de Macaé me havia dado uma carta de recomendação para o proprietário de Cabiúnas, que me recebeu perfeitamente bem. Sua casa foi a primeira onde, depois do começo de minha viagem pelo litoral, me ofereceram a jantar; mas aí despertei uma curiosidade que não deixou de ser importuna. Compríam-se ao redor de mim e atormentavam-me com perguntas impertinentes e cada qual mais ridícula. Aliás havia duas ou três que nunca deixavam de fazer, em todos os lugares em que parei desde que saí do Rio de Janeiro. Perguntavam-me então quais mercadorias eu vendia, e respondendo negativamente, dizendo ser o fim da minha viagem apenas colher plantas

(11) Como se verá mais adiante os Campos de Goltacazes começam em Macaé.

(12) Provavelmente das palavras tupys — *caba* — marim-londo e *una* preto.

do país, queriam logo saber quanto eu ganhava para isso. Acostumados à venalidade introduzida no país por um despotismo sem energia, essa boa gente não podia conceber que se dedicasse a qualquer trabalho sem outro motivo que o de ganhar algum dinheiro.

Meu hospedeiro de Cabiúnas fez-me almoçar em sua casa; mas provavelmente havia esquecido que minha caravana não devia parar antes das cinco ou seis horas da tarde porquanto apenas ofereceu-me uma tigela de café com um pequeno pedaço de bolo de farinha de mandioca.

Pouco tempo após ter deixado a casa dêsse homem cheguei a uma grande planície que se prolonga entre o mar e os morros cobertos de matas. Aí, no meio de um areial branco e quase puro, encontrei uma vegetação semelhante, ao menos pelo aspecto, à da restinga de Cabo Frio; todavia, perto de Cabiúnas os arbustos são em geral mais espaçados e menos vigorosos, não formam os tufos e, à época de minha viagem (16 de Setembro) havia muito menor número de flores. Aquí, como em Cabo Frio, as Mirtáceas mostram-se em maior número que as plantas de outras famílias. Nos lugares secos os espaços entre os arbustos são inteiramente nus; mas, sempre que o solo se torna um pouco úmido aparece um relvado fino e raquítico, no meio do qual há abundância de uma **Xyris** e três ou quatro espécies de pequenos **Eriocaulon** de flores solitárias, gênero de plantas que procura terrenos análogos aos que em nosso país são preferidos pela **Exacum filiforme** e pelo **Linum radiola**.

Tinha me distanciado de minha comitiva para colher plantas. Ao fim de algum tempo, meu doméstico, que me acompanhava, observou que não nos acháva-

mos no caminho certo; procurámos outro no meio do areial, inutilmente; foi preciso voltar ao que havíamos deixado. Entretanto, como não notava nenhum traço da passagem de minhas béstas, acabei por convencer-me de que me havia desviado e entrevi com aflição a probabilidade de passar a noite ao relento e sem nada para comer. Contudo avistámos ao longe um telhado, dando-me alguma esperança, que logo se dissipou porquanto êsse telhado era de uma capela abandonada.

Aí chegando deparámos uma estreita faixa de terra, sem vegetação, que separa o mar de um grande lago. Caminhávamos sôbre um areial puro, contra o qual as ondas vinham quebrar. A côr do mar contrastava tristemente com o tom pardacento do lago; do outro lado dêste avistámos apenas matas, e nenhuma habitação aparecia aos nossos olhos; tôda a região apresentava o aspecto austero da aridez e da solidão; o único movimento que aí se notava era o das vagas, repetido, monótono.

Enfim, com grande satisfação, descobrimos uma casa à beira do caminho. Tratava-se de uma pequena venda, onde fui informado de que não me achava desviado do caminho, como temia, e que minhas béstas haviam passado por alí poucos momentos antes. Mau grado a mesquinha aparência da venda e seu isolamento, aí encontrei licor, biscoutos, figos secos e azeitonas; aí fiz com grande prazer um complemento ao almôço frugal do meu hospedeiro de Cabiúnas. Perguntei ao proprietário e a sua mulher se não se enfiavam naquela solidão; pareceram surpresos com minha pergunta. O dono da venda respondeu-me que pescava no lago, e que passavam continuamente viajantes pela estrada, o que quer dizer que passavam

dois ou três por dia. O hábito familiariza o homem com tôdas as situações; não há nada que não termine por fazê-lo feliz, quando se persuade que é impossível mudar de situação e quando ao mesmo tempo não tem elle sob as vistas os objetos que possam torturar-lhe a imaginação.

Após o lago de Carapeboi (13), na margem do qual fica a venda de que venho de falar, acha-se outra laguna; e, atravessando sempre um terreno plano e árido encontra-se então o sítio do Paulista, um dos lugares em que param os viajantes que percorrem essa estrada. O sítio do Paulista que deve sem dúvida seu nome à terra do que primeiro aí se estabeleceu, não passa de uma choupana construída à beira do oceano, em uma planície estéril e arenosa (14). Em uma costa tão deserta o viajante é feliz em encontrar êsse asilo, onde acha queijo, manteiga e alguns outros alimentos, milho e uma pastagem cercada para os animais. Seria impossível cultivar alguma coisa no sítio do Paulista; mas existem nesse lugar terrenos cobertos de uma erva muito fina e de boa qualidade para que o proprietário possa aí criar algum gado.

Aquí os bovinos não pertencem a nenhuma raça boa. São tratados com tão poucos cuidados quanto os de Minas e nem mesmo há necessidade de lhes dar sal porquanto a terra e a água são mais ou menos impregnados dessa substância. Como em Minas, sómente as vacas com bezerro fornecem leite, e as que produzem 4 pintas por dia, além do que os bezerros consomem, são tidas como as melhores. O gado desta zona é su-

(13) Carapiboi vem provavelmente das palavras indígenas cara coisa curta e boya cobra.

(14) Como disse na minha 1.ª Rel., os sítios são estabelecimentos rurais inferiores às fazendas.

jeito a cólicas, atribuídas às águas estagnadas que bebem nos lugares baixos; são tratados pela mudança de pastagem e aproximação das lagoas de água salgada.

Chegando ao sítio do Paulista aí encontrei negociantes vindos da cidade de Campos e que se dirigiam a S. João da Barra com uma tropa carregada de açúcar. Disseram-me que esperavam alí vender suas mercadorias porquanto os usineiros do lugar preferiam remeter seus produtos ao Rio de Janeiro.

Do sítio do Paulista ao sítio do Andrade, em um espaço de 7 1/2 léguas, continuei a percorrer região uniforme, deserta, e arenosa. À direita do caminho que margea o mar estendem-se dunas e à esquerda sucedem-se lagos de água mais ou menos doce, porém, quase sempre de sabor pouco agradável. Em alguns, situados entre o sítio do Paulista e o sítio do Pires, vê-se uma Ciperácea que por seu porte assemelha-se muito ao **Scirpus lacutris**, uma grande Sagitária, um nenúfar branco, uma bela utriculária; nas margens cresce o **Alisma ranunculoides** e nos lugares simplesmente pantanosos a **Drosera intermedia** tal como é encontrada nos arredores de Paris na reprêsa de S. Leger (15). E' de notar que é pelas plantas aquáticas que a vegetação dêste país mais se assemelha à flora européia; o que, aliás não é de se admirar, pois que em regiões tão pouco parecidas essas plantas habitam um meio que é sempre mais ou menos o mesmo. • O último lago diante do qual passei antes de chegar ao lugar chamado sítio do Pires, estava inteiramente coberto por uma **Typha** que me pareceu intermediária entre a **T. latifolia** e a **angustifolia**; é chamada na re-

(15) Vide minha *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay*, pág. 255.

gião **tabúa**, servindo para cobrir casas e fazer esteiras. Em considerável trecho não existe nenhum lago, vendo-se apenas vasta planície, limitada, ao longe, por matas e coberta de um relvado fino e uniforme; entretanto a terra, fendida por tôda parte, indica que, quando chove durante muito tempo, essas grandes planícies transformam-se em lagos.

Não percorri em um só dia o trecho de 7 léguas que venho de descrever. A duas léguas e meia do sítio do Paulista parei no sítio do Pires, choupana um pouco afastada do caminho. Para aí chegar passei entre o lago coberto de **Typha** e uma laguna cheia de **Sphagnum**, que, em parte apodrecido, espalhava um odor muito desagradável. A choupana do Pires depende de uma fazenda vizinha, sendo habitada por um escravo de sua família, a quem seu dono havia confiado a guarda de duzentas ou trezentas cabeças de gado, espalhadas pelas pastagens dos arredores. Esse escravo criava galinhas e pescava nos lagos. Disse-me que a região era muito insalubre, não sendo difícil ver-se isso pois que os vapores exalados das lagunas devem necessariamente infestar a atmosfera.

Desde o começo dessa viagem não havíamos cessado, eu e meus empregados de ser atormentados pelos bichos de pé, e frequentemente tínhamos de nos queixar dos mosquitos. Durante a noite que passei no sítio do Pires, uma outra espécie de praga privou-me de dormir; fui atormentado por persevejos de cama. Esses desagradáveis animaizinhos pareceram-me ser mais alongados que os da Europa; mas penso que essa diferença de forma é resultado da mudança de clima. O que tende a provar que o persevejo não é natural desta parte da América é que êle ainda é muito pouco

disseminado, não se encontrando seu nome nos dicionários da **língua-geral**.

Do sítio do Pires fui pernoitar no sítio do Andrade, e, durante todo o dia não colhi nem uma só planta. Nada mais monótono que a vegetação desta região. Os relvados e as margens das lagunas não oferecem senão uma espécie de gramínea e tufos floridos de uma pequena **Hedyotis**. Na duna que se estende à beiramar apenas se vêem pés raquíticos da **Sophora littoralis** (feijão da praia), e, nos lugares em que há mais variedade aparecem unicamente pitangueiras (**Eugenia Michellii**), alguns **cactus** espinhosos, Bromeliáceas igualmente cheias de espinhos e aroeiras (**Schinus therebentifolius** Radd.), que, deitados sôbre o solo, com apenas um pé a pé e meio de altura, mostram quanto o terreno é sáfaro. Nessa triste região não vi, entre Pires e Andrade nenhuma quinta, nenhuma choupana, e durante todo o dia apenas encontrei duas pessoas. Os numerosos animais que pastam nos campos, e as aves aquáticas que voam gravemente por cima dos lagos ou que procuram seu alimento nos terrenos úmidos, são a única nota de movimento e vida existente na paisagem.

O sítio do Andrade fica situado perto do mar, à entrada da planície. Faz parte da bela fazenda do Colégio, vizinha da cidade de Campos, e pertenciam, como esta fazenda, à ordem dos jesuitas. A casa tem um só andar e compõe-se de uma capela, dois quartos, uma sala, uma cozinha e uma varanda ou galeria, conjunto que nas zonas desertas constitui um verdadeiro palácio. O terreno no sítio do Andrade é pantanoso e constituído por uma mistura de areia e terra negra. Ao redor da casa vêem-se vastas pastagens formadas

por uma relva rasa, e, mais longe vêem-se tufos de matas raquíticas. Um regato de água salobra serpenteia na planície onde pascem numerosos rebanhos. E' de crer que os jesuitas construíram essa casa para terem um abrigo quando iam da cidade de Campos à sua usina de açúcar de Campos Novos ou à aldeia de S. Pedro. Atualmente o sítio do Andrade é apenas habitado por dois escravos da fazenda do Colégio, encarregados de cuidar do gado que vive nos arredores e, sem dúvida êste lugar em breve só apresentará ruínas.

Após ter saído do sítio do Andrade atravessei, durante um pouco mais de 1/4 de légua, vastas pastagens que se estendem paralelamente ao mar e onde há gado numeroso. Cheguei em seguida à embocadura do rio Furado, limite do têrmo de Macaé e do distrito de Campos dos Goitacazes, distrito que será conhecido no capítulo seguinte.

CAPÍTULO V

QUADRO GERAL DO DISTRITO DE CAMPOS DOS GOITACAZES.

Administração do distrito de Campos dos Goitacazes; seus limites. — O Paraíba, seu curso; volume d'água que êle leva ao mar; sua embocadura; inundações dêsse rio; influência que exercem sôbre a salubridade da região. — História de Campos dos Goitacazes. — Caráter dos habitantes dêste lugar. — O território de Campos dos Goitacazes pertence, quase todo, a quatro poderosos proprietários. — Em que condições êsses proprietários arrendam seus terrenos. — Fertilidade. — Criação de bovinos e cavalos. — Cultura de cana de açúcar; aumento progressivo do número de usinas; quantidade de açúcar exportado e modo de exportação; diversas qualidades de açúcar; lenha que se emprega para aquecer as caldeiras das usinas; como se faz o comércio do açúcar; desejo que tem todos os habitantes de Campos de se tornarem proprietários de usinas; resultado moral dessa ambição. — Como são tratados os escravos em Campos. — População do distrito.

Os Campos dos Goitacazes estão sujeitos à autoridade de um juiz-de-fora e formam parte integrante da província do Rio de Janeiro. Entretanto não é ao ouvidor da Capital que se recorre das decisões do tribunal de Campos, mas ao da província do Espírito Santo; e, como essa província é muito pobre para suprir-se a si mesma, resolveram aplicar em suas despesas grande parte das rendas de Campos dos Goitacazes.

A jurisdição do juiz-de-fora encarregado da administração desta região começa na embocadura do rio Furado; compreende o território de S. João da Praia ou da Barra, pequena vila situada à embocadura do Paraíba, dotada apenas de juizes ordinários (1), e estende-se até ao rio Cabapuana, limite das províncias do Rio de Janeiro e Espírito Santo, a 20°16' de lat. S. E' êsse território que, falando-se corretamente, deve ser chamado de Distrito de Campos dos Goitacazes; mas, comumente, ao que parece, chama-se Campos dos Goitacazes à imensa planície que se estende do mar às montanhas entre o Paraíba e o rio Macaé ou mesmo o rio S. João (2). Do cabo de São Tomé à sua extremidade ocidental, essa planície pode ter uma dúzia de léguas (3). Na parte vizinha do mar ela é pantanosa, arenosa e coberta de uma erva rasteira (4); mas mais próximo da cidade de Campos, ela torna-se de extrema fecundidade; uma população numerosa entrega-se ao seu cultivo, e o viajante que durante muito tempo teve sob seus olhos praias áridas e desertas, goza enfim o prazer de admirar uma região risonha que lhe lembra os arredores das grandes cidades da Europa. Em frente a Campos a margem esquerda do Paraíba é igualmente muito fértil e muito cultivada; mais ao longe as montanhas aproximam-se do oceano, o solo

(1) PIZ. Mem. hist., III, 85, 86.

(2) O que digo sobre os limites de Campos é resultado da comparação de minhas notas com o que escreveram CAZAL e PIZARRO, que, infelizmente deixaram êsse ponto da geografia brasileira em grande obscuridade.

(3) PIZ. Mem. hist., III, 106.

(4) Vê-se que calu em erro um célebre viajante quando acreditava que não havia savanas na província do Rio de Janeiro. Não somente elas existem no distrito de Campos, mas ainda perto de Santa Cruz, casa de campo do rei D. JOÃO VI e do imperador D. PEDRO,

torna-se mais desigual, a população decresce, grandes amtas reaparecem e os terrenos cultivados tornam-se mais raros (5).

Os Campos dos Goitacazes, cheios de lagos de água doce, lagunas e pântanos, são além disso irrigados por grande número de rios. Êstes teem todos um curso pouco extenso e são pouco importantes. Entretanto é preciso excetuar o Paraíba, rio de que já falei em outra ocasião (6) e sôbre o qual darei ainda alguns detalhes.

O Paraíba (7) nasce à cêrca de 28 léguas do Rio de Janeiro, na serra da Bocaina (8), parte da grande cadeia marítima. Êle corre por trás dessa cadeia, quase paralelamente ao mar, mas formando numerosas sinuosidades, descrevendo mesmo uma espécie de parábola, como se procurasse sempre abrir uma passagem através das montanhas. A princípio êle se dirige para SW; avança pela província de S. Paulo e perde logo o nome de **Paratinga, Paraitinga** ou **Piraitinga** que tinha de início. Após ter corrido cêrca de trinta léguas sem nenhum desvio sensível, encontra, junto à cidade de Jacareí, o prolongamento da serra da Mantiqueira ou serra do Espinhaço, que se une à cadeia marítima; como não pode ir mais longe descreve uma volta sôbre si mesmo, seguindo a direção norte-nordeste. Banha as pequenas vilas de Guaratinguetá.

(5) A continuação deste diário fará conhecida essa região com detalhes.

(6) Vide minha **1.^a Rel.**, vol. I, 60. (Corresponde ao Volume 126, pág. 65, da Coleção **Brasilliana**).

(7) Por **Parayba** que, em guaraní significa — rio que vai ao mar.

(8) Um cientista escreveu que o Paraíba nasce nas montanhas de **Mato Grosso**. Não me lembro de ter ouvido esse nome e não o acho indicado em **CAZAL, PIZARRO** ou **ESCHWEGE**,

Lorena e Pindamonhangaba, embelezando os campos com suas elegantes sinuosidades (9) e passa para a província do Rio de Janeiro. Passando pela aldeia de Rezende inclina-se para NE, depois para E e recebe as águas do **Paraí** ou **Paraibuna** (10) e do rio Pomba. Perto de S. Fidelis, aldeia situada a 8 léguas de Campos (11) êle forma uma cascata (12); mais em baixo as águas do Muriaé unem-se às suas; banha em seguida a cidade de Campos, lançando-se, enfim, no mar, um pouco acima de S. João da Praia, após um curso de cêrca de 90 a 100 léguas portuguezas.

Como o Paraíba percorre uma vasta região, poder-se-á crer que leva ao oceano um imenso volume d'água; mas, isso não acontece, porquanto seus afluentes, descendo de duas cadeias de montanhas muito próximas, são geralmente pouco consideráveis. Se se tornasse êsse rio navegável em todo o seu curso, o que talvez não seja impossível, dar-se-ia vida nova aos belos lugares que êle irriga e onde os transportes são atualmente difíceis e dispendiosos. No estado atual das cousas o Paraíba, incessantemente interrompido por pedras e cheio de ilhotas, sómente é navegável em trechos pouco extensos (13).

Embarcações (sumacas) capazes de levar de 50 a 120 caixas de açúcar, de 2.000 libras cada uma, podem entrar no Paraíba; entretanto a enbocadura dêsse

(9) Percorri essa encantadora região em minha 4.^a viagem.

(10) Por **Parayuna** que, em guaraní quer dizer — rio que forma ondas negras.

(11) Curiosos detalhes sôbre essa aldeia são encontrados nos escritos do príncipe de NEUWIED.

(12) Não poderia afirmar se nesse lugar existe verdadeiramente uma cascata ou se não simplesmente corredeiras.

(13) CAZ. **Corog.**, II, 6. — PIZ. **Mem. hist.**, III, 130. — ESCHW., **Braz. Neue Welt**, II, 43.

rio é muito perigosa, obstruída por areias, e o canal aonde passam os barcos muda frequentemente de lugar, segundo a direção de que veem as areias (14). E' unicamente nas marés altas que os sumacas podem entrar ou sair; dois ventos de direções diferentes lhes são sucessivamente necessários nessa circunstância e elas não poderiam ir além do ponto onde a maré deixa de atuar. Da cidade de Campos a êsse ponto as mercadorias são transportadas em barcos que na época das enchentes comportam de 18 a 20 caixas de açúcar, mas que não podem conter mais de 13 a 16 quando as águas estão baixas (15).

No distrito de Campos as chuvas caem principalmente durante os últimos meses do ano; e ordinariamente em Janeiro, aí pelo fim da estação chuvosa, o Paraíba, saindo de seu leito, transborda pelos campos. A inundação, começando na embocadura do rio, sómente cessa a 10 léguas do oceano; estende-se em ambas as margens, e, do lado sul em particular as águas alcançam cêrca de 10 léguas fora de seu leito normal. E' preciso entretanto não pensar que elas cobrem tôda a região; elas se espraíam sómente nas partes baixas, existindo ao redor de Campos, muito perto do rio, muitos terrenos que nunca são inundados, enquanto que outros, mais distanciados o são geralmente logo ao comêço do ano. E' impossível que essas

(14) PIZARRO diz que além do canal pelo qual passam as sumacas, há outro mais setentrional por onde passam as pírogas. unicamente nas marés altas que as sumacas podem

(15) Um cientista, justamente célebre, mas que nunca esteve em Campos, diz que barcos de grande tonelagem aportam a essa cidade. Não posso deixar de ver essa asserção como errônea; entretanto devo acrescentar que, segundo PIZARRO, as sumacas, na época das enchentes, podem ir até à cidade. (*Mem. hist.*, III, 132).

inundações não contribuam para a fecundidade de certos trechos dos Campos dos Goitacazes; mas há outros em que elas devem manter um excesso de umidade pouco favorável à cultura. Disseram-me que os terrenos inundados não eram em geral os mais férteis, existindo, acrescentam, terras que produzem todos os anos sem nunca serem adubadas, nem irrigadas pelas águas do rio. Aliás é bem evidente que se êsses terrenos um pouco elevados não recebem mais as águas do Paraíba, êles eram outrora alcançados pelo rio, anualmente, formando pouco a pouco o que hoje apresentam, com camadas superpostas de um limo útil, fonte da fecundidade atual.

E' impossível que as inundações do Paraíba não contribuam para tornar insalubres algumas partes dos Campos dos Goitacazes. Os lugares permanentemente pantanosos, tais como o sítio do Pires, devem ser muito insalubres (16), e parece que nas margens de certos rios, até aquí pouco cultivados, reinam anualmente as febres palustres. Considerados em conjunto os Campos dos Goitacazes não podem ser tidos como região perigosa para a saúde. Ventos contínuos e fortes varrem os miasmas que se elevam dos terrenos inundados, e, nos arredores de Campos as doenças não são muito frequentes (17). Mas, se as inundações do Paraíba não exercem influênciã maléfica sôbre a saúde da maioria dos habitantes do distrito de Campos, elas

(16) Vide a descrição dêsse lugar no capítulo precedente.

(17) O que escrevo está absolutamente de acôrdo com os dados que se vêem em PIZARRO. Na verdade um médico muito distinto do Rio de Janeiro, o Dr. TAVARES, cita uma febre biliosa que em 1808 exerceu em Campos as maiores dizimações (*Cons. Hyg. Paris, 1823*). Mas, é sabido que uma região se higieniza à medida que é cultivada, e em um espaço de 10 anos, podem se dar mudanças notáveis.

teem graves inconvenientes para o gado bovino. Os animais, é verdade, refugiam-se nos lugares elevados, na ocasião das inundações; entretanto quando após a retirada das águas, as pastagens não são logo lavadas por alguma chuva, o limo que cobre as ervas causa moléstias mortais (18).

Após ter feito conhecida a constituição física dos campos compreendidos entre o Paraíba e o Macaé, direi qualquer coisa sôbre sua história. Eles cráu outrora habitados pela nação dos **Onetacas, Onetacazes, Goytacazes** ou **Goitacazes**, donde seu nome atual (19). Essa nação pertencia, ao que se diz, à sub-raça dos Tapuias; absolutamente não falava a "língua geral", e formava no litoral do Brasil uma espécie de quisto no meio das tribus da sub-raça tupí. Ela se compunha de três tribus: **Goytaguaçú, Goytacamopi** e os **Goytacajacorito**, que não sómente faziam guerras contínuas aos seus vizinhos, como viviam entre si num estado horrível de hostilidades sempre renovadas. Os Goitacazes eram os mais selvagens e cruéis de todos os índios do litoral. Reuniam a uma compleição gigantea uma fôrça extraordinária e sabiam manejar o arco com destreza. Seus hábitos diferiam

(18) Sabe-se que as ovelhas estão expostas mais ou menos ao mesmo perigo nas regiões inundáveis de França.

(19) CAZAL diz (*Corog. Braz.*, II, 44) que além dos Goitacazes, havia aí os **Puris** e os **Guarús**, atualmente chamados **gunrulhos** pelos portugueses. Isso não é impossível porquanto segundo ESCHWEGE (*Journ.*, II, 125) os **Puris** tinham uma origem comum com os **Coroados** que, como se verá, outra coisa não são que os Goitacazes. Quanto aos **Guarús** ou **Guarulhos** o que tende a provar que contavam também no número dos habitantes primitivos dos Campos de Goitacazes, é que, poucos anos após a conquista dêses belos campos uma aldeia cristã de Guarulhos aí foi fundada por missionários franceses da ordem dos Capuchinhos, aldeia que é atualmente a paróquia de S. Antônio dos Guarulhos, situada a pouca distância da cidade de Campos (*PIZ. Mem. hist.*, IV, 22).

muito dos dos outros Tapúias; mas são geralmente o resultado das circunstâncias em que se viram colocados. Assim, vivendo longe das florestas, aprenderam a combater galhardamente em campo raso; no meio dos grandes lagos que cobrem a região, tornaram-se hábeis nadadores e, para evitar o inconveniente de dormir em terreno pantanoso, construíam suas tabas sustentadas por um poste, como certos pombais. Não tendo receio de ver seus cabelos embaraçados em lianas e galhos de árvores, deixavam-no crescer em liberdade; e, foi provavelmente a dificuldade de lenha, nessa região descoberta, que os levou ao hábito bárbaro de cozer ligeiramente a carne dos animais de que se nutriam. Suas flechas eram armadas de dentes agudos de tubarão (20) e, nos combates que incessantemente tinham com êsse peixe perigoso, empregavam tanta coragem como fôrça e habilidade (21). Mênos crueis, entretanto, para os animais que implacáveis para com os homens que os injuriavam, êles armazenavam as ossaturas dos seus inimigos vencidos e construíam troféus abomináveis (22).

Quando o rei D. JOÃO III dividiu o Brasil entre os grandes senhores feudais, o nobre português PEDRO DE GÓIS DA SILVA recebeu seu quinhão, sob o nome de capitania de S. Tomé, de 20 a 30 léguas de

(20) Incontestavelmente o tubarão dos Brasileiros-Portugueses é o *Squalus tiburo* L.

(21) LERY *Voy.* éd. 1578, págs. 52, 53. — VASC. *Vid. Anch.* liv. 5, cha. 12. — P. JOSÉ DE MORAIS DA FONSECA PINTO in *ESCHW. Bras.* I, 220.

(22) SOUTHEY havia dito no primeiro volume de sua excelente história, pág. 37, que os Goitacazes aprisionavam seus inimigos; mas, no segundo volume, que foi publicado mais tarde, e onde dá novos detalhes sobre os índios em questão, êle concorda com o que escreveu o P. VASCONCELOS, que seguiu fielmente.

litoral situada entre as capitánias de S. Vicente e Espírito Santo, nos Campos dos Goitacazes. Apaixonado pelo Brasil, GÓIS embarcou acompanhado de colonos, com armas e víveres, tudo quanto possuía e chegou, em 1553 (23) à foz do Paraíba. Durante dois anos viveu êle em paz com os Goitacazes; mas depois êsses índios fizeram-lhe guerra, e, após três anos de hostilidade contínuas, viu-se obrigado a ceder às solicitações de companheiros desanimados e a abandonar a empresa pela qual havia feito tão grandes sacrifícios.

Parece que até ao tempo de GIL DE GÓIS, segundo sucessor de PEDRO DE GÓIS, os europeus não conseguiram nenhum progresso sensível nos campos dos Goitacazes. Entretanto, como eram conhecidas as vantagens apresentadas por êsses belos campos, os homens ricos do Rio de Janeiro associaram-se para pedir ao procurador de GIL DE GÓIS vastos terrenos onde se propunham a criar gado. Obtiveram em 1623 ou 1627 as concessões que pediram; mas deixaram passar um tempo assaz considerável sem explorá-las, detidos pelo temor que lhes inspiravam os índios Goitacazes. A ambição e cupidez dos portuguezes não lhes permitia entretanto abandonar para sempre a uma população selvagem uma das zonas mais férteis da vasta região de que se diziam legítimos donos. A associação que se formara para se assenhorear dos Campos dos Goitacazes juntaram-se: o provincial dos jesuitas, o abade dos beneditinos e várias personagens distintas dessa época, entre outras a figura de SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENEVIDES. Os Goi-

(23) Esta data indicada a princípio pelo padre GASPAR DE MADRE DEUS, foi em seguida rejeitada pelo abade CAZAL; entretanto acredito dever accéptá-la, porquanto é a que se vê na obra de PLZARRO, escritor cuja exatidão é incontestável.

tacazes foram atacados aí pelo ano de 1630, sendo postos em fuga numerosos dêles; os mais corajosos foram mortos e para os que se renderam foi fundada a aldeia de S. Pedro, onde seus descendentes ainda vivem, atualmente (24).

Os índios que escaparam à morte não quizeram se submeter ao vencedor, e refugiaram-se nas florestas, para os lados da província de Minas Gerais. Alí êles incorporaram à sua tribo a horda dos **coropós**, que haviam subjugado (25) e, tendo adotado o costume de cortar os cabelos ao redor e no alto da cabeça, receberam dos europeus a alcunha de **coroados** (26). Os

(24) Vide a nota I do capítulo I, dêste volume.

(25) Parece que os **Coropós** não se misturaram todos aos Goitacazes; porque em 1818 existiam ainda nas margens do rio Pomba, na província de Minas, algumas centenas dêsses índios que absolutamente não se confundiam com os **coroados** (ESCHW. Journ., I, 76 e 124).

(26) O príncipe de NEUWIED, refutando o autor da "Co-rografia Brazílica" (Voyage, trad. EYR., I, 197) diz que não é verossímil que os coroados descendam dos Goitacazes, porque êstes deixam crescer seus cabelos enquanto que os coroados usam-nos cortados. Mas, a identidade das duas "nações" não é sómente atestada pelo abade CAZAL; ela o é ainda por JOSÉ JOAQUIM DE AZEREDO COUTINHO (Ens. Econ., 64) que não sómente possuía documentos preciosos relativos aos Goitacazes, mas cujos ancestrais haviam sido benfeitores dêsses índios e que enfim havia tido por avô êsse DOMINGOS ALVARES P'ESSANHA do que falarei. Demais não será de estranhar que os Goitacazes, passando de uma região de campos para outra de florestas espessas, tenham cortado seus cabelos, por medida de comodidade. Se os índios nunca mudam de caráter, renunciavam contudo, facilmente, aos costumes que na maior parte das vezes são frutos das necessidades da existência. Quando vi os Botocudos do Jequitinhonha havia apenas 9 anos que se relacionavam com os filhos dos europeus (Vide minha 1.ª Rel. II, 143. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 123 da Coleção **Braziliana**) e já tinham o hábito de vestir, muitos dentre êles já não traziam o **boleque** e o capitão Joahima morava em uma choupana idêntica às dos brancos; os Macunís que, dizem, respeitam muito as tradições ancestrais, teem, todavia, adotado as roupas e constroem casas à moda dos portuguezes; enfim os próprios coroados, após terem cortado seus longos cabelos e adotado uma espécie de tonsura, mudaram ainda uma vez de moda (ESCHW. Journ. Braz., II, 125). Querem negar que as nações

Goitacazes ou Coroados não persistiram, entretanto, no seu ódio aos portugueses. Alguns missionários fizeram esforços no sentido de tornar menos selvagens (27) os antigos habitantes dos campos do Paraíba; e, cumulando-os de benefícios, usando da mais escrupulosa boa fé, DOMINGOS ALVES PESSANHA que governava a cidade de Campos, na qualidade de capitão-mor, triunfou inteiramente sobre sua animosidade. Os Goitacazes reapareceram como amigos nos campos em que haviam feito uma guerra sem tréguas aos portugueses; PESSANHA construiu para êles em sua fazenda de Santa Cruz, não longe da cidade, um vasto galpão aonde vinham descansar e fazer trocas com seus novos aliados. Entretanto, enquanto que os Coroados viviam em boa harmonia com a população portuguesa de Campos, cometiam tôda sorte de hostilidades contra os colonos de Minas Gerais que tinham se estabelecido em suas vizinhanças. Cansados de uma luta em que quase sempre levavam desvantagem,

indígenas possam dividir-se e fundir-se umas às outras. Mas, sabe-se qual a facilidade com que os jesuítas reuniram nas mesmas aldeias índios de diferentes tribus, e, ao tempo de minha viagem, os Malalís, os Panhames, os Macunís e os Monoxós facilmente se misturaram próximo de Pessanha (Vide minha 1.^a Rel., I, 414. (Corresponde ao Volume 126-A, pág. 338, da Coleção *Brasiliana*). Por outro lado os Goitacazes eram divididos, como disse, em três hordas sempre em guerra umas com as outras: os Purís pertenceram outrora à nação dos Coroados (ESCHW. *Journ.*, II, 125); os Panhames, os Malalís e os Monoxós etc., acreditam ter origem comum: enfim os Botocudos são divididos em vários bandos, continuamente em guerra uns com os outros. Os índios absolutamente não conhecem a cidade; os elementos da vida social não são encontrados entre êles; vivem em conjunto porém sem união; por isso as diversas tribus tendem a se dividir e subdividir sem cessar, juntando-se em seguida para de novo se separar. Donde as dificuldades intransponíveis que se encontram no estudo da história dos indígenas americanos e sobretudo da origem das suas numerosas tribus.

(27) MARLIÈRE *in litt.*

os mineiros pediram, em 1757, paz aos Goitacazes; mas êsses índios, que haviam aprendido a desconfiar de seus inimigos não quizeram entrar em negociações, a menos que dessem como garantia a palavra do abade ANGELO PESSANHA. Êste eclesiástico era filho do capitão-mor DOMINGOS ALVARES. e, após a morte de seu pai, tornara-se também benfeitor dos Goitacazes. Entregando-se de boa fé aos seus selvagens amigos, ANGELO deixou-se levar por êles através de florestas onde nenhum filho de europeu ainda havia penetrado. A paz foi concluída em 1758 entre os mineiros e os Coroados ou Goitacazes; persistindo ela, os Coroados tornaram-se menos bárbaros e foram muito úteis aos portugueses em suas guerras contra os Botucudos (28).

Quando os Goitacazes refugiaram-se nas florestas, os portugueses dividiram entre si os belos campos. Os quinhões foram feitos de modo equitativo, mas diversas manobras tornaram SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENEVIDES, a ordem dos Jesuitas e a dos Beneditinos possessores de terrenos mais consideráveis que os de seus consócios (29). ,

Como havia necessidade de um templo para celebrar o officio divinõ, SALVADOR CORREIA mandou

(28) Pormenores muito interessantes sôbre os costumes atuais dos coroados e suas relações com os portugueses foram publicados no *Journal von Brasillen* pelos Srs. SPIX e MARTIUS. Tais escritos é que deviam ser consultados pelos romancistas e pelos compiladores de história e geografia, que quierem tornar conhecidos os índios da parte oriental da América, tasi como atualmente existem. Ilimitando-se sempre a recorrer a alguns autores antigos ou à obra pouco recomendável intitulada *Histoire du Brésil*, narram cousas que existiram, outrora, mas que atualmente já não existem.

(29) Dizem que o arcebispo do Rio de Janeiro havia sido admitido num tẽço da partilha entre Jesuitas e beneditinos. Essa asserção parece-me inteiramente errõnea.

construir em suas terras, em 1652, uma capela consagrada a S. Salvador, confiando-a aos frades de S. Bento. Tal foi a origem inicial da cidade de S. Salvador dos Campos dos Goitacazes ou simplesmente Campos (30).

Numerosos colonos vieram logo, de diversos pontos do Brasil, fixar-se nos campos dos Goitacazes, atraídos pela reputação de sua fecundidade; e, no meio dêles imiscuiu-se uma multidão de criminosos. Afim de escapar à perseguição da justiça, êles idealizaram fundar uma república na região em aprêço. As crueldades de certos homens poderosos e os repetidos vexames ocasionados pelos gerentes de vários proprietários residentes no Rio de Janeiro muito contribuíram para excitar o povo à revolta. Sem recorrer à autoridade real, os habitantes da região resolveram elevar a cidade o núcleo que se formara ao redor da igreja de S. Salvador, e nomearam os funcionários municipais.

A essa época, MARTIM CORREIA DE SÁ, visconde da Sêca, achava-se em Lisboa para solicitar a doação dos Campos dos Goitacazes ou Capitania de S. Tomé, que, após a morte de GIL DE GÓIS havia revertido à coroa. CORREIA DE SÁ foi feliz em suas pretensões; em 1674 a capitania de S. Tomé ou do Paraíba do Sul, foi pela segunda vez desmembrada dos domínios do Estado e o rei D. PEDRO II concedeu ao novo donatário permissão para fundar duas cidades nos Campos dos Goitacazes. A criação ilegal da de S. Salvador dos Campos dos Goitacazes ou simplesmente

(30) Tudo quanto venho de dizer, apolado em autoridades respeitáveis, prova quanto há de errado quando se escreveu que "quando af pelo ano de 1580, SELEMA (por SALEMA) governador do Rio, teve, por processos opressivos que caçar os índios, os jesuitas tomaram posse das terras situadas ao sul do Paraíba afim de se tornarem úteis aos índios".

Campos foi regularizada em 1675 ou 1676; e, pouco tempo depois deu-se também o título de cidade a S. João da Praia ou da Barra, situada na foz do Paraíba.

A cidade de Campos havia sido fundada originalmente a alguma distância do Paraíba. Descontentes dessa posição pouco favorável, os habitantes solicitaram permissão para transferir seus domicílios; e, em 1678 foram estabelecer-se à beira do rio, em um terreno que pertencia aos monges de São Bento. Estes haviam obtido uma indenização, mas, 12 anos mais tarde houve querelas relativamente ao tratado que elles haviam feito. O título principal não foi encontrado; uma excomunhão foi lançada contra os membros da câmara municipal e, parece, a cidade perdeu definitivamente um pedaço de seu território.

Em um período de 30 anos, a história do distrito dos Goitacazes apenas oferece uma longa série de disputas e revoltas. O povo dessa região, no meio do qual os malfeitores não cessavam de refugiar, era turbulento, inquieto, e vivia grosseiramente à vontade, dedicando-se à fácil criação do gado, cultivando apenas o necessário ao seu consumo. Para soffrear homens tão inclinados à desordem e à rebelião a fraca autoridade dos donatários ou de seus procuradores era insufficiente; mas, em 1752 os Campos dos Goitacazes foram de novo anexados ao domínio da coroa, para satisfação geral dos próprios habitantes, e o govêrno pôde enfim trabalhar com eficiência na civilização dêsse povo.

D. LUIZ DE ALMEIDA PORTUGAL SOARES, MARQUÊS DO LAVRADIO, que em 1774, administrava honrosamente a província do Rio de Janeiro foi um dos que mais se esforçaram para modificar o ca-

ráter do povo dos Campos dos Goitacazes. Distribuiu muitas terras que ainda se achavam sem dono e encorajou cidadãos do Rio de Janeiro a irem estabelecer-se entre o Macaé e o Paraíba. Por outro lado atraia para perto de si os habitantes de Campos; acostumava-os ao exemplo da submissão e nunca os deixava regressar sem lhes fazer algum favor. Ele tinha principalmente o cuidado de afastar da região em aprêço os advogados que, com palavras bonitas, desencaminhavam sem dificuldade um povo agitado, sem instrução e fácil de sublevar-se (31).

Mas, os louváveis esforços dos vice-reis do Rio de Janeiro contribuíram menos talvez para reformar os costumes dos habitantes dos Campos dos Goitacazes que a mudança que então se operou em suas ocupações habituais. Durante muito tempo, como disse, eles se dedicavam inteiramente à criação de gado, e, na região tropical, essa criação não exige nenhum sacrificio. Reconheceram então que suas terras eram extremamente favoráveis à cultura da cana de açúcar e todos a ela se dedicaram. Trabalhos mais frequentes acalmaram a imaginação irrequieta dessa gente; o desejo de progredir inspirou-lhes gôsto pelo trabalho, fazendo-lhes sentir necessidade de paz e boa ordem; novos confortos corrigiram-lhes pouco a pouco a grosseria de seus hábitos e eles se policiaram (32).

Os campistas não podem ser comparados aos mineiros; mas achei-os superiores a essa triste popula-

(31) Vide as curiosas instruções dadas pelo marquês de Lavradio a seu successor e insertas nas *Mem. hist.*, III, 119.

(32) CAZ. *Corog. Braz.*, II, 42-47. — PIZ. *Mem. hist.*, III, 86-148.

ção, no meio da qual passei, entre o rio Furado e a capital do Brasil.

Embora renunciando aos seus antigos costumes, os campistas adquiriram defeitos outrora inexistentes. Um luxo desenfreado implantou-se entre elles (33); tornando-se dissipadores caíram nas garras dos negociantes que lhes fazem adiantamentos; são faltos de ordem e passam a vida no meio das aperturas oriundas de uma fortuna mal dirigida.

No meio dos defeitos nascidos com suas novas occupações, os campistas conservaram ainda alguma cousa de seu antigo gôsto pelas querelas; não manifestam mais suas revoltas contra as autoridades, mas lutam sem cessar, uns com os outros (34). As obscuridades da legislação portugueza contribuem ainda para entreter entre elles êsse hábito demolidor, e a incúria com que foram concedidas originariamente as terras da região tornou-se para elles uma fonte de demandas sempre renovadas. Outrora não havia o cuidado de medir as sesmarias (35), e frequentemente davam a um quinhão área maior que a de fato existente. Enquanto a população foi pouco considerável e não se conhecia o verdadeiro valor da terra, os vizinhos viveram em harmonia, não tomando posse senão de pequena parte de suas propriedades e não temendo fôsem seus direitos um dia contestados. Mas, depois que a cultura pôs todos os colonos em contato com seus domínios, cada um quis conhecer os terrenos de

(33) CAZ. Corog. Braz., II, 53.

(34) CAZ. Corog. Braz., II, 53. — TAV. Cons. hyg.

(35) Uma *sesmaria* é, como disse em minha 1.^a Rel., o lote de terra virgem que o govêrno pode conceder a um particular.

que possuía títulos, recorrendo aos procuradores, advogados e juizes (36).

Se existem no distrito dos Campos dos Goitacazes pequenas propriedades, não é menos verdadeiro que a maior parte das terras da região acha-se dividida em 4 fazendas de imensa extensão: a do Colégio, outrora pertencente aos Jesuitas; a de S. Bento, pertencente aos Beneditinos; a do visconde da Sêca e enfim a do Morgado.

Os proprietários dêsses vastos latifúndios não podem cultivar tôdas as suas terras, e arrendam uma parte delas. O locatário é obrigado a uma retribuição anual e comumente o arrendamento renova-se de quatro em quatro anos. Existem na fazenda de S. Bento agricultores cujas famílias arrendaram pedaços de terra, há muitos anos, não pagando mais de 2 patacas por 100 braças quadradas (37). O agricultor tem o direito de constituir nos terrenos alugados tôdas as benfeitorias que lhe são necessárias; elas tornam-se de sua propriedade, sendo-lhe mêsmo permitido vendê-las a um terceiro, que, nesse caso passa a ser arrendatário. Por seu lado o proprietário pode, ao fim de cada contrato, apossar-se de seus domínios; mas é preciso que êle pague as construções e benfeitorias feitas pelo locatário. Acreditar-se-á não haver lavradores tão imprevidentes que construam em terrenos de onde podem ser expulsos facilmente; entretanto tal não se dá. Os proprietários teem tão pouco o costume de retirar de

(36) Um autor brasileiro citado por FREYCINET, traçou um retrato horrível dos habitantes de Campos. LUCCOCK não lhes é mais favorável. Acreditei dever cingir-me às notas que tomei na região e a algumas lembranças confirmadas por CAZAL e por PIZARRO.

(37) O Sr. FREYCINET avalla, como já disse, a braça quadrada em 4,m84.

suas terras os locatários e de aumentar o preço da locação, que os agricultores acostumaram-se a viver na maior segurança. Constroem casas consideráveis e engenhos de cana em terrenos alugados por quatro anos sómente e frequentemente êsses terrenos são cedidos a terceiros pelo mesmo preço anterior às benfeitorias. Resulta de tudo isso as relações entre agricultores e proprietários são muito menos favoráveis a êstes que a aqueles; mas está claro que essas relações, fundadas em simples costumes, não poderão durar muito tempo. Já ao tempo de minha viagem os proprietários começavam a achar que a renda de suas terras alugadas era muito pequena; de outro lado é possível que os agricultores não se conformarão em renunciar a vantagens que o correr dos anos consagrou. Dissenções perigosas seriam de temer se o atual estado de cousas fôsse durável; mas é de crer-se que partilhas testamentárias, a necessidade de dinheiro e uma desordem muito frequente nesta região, forçarão pouco a pouco os proprietários a alienar inteiramente os terrenos arrendados.

Já tive ocasião de dizer qualquer coisa a respeito da fecundidade do Distrito de Campos dos Goitacazes. Ela é tal que as terras de certos lugares produzem há cem anos, sem nunca repousar, sem serem adubadas e sem serem irrigadas pelas águas de nenhum rio. Uma simples mudança de cultura é o único meio que se toma para assegurar colheitas abundantes. Quando a cana de açúcar começa a não mais produzir é substituída pela mandioca, que então recompensa amplamente o trabalho do agricultor; e, quando essa raiz já não produz bem, volta-se ao plantio da cana, cujos colmos vegetam então com todo vigor.

Dizem que outrora nascia nas pastagens naturais de Campos uma forragem notável por sua altura; mas, à fôrça de ser tosada pelo gado ela apenas produz hoje um relvado raso. Quando a pecuária constituia a indústria exclusiva dos habitantes desta região, êles enviavam anualmente ao Rio de Janeiro cêrca de 6 a 8 mil cabeças de gado; atualmente essa exportação está reduzida à sexta parte. Não sómente os agricultores já não remetem queijos para várias partes do Brasil, como até recebem-no de Minas Gerais (38). O gado de Campos dos Goitacazes é em geral de uma raça mirrada e sujeito à várias moléstias; dizem que exceptuadas as terras virgens, um rebanho de 200 vacas não produz atualmente mais de 50 bezerros (39).

E' fácil de conceber que uma região plana e pantanosa como a de Goitacazes não poderá ser favorável à criação de cabras e carneiros. Também a criação de porcos é muito pequena nos arredores de Campos; e, como a umidade influe sem dúvida sôbre a qualidade da carne, esta é menos saborosa e conserva-se menos que a dos porcos criados nos lugares altos e secos.

Os cavalos dos Campos dos Goitacazes pareceram-me pequenos e mal feitos, mas correm com muita velocidade. Como se multiplicam facilmente, e são numerosos, ninguém anda a pé nesta região. Os negros e os homens de classe inferior teem, para conduzir seus cavalos, um método singular: êles batem no pescoço do animal com um bastão curto e de certa grossura.

(38) Penso que PIZARRO se enganou quando disse que Rio Grande de S. Pedro fornecia queijos a Campos.

(39) PIZ. Mem. hist., III, 107-110.

Como disse, é por mar que as mercadorias são transportadas para o Rio de Janeiro, em todo o litoral; não há então aqui tropas de béstas viajando com regularidade como na província de Minas, e êsses animais são mesmo muitos raros em Campos. Os habitantes desta região só fazem por terra pequenas viagens; podendo então deixar repousar suas montadas, andam em grande velocidade, e ninguém sabe avaliar as distâncias.

Dizem que vários gêneros de culturas dão resultado em Campos (40); mas, a da cana dá atualmente tão grandes lucros que absorve tôdas as outras. Asseguraram-me que as terras novas são menos favoráveis à cana que as já cultivadas; entretanto não posso afirmar que tal se dê em tôdas as partes do distrito. Frequentemente é a cana replantada todos os anos; toda-

(40) PIZARRO Mem. hist., III, 113. O Sr. MARTIUS diz que seria importante introduzir a cultura do arroz em certas zonas de Campos, dando uma lista tirada, creio, de PIZARRO. Essa idéia honra a sagacidade do célebre viajante bávaro; mas creio que êle a modificaria se visitasse os lugares de que falo e. que, se me não engano, são os mais próximos do mar. A cultura do arroz está longe de ser desconhecida no litoral que vai do R. de J. ao rio Doce, e é mesmo uma das riquezas da província do Espírito Santo, Hmítrofe dos Campos dos Goitacazes. Mas, como disse, há na costa setentrional da província do R. de J. terrenos impregnados de sal e, como ainda disse, êsses solos são impróprios para essa cultura. Para distinguir os trechos de terra próprias à cultura dêsse cereal é preciso, penso, examinar *in-loco* a natureza do solo, o que de resto fazem os colonos europeus. Mas, mesmo supondo que o arroz possa medrar nos lugares citados por MARTIUS, isso ainda não será motivo suficiente para a cultivá-lo. Com efeito o colono não planta indiferentemente o que possa medrar em suas terras; êle escolhe aquilo que dá melhor resultado. As pequenas zonas indicadas no escrito de MARTIUS estão, se me não engano, atualmente, em pastagens, sendo importante não abandonar a criação do gado nesta região, não somente para ter os bois que fazem mover os moinhos, mas ainda para o sustento de uma população numerosa.

via há zonas em que essa gramínea produz de soca durante mais de 10 anos (41). Com dois anos em uma superfície de 40 palmos produz em geral um carro de cana, e, quando a estação é favorável um carro rende cêrca de três fôrmas de açúcar, com o pêso de duas arrobas cada uma.

Até 1769 não havia ainda em Campos mais de 56 usinas de açúcar; em 1778 êsse número subiu a 168; de 1779 a 1801 aumentou para 200; 15 anos mais tarde êle cresceu para 360 e enfim em 1820 havia no distrito 400 engenhos de açúcar e cêrca de 12 distilarias (42).

Sem falar no consumo da própria região, haviam saído de Campos nos últimos anos anteriores a 1818 cêrca de 8 mil caixas de açúcar e 5 a 6 mil pipas de cachaça, e, como a colheita de 1818 havia sido muito boa, assegurava-se que nesse ano a produção subiria a 11 mil caixas de açúcar. Segundo PIZARRO (43) há poucos proprietários que fabricam anualmente mais de 30 a 40 caixas. Cêrca de 60 embarcações são ocupadas no transporte do açúcar e da cachaça fabricados em Campos, fazendo anualmente de 4 a 5 viagens; algumas podem carregar até 120 caixas, todavia

(41) Falei em minha 1.^a Rel. de cultura da cana no Brasil. Pode-se consultar a êsse respeito um trecho muito minucioso e interessante que o Sr. MARTIUS juntou à sua *Agrostologie* (pág. 542 e seguintes).

(42) Tiro êsses pormenores, sôbre o número de usinas, de minhas notas e dos escritos de CAZAL e PIZARRO. Devo observar que os números referentes a épocas anteriores à criação da cidade de Macaé e sua separação do Distrito de Campos dos Goitacazes devem incluir provavelmente usinas hoje pertencentes a essa pequena cidade. Assim o número proporcional de aumento de instalações deve ser maior que o que resulta das indicações acima, pois que durante o curso do crescimento do número de engenhos a extensão do território diminuiu.

(43) PIZ. Mem. hist., III, 121.

na maioria apenas comportam 50 a 60. O frete de uma caixa de açúcar de Campos ao Rio de Janeiro é habitualmente de 4\$000 (25 f.); mas é o dono do barco que se encarrega do transporte da carga desde a cidade à foz do rio.

Distinguem-se em Campos 5 qualidades de açúcar branco: o fino, o redondo, o meio-redondo, o batido e o meio-batido. À época de minha viagem a primeira dessas qualidades era vendida a 2\$100 a arroba. Quanto ao mascavo ou açúcar meia-côr não é distinguido em várias qualidades e tem um só preço, mau grado seu gôsto e sua côr variarem muito (44).

Como não existem florestas nos arredores da cidade de Campos, a madeira com que se confeccionavam as caixas de açúcar, e as pipas para aguardente veem principalmente de S. Fidelis. A que se emprega nas caixas chama-se **jacatiba**. Poucas madeiras servem para o fabrico de pipas, porque na maioria tingem mais ou menos a aguardente de cana, e no Brasil ela é preferida cristalina. A Laurácea chamada **canela**, apesar de empregada em tanoaria, tem entretanto o defeito de comunicar certa coloração à bebida; também dão preferência ao **louro** que provavelmente pertence também ao grupo das Lauríneas e que, produzindo agradável odor não dá à cachaça a mínima coloração. O **tapinhuáu** é outra madeira de que se servem para fazer pipas; na verdade o govêrno, querendo reservá-la para a construção naval, proibiu sua exploração; mas, ninguém liga importância a uma proibição de que a administração não tem meios de fazer respeitada.

(44) Os açúcares de Campos, são, segundo afirmam, os melhores de todo o Brasil (Vide **Agrostologia**, de MARTIUS, págs. 564 e 569).

Acreditar-se-á que os habitantes dos Campos dos Goitacazes, incessantemente entregues ao fabrico do açúcar, tenham introduzido aperfeiçoamentos nessa operação. Mas, para isso seriam precisos conhecimentos que êles não possuem e que difficilmente adquirirão sem deixar o país. Os processos de fabricação são então ainda muito imperfeitos (45). Deviam principalmente construir fornos mais econômicos e cuidar, como já teem feito alguns cultivadores de empregar o bagaço na alimentação do fogo e das caldeiras. Com effeito a escassez de lenha faz-se sentir cada vez mais, sendo de temer sejam, breve, vários proprietários de usinas obrigados a cessar seus trabalhos. Como já disse, os primeiros habitantes dos Campos dos Goitacazes apenas cuidavam da pecuária; para formar as pastagens êles incendiaram suas florestas, e, em muitos lugares sómente arbustos e árvores esparsas podem fornecer combustíveis. Na verdade existem ainda matas muito próximo da cidade de Campos; mas pertencem a homens que as não venderão, porquanto são também possuidores de usinas, e quererão conservar suas caldeiras em atividade pelo maior prazo possível. Induzir os brasileiros ao plantio de árvores destinadas à lenha é, para êles, expôr-se ao ridículo; entretanto continuam destruindo e incendiando suas florestas com

(45) O que digo dos plantadores de cana de Campos é extensivo aos das diversas partes do Brasil por onde passei. O Sr. MARTIUS, que visitou as províncias setentrionais dêsse vasto império exprime-se a respeito do seguinte modo: "Quod vero al saccharum ex succo expresso parandum attenet, feré nusquam Brasiliae tam subtiliter et scientificè, ud herus certam sacchari messem securó sperare possit, id fieri solere mihi confitendum est. Omne negotium non est nisi continuum periculum, quin operarii omninó inscii res sibi exponere possint. Itaque fructus maximé est iniquus ataque incertus et in quintitato sacchari et qualitate (*Agrost.*, 568)".

tamanha perseverança que, se não quizerem tornar desertas grandes zonas do país, serão cedo ou tarde forçados a replantar as matas (46). Porque alguns proprietários de Campos não procurarão desde já libertar-se de uma opinião absurda? Porque, lançando as vistas sôbre o futuro não escolherão um canto de seus domínios pouco próprio à cultura para aí lançar as sementes de algumas árvores de crescimento rápido? O primeiro que plantar um tufo de mata no distrito de Campos dos Goitacazes merecerá, ousamos dizer, a gratidão do país. Entretanto aquele que na América se der ao cuidado de lançar à terra sementes de árvores florestais não terá no futuro os mesmos trabalhos e sacrifícios que o plantador europeu; nas felizes zonas situadas entre os trópicos a vegetação é de tal modo ativa que o agricultor terá logo sombra sob as árvores que plantar e poderá mesmo, durante o curso de sua vida, cortá-las diversas vezes (47).

Os mais ricos proprietários de Campos enviam diretamente ao Rio de Janeiro seus produtos; quanto aos outros vendem-no aos negociantes da região. Estes últimos teem o costume de comprar o açúcar antes de fabricado, pagando um adiantamento. O negócio é feito como se a mercadoria fôsse de primeira qualidade; a diferença é calculada posteriormente, no ato da entrega do açúcar, deduzindo-se então do valor contratado.

(46) N. T. — Isso foi dito em 1833. Dizer-se que, praticamente, ainda hoje a situação é a mesma...

(47) Em uma de suas obras PIZARRO parece não temer a escassez de madeira em Campos; entretanto êle mesmo confessa que já em 1801 nove usinas foram obrigadas a interromper seus trabalhos por falta de combustível.

Dizem que o comércio nessa cidade é feito com muita lentidão e pouca boa fé. Os vendedores teem o costume de não fazer o preço, pedindo ao comprador que faça a proposta; desconfiam do comprador que se apresenta espontaneamente para negociar, julgando-se mais esperto que êles, recusando vender-lhes, principalmente se se trata de um estrangeiro. Pouco tempo antes de minha chegada a Campos o representante de uma casa inglesa vinha de deixar essa cidade, após uma estada de um mês, sem ter podido concluir nenhum negócio.

Os negociantes estabelecidos em Campos e aos quais os cultivadores teem o costume de vender seus produtos, são na maioria, segundo PIZARRO, portugueses-europeus. Êsses homens parcimoniosos põem os colonos numa verdadeira dependência, adiantando-lhes dinheiro, escravos, mercadorias, enriquecendo-se em pouco tempo, enquanto que o agricultor imprevidente ou pródigo vive sempre endividado e no caminho da ruína.

Uma das causas do constrangimento (48) em que vivem os habitantes de Campos é a mania que todos teem de ser "senhores de engenho". Apenas, diz PIZARRO (49), um homem tem quatro palmos de terra, arrendados que sejam, pretende logo construir um engenho de açúcar; e, por pequena que seja sua instalação, vê-se obrigado a hipotecar por longos anos os produtos de suas colheitas.

Êsses estabelecimentos, criados por mal entendida ambição concorrerão a um resultado moral útil à região. Para mantê-los os proprietários são obrigados

(48) PIZ. Mem. hist., III, 123.

(49) PIZ. Mem. hist., III, 120.

a renunciar a uma vida ociosa; o pai de família, sua mulher e seus filhos participam da cultura da terra ou da fabricação do açúcar; e o trabalho terminará, é de esperar-se, por enobrecer-se inteiramente.

Apesar de um grande número de pequenos proprietários quererem absolutamente possuir um engenho de açúcar, há, todavia muitos outros que se resignam a cultivar a cana sem terem a honra de ser "senhores de engenho". Estes fazem a moagem em qualquer engenho próximo, deixando como retribuição metade da colheita.

Poder-se-ia supôr que em Campos, onde os proprietários não se envergonham de se entregar aos trabalhos agrícolas manuais, os escravos, tornados de qualquer modo companheiros do homem livre, fôsem tratados com doçura; mas infelizmente tal não se dá. Querem fazer açúcar cada ano mais, e assim sobrecarregam os negros de trabalho, sem se inquietar com o prejuízo que ocasionam a si próprios, abreviando a existência dêsses infelizes (50). Existem perto da cidade de Campos várias fazendas onde se vêem escravos doentes em consequência dos maus tratos recebidos, ao mesmo tempo que há sempre pessoas à procura de escravos, evadidos em consequência da insuportável vida que levam. Quando teve início no Brasil a campanha da abolição da escravatura, o govêrno ordenou aos proprietários de Campos que casassem seus escravos; alguns obedeceram a essa determinação, mas outros responderam que era inútil dar maridos às negras porquanto não seria possível criar seus filhos.

(50) Consultando PIZARRO, escritor exato e consciencioso, ver-se-á que estou longe de exagerar.

Logo após os partos essas mulheres eram obrigadas a trabalhar nas plantações de cana, sob um sol abrasador, e, quando, após afastadas de seus filhos durante parte do dia, era-lhes permitido voltar para junto d'elles elas levavam-lhes um aleitamento defeituoso; como poderiam as pobres criancinhas resistir às crueis misérias com que a avareza dos brancos cercava seus berços? Nas fazendas em que há algum cuidado com os negros dão-lhes alimento três vezes ao dia, sendo a comida farinha de mandioca e carne sêca cozida com feijão preto. Em outras fazendas os escravos não recebem nenhuma alimentação; mas, além do domingo dão-lhes outro dia por semana afim de que trabalhem por própria conta. E' fácil compreender que êsse último sistema deve ter graves inconvenientes para os negros recém-chegados da costa d'Africa, para os preguiçosos, os viciados, aqueles enfim, verdadeiramente numerosos, aos quais não é possível induzir à previdência. E' preciso que os brasileiros sejam tão estranhos à idéia do futuro quanto os próprios índios, para que não vejam que se continuam surdos à voz da humanidade, deveriam ao menos por interêsse próprio cuidar de seus escravos.

Após ter feito conhecidos em todos os seus detalhes o distrito de Campos, devo dizer alguma cousa de sua população. Êsse distrito, tal como foi delimitado para organização da milícia ou guarda nacional, estende-se, como vimos, do rio Cabapuana ao rio Macaé. Tem portanto 30 léguas de comprimento por uma largura média, aproximadamente, de 8 léguas.

Eis o número de indivíduos aí compreendidos em 1816:

Homens
livres

2.265 casamentos	4.530
Rapazes solteiros vivendo em casa dos pais .	3.233
Moças idem, idem	3.722
Agregados e empregados do sexo masculino	731
Idem idem do sexo feminino	999
Homens solteiros vivendo sós	607
Mulheres, idem, idem ..	738
	<hr/>
	14.560

Escravos

do sexo masculino	10.450
do sexo feminino	6.907
	<hr/>
	17.537

TOTAL 31.917

Segundo esta estatística é claro que em 1816 contavam-se em Campos 133 pessoas por légua quadrada, isto é, três vezes mais que em todo o conjunto da província de Minas Gerais, quatro vezes mais que a comarca de S. João em particular e sómente dez vezes menos que na França. Exceções as cidades brasileiras de mais de 8.000 almas, duvido que haja outro lugar em que, em superficie igual, se conte uma população tão considerável quanto a de Campos. O pequeno quadro que venho de traçar fornece ainda resultados importantes dos quais indicarei os princi-

país. 1.º) Prova que nessa região de grandes usinas de açúcar o número de escravos é superior ao de homens livres; de modo idêntico ao que acontece nas regiões auríferas de Minas, sabe-se, naç zonas de indústria pastoril dá-se o contrário — o número de escravos é inferior ao de homens livres. 2.º) O mesmo quadro mostra que o número de casamentos é infinitamente maior em Campos que no interior do Brasil, o que é certamente devido ao fato das mulheres não se esconderem dos homens e ao de serem os brancos aquí menos raros. 3.º) Mostra também que as meretrizes são menos numerosas em Campos que no interior; porquanto da cifra 738, que compreende as mulheres de má vida, é preciso deduzir-se, para ter o número exato destas, as mulheres solteiras que não são prostitutas. 4.º) Enfim vê-se pelo quadro em aprêço que os casamentos são muito menos fecundos em Campos que no interior; com cfeito, embora sem possuir dados rigorosos sôbre o têrmo médio da fecundidade das mulheres de Minas, Goiás, etc. não seria de admirar se sê achasse essa média em 5 a 6 filhos para cada casal.

CAPÍTULO VI

VIAGEM NO DISTRITO DE CAMPOS DOS GOITACAZES.

Barra do Furado. — Região situada entre o Furado e o Curral da Boa Vista. — Anedota sobre o *Vanellus cayennensis* ou queriqueri. — Curral da Boa Vista. — Arraial de Santo Amaro. — Cêstos chamados juquiás. Aspecto da região situada entre Santo Amaro e a fazenda de S. Bento. — Descrição dessa fazenda. As mulheres desta região e seus hábitos. Carro de boi. — Região situada entre S. Bento e a fazenda do Colégio. — Como o Autor é recebido nesta fazenda; explicação da acolhida que lhe é feita. Descrição da fazenda do Colégio. — Caminho que conduz dessa fazenda a Campos. — Situação da cidade, população. — Como o distilador Baglioni dirige seus negros. — Passagem do Paraíba. — Vista que se descortina em frente a Campos. — Margens do Paraíba. — Fazenda de Barra Sêca. Como são aí tratados os escravos. Capela. O que se deve entender por *Sertões*. — Região situada entre Barra Sêca e Manguinhos. — Algumas palavras sobre esta última fazenda. Conversa com um índio. — Fazenda de Mumbeca. Sua administração. Índios selvagens. — O rio Cabapuana.

O rio cuja foz alcancei a pouca distância do sítio do Andrade tem na região o nome de rio do Forno, e é formado pelas águas de um grande lago de água doce (lagoa Feia) situado a algumas léguas do mar. No momento de lançar-se no oceano o rio do Forno reune-se a outro rio, o Bragança ou Laranjeira, que vem de lado diametralmente oposto. A embocadura dos dois

rios reunidos, conhecida sob o nome de Barra do Furado é muito estreita e pouca profunda, sómente dando entrada às embarcações muito pequenas, e, parece que na estação sêca nenhuma embarcação pode transpô-la. E' a Barra do Furado, que, como já disse, serve de limite entre os distritos de Campos e Macaé (1).

Quando se vai do sítio do Andrade a Campos, passa-se o Furado em estreita piroga. Aqui o pedágio não é arrendado pelo fisco (fazenda real); é o próprio passador que usufrue inteiramente das retribuições pagas pelos viajantes.

Após atravessar o Furado pode-se seguir vários caminhos para chegar à capital do distrito. O mais seguro passa pelo lugar chamado Tapagem; aí embarca-se uma segunda vez, evitando-se pântanos impraticáveis na estação chuvosa.

Como já havia perdido muito tempo para passar o Furado e a sêca afastava o perigo dos caminhos brejosos, deliberei tomar o caminho que vai sempre por terra (2). Um negro me servia de guia. Comecei então a caminhar paralelamente ao mar; mas logo

(1) Os detalhes que PIZARRO dá sobre o Furado são pouco claros. Ele não faz nenhuma referência ao nome do rio do Forno e parece que é sob o nome de *cauzora* ou *cauzoura* que elle designa o rio Bragança. Não sou o único, allás que indica este último; elle era encontrado na relação do príncipe de NEUWIED, onde um erro tipográfico, sem dúvida, deu *Barganza* por Bragança, bem como *Furado* por Furado.

(2) Itinerário aproximado da fronteira meridional do distrito de Campos dos Goitacazes à cidade de S. Salvador dos Campos dos Goitacazes:

De Barra do Furado	ao Curral da Boa Vista	2 3/4	ls.
"	"	"	à fazenda de S. Bento 2 1/2 "
"	"	"	" do Colégio 3 "
"	"	"	" cidade de Campos 3 "

entrei em uma planície e poucos instantes após deparei um dos pântanos de que me haviam falado. São êles formados por um barro negro e profundo; apesar das indicações de meu guia, duas de minhas bêstas atolaram-se nessa lama até ao ventre, e foi preciso descarregá-las para poder afastá-las dêsse perigoso lugar.

Daí até ao Curral da Boa Vista, onde parei, o caminho era sempre bom. Tão longe quanto minha vista alcançasse, não avistava senão um terreno perfeitamente uniforme, coberto de uma erva rasa; sómente no horizonte avistava alguns tufos de mata, de vegetação raquítica. Nessa imensa planície pascen-tam numerosos cavalos e bois; porém todos pequenos e magros, o que se deve attribuir sem dúvida à má qualidade das pastagens e talvez aos ventos seços e contínuos que predominam na região.

Como o terreno é pantanoso encontra-se uma mul-tidão de aves aquáticas, principalmente das a que chamam **queriquerí** (3), devido pronunciarem distintamente essas sílabas em seu gritos altos e agudos (**Vanellus cayennensis** Neuw., **Tringa cayennensis** Lath). Essas interessantes aves voam aos pares e procuram seus alimentos nos lugares úmidos. Deixam que a gente se aproxime muito delas, voam em círculo e pouco alto. Põem quatro ovos sôbre a terra, por assim dizer, sem fazer ninhos, contentando-se em ajuntar alguns detritos de pau sêco e terra. Seus ovos, esverdeados e marmorizados de negro, são pouco maiores que os do pombo, e muito mais largos em uma extremidade que noutra. Na guerra de manhas e emboscadas que ARTIGAS fez durante muito tempo nas

(3) CAZAL escreveu **queroquero** e o príncipe de NEUWIED: **querquer**. No Rio Grande do Sul dizem **queroquero**,

províncias do sul, os diversos destacamentos foram frequentemente traídos pelos **queriqueri**, que à aproximação do homem fazem ouvir seus gritos estridentes.

O Curral da Boa Vista, onde pernoitei no dia em que deixei o sítio do Andrade, fica daí distante 3 léguas. É uma pobre choupana dependente da fazenda do visconde da Sêca, servindo de abrigo aos vaqueiros dessa fazenda. Junto da choupana há um tufo de matas, que eu havia visto de longe, ao entrar na planície. As árvores que compõem essa mata, nascendo em terreno muito sêco e arenoso, em nada se assemelham, ao menos no porte, com as das florestas virgens; elas são insignificantes, raquíticas, separadas umas das outras, formando pequeno bosque.

Para além do Boa Vista, a planície, sempre uniforme, apresenta ainda até Santo Amaro um terreno pantanoso, enegrecido e coberto de uma erva rasa e tosada constantemente por um grande número de cavalos e bois. Um pouco antes de Santo Amaro o solo torna-se extremamente pantanoso, vendo-se então imensa quantidade de aves aquáticas, sobretudo garças e queriqueris. Como o caminho é apenas assinalado nessa parte da planície temia ver meus animais de carga atolar na lama. Indaguei de um negro por onde devia passar, mas êsse homem não quis responder-me sem ser pago por êsse grande trabalho... Era a segunda vez que, nesta região, pediam-me dinheiro para indicar-me um caminho; nunca cousa semelhante me acontecera em Minas Gerais.

Desde vários dias via junto de tôdas as casas grandes cestos feitos com grande cuidado; disseram-me que eram destinados a apanhar peixe e que tinham o nome de **juquiá**; enfim pude ver como eram usados.

Os **juquiás**, que são provavelmente invenção indígena, como o nome indica, tem 3 a 4 pés de largura e a forma de um sino; a extremidade mais larga é inteiramente aberta; ligadas em conjunto as taquaras verticais, que se prolongam para fora do tecido do cesto, formam uma espécie de punho, havendo dêsse lado uma abertura por onde pode passar um braço até dentro da cesta. E' nos brejos que se servem dos **juquiás**; caminha-se no meio déles tendo o **juquiá** pela mão, passando-o pelo fundo da água à medida que se avança. O peixe, escondido no meio da lama entra no cesto, sendo retirado pela abertura superior do **juquiá**. A principal espécie de peixe que se prende por êsse processo é a chamada **acará**; mas ella difere muito do **acará** do S. Francisco. A armadilha que venho de descrever é feita com essa gramínea de altos caules e folhas dísticas chamada **ubá** na provincia do Rio de Janeiro e **cana brava** na de Minas Gerais (**Gynerium parvifolium** Spix. Mart. Nees.).

Santo Amaro é uma pequena aldeia que se compõe de uma capela e uma vintena de pequenas casas, esparsas, muito afastadas uma das outras, tendo cada uma um pequeno quintal.

Para além dêsse lugar a região muda de aspecto; é sempre a mesma planície, porém não é mais tão descoberta e tem qualquer cousa daquelle ar alegre e animado dos campos europeus nas vizinhanças das grandes cidades. O caminho, largo e muito bonito é bordados por sebes, e frequentemente a gente passa em frente a casas cobertas de telhas e cercadas de bauaneiras, laranjeiras e pequena plantação de algodão. Durante êsse dia fez um calor excessivo, acompanhado de vento forte e sêco, gretando meus lábios

e os dos meus empregados, o que já nos acontecera em várias zonas descobertas da província de Minas.

Chegado à fazenda de S. Bento, propriedade da ordem dos Beneditinos (4), apresentei aos religiosos, que eram apenas dois, o passaporte real de que eu era portador. Fui perfeitamente acolhido por êles; instalaram-me em um quarto muito cômodo e pouco depois convidaram-me a tomar parte em sua excelente refeição. S. Bento difficilmente reconheceria êsses monges como filhos seus, é preciso confessar; mas a falta de polidez e hospitalidade não seria dos defeitos que se lhes pudessem attribuir.

A fazenda de S. Bento possui uma extensão de terra considerável, uma usina de açúcar, cêrca de 1.000 cabeças de gado e 500 escravos (5). Um ar de grandeza que ainda não tinha observado em parte nenhuma, nem mesmo em Campos Novos, nota-se no conjunto de construções do monastério. As casas dos negros formam três lados de um pátio gramado que pode ter uns 315 passos de comprimento por 250 de largura. Essas casas são agrupadas e não teem mais de 6 pés de altura; são feitas de tijolos, cobertas de telhas e dotadas de uma pequena janela que se abre para o pátio. A igreja e o convento fecham êste último; ao lado fica o engenho de açúcar. O claustro tem forma quadrada e fica entre a igreja e os edifícios do monastério propriamente dito. Mau grado construidos de tijolos e com paredes muito grossas êstes últimos achavam-se em muito mau estado; mas tratava-se de reconstruí-los, o que já havia sido iniciado pela igreja.

(4) Vide página 124.

(5) Foi talvez um êrro de cópia ou de tipografia que introduziu a cifra 50 em um escrito de grande valor.

Dois lagos, ou melhor dizendo, dois charcos, se vêem um à direita outro à esquerda da habitação; são asilo para quantidade inumerável de aves aquáticas e resendem mau cheiro, desagradável, certamente prejudicial aos habitantes do monastério. Dêste avista-se a planície coberta de agradável verdura e limitada por matas e capoeiras; em frente ao convento a vista se detem nas montanhas da cadeia marítima; enfim algumas palmeiras africanas plantadas no pátio do convento contribuem para embelezar o conjunto da paisagem.

No dia seguinte à minha chegada a S. Bento, que era dia de festa, vi o pátio da fazenda encher-se de gente das vizinhanças que vinha à missa. As negras estavam com a cabeça envolvida em um pano negro, à moda das espanholas; quanto às mulheres livres traziam "manteaux" de pano grosso, côr de azeitona, bordados de veludo negro. Estas tinham belos olhos negros, porém não eram bonitas; pálidas, sem graça (6).

Era em pequenas carroças puxadas por bois e cobertas de um toldo de couro cru que as mulheres chegavam ao convento. Como esta região é extremamente plana o uso de carros puxados por bois é aí muito comum, sendo êles empregados nas fazendas, desde a capital até Campos e provavelmente em uma grande parte do litoral. Como em Minas, não atrelam os bois pela cabeça, costume que devia ser adotado em tôda parte.

(6) Não sómente o Dr. TAVARES diz mais ou menos a mesma cousa da côr dos habitantes das margens da lagoa Fela, mas ainda, faz d'êles a mais triste descrição.

Antes de deixar a fazenda de S. Bento, continuei a atravessar a planície. Esta região é encantadora e tem um ar de animação que sómente observei nos arredores da Capital do Brasil. O caminho, largo e muito bonito, é bordado de sebes espessas de **Mimosas** ou de uma multidão de arbustos variados, crescendo em liberdade. Atrás dessas cêrcas percebem-se pastagens e plantações de mandioca e cana de açúcar. Veem-se, de longe em longe, usinas de açúcar, modestas, e, frequentemente encontramos pequenas casas cercadas de algodoeiros e laranjeiras. Enfim no horizonte avista-se a cadeia marítima.

Chegado à fazenda do Colégio (7) em direção à qual dirigi-me ao deixar S. Bento, entreguei meu passaporte ao meu empregado afim de apresentá-lo ao dono da casa. Êste estava à mesa; fez-me esperar durante muito tempo em um vestibulo; mas, enfim um senhor gritou-me do alto de uma cancela que eu podia subir. Encontrei em uma sala de jantar uma reunião numerosa e aceitei o ofrecimento que me fizeram para tomar parte no jantar. Entretanto não tardei a ficar desconcertado com a extrema frieza dos convivas; o dono da casa ofereceu-me, na verdade, de tudo quanto havia sôbre a mesa (8), mas, ninguém parecia ligar-me atenção; ninguém me dirigia a pala-

(7) E' evidente que é preciso não confundir esta fazenda com uma outra do mesmo nome que o príncipe de NEUWIED indica, perto de S. Fidelis.

(8) Dizem que os brasileiros servem aos seus convivas porém trazendo alimentos em pratos separados e que o prato que cada qual usava era então cercado por uma auréola de outros pratos. Comigo isso aconteceu uma ou duas vezes, mas posso asseverar que isso não é uso geral, porquanto percorri o Brasil durante seis anos, vivendo entre homens de tôdas as condições, comendo à mesa do pobre e à do rico e não era êsse o uso geral.

vra. Após o jantar fui um pouco mais feliz; passei pela fazenda com um dos proprietários; êle falou-me de minhas viagens e, querendo ser-me agradável, desejou que eu conseguisse algum benefício dos meus trabalhos e de minhas fadigas. Ninguém, em nenhuma classe social, concebia que eu percorresse o Brasil sem outro motivo que o de ganhar dinheiro. Um govêrno é bem defeituoso, diga-se de passagem, quando não sabe inspirar aos que lhe obedecem sentimentos de deveres mais nobres.

Uma circunstância explicará talvez a recepção pouco amável que me fizeram em Colégio. Em tôda parte julga-se o desconhecido pela roupa que veste, e no Brasil, mais que em qualquer outra parte, os homens de uma classe elevada dão ao vestuário uma grande importância. Conhecendo os hábitos do país e não querendo me privar das vantagens que oferece ao naturalista viajante uma roupa leve e de pouco valor, tinha o cuidado de pôr, bem por cima em uma das malas, roupas convenientes para essas situações, e, antes de entrar nas casas das pessoas mais abastadas tinha o cuidado de trocar de vestimenta à sombra de alguma árvore. No dia de minha chegada a Colégio tinha infelizmente esquecido essa pequena precaução e fui castigado por ter me apresentado com humilde roupa e um simples chapéu de palha.

A fazenda do Colégio havia sido, como já disse, fundada pelos jesuitas e era residência de dois religiosos encarregados de administrá-la. Êsse imenso domínio foi durante muito tempo dedicado à criação do gado, tendo-se mesmo queimado as matas para formar pastagens. Foi sómente poucos anos antes da supressão da ordem que os jesuitas começaram a cultivar a

cana em Colégio e aí construíram uma usina. Após a expulsão dos padres da Companhia a fazenda foi a princípio administrada por conta do rei; mas em 1781 (9) foi posta em leilão e vendida por 500 mil cruzados (1 milhão e 500 mil francos). O comprador tinha falecido pouco tempo antes da minha estada ali, e parece que seus herdeiros estavam em vias de demandar. O domínio terminará por ser dividido, os edifícios cairão em ruínas, mas, o que acontece em outras parte do Brasil onde existem poucos habitantes e onde as comunicações são difíceis, não acontecerá aqui; as terras divididas não cessarão de ser cultivadas porquanto no distrito a população é numerosa e o pequeno proprietário não se acanha de trabalhar.

A fazenda do Colégio possui vários milhares de cabeças de gado, 1.500 escravos e tem cêrca de 9 léguas quadradas de terreno, estendendo-se até ao Macaé. A habitação propriamente dita tem um ar de grandeza a que se não está acostumado nesta região, onde tudo é feito de modo mesquinho, como que para durar apenas um dia. Em Colégio seguiram um plano de construção idêntico ao de S. Bento, porém em maiores proporções. Casas de negros, feitas de tijolos e cobertas de telhas, formam aqui os três lados de um pátio que tem cêrca de 360 passos de comprimento por 250 de largura. Uma fachada comum à igreja e ao convento forma um dos pequenos lados do pátio, e, no meio dêste há uma casa, sem dúvida construída pelos jesuitas para recreio dos índios e dos negros. Comparado ao resto do estabelecimento, o monastério propriamente dito não tem grande extensão; a igreja separa-o em duas partes e, de cada lado desta última

(9) Data tirada de PIZARRO.

existe um pátio comprido, entre ela e o convento. O engenho de açúcar dá para o pátio. Atrás das casas que o cercam há uma fileira exterior de casinhas igualmente destinadas aos escravos, porém na maioria cobertas de capim, e construídas com menos cuidado e ordem que as do pátio. Em um dos lados da fazenda há uma olaria e a alguma distância, um edifício inteiramente isolado onde tratam dos doentes.

A habitação do Colégio é um pouco distanciada do caminho que conduz à cidade de Campos. Para alcançar essa estrada segui por um belo caminho que passa entre duas sebes de verdura e que me fez lembrar os dos arredores de Orléans, tais como se apresentam no início da primavera. Mas aqui a coloração das folhas é ainda mais agradável que em nossos climas e a forma dos arbustos é mais variada que as de nossas pe-reiras selvagens e nosso "aubépine" (*). A grande estrada aonde logo entrei, muita larga, bela e perfeitamente firme, não tem a mesma frescura, porque os homens a cavalo e as carroças que aí passam sem cessar, cobrem de poeira as sebes marginantes. Aliás os campos circunvizinhos teem um ar tão alegre e tão animado quanto as vizinhanças das grandes cidades provinciais francesas. Por tôda parte vêem-se carroças que transportam aguardente ou açúcar, cavalos e bois numerosos pastando nos campos salpicados de laranjeiras. Não se vêem terrenos abandonados; tudo anuncia a presença do homem, e, excetuados os arredores do Rio de Janeiro não havia visto em parte nenhuma, desde que chegara ao Brasil, tantos terrenos cultivados, tanto

(*) N. T. Planta da família das Rosáceas (*Crataegus oxyacantha* Lamk.), conhecida em Portugal pelos nomes de **espínheiro alvar** e **pirriteiro**.

movimento, habitações tão frequentes e próximas umas das outras (10).

A usina mais importante que vi entre Colégio e Campos foi a do visconde de Sêca, situada a légua e meia da cidade. Todavia está longe de apresentar o ar de grandeza que se nota em S. Bento e Colégio; contudo é bem considerável. A êste estabelecimento e aos dois anteriormente mencionados pertence a maior parte das terras situadas entre o Furado e a cidade de Campos.

Esta última é construída à margem direita do Paraíba (11), em encantadora posição. Não sómente é residência de um juiz-de-fora, mas ainda de um vigário geral com jurisdição em 6 paróquias (12). Sua população subia, em 1820, a perto de 8.000 almas (13), e em 1816 havia aí 1.102 casas.

Chegando a Campos (24-9-1818), fui ver o Sr. BAGLIONI, francês que havia instalado, nessa localidade, uma destilaria. Após o jantar êle me conduziu à casa do Sr. JOSÉ JOAQUIM CARVALHO, ao qual estava eu recomendado. Êsses senhores tiveram para comigo tôdas as benevolências possíveis e me alojaram em uma bonita casa dando para o rio. Acompanhado pelo Sr. JOSÉ JOAQUIM fui logo visitar as autoridades principais e as diversas pessoas a que estava

(10) Das descrições fiéis que faço dos Campos dos Goitacazes ter-se-á sem dúvida dificuldade em conceber como um viajante poude dizer que "jamais estivera tão próximo de morrer de fome como nesses campos tão elogiados". O mesmo viajante acrescenta que a região é fértil, mas que no tempo de sêca a terra fica reduzida a um areal árido; isso parece difficil de conciliar.

(11) Não tomei notas sôbre a distância de Campos ao mar. O príncipe de NEUWIED diz que é de 8 léguas e CAZAL 5.

(12) PIZ., Mem. hist., III, 106.

(13) PIZ., Mem. hist., III, 145.

recomendado. Por tôda parte fui acolhido com delicadeza e bondade.

O Sr. BAGLIONI tinha tido idéa de estabelecer uma sua distilaria um processo que, neste país, havia de causar algum escândalo. Semanalmente pagava a seus escravos uma retribuição proporcional ao trabalho e à inteligência de cada um dêles; mas, para cada falta cobrava u'a multa sôbre o salário dos mesmos. Por êsse sistema êle evitava o suplicio de castigar seus negros; e o zêlo com que essa pobre gente se empenhava em cumprir com seus deveres compensava amplamente o patrão.

Durante minha estada em Campos o calor esteve excessivo. Êle afetava mórmente ao pobre Prégent cujo humor e saúde se alteravam cada vez mais. Como eu temia continuar a viagem com êsse moço tão doente, tomei a deliberação de renunciar à visita à Capitania do Espírito Santo e voltar à Capital do Brasil passando por Pomba e pelo Presídio de S. João Batista (14), na província de Minas. Entretanto tendo sabido que a estrada de Campos a Pomba estava quase impraticável, e que nela passavam-se de 10 a 12 dias sem encontrar casas nem pastagens, voltei ao meu antigo projeto e decidi prosseguir viagem pelo litoral (15).

(14) Há nos escritos dos Srs. ESCHWEGE, SPIX e MARTIUS detalhes interessantes sôbre o Presídio de S. João Batista, onde comandava um francês amigo dos índios, o Sr. GUIDO TOMAZ MARLIÈRE.

(15) Itinerário aproximado da cidade de Campos à fronteira da província do Rio de Janeiro:

De Campos à fazenda de Barra Sêca	2 1/2 léguas
" " " choupana de Currallinho ..	4 "
" " " fazenda de Manguinhos ...	2 1/2 "
" " " Muribêca	4 "

E' em uma piroga que os viajantes atravessam o Paraíba. Quanto às béstas e cavalos, passam a nado, o que muito os cansa, porquanto em Campos o rio já é muito largo. O pedágio é pago ao fisco, mas, ainda aquí meu passaporte isentou-me dessa despesa.

Ao chegar à margem esquerda do Paraíba avista-se tôda a cidade de Campos, que se espalha em forma de crescente à margem do rio, e, alguns passos adiante a vista torna-se ainda mais agradável. Então Campos se apresenta obliquamente; alegres campos rodeam-na; ao longe eleva-se um trecho da cadeia marítima e o Paraíba enfeita a paisagem, descrevendo longas sinuosidades.

O caminho que me levava à usina de Barra Sêca segue constantemente a margem do rio, aproximando-se cada vez mais do oceano. A região não apresenta majestosas belezas, como os arredores do Rio de Janeiro, mas é mais alegre e animada. Quase por tôda parte a estrada atravessa pastagens semeadas de laranjeiras; entretanto elas são pouco extensas e, para além ficam plantações de cana, cercadas. A cada instante passa-se diante de engenhos de açúcar, ou de simples casas. Nas casas das usinas o andar térreo não é habitado (16). Sobe-se ao alojamento do dono por uma escada externa que vai ter a uma varanda, pela qual entra-se nos quartos e salas. As casas de negros, pequenas e cobertas de colmos, são colocadas paralelamente ao rio, em seguida à do patrão, ou esparsas, cá e lá, nas pastagens. Um monte de bagaços anuncia sempre a usina; e, a pouca distância vêem-se os bois destinados a mover os engenhos, e

(16) Pode-se ver na 1.^a Parte de minhas viagens que é assim também em Minas Gerais.

que pastam aguardando o momento do trabalho. Uma cêrca separa as pastagens dos vizinhos, e, se o caminho atravessa algum cercado, o que acontece frequentemente, há ali uma pesada porteira, mais comprida que alta, que é preciso se abrir quando se passa, e que, colocada um pouco fora do prumo, se fecha por seu próprio pêso.

Barra Sêca, onde parei, é uma considerável usina, pertencente ao Sr. FERNANDO CARNEIRO LEÃO, então um dos diretores do Banco Real. Os edifícios de residência ficam em frente ao rio Paraíba, como todos das usinas que vi no decorrer do dia. Nesta fazenda comprazem em dar mensalmente a cada família de negros 8 libras de carne sêca e peixe; noutros lugares não há costume de alimentar os escravos, mas enviam a metade dêles a trabalhar por conta própria três dias por semana, à fazenda do Sertão, situada no meio de matas a oeste da fazenda principal, onde encontram os instrumentos de que necessitam para cultivar a terra e fornos para preparar a farinha de mandioca. Os negros de Barra Sêca não gozam nisso, portanto, senão três dias em cada quinzena; entretanto, se se pode acreditar no administrador da fazenda, êsse tempo tão curto é suficiente para conseguir não sómente os gêneros necessários à sua subsistência, mas ainda um excedente que êles podem vender, e, acrescentava o administrador, alguns negros tornaram-se tão ricos que puderam, êles mesmos, comprar escravos.

Pernoitei em Barra Sêca. No dia seguinte às 5 horas da manhã, ouvi o rufar do tambor; os negros levantaram-se, reuniram-se diante de um oratório e cantaram a oração da manhã. Em Barra Sêca, como

em muitos outros lugares, o oratório tem dimensões apenas suficientes para que um padre possa aí celebrar missa. Essas espécies de pequenas capelas, estando abertas, comunicam-se com uma peça que serve de sala ou de quarto de dormir. É nessa peça que as pessoas se reúnem para assistir ao ofício divino; terminado êste o oratório é fechado e a peça com a qual se comunica volta à sua função habitual. Em muitas casas os fiéis reúnem-se para ouvir missa na varanda, ficando o oratório na extremidade desta.

Terminada a prece os negros de Barra Sêca puzeram-se em fila diante da casa e o administrador deu-lhes as ordens de serviço. Êsse dia era domingo. Os escravos a que cabia trabalhar por conta própria seguiram para a fazenda do Sertão. Os mineiros aplicam a palavra **sertão** sómente às regiões descobertas situadas além da cadeia ocidental, porque não conhecem região menos povoada; aquí, ao contrário, chamam **sertão** às florestas ainda pouco habitadas situadas a oeste do litoral. Os sertões em cada província são as partes mais desertas de cada uma, independendo do tipo de vegetação (17).

Antes de nos pômos em marcha o administrador de Barra Sêca fez servir aos meus camaradas copioso almôço; a mim, todavia, ofereceu apenas chá e bolinhos. Não devendo jantar antes das 5 ou 6 da tarde dispensaria de bom grado tal distinção. Aliás não foi essa única vez que se pretendeu honrar-me com uma distinção dessas.

À medida que se distancia de Campos, a população vai diminuindo. Na verdade, não longe de Bar-

(17) Vide minha 1.^a Rel., vol. II, pág. 299. (Corresponde ao Volume 126. pág. 256, da Coleção **Brasiliiana**).

ra Sêca encontrei ainda casas e plantações de cana; mas em seguida os tufos de mata virgem tornam-se mais numerosos. Em um dêstes últimos um contraste interessante chamou-me a atenção. O caminho passava entre duas fileiras de **Canna indica**, cujas folhas, com dois metros de altura, tinham forma eclíptica; e, acima dessa espécie de aléia tão perfeitamente uniforme, cresciam grandes árvores; lianas e arbustos ofereciam aspecto admiravelmente variado.

Até a uma ponte que o caminho atravessa, chamada Ponte Nova, beirei sempre o Paraíba, que se apresenta às vezes dividido por ilhas.

Continuando a seguir êsse rio teria necessariamente chegado à pequena vila de S. João da Praia; mas, para ganhar tempo, dirigi-me para os lados do mar por uma estrada diagonal, indo parar em uma pobre choupana construída no meio das areias, à beiramar. Quando os habitantes de Campos vão à província do Espírito Santo, não se contentam de fazer 4 léguas por dia, como é habitual; ninguém pára então na mísera palhoça de Curralinho, motivo pelo qual não encontrei nela nenhum recurso, sendo mesmo inutilmente que mandei procurar milho para meus animais na venda situada a alguma distância dali.

Entre Curralinho e Manguinhos distancia-se pouco do mar, e passa-se por um terreno constituído por uma areia quase pura. Como na restinga de Cabo Frio, só há nele arbustos ramificados desde a base, entre os quais dominam as pitangueiras (**Eugenia Michellii Lam.**). Alguns lugares entretanto são inteiramente cobertos de **feijões da praia** (**Sophora littoralis** Neww Schrad) muito próximos uns dos outros; e em

espaços consideráveis não se encontra senão uma espécie de Borraginácea cujos caules são deitados por terra, já por mim observada perto de Cabo Frio (**Preslea linifolia** N).

A fazenda de Mançinhos, onde parei (18), compõe-se de algumas pequenas casas cobertas de capim e construídas à beiramar. As terras circunvizinhas apresentam aspecto de frança esterilidade; mas, como aí cheguei ainda cedo, fiz uma demorada herborização, afastando-me da praia (19) e vi bananeiras, mamoeiros e vastos mandiocais. Em geral no Brasil não se pode julgar o estado da agricultura de uma região julgando-a pelo que se vê à margem dos caminhos, porquanto há o costume de fazer tôdas as plantações longe das estradas.

Continuando meu passeio por um pequeno trilho que atravessa matas virgens, cheguei a um local descoberto e arenoso onde encontrei uma choupana habitada por índios civilizados. O chefe da família disse ser da Vila Nova de Benevente e que deixara sua terra para fugir aos vexames a que estava sujeito. “O juiz, disse-me êle, dá aos portugueses as terras vizinhas das nossas; êstes teem gado que danifica nossas plantações; queixamo-nos sem obter justiça e conquistando inimizades. Por isso achei melhor fugir e internar-me nesta solitude onde ninguém me aborrece” (20).

(18) E' sem d'vida êsse o lugar que foi designado pelo príncipe de NEUWIED sob o nome de **Mandinga**.

(19) Foi nessa herborização que encontrei a única **Schizaea** que colhi durante minhas longas viagens.

(20) Ver-se-á no capítulo referente ao Espírito Santo quanto os índios sofrem com a tirania dos brancos.

Após ter deixado Manguinhos, para ir pernoitar na fazenda de Muribeca (21) caminhei constantemente, em um trecho de 3 1/2 léguas, em uma praia firme porém arenosa e banhada pelas águas do mar. A vegetação que limita essa praia é mais ou menos a que eu já havia observado entre o rio das Ostras e a venda de Boassica (22). Era uma trama impetrável de cactus, de monocotiledôneas espinhosas, arbustos em parte dessecados que se elevam a uma altura uniforme e entre os quais se nota um grande número de aroeiras (**Schinus therebintifolius** Radd) pitangueiras (**Eugenia Michellii** Lam.) e feijões da praia não encontrei ninguém; não vi casas; nenhum inseto e nenhum pássaro; e minhas pegadas mesmo eram logo apagadas pelo vento e pelas águas do mar; por tôda parte profunda solidão que o ruído monótono das vagas ainda tornava mais triste.

Findámos entretanto por distanciarmos da praia e penetrámos em uma floresta. Os habitantes da região indicam tão mal os caminhos que, embora seguindo a verdadeira estrada, achámos que nos havíamos perdido. O temor de dormir ao relento atormentava-nos menos que o de morrer de sede, porquanto durante todo o dia apenas encontrámos água doce em um pequeno lago pantanoso. Após várias conjeturas tomámos a deliberação de voltar atrás e, pelo mais felis acaso encontrámos um viajante, que nos confirmou o caminho que seguíamos.

Durante muito tempo continuei atravessar a floresta e, de repente, deparei um lugar descoberto, no

(21) Existem ainda no Brasil 2 lugares com esse nome, um na província da Baía e o outro na de Pernambuco.

(22) Vide referências páginas atrás.

meio de vasta plantação onde trabalhavam numerosos negros. Avistando um pequeno brejo, dêle aproximei na esperança de encontrar algumas plantas. Um velho mulato que fiscalizava os negros viu-me de longe e correu ao meu encontro, em louca corrida, tendo uma cabaça às mãos. “Se procurais água, disse-me, a do brejo é salgada; mas, eis aquí uma muito boa, bebei à vontade”. O mulato demonstrava tanta satisfação em prestar-me êsse favor, que eu julgaria injurioso oferecer-lhe dinheiro; mostrou-se muito atencioso e tão satisfeito ao despedir-se quanto ao abordar-me. Comecei, como se vê, a perder a influência das vizinhanças do Rio de Janeiro.

Logo me aproximei da fazenda de Muribéca, que eu havia visto de longe, ao sair da floresta. É construída ao pé de algumas pequenas colinas que, a sudoeste, limitam uma planície estreita e muito comprida, cercada de matas virgens. Um engenho de açúcar, a casa do proprietário e um grande número de casas de negros, formam o conjunto da fazenda. A planície é coberta de um relvado verdejante; numerosos animais pastam em liberdade, e o pequeno rio Muribéca irriga-a em tôda a sua extensão, formando sinuosidades; enfim, para os lados de NW o horizonte é limitado por uma cadeia de montanhas que se descobre ao longe. Êsse risonho lugar realiza o ideal das alegres solidões outrora cantadas na poesia pastoral.

A fazenda de Muribéca tem 11 léguas de comprimento. Incluía-se no número das pertencentes aos jesuítas, mas ao tempo dêsses padres havia florestas onde hoje está a usina de açúcar; as benfeitorias que êles haviam edificado estavam mais distantes do mar

e a fazenda era destinada apenas à criação de cavalos e bovinos. Após a destruição da Companhia de Jesus, o comprador da fazenda achou de melhor alvitre cultivar a terra; abandonou as construções feitas pelos jesuitas, escolheu as terras que lhe pareceram mais próprias à cana, queimou as matas margeantes o rio, e construiu a casa e o engenho de que falei atrás. Quando êsse homem faleceu seus herdeiros puzeram-se a demandar uns contra os outros e a fazenda cessou de ser explorada. Aliás o proprietário que sucedeu aos padres da Companhia não julgara seus terrenos tão bem quanto aqueles religiosos; êsse solo contem demasiada areia para ser próprio à cana de açúcar e a fazenda de Muribéca caiu na mais completa decadência. Após alguns anos uma circunstância prejudicial à região contribuiu ainda mais para o abandono dessa fazenda, pelo menos na parte outrora habitada pelos jesuitas. Índios selvagens saíram repentinamente das matas e exterminaram homens e animais; foi-lhes feita ativa perseguição; contudo êles ainda aparecem de tempo em tempo nos arredores da antiga habitação dós jesuitas, atualmente em ruínas, matando cavalos e o gado que encontram.

Fui recebido em Muribéca por um padre encarregado da administração dessa fazenda. A pessoa que me recomendara a êsse cidadão apenas o conhecia; entretanto êle teve para comigo tôda a sorte de atenções. Sabendo que meu hospedeiro era pobre, anunciei-lhe que o não incomodaria e que meu pessoal prepararia os nossos alimentos; não obstante deu-nos galinhas, peixes, velas etc. Êsse excelente homem era natural da província de Minas, sendo pois um mi-

neiro quem melhor me acolhera em Campos, depois do Sr. JOSÉ JOAQUIM DE CARVALHO. Por tôda a parte onde os encontramos, os mineiros distinguem-se por sua hospitalidade e coração bondoso. O administrador de Muribéca fez todos os esforços para reter-me por um dia; mas, como eu desejava voltar depressa ao Rio de Janeiro, não acedi aos seus desejos. Meu hospedeiro deplorava o profundo isolamento a que estava condenado. “Sempre no meio dos negros, que sou obrigado a manter a uma certa distância de mim, dizia-me êle, não vejo ninguém a quem possa comunicar meus pensamentos. Se algum viajante passa por esta fazenda é por alguns instantes, e, quando prossegue viagem minha solidão torna-se mais penosa”.

Antes de distanciar-me de Muribéca contemplei ainda uma vez, com satisfação, essa risonha planície que forma espécie de oasis no meio de sombrias florestas. O céu apresenta um azul dos mais brilhantes, e a calma profunda que reinava na natureza junta mais encanto à paisagem.

Passei em pirogas o rio Muribéca, que, diante da fazenda não tem largura considerável. Êsse rio nasce não longe das nascentes do Muriaé, na serra do Pico, e lança-se ao mar pouco distante da habitação em aprêço, tomando à sua embocadura o nome de **Camapuana** ou **Cabapuana**. É êle que separa a província do Rio de Janeiro da do Espírito Santo. Antes do aparecimento dos índios selvagens nesse ponto do litoral, havia em Cabapuana um destacamento de seis homens encarregados de receber o pedágio e examinar

os passaportes dos viajantes, mas, depois que os indígenas cometeram hostilidade nessa região, estabeleceu-se um posto militar em Boa Vista, lugar situado um pouco mais longe, e não deve haver senão três homens em Cabapuana (23).

(23) E' com razão que o príncipe de NEUWIED (*Voyage trad. EYER.*, I, 240) condena os que dizem *Camapuã* ou *Camapuana*; entretanto não sei em que se baseia para escrever *Itabapouana*. *Cabapuana* ou *Camapuana* são certamente os nomes consagrados pelos moradores da região. O Sr. de FREYCINET adota o nome *Cabapuana* (*Voyage Ur. hist.*, I, 73); CAZAL diz que o nome atualmente adotado é *Cabapuana*, mas que elle deriva de *Camapuã* (*Corog. Braz.*, II, 61) e enfim o exato PIZARRO escreve *Camapuan*. E' possível mesmo que o termo originário seja *Camapuan*, donde vieram, em consequência de corrupção, *Camapuana* e *Cabapuana*, pois existe em Minas um lugar chamado *Camapuan*, como já disse alhures, derivado das palavras tupys *cãma puã*, selos arredondados. Encontra-se também um rio *Camapuan* na provincia do Rio Grande do Sul e outro na de Mato Grosso.

NOTA DO TRADUTOR — Da foz do Muribéca seguiu SAINT-HILAIRE para a provincia do Espirito Santo, que descreve em 9 capítulos que se seguem ao que venho de traduzir, os quais já se acham vertidos para o portuguez pelo Sr. CARLOS MADEIRA e publicados na "Brasíliana" em 1936, sob o n.º 72 e com o título "Viagem pela provincia do Espirito Santo".

Dou a seguir a tradução do "Resumo histórico das revoluções do Brasil, desde a chegada de D. João VI à América à abdicção do imperador D. Pedro", que o Autor, incluiu no final do 2.º volume do relato de sua 2.ª viagem, resumo que é uma das páginas mais interessantes de quantas escreveu SAINT-HILAIRE.

RESUMO HISTÓRICO
DAS REVOLUÇÕES DO BRASIL
DESDE A
CHEGADA DO REI D. JOÃO VI A AMÉRICA
ATÉ À
ABDIÇÃO DO IMPERADOR D. PEDRO (I)

Durante vários anos foi o Brasil submetido ao sistema colonial. Esse sistema talvez tenha sido menos rigoroso nesse belo país que na América espanhola; mas, não é menos verdade que as mais severas proibições impediam incessantemente os brasileiros de aproveitar as dádivas da natureza de sua pátria. Fechado aos estrangeiros o Brasil exauria-se em proveito dos negociantes de Lisboa. Seus habitantes andavam sôbre minérios de ferro, e, sob pena de ir findar seus dias em uma costa insalubre da Angola, eram obrigados a comprar a Portugal seus instrumentos agrícolas; possuíam abundantes salinas e deviam comprar a companhias européias o sal de que necessitavam. Eram obrigados a se fazerem julgar às margens do Tejo e seus filhos não podiam obter graus de médico ou de bacharel se não iam buscá-los a Coimbra.

O sistema colonial não tendia sómente a empobrecer o Brasil; tinha ainda uma finalidade mais odiosa.

(1) Vide Prefácio.

sa, a de dividi-lo. Semeando germens de desunião entre as províncias, a metrópole esperava conservar por mais longo período essa superioridade de fôrças que lhe era necessária para exercer sua tirania. Cada capitania tinha seu sátrapa, cada qual com seu pequeno exército; cada uma com seu pequeno tesouro. Comunicavam-se difficilmente entre si; frequentemente mesmo, ignoravam reciprocamente suas existências. Não havia, absolutamente, no Brasil, um centro comum; era um círculo imenso cujos raios iam convergir bem longe da circunferência.

Quando D. JOÃO VI, expulso de Portugal pelos franceses, procurou asilo na América, parte do sistema colonial teve que cair. Estabeleceram então no Rio de Janeiro tribunais de última instância; o Brasil foi aberto aos estrangeiros e foi enfim permitido aos seus habitantes o aproveitamento das riquezas que a natureza a cada passo lhes oferecia. Mas, não se foi muito longe; após êsse esforço, pararam. Não se procurou estabelecer alguma uniformidade no novo reino, cuja existência vinha de ser proclamada; deixaram subsistir a desunião das províncias, e D. JOÃO VI era no Rio de Janeiro o soberano de uma multidão de pequenos Estados distintos. Havia um país chamado Brasil; mas absolutamente não havia brasileiros.

D. JOÃO VI era estranho às mais simples noções da arte de governar os homens. Tivera um irmão a quem haviam prodigalizado todos os cuidados de uma excelente educação; enquanto que êle, filho mais moço, que não parecia ser destinado ao trono, havia sido condenado a uma profunda ignorância. D. JOÃO VI era de uma bondade inata; nunca sabia pronunciar uma recusa; mostrou-se sempre um filho terno e

respeitoso; simples cidadão teria sido notável por algumas qualidades; como rei foi absolutamente nulo.

Os ministros que governaram sob seu nome não foram todos desprovidos de talento; mas nenhum conhecia o Brasil, para que pudesse cicatrizar as chagas que o sistema colonial fizera a êsse país: para reunir as partes divididas, dando-lhes um centro comum de ação e de vida. D. RODRIGO, conde de Linhares, tinha idéias elevadas; mas queria fazer e concluir tudo de uma só vez; em um país onde tudo é entrave, êle não via nenhum obstáculo; não comparava a grandiosidade de suas idéias à pequenez do meio, e logrado pelos charlatães que o cercavam, mais logrado ainda por sua imaginação exagerada, julgava executáveis projetos gigantescos que exigiam séculos para serem concluídos. Os que lhe sucederam, velhos e doentes, viam sempre a Europa no Império do Brasil, e deixaram as cousas no estado em que encontraram. TOMAZ ANTÔNIO DE VILA NOVA E PORTUGAL, o último ministro que teve o rei D. JOÃO VI, como soberano absoluto, era um homem de bem, e possuia mesmo alguns conhecimentos sôbre agricultura, economia política e jurisprudência; mas, suas idéias antiquadas e mesquinhas, não estavam em harmonia com as do século nem com as necessidades atuais da monarquia portuguesa; a emancipação do Brasil, conseguida desde vários anos já, parecia-lhe uma espécie de sonho irrealizável. Era íntegro, mas foi cercado por velhacos e delapidadores; queria fazer o bem, porém sómente fazia o mal. TOMAZ ANTÔNIO não soube prever nem deter a revolução que então explodiu em Portugal, e deixou-a invadir, quase com a rapidez do relâmpago, tôdas as províncias do Brasil.

Nessa época os habitantes dêsse país acreditavam-se obrigados a ter para com o soberano, que a Providência lhes deu, aquele respeito mesclado de idolatria que se não vê mais entre os europeus; e D. JOÃO VI havia conquistado a amizade de seu povo pelo seu natural bondoso, por uma afabilidade contrastante com a habitual nos antigos governadores, e mesmo por essa espécie de compadresco que êle imprimia à sua familiaridade. Abandonando a metrópole a algumas chances, vivendo no meio dos brasileiros que o adoravam, fazendo desaparecer até aos últimos vestígios o sistema colonial, enfim, constituindo um império brasileiro, D. JOÃO VI poderia ter salvo a mais bela parte da monarquia portuguesa. Mas, para chegar a tal fim, era preciso maior energia, maior conhecimento dos homens e das cousas, o que não possuía o filho ignorante e bonachão do rei D. JOSÉ. E êle foi o “bode expiatório” de uma grande intriga.

A revolução de Portugal fôra obra de alguns homens esclarecidos; mas a massa do povo não podia conceber seus fins nem seus princípios. Como o soberano era amado pelo povo, sentiu-se que sua ligação às transformações que vinham de ter lugar torná-las-ia menos impopulares, e envidaram esforços no sentido de fazer voltar a côrte ao seio da mãe-pátria. D. JOÃO amava o Brasil; a vassalagem familiar dos habitantes dêste país proporcionava-lhe o prazer da soberania sem os incômodos que lhe são próprios e, é preciso dizer, o temor de atravessar o oceano prendia-o ainda mais ao continente americano. Era necessário esconder dêle, cuidadosamente, o plano de associá-lo a uma revolução que o horrorizava; conseguiram persuadí-lo de que sua presença faria retornar à ordem

os portuguezes rebeldes, e, por essa manobra, conseguiram triunfar ao mesmo tempo sôbre suas afeições e repugnâncias.

Achava-se D. JOÃO VI ainda a bordo do navio que o levava à Europa quando perdeu tôdas as suas illusões. Seus cortesãos ditaram-lhe leis as mais rigorosas, indo ao ponto de prescrever a hora que devia desembarcar. Soberano absoluto, nunca foi um tirano; sob o pretexto de tornarem-no num rei constitucional, tornaram-no num escravo, e o soberano morreu infeliz.

Os brasileiros indignaram-se com o abandono em que ficaram após o regresso do soberano. Como não podiam odiá-lo transformaram a amizade, que tinham por êle, em desprezo. O único centro de união a que se ligavam as províncias do Brasil, foi transportado para longe delas; um legítimo orgulho não permitia aos seus habitantes que fôsem a além-mar refazer a cadeia penosa que a emancipação havia rompido; os resultados do péssimo sistema colonial mostraram-se então no que tinham de mais odioso.

As rivalidades entre as capitánias revelaram-se mais que nunca. Profundamente feridos pelo orgulhoso desdém dos habitantes da capital, os do interior começaram a examinar suas qualidades e progressos. Cada província queria ser a primeira: cada qual queria ser sede da capital do reino, e o habitante do sertão, estranho às artes, à civilização, a tôdas as comodidades da vida sustentava com orgulho que não havia nada que se não encontrasse em sua terra, a qual podia viver independente do resto do mundo. Uma horrível anarquia ia aniquilar o Brasil, quando a polític

injusta e absurda da côrte de Lisboa veio prolongar sua existência.

O povo de Portugal não podia ver sem mágua a emancipação de sua colônia. Tal emancipação atirava-o a um segundo plano e fechava uma das suas principais fontes de riqueza; ela feria-o ao mesmo tempo no seu orgulho e nos seus interêsses. A assembléia da metrópole acreditou então que, para se tornar popular, era preciso fazer voltar o Brasil ao jugo da côrte. Cegos pela vaidade nacional, os legisladores portuguezes nem ao menos tiveram o cuidado de lançar os olhos ao mapa do Brasil. Um decreto defeituosamente hipócrita restabeleceu o antigo sistema colonial; e, compreendendo em um só anátema o reino do Brasil e o jovem príncipe a quem D. JOÃO VI havia confiado a regência, as côrtes ordenaram que D. PEDRO já casado e pai de família, retornasse à Europa, para viajar sob as vistas de um governador e com êle ler os **De Officiis de Cícero** e as **Aventuras de Telémaco**.

O insulto que haviam recebido em comum os brasileiros e o príncipe regente, contribuiu para que mutuamente se unissem. D. PEDRO desobedeceu aos legisladores de Lisboa, os brasileiros, com êle à frente, combateram os soldados portuguezes e proclamaram a sua independência.

O novo soberano do imenso império do Brasil tinha apenas 22 anos. Sua infância havia sido confiada a um homem de mérito — o portuguez RADEMACHER; mas a côrte corrompida de D. JOÃO VI via com igual apreensão o saber e as virtudes. Uma intriga fez expulsar o sábio educador e o príncipe não teve outro mestre além do franciscano ANTÔNIO DE

ARRABIDA, hoje bispo. Esse monge era tido em sua Ordem como um homem instruído; mas, os conhecimentos do mais instruído dos franciscanos eram ainda muito deficientes, e o padre ANTÔNIO ARRABIDA não quis mesmo transmitir ao seu discípulo os poucos que possuía. D. PEDRO nascera com boas qualidades de espírito, boa memória e alma superior. Se a educação tivesse aperfeiçoado esses dons preciosos, se tivesse reprimido os naturais defeitos a que a criança se inclina; se o exemplo do vício não tivesse ferido seus primeiros olhares; se por meio de graves estudos tivessem fixado sua imaginação móvel, e se, digamos, levado às rédeas do Estado, secundassem-no com maior talento e maior zêlo, teria êle podido fundar sôbre bases sólidas um império livre e florescente.

D. PEDRO, apenas entrado na vida, estranho aos negócios, sem conhecimento dos homens e das cousas, sem instrução, sem um amigo sincero e ajuizado, achou-se à testa de um império apenas menor que a Rússia, a China e o Império Britânico; de um império ainda não organizado, mal conhecido e cuja população heterogênea apresenta, segundo as províncias, diferenças mais sensíveis que as que se notam entre a França e a Inglaterra, a Alemanha e a Itália. Esse príncipe tinha a seu favor as vantagens da mocidade, uma grande resistência física, retidão, nobres sentimentos e o sincero desejo de praticar o bem. Era muito, sem dúvida; mas, nas circunstâncias espinhosas em que se achava, não era suficiente. Era preciso cuidar de dar ao Brasil uma nova forma de governo; esse problema, que teria embaraçado um homem muito mais experimentado em negócios públicos, não podia ser entregue ao filho de D. JOÃO VI.

Após ter tido os títulos de “príncipe regente” e de “defensor do Brasil”, D. PEDRO foi proclamado “imperador constitucional”. A princípio não havia, absolutamente uma “constituição”; mas os deputados das diversas províncias, reunidos no Rio de Janeiro, trabalharam nessa grande obra. Entretanto uma forte tendência ao republicanismo não tardou em se manifestar nos deputados; D. PEDRO temeu perder a autoridade e de um golpe violento dissolveu a assembléa constituinte, exilando alguns membros notáveis por seus talentos e eloquência (2). Foi um golpe de audácia que, pelo atordoamento produzido, aumentou por um momento o poder do imperador. Mas, para tirar proveito de um tal procedimento era preciso uma constância e uma habilidade que se não podiam esperar de um imperador tão moço ainda, tão móbil e inexperiente; a dissolução da assembléa constituinte não serviu talvez, em última análise, senão para tornar o Imperador um pouco menos popular. D. PEDRO anunciara que ia submeter a uma nova assembléa um projeto de constituição notável por seu liberalismo, e êsse projeto foi efetivamente apresentado à nação em 11 de Dezembro de 1823. Mas haviam aprendido a desconfiar de D. PEDRO; temia-se que se êle reunisse uma segunda assembléa constituinte tornaria a dissolvê-la antes de terminadas as discussões, e, pela fôrça das municipalidades, o povo pediu que o projeto apresentado fôsse considerado legal imediatamente. A 25 de Março de 1824 foi proclamada a nova constituição; algum tempo depois

(2) JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA, tutor do jovem PEDRO II; ROCHA, atual ministro do Brasil em Paris; MONTEZUMA etc.

foram convocadas duas câmaras que logo começaram seus trabalhos.

Absolutamente não há homogeneidade entre os habitantes do Brasil. Entretanto pode-se dizer, em geral, que elles teem hábitos pacíficos, que são bons, generosos, hospitaleiros, magníficos mesmo, e que em particular os de várias províncias são notáveis pela vivacidade de espírito e de intelligência. Mas, o sistema colonial mantivera os brasileiros na mais profunda ignorância; a admissão da escravatura familiarizara-os com exemplos dos mais abjetos vícios; e, após a chegada da côrte de Portugal ao Rio de Janeiro, o hábito da venalidade foi introduzido em tôdas as classes. Uma multidão de patriarcados aristocráticos, divididos entre si por intrigas, pueris vaidades e interesses mesquinhos foi espalhada pelo Brasil; mas, neste país não existia absolutamente a sociedade e apenas podia-se notar alguns elementos de sociabilidade.

Está claro que a nova forma de govêrno devia ter-se adaptado a êsse triste estado de cousas; que devia procurar unir os brasileiros e fazer alguma cousa por sua educação moral e política. Mas, para poder dar aos habitantes do Brasil uma carta concebida nesse espírito era preciso conhecê-los profundamente, e D. PEDRO, que seu pai mantivera sempre longe dos negócios do Estado, podia apenas conhecer o Rio de Janeiro, cidade cuja população, difícil de ser estudada, apresenta um amálgama bizarro de americanos e portuguezes, brancos e homens de côr, homens livres, negros fôrros e escravos; cidade que é ao mesmo tempo colônia, porto de mar, capital, residência de uma côrte corrompida, está sempre sob as mais danosas influências.

D. PEDRO, animado por sentimentos generosos, queria sinceramente que seu povo fôsse livre; foi essa nobre idéia que presidiu à redação da carta constitucional. Essa carta consagrava princípios de justiça, e, alguns de seus artigos mereciam grandes elogios; aliás não diferia ela, em sua essência, de tantos outros documentos do mesmo gênero; nada tinha de brasileira e serviria tanto para o México como para o Brasil, para a França ou para a Alemanha.

Desde o primeiro momento da revolução um grande número de homens ignorantes, habituados a tôda sorte de servilismo, foram chamados bruscamente à administração do Estado. As paixões oriundas do sistema colonial e do despotismo enervado de D. JOÃO VI, desencadearam-se sôbre o Brasil, parecendo querer despedaçá-lo.

A imprensa, essa garantia das liberdades públicas, passou a ser o órgão do ódio e da inveja. Os panfletos que se imprimiam no Rio de Janeiro, presas da baixeza e do personalismo, revoltariam os europeus que, nesse particular, levam longe a licenciosidade. Depois do ano de 1821 apenas apareceram no Brasil duas ou três obras úteis; e se hoje êsse país começa a ser conhecido deve-se isso ao trabalho dos estrangeiros.

Era em vão que o Imperador procurava dentre os que o cercavam ministros capazes de fazer o império prosperar. Passava de um homem sem energia a um corrompido, e não encontrava, por tôda parte, senão as mais desesperadoras nulidades. Algumas pessoas puderam ver em Paris um ministro da guerra exilado pelo govêrno brasileiro; a última de nossas legiões deseja-lo-ia apenas para um de seus cabos. Tantos foram os incapazes que chegaram sucessivamente ao

poder que não será de admirar que a maioria dos brasileiros pretendem hoje alcançar um lugar de ministro; por outro lado D. PEDRO encontrou, durante o curso de seu governo, tão grande número de homens viciosos que é desculpado de não acreditar mais na honra e na integridade.

No meio das mudanças contínuas que se operavam no ministério, era impossível ao governo seguir um sistema uniforme; a um ato de força seguia-se um de fraqueza; o governo parecia marchar por sobresaltos e perdia a cada passo alguma coisa de sua consideração primitiva. Tais oscilações faziam com que o imperador fôsse acusado de perfídia e má fé; êle era apenas versátil e sê-lo-á sempre, desde que, em circunstâncias muito difíceis, chegar às rédeas do governo sem instrução e sem nenhuma experiência.

Todavia o Brasil conseguia algum progredir; isso entretanto era mais fruto da liberdade das relações comerciais que da ação do governo; era sobretudo fruto da facilidade com que se desenvolviam, nesse imenso território, os germens da prosperidade que uma natureza benfazeja ali expandiu com mãos pródigas.

LUIZ XIV e o czar PEDRO haviam mandado buscar no estrangeiro sábios capazes de instruir seus povos, e é sabido como foram felizes os resultados obtidos. O governo brasileiro teve também, por um momento, a idéia de aproveitar-se das luzes das nações mais civilizadas; mas, em lugar de chamar ao Rio de Janeiro professores competentes que dessem lições a grandes auditórios, que tivessem vulgarizado conhecimentos úteis, enviaram à França jovens brasileiros; fizeram despesas enormes com êles, dando-

lhes ordem de estudar e tornarem-se sábios. Talvez que tal finalidade tivesse sido conseguida se se puzessem em concurso os lugares dos pensionistas que deviam seguir para a Europa, conseguindo assim mandar moços instruídos e trabalhadores; mas foram o afilhadismo e a intriga que presidiram à escolha. Os poderosos da época enviaram ao Velho Mundo seus parentes e protegidos, e nesse número havia pessoas que ignoravam os princípios de gramática e de aritmética. Os pensionistas do Estado gozaram os prazeres de Paris, à custa de seus conterrâneos; as despesas subiam a tal ponto que, para fazer regressar à pátria essa juventude pouco estudiosa foi empregada tanta violência quanto o foi de pouco discernimento ao fazê-la partir.

A circunstância que vimos de citar não foi a única com que o governo brasileiro pretendeu provar não ser indiferente aos nobres trabalhos da inteligência. Quis um dia recompensar alguns estrangeiros célebres, e sua escolha caiu sobre homens de que não havia dúvidas sobre sua competência superior. Como era impossível conceder favores a todos os gêneros de mérito, acreditar-se-ia talvez que êle desse preferência ao Sr. HUMBOLDT, por ex., que tantos serviços prestou ao continente americano; a sábios que, como os Srs. SPIX, MARTIUS e POHL, dedicaram-se em particular a tornar conhecido o Brasil, suas produções e suas riquezas; ou ainda a homens cujas importantes pesquisas tiveram grande influência sobre o progresso das mais úteis ciências e contribuíram para a prosperidade de todos os povos, cidadãos como: CUVIER, GAY-LUSSAC, POISSON, DAVY, AMPÈRE, ARAGO, BERZELIUS etc. Não foi absolutamente a ês-

que o govêrno brasileiro pensou em recompensar; êle fez recair sua escôlha sôbre SCRIBE E ROSSINI (3).

Se tivéssemos a intenção de relatar todos os fatos que, há doze anos, se teem succedido no império do Brasil, teríamos o prazer de citar vários nomes justamente honrados; a guerra tão infeliz quanto impolítica do Rio da Prata, as piratarías de COCHRANÉ, a revolta successiva de diversas províncias, nos forneceriam detalhes de costumes de grande interêsse; mas, traçando a história do govêrno do Rio de Janeiro, da côrte e suas intrigas, acreditaríamos mais de uma vez transcrever algumas páginas dos anais do Baixo-Império.

Fatigado da governança, atormentado pelas partifarias sempre renascentes, não ousando dispensar inteira confiança aos seus ministros, D. PEDRO procurou consolação nas confidências e compadresco de alguns servidores, homens obscuros e sem educação. O isolamento em que se achava poderá sem dúvida servir de desculpa para essa falta; mas, aos olhos dos brasileiros ela apresentou-se mais grave porquanto tais favoritos eram portugueses. Orgulhosos da superioridade de seu país, êsses homens pintavam à imaginação do grande imperador as delícias da Europa, sob as côres as mais brilhantes, e enfadaram-no do Brasil, que pouco a pouco dêle se enfadava também.

Uma catástrofe se preparava. Ela foi acelerada por uma personagem desde muito tempo famosa entre os brasileiros: FELISBERTO CALDEIRA BRANT, que o monarca nomeara MARQUÊS DE

(3) O abade MANOEL AIRES DE CAZAL, o "pai da geografia brasileira", morreu em Lisboa na indigência, sem poder publicar a 2.^a edição de sua excelente obra sôbre o Brasil.

BARBACENA. A pintura exata do caráter dêsse homem teria qualquer cousa de muito picante para os europeus, e ofereceria talvez um tipo particular em um romance de costumes. Mas, se a história contemporânea pode admitir considerações gerais, deve então restringir-se ao relato dos fatos. FELISBERTO levava vida aventureosa, e já, desde o antigo regime, acumulava uma grande fortuna. O imperador cummulou-o de títulos e honrarias. Êle foi general em chefe da armada do sul, esteve à testa de tôdas as transações importantes que o Brasil entabou com o estrangeiro, encarregou-se de todos os empréstimos e enfim foi a êle que o imperador entregou as negociações relativas ao seu casamento com a jovem princesa, filha de EUGÈNE BEAUHARNAIS.

De volta ao Brasil, FELISBERTO CALDEIRA BRANT aproveitou-se do atordoamento que causara ao monarca aquela feliz aliança. No meio das festividades que se sucederam, o esperto cortesão teve a habilidade de insinuar-se cada vez mais no espírito de seu chefe; fez valer seus importantes serviços e terminou por impôr-se como um homem indispensável. Ofereceram-lhe a pasta das finanças e a presidência do Conselho, mas êle recusou aceitar êsses favores, a menos que lhe dessem a alta prova da confiança imperial, legalizando, sem nenhum exame, as contas que apresentasse.

Chegado à testa dos negócios do Estado, FELISBERTO sentiu que não se assenhorearia inteiramente do espírito do monarca, se não conseguisse afastar dêle alguns favoritos influentes mórmente FRANCISCO GOMES, secretário íntimo do gabinete do imperador, e ROCHA PINTO, superintendente das pro-

priedades imperiais. Provocou pendências e o imperador viu-se obrigado a enviar à Europa os seus queridos confidentes. Chegado a Londres, GOMES não perdeu tempo; reuniu todos os documentos possíveis para provar que FELISBERTO não fôra sempre um representante probo, enviando tais documentos diretamente a D. PEDRO. A afeição que êste votava ao seu ministro transmudou-se imediatamente em indignação; assacou-lhe as mais violentas censuras e demitiu-o.

Enquanto que GOMES tramava a queda de FELISBERTO êste não dormia; havia aproveitado do poder que ainda possuia e, acostumado a manejar os homens, havia sabido manejar um partido. Decaído, não se deixou abater; seguro do apôio das câmaras, publicou um panfleto onde, afastando-se habilmente da verdadeira questão, transformou-se em acusador. Pela publicidade que lhe deu FELISBERTO, essa pendência tornou-se num caso nacional. O ministro demitido pôs-se à frente dos descontentes; criou jornais que favoreciam seu ódio e seus desejos; distribuía-os em profusão, excitando poderosamente o espirito revolucionário que em breve levou o imperador à abdição.

Lançaram nessa época uma armadilha bem perigosa à inexperiência do povo brasileiro. Pintaram-lhe sob as mais sedutores côres a crescente prosperidade da América do Norte, e as idéias do federalismo espalharam-se em tôdas as províncias do Brasil. Mas a União Americana foi fundada por sectários virtuosos, cheios de energia e constância, que, preparados para a liberdade pelas lições e mesmo pelos exemplos de seus antepassados europeus, eram capazes de con-

cebê-la e dignos de gozá-la. Era preciso, infelizmente, que o povo brasileiro fôsse formado dos mesmos elementos e se achasse nas mesmas circunstâncias. Escravos pertencentes a uma raça inferior compõem 2/3 dêsse povo, e êle gemia, há cêrca de 10 anos, sob um regime despótico cujas finalidades eram não sómente empobrecê-lo como desmoralizá-lo. Os brasileiros sacudiram nobremente o jugo do sistema colonial; mas, sem perceber talvez, estão sempre, é preciso dizer, sob sua triste influência, como o escravo que rompidos os grilhões vê durante muitos anos ainda as cicatrizes da cadeia sôbre seus pobres membros. A União Americana, e principalmente o espírito que anima os americanos, tende a tornar cada dia mais intensa a sociedade formada por êsse povo, ou pelo menos a que se forma em cada província. Os brasileiros, ao contrário, não saberiam estabelecer em seu país o sistema federal, sem começar por romper as fracas ligações que os unem ainda. Sôfregos de autoridade, vários dos chefes dêsses patriarcados aristocráticos de que o Brasil está coberto, querem sem dúvida o federalismo; mas, que se acatelem os brasileiros contra uma decepção que os levará à anarquia e aos vexames de uma multidão de pequenos tiranos, mil vezes mais insuportaveis que um déspota único.

No meio da agitação produzida nos espíritos pela idéia do federalismo e sistemas demagógicos, D. PEDRO, fatigado embora pelo pêso de sua coroa, quis tentar um último golpe em favor de seu império.

Das diversas províncias do Brasil, a de Minas Gerais é certamente a mais civilizada e talvez a mais rica. É nela que os habitantes menos diferem entre si e mostram maior grau de nacionalismo. Os habi-

tantes do Brasil rendem com razão justiça à superioridade de Minas Gerais, e esta parte do império brasileiro, bem dirigida, não deixará de ter grande influência sôbre tôdas as outras. D. PEDRO havia já viajado entre os mineiros; êle conhecia-os e foi entre êles que teve a idéia de refazer fôrças e readquirir alguma popularidade. Êsse plano foi felizmente concebido, porém mal executado.

Apesar das numerosas dificuldades que a estação chuvosa opõe aos viajantes, D. PEDRO dirigiu-se à província de Minas, acompanhado da jovem Imperatriz, que havia sabido conciliar o amor e o respeito do povo brasileiro. O monarca e sua augusta esposa foram acolhidos por tôda parte com os transportes da mais viva alegria, e cada aldeia ou cidade queria celebrar sua presença com as mais brilhantes festividades. Os habitantes de Ouro Preto ou Vila Rica, capital da província, distinguiram-se principalmente nessa ocasião por seus cuidados e magnificência. Armaram arcos de triunfo nas ruas dessa cidade; as casas apresentavam-se ornadas de tapetes e flores; numerosas bandas de música percorriam as ruas, e nos balcões vozes afinadas e agradáveis cantavam versos em louvor do monarca.

Recebendo a homenagem de todos, D. PEDRO teria podido reconquistar sua antiga popularidade; mas a intriga seguia seus passos e por tôda a parte armava-lhe mil armadilhas. Êle cometera a falta de demorar durante vários dias em uma de suas propriedades, situada a algumas léguas da Capital da Província. Aí deixou-se cercar ainda por homens a que dispensara sempre muita confiança. Êsses homens dificultavam o acesso à presença do imperador, afasta-

vam as personagens mais influentes, excitavam a suscetibilidade do chefe e afastaram d'êlo o presidente da província. Uma proclamação que D. PEDRO espalhou entre os mineiros, em favor do govêrno constitucional, produziu entretanto uma feliz impressão, e iam oferecer novas festas ao jovem monarca quando êle, bruscamente, resolveu partir. Essa viagem, que melhor orientada poderia ter sido útil aos seus interesses, não serviu senão para dar-lhe um golpe mortal.

Com efeito durante mais de três meses, o imperador havia esquecido o govêrno do Rio de Janeiro. Durante êsse intervalo seus ministros não souberam mesmo organizar uma correspondência ativa com Minas Gerais, e apesar do chefe do govêrno não se ter afastado muito do litoral, passava, dizem, mais de doze dias sem receber despachos da Capital.

Uma rápida caminhada deu com D. PEDRO às portas da Capital, quando se acreditava que ainda estivesse a 8 dias de distância. À sua entrada na cidade houve algum entusiasmo; mas essas demonstrações nada tinham de natural; as únicas pessoas que nela tomaram parte foram os próprios servidores do monarca, cortesãos e portuguezes adversários dos brasileiros. Feridos pelos testemunhos de uma alegria a que eram inteiramente estranhos, os brasileiros quebraram as vidraças das casas que se tinham iluminado; conflitos sobrevieram, várias pessoas foram feridas e mesmo perderam a vida.

D. PEDRO acreditou poder restabelecer a calma agradando ao partido republicano, e escolheu um ministério entre os representantes mais ardorosamente ligados a êsse partido. Essa manobra deu mau re-

sultado; a desordem aumentou e ao fim de 10 dias o imperador nomeou novos ministros.

Infelizmente êstes eram impopulares. Então os mulatos tornaram-se ameaçadores; grupos de homens armados percorriam as ruas do Rio de Janeiro; algumas pessoas foram assassinadas, e a última catástrofe foi ainda acelerada, dizem, por uma intriga, cujos limites estreitos dêste resumo não permitem procurarmos descrever-lhe a trama. Os portugueses e brasileiros são povos espirituais, porém pouco instruídos e pouco ocupados; pela intriga exercitam seu espírito e compensam a ociosidade.

Formando um novo ministério, o imperador havia entretanto conservado no comando das tropas da Capital a FRANCISCO DE LIMA, que se havia ligado à causa popular. LIMA favoreceu a insurreição com todo o seu poder, e induziu os soldados a abandonarem seu chefe. Esse homem (deixaremos à história o cuidado de julgá-lo), foi, em nome do povo, exigir do imperador a demissão do atual ministério e restabelecimento do anterior. D. PEDRO respondeu dignamente, mas não demitiu FRANCISCO LIMA.

Numerosas tropas haviam sido encarregadas da guarda do Palácio de S. Cristovão; não tardaram, entretanto, a se reunir aos insurretos (4) e a cada instante a situação do imperador tornava-se mais inquietadora. Então tomou êle a resolução de renunciar à coroa, resolução a que seus pensamentos se tinham já

(4) O brasileiro BASTOS, oficial de artilharia montada, disse que havia jurado fidelidade ao Imperador e que achava que êste não havia violado seu mandato. Abandonou sua espada e foi dos poucos que seguiram D. PEDRO à Europa.

voltado há muito tempo. Elle próprio redigiu um ato de abdição em favor de seu filho; mandou chamar os encarregados dos negócios da França e da Inglaterra, afim de comunicar-lhes êsse ato, pedindo-lhes auxilio afim de que pudesse regressar à Europa. A abdição foi logo aceita pelos chefes da revolução, e D. PEDRO embarcou, bem como a Imperatriz, a jovem rainha de Portugal, e um pequeno número de servidores.

Imediatamente após a renúncia do Imperador procedeu-se à nomeação de uma regência; foi ela formada por homens pouco capazes, porém moderados. Havia um que o sentido das conveniências devia afastar: era FRANCISCO DE LIMA.

Enquanto faziam os preparativos para o regresso de D. PEDRO à Europa, o jovem príncipe foi proclamado imperador, sob o nome de PEDRO II. Algumas desordens, inseparáveis das revoluções, tiveram ainda lugar, mas tudo parecia querer retomar seu curso normal.

O ex-imperador escreveu a JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA, incumbindo-lhe da educação de seu filho. Êsse ancião, que havia começado a revolução do Brasil, e cuja alta capacidade é incontestável, aceitou as funções que lhe eram oferecidas e jurou cumprir religiosamente seus deveres. A escolha não podia ser mais honrosa.

D. PEDRO deixou o Brasil a 13 de Abril de 1831; cometeu ingratidões de que talvez se tenha arrependido. Seu maior defeito foi ter nascido na Europa e ter conservado por seus compatriotas uma inclinação bem natural, sem dúvida, mas que devia ter sa-

crificado no interêsse dos americanos. Foi mal cercado; a experiênciã e a instrução faltaram-lhe sempre, e algumas vezes mesino a energia; mas, a boa vontade nunca lhe faltou. Se tivesse querido defender sua autoridade de armas à mão, teria encontrado homens desejosos de sustentá-lo; mas correria sangue e D. PEDRO não era um tirano. A história elogiaria sua attitude em semelhante circumstância; ela fará justiça aos sentimentos generosos que êle manifestou na memorável noite de 7 de Março, em que renunciou à coroa; mas a história repetirá que se êle fizesse algumas concessões, poderia ainda conservar o poder e censurá-lo-á de ter, por uma abdicação que lhe não era exigida, abandonado a tôdas as possibilidades de revoluções; o império de que havia sido o glorioso fundador.

D. PEDRO atravessou os mares. Imperador há dois dias, agora simples cidadão. Acostumamo-nos ao ruído dos tronos que se desmoronam e apenas voltamos o rosto para ver suas ruínas.

Quanto ao Brasil, seus destinos repousam atualmente sôbre a cabeça de uma criança. É uma criança que ainda une as províncias dêste vasto império; e apenas sua existênciã opõe uma barreira aos ambiciosos que surgem de tôdas as partes com uma mediocridade idêntica e pretensões igualmente gigantescas (5). Um europeu não pode governar na América; mas aquele é um brasileiro; o belo azul do céu dos trópicos feriu seus primeiros olhares; foi à sombra das florestas virgens que se guiaram seus primei-

(5) Essa é a opinião dos próprios brasileiros.

ros passos; não terá êle saudades nem do Palácio de Lisboa, nem dos frutos do Douro. Nascido na América, não coparticipará de nenhum dos preconceitos dos europeus contra sua bela pátria e terá todos os dos brasileiros contra a Europa; tal é a lei da vida. Ao mesmo tempo, ao nome do jovem D. PEDRO se ligam as mais belas lembranças. Em suas veias corre o sangue d'esses reis cuja glória aventureosa teve mais influência sôbre os destinos do mundo que a dos mais ilustres soberanos da França e da Inglaterra, d'esses reis sob os auspícios dos quais foram descobertos o roteiro das Índias e a terra do Brasil. Só, entre os brasileiros, essa criança representa o presente e o passado; e dedicando-se à sua pátria, poderá entretanto formar uma ligação feliz entre ela e o Novo Mundo.

Que ao redor do jovem D. PEDRO se agrupem então os brasileiros que tenham orgulho do nome de sua pátria, os que amam sinceramente a liberdade, e que não queiram ser explorados por uma multidão de tiranetes cúpidos e abjetos.

Mas, perguntar-se-á talvez, se os habitantes do Brasil deixarem-se seduzir pela falácia de ambiciosos hipócritas, afastando-se do jovem príncipe nascido no meio d'êles, que acontecerá então? Vivi no meio dos brasileiros; sou ligado a êles pelas fôrças da simpatia e da gratidão; amo ao Brasil quase tanto quanto à minha pátria; não exijam de mim a pesquisa de um futuro que se mostrará sob as mais sombrias côres... Não estive sómente no Brasil; demorei-me também nas margens do rio da Prata e nas do Uruguai. Outra eram êsses lugares uma das mais belas zonas da

América meridional. Seus habitantes quizeram adotar o federalismo e começaram por se desunirem; cada cidade, cada aldeia, pretendia "fazer sua pátria à parte" (6); chefes ignóbeis armaram-se de todos os lados; a população foi dispersada ou aniquilada; as estâncias (7) foram destruídas; grandes extensões de terreno que quase formariam províncias, não apresentam hoje senão cardos (8); e onde pastavam numerosos animais, não se vêem senão bandos de cães do mato, veados, avestruzes e animais ferozes.

(6) Expressão consagrada no próprio país.

(7) Propriedades rurais, acompanhadas de benfeitorias.

(8) O cardo de nossos pomares, sem dúvida levado da Europa.

Composto e impresso na Sociedade Impressora
Brasileira — BRUSCO & CIA. — Rua Lutz
----- Gama, 813 -- S. PAULO -----



A casa da “Intendência”, no morro do mesmo nome, em Sabará. (De um quadro a óleo de Manoel Penna)



“Taboleiro” dos arredores de Minas Novas (Minas Gerais) na época em que Saint-Hilaire esteve no Brasil.
(Estampa da “Flora” de Martius)



Vista do Catete e Laranjeiras, em princípios do século passado. (Estampa da "Flora" de Martius)



Queimada na Província de Minas Gerais. (Estampa da "Flora" de Martius)